DESAFIANDO O RIO-MAR

Descendo o Juruá II

HIRAM REIS E SILVA

Hiram Reis, canoeiro perseverante e corajoso, singrou com seu caiaque 30 municípios amazônicos, desde a Foz do Breu até Manaus, unindo sua inquebrantável vontade à força da natureza, durante 83 dias, remando mais de oito horas diárias.

Nesse tempo, revelou-nos cartas náuticas e mapas da região desatualizados e, mais ainda, vazio de ações e de planos futuros a serem executados em prol dos ribeirinhos, ávidos por um futuro melhor que lhes ofereça acesso ao conhecimento de como viver bem e prosperar no bioma amazônico.

(General-de-Divisão Jorge Ernesto Pinto Fraxe)

Prefácio

Por General-de-Divisão Jorge Ernesto Pinto Fraxe

Remar 3.950 km no coração da Amazônia nos faz navegar por cerca de quatro séculos de história, com sentimento de que pouco mudou naquele universo verde, regado por inquietos e caudalosos Rios, onde o ribeirinho, generoso e paciente, apresenta-se fidalgo na sua simplicidade de quem sabe esperar e conviver com o "*ir e vir*" do ciclo das águas no grande espetáculo da vida selvagem.

Juruá, narrativa instigante de uma Expedição arrojada, revela-nos o quanto é complexa e desafiadora a Amazônia, particularmente no que concerne à logística em seu significado mais abrangente, que vai desde itens básicos de suprimento que fazem o cotidiano das cidades, como combustível, grãos, legumes, verduras, sal, açúcar, medicamentos e vestuário, até serviços de primeira necessidade como atenção médica e odontológica, radiografias e tomografias, entre tantos outros serviços corriqueiros disponíveis nos centros urbanos das demais regiões do Brasil, a milhares de quilômetros da realidade daqueles ribeirinhos carentes, onde as distâncias são medidas por tempo de viagem fluvial.

Hiram Reis, canoeiro perseverante e corajoso, singrou com seu caiaque 30 municípios amazônicos, desde a Foz do Breu até Manaus, unindo sua inquebrantável vontade à força da natureza, durante 83 dias, remando mais de oito horas diárias. Nesse tempo, revelou-nos cartas náuticas e mapas da região desatualizados e, mais ainda, vazio de ações e de planos futuros a serem executados em prol dos

ribeirinhos, ávidos por um futuro melhor que lhes ofereça acesso ao conhecimento de como viver bem e prosperar no bioma amazônico.

Não se trata de desenhar projetos grandiosos, mas inexequíveis, bonitos no papel e no "*Power Point*", sendo ineficazes para o ambiente amazônico, com suas fortalezas e vulnerabilidades, enquanto detentor de uma das maiores riquezas da biodiversidade do Planeta Terra, onde a vida pulsa nas atividades pesqueira, extrativista, turística, folclórica, de manejo da terra e dos indivíduos que compõem a fauna e a flora regional, projetando sua influência no clima e na meteorologia do continente. A eficiência e eficácia desses projetos devem buscar simplicidade de entendimento e de execução pelos ribeirinhos.

Desenvolver projetos para a micro região percorrida pelo canoeiro Hiram Reis na calha do Juruá deve, prioritariamente, focar o ribeirinho com sua realidade cultural, tendo em seu entorno bioma rico em oportunidades, mas interagindo com o desafio das grandes distâncias e seus imensos vazios demográficos.

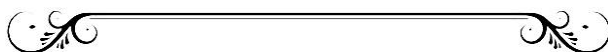
A Expedição de apenas três homens, liderada por Hiram Reis, é um exemplo da simplicidade a que me refiro, bastante diferente da Expedição comandada por Pedro Teixeira, que contou com cerca de 2.000 integrantes entre soldados portugueses e indígenas remadores e flecheiros, ainda na primeira metade do século XVII, na expansão de nossas fronteiras para o Oeste.

A gestão e o gerenciamento de qualquer projeto de desenvolvimento para a região em pauta, deve partir da premissa que o Fator Crítico de Sucesso consiste na presença de pesquisadores, técnicos, orientadores e facilitadores nas comunidades ribeirinhas para, no

prazo que se fizer necessário, implementar nessas comunidades novos procedimentos e até mesmo novos comportamentos que proporcionem sustentabilidade nas atividades socioeconômicas, assegurando às gerações do amanhã, o patrimônio natural e cultural com qualidade de vida.

Trata-se, portanto, de Ações Estratégicas que devem constar das Políticas de Governo a serem definidas com clareza e exatidão, assegurando implementação e manutenção das ações, independentemente de mandatos eleitorais, a médio e longo prazo.

A iniciativa do canoeiro Hiram Reis deve, pelo menos, instigar e motivar líderes de organizações governamentais, inclusive de Universidades e Fundações, para que eles se aproximem dessa desafiadora região, a Amazônia Brasileira, munindo-se de perseverança, vontade e coragem, a fim de desenvolver e implementar projetos compatíveis com o cenário ora vivenciado e com a estatura do ambiente amazônico, que abrange os anseios de nossa gente ribeirinha, os povos da floresta, forças e interesses divergentes dos objetivos nacionais que conformam nossa soberania.

Em síntese, "*Descendo o Rio Juruá I e II*" é um convite irrecusável às lideranças brasileiras para que reflitam e ajam na busca de projetos e programas que proporcionem soluções simples e duradouras, para os ribeirinhos da Amazônia alcançarem nível de qualidade de vida compatível com a dos nossos compatriotas das demais regiões do país, onde usufruem dos recursos e facilidades tecnológicas disponíveis em pleno século XXI.

Jorge Ernesto Pinto Fraxe: o meu caro amigo, irmão e colega de turma (AMAN, 75) nasceu em 1953, em Boa Vista, RR, é General de Divisão Combatente do Exército, oriundo da arma de Engenharia, tendo ingressado nas fileiras do Exército em 1972, na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde se diplomou Oficial de Engenharia no ano de 1975. Durante sua carreira, serviu em diversos locais da Amazônia, do Nordeste e da Região Centro Sul.

Entre outras funções, exerceu a de Comandante de Destacamentos de Engenharia de Construção, Comandante de Companhia de Engenharia de Combate, Comandante de Batalhão de Engenharia de Construção, Chefe de Estado-Maior e Comandante de Grupamento de Engenharia, e Diretor de Obras de Cooperação do Exército. No exterior, comandou a missão internacional de remoção de minas na América Central sob a égide da Organização dos Estados Americanos (OEA).

Exerceu também o cargo de Adido do Exército e Naval junto à Embaixada do Brasil do Equador. Fala, lê e traduz em espanhol, e possui os cursos de Mestrado e Doutorado na área Militar, pós-graduação na área de educação e curso de "*Master of Business Administracion*" em gerenciamento de projetos realizados na Fundação Getúlio Vargas. Possui vinte e duas condecorações nacionais e estrangeiras, entre as quais a de Mérito Militar, Serviço Amazônico, Corpo de Tropa e Defesa Civil Nacional.

Sumário

Índice de Imagens

Índice de Poesias

Mensagem

Cel Eng Higino Veiga Macedo

Caro Irmão e Prezado amigo Hiram

Fiquei bem decepcionado com o fato que me contou, por mensagem de áudio, sobre o não apoio do CMA ao seu projeto no Juruá. Mas não fiquei surpreso. Escrevi um analecto:

> Alguns Chefes [que tive]: Como homens foram até companheiros; Como líderes, eu não os reconheço; Como militares, não os respeito.

E, para muito deles, disse eu que servia à instituição, nunca a homens. Sempre me incomodou assistir culto à pessoa, à personalidade. É impressionante como companheiros usam dessa prática. A mim, é desvio de caráter, tanto do que cultua quanto do que é cultuado. O que cultua busca benesse. O cultuado assimila como obrigação reconhecê-lo com genialidade imaginada e em geral adota um ar "*artificial de inteligência*". Trata a instituição como propriedade particular.

Dessa maneira, meu irmão, eu e você fiéis ao castro, à profissão, tornamos incômodos quando, por dever de ofício, nos aproximamos desses tipos de personalidades. São pessoas a quem chamei de combatentes de cartas e esboços; pavimentadores de carpetes; transpiradores de ar refrigerado.

Foi um desses bajuladores que diretamente te foi desleal. E por conhecê-lo por famas, porque nunca servimos juntos, de ser combatente transpirador em ar refrigerado. Especializado em formação de "*patotas*" chegou ao generalato. Ainda bem que parou no primeiro posto.

A esse tipo de companheiro a permissividade é uma regra. É parecido com outro analecto que adaptei:

> O tempo faz ver que: – para os parentes – não se precisa das leis; – para os amigos íntimos – as brechas das leis, intencionalmente, colocadas; – para os amigos, amigos dos parentes e parentes dos amigos íntimos – as leis interpretadas; – para os indiferentes – a letra fria das leis; – para os inimigos – os rigores das leis agravados com mentiras, calúnia e difamação.

A incapacidade de realizar algo o obriga, para consolo próprio, rebaixar os feitos alheios. Pernóstico da mesma forma, porque assim foi treinado, foi o descumprimento do prometido, pelo comandante do CMA à época. É coisa de formação moral e de berço. Dizia meu avô, Segundo Veiga, pantaneiro:

> não é obrigado a prometer, mas se prometeu, cumpra.

Assim, o comandante do CMA não poderia ter prenhês pelos ouvidos se antes havia expedido até documentos oficiais: Nota de Instrução e orientação a subordinados.

Infelizmente o critério para as promoções por escolha, embora tenha um critério, eu o considero não adequado. Na instituição há, acertadamente, a valorização do mérito. Mas sempre considerei esta "*meritocracia*", capenga. Há uma excessiva valorização do "*mérito escolar*". Isso permite uma previsibilidade até certo modo desestimulante, numa mesma turma. E é uma herança sincrética: ninguém se atreve a questiona-la. Assim, se o milita for de grande desempenho escolar, fatalmente, pela herança, terá todas as oportunidades inclusive de ser promovido por escolha no futuro. Mas, por que é capenga? Porque não leva em consideração o "*mérito de desempenho prático*".

Claro que haveria que se estabelecer "*critérios*" para esse tipo de avaliação, uma vez que ele hoje, não existe. Há o conceito vertical dado pelos superiores infelizmente muito contaminado de "*bom mocismo*".

Eu advogo o "*conceito lateral*", isto é, o conceito atribuído pelos oficiais de seu "*posto*" e de sua "*turma*". O conceito lateral tira a possibilidade da impressão positiva exalada pelo "*bajulador*". O bajulador não é novo no mundo. O Livro do Cortesão, de Baldassare Castiglione [1478 – 1529], ensina como ser cortesão em qualquer oportunidade.

Na minha turma, prezado irmão, foi estabelecido o Código de Honra em 1970. Hoje, fico triste: o porquê ele não vingou? Não entendi o medo que levaram a sepultá-lo. Havia o lema: VERDADE, PROBIDADE, LEALDADE E RESPONSABILIDADE. E havia o conceito lateral. O certo é que nunca mais se falou nele. Tenho certeza que depois de trinta anos, as avaliações seriam bem próximas da realidade. Haveria equilíbrio entre os méritos escolar e prático.

Hoje, há um paradoxo. Os de grande aproveitamento escolar são chamados para a gama de instrutores nas diferentes escolas. Eles desaprendem a comandar, a avaliar gastos e a tomar decisão. Isso não é praticado em escolas. Tudo está pronto à mão. E pelo desempenho escolar e por ser instrutor escolar, são chamados para as diferentes funções de assistentes de generais. Nunca é avaliado, na prática, nas diferentes unidades operacionais. Os de menor desempenho, esse, sim, são desafiados a todo o momento, pelas diferentes dificuldades que a força tem e passa. Em conversas, apresento uma questão:

> como comparar um major fiscal administrativo, em Cruzeiro do Sul, AC, e outro, da mesma turma, assistente de general comandante de área?

Tenho outro argumento para a promoção por escolha. Um general, um militar não pertence ao Estado, ao Governo do Estado, ao partido que domina o Governo do Estado. O militar, o general pertence à NAÇÃO BRASILEIRA. E quem, entre os TRÊS PODERES do Estado representa a nação? O Legislativo. E no Legislativo, o Senado Federal. É o Senado, como um todo e não comissões é que deveria escolher os generais. Ali, os coronéis seriam arguidos, um a um prestando contas de suas carreiras ao longo dos trinta anos, antes da promoção por escolha. Tenho certeza que haveria comparação justa entre o major de Cruzeiro do Sul e o outro assistente. Eles não avaliam os Embaixadores, os superintendente da PF, o Procurador Geral da República? Não haveria listas de coronéis selecionados por ex–chefes e agrupados "*por pontos acumulados por direcionamentos já preferenciais*". As promoções por méritos escolares, ao longo da carreira, lembram presentes aos meninos bem comportados e estudiosos.

Prezado Canoeiro. Pelo relato acima, agora já tens uma ideia de como um bajulador consegue vencer um comandante de personalidade fraca a descumprir o prometido. Não sabia, o comandante, comandar. Foi ele sempre cortesão. Há um desvirtuamento, pós Constituição de 1988. Algum gênio criou o bendito assessor Parlamentar. Intenção: divulgar as ações do EB. Ora, se um parlamentar não sabe nada de suas Forças Armadas, jamais poderia ser parlamentar. Daí, criaram uma praga entre os militares que é a Assessoria Parlamentar. Muitos desses assessores deram a vida para ali continuar. Mas, ali o militar perde o orgulho, a fortaleza da honra. Há a fábula do porco:

> O porco quer que você entre no chiqueiro não para você ser porco, mas para se sujar como porco.

Ali os militares se sujam. Ouvi companheiro contemporâneo de AMAN elogiar, os governos marxistas que afundaram o Brasil, como "*calorosos apoiadores da Força*". Foi nessa época que chorei de mágoa: um chapéu bandeirante, que tanto honrei, na cabeça de um Presidente pusilânime. Por isso é que todos calamos acabrunhados quando uma personagem como Olavo de Carvalho, pseudos-filósofo, blasona ofensas a ele, quando Comandante do Exército, e ninguém a responder a altura. Conheci um Tenente-Coronel do exército angolano, no Centro de Estudos do Pessoal. Ele me disse:

> um civil incorporar atitudes militares é um ganho; agora militar com atitude e gestos civis é uma desgraça para a Força e um núcleo de futuras corrupções.

Assemelha à fábula do porco. Assim meu caro irmão canoeiro, não te magoe. Não permita que Thaumaturgos e Villas Bôas abalem tua pétrea vontade de criar templos à virtude. De ti recebi os três potes da lenda dos Terenas. Lenda que criei para congratular-me com companheiros, anônimos, mas brilhantes nos desempenhos. Transcrevo abaixo a lenda.

> **Missão Cumprida**
>
> Conta uma lenda terena que um guerreiro ao receber uma missão relevante, para a tribo, recebia junto três potes com as bocas lacradas: o pote da tolerância, o pote da honestidade, e o pote da vergonha.
>
> Durante a missão poderia se abastecer dos conteúdos, se necessário. Seria um vencedor se o guerreiro cumprisse a missão; seria um vencedor, com gloria, se, ao final, devolvesse os potes todos lacrados, confirmação de que deles não precisou se abastecer.

> Se, abriu o pote da tolerância, houve choque com um ou mais combatente e a fraternidade na tribo ficou arranhada;
>
> Se, abriu o da honestidade, houve choque consigo mesmo e a confiança da tribo, no guerreiro, ficou arranhada;
>
> Se, abriu o da vergonha, houve um choque com a humanidade porque seus atos foram reprováveis, e toda a nação ficou muito ferida. A vergonha contamina o ambiente e atinge a todos os que o respira e fere com dor pungente os que CONFIARAM e acompanharam quem tinha o pote. A vergonha será de todos.

Meu Prezado Hiram os teus potes estão completamente selados. Missão Cumprida com glória. Assim responde a tribo EB e todos os que contigo conviveram.

Que o Grande Arquiteto continue a te iluminar.

Meu estimado irmão: um Tríplice e Fraternal Abraço.

Ir:. Higino

Francisco D'Ávila e Silva

Imagem 01 – Foz do Amônea (Google Earth)

Embora existam especulações de que os peruanos teriam sido perseguidos pelo Capitão D'Ávila para muito além da Foz do Breu, em pleno território peruano, e que este só retornara após receber ordens explícitas do Coronel Thaumaturgo, estas considerações não encontram nenhum respaldo nos documentos oficiais do Itamarati, Arquivo Nacional, Arquivo do Exército ou consagrados historiadores nacionais e peruanos. A tradição oral colhida "*in loco*" no município de Marechal Thaumaturgo também não corrobora esta versão. A fidalguia e a serenidade do Capitão D'Ávila no trato com seus adversários e a análise de seu perfil psicológico não nos leva a crer que ele fosse capaz de tomar uma atitude tão intempestiva. A carta escrita pelo Major Ramirez Hurtado ao Capitão D'Ávila, expressando o espírito de humanidade que caracterizou as atitudes do oficial brasileiro, igualmente, não deixam, absolutamente, espaço para tão infundadas ilações.

Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, RJ
Terça-feira, 10.05.1904

Gazetilha – No Alto Juruá

Vindo do Alto Juruá, chegou a Manaus, a 22 de abril último, o vapor "*Contreiras*" que, como era esperado, foi vítima das extorsões do já famoso Dagoberto Arriaran que, em nome do governo peruano, assalta as embarcações que passam pela Boca do Amônea. O "*Contreiras*", na subida do Juruá, aportou ao Amônea, onde Arriaran exigiu o manifesto. O proprietário e o Comandante do vapor responderam-lhe que não traziam manifesto por dois motivos:

1° porque o governo brasileiro não reconhecia aquela região como pertencente ao Peru;

2° porque, levando apenas algumas encomendas, entenderam não devê-las manifestar. Zangou-se o Comissário peruano e, depois de muitas objeções, consentiu em deixar que o navio seguisse sua viagem com a condição de, na volta, tocar naquele ponto.

Ao anoitecer de 27 do mês passado [04.1904], descia o "*Contreiras*" na cabeça de um repiquete ([1]), quando passou pela Boca do Amônea e por um erro de manobra só mais abaixo pôde parar. A força peruana formou imediatamente e fez, por duas vezes, fogo sobre o navio, que veio fundear no lugar onde os peruanos desejavam. Imediatamente foram a bordo alguns soldados intimar o Comandante a não sair sem que amanhecesse.

---

[1] Repiquete: onda que desce das cabeceiras dos rios, após chuvas fortes.

ANNO 80

DIARIO DE PERNAMBUCO

N. 126

FUNDADO EM 1825

RECIFE—TERÇA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 1904

REDACTOR CHEFE—ARTHUR ORLANDO

DR. F. A. ROSA E SILVA

A invasão peruana

TRANSITO DE ARMAS E MUNIÇÕES PELO AMAZONAS—NOTA Á LEGAÇÃO DO PERU'

(D'*O Paiz*)

A' legação do Perú no Brazil, dirigiu o sr. barão do Rio Branco, ministro das relações exteriores, a seguinte nota:

«2.ª secção—N. 2—Rio de Janeiro—Ministerio das relações exteriores, 16 de maio de 1904.

caucheiros em alguns dos affluentes occidentaes do Alto-Juruá, o governo do Perú pretendeu obter a liberdade de transito por esse rio em favor do « incipiente commercio » peruano na região, como está declarado em nota de 14 de junho de 1898, da sua legação no Brazil, allegando direitos que não tinha e não podia ter, porque o Juruá é rio que corre a léste da fronteira convencionada, em 1851, entre o Brazil e o Perú, e a parte meridional da bacia desse rio, que recuperámos pelo tratado de 17 de novembro de 1903, pertencia então á Bolivia, por cessão que lhe haviamos feito em 1867.

Imagem 02 – Diário de Pernambuco, 07.06.1904

No dia 28.04.1904, bem cedo, o Tenente Arriaran, o Comissário aduaneiro e várias praças invadiram o "*Contreiras*" e exigiram o manifesto.

Foi-lhe apresentado um que consignava existirem a bordo 8.320 quilogramas de borracha. Não se conformaram os peruanos, declarando haver a bordo mais borracha e intimaram o Comandante a abrir os porões e a desembarcar a carga para ser pesada, devendo, a que excedesse da manifestada, ser confiscada. Existia realmente a bordo muito mais borracha e, a muito mais custo, pôde o Coronel Contreiras convencer os peruanos de que a que excedia do manifesto tinha embarcado abaixo do Amônea na subida do navio. Cobraram então os peruanos as seguintes quantias: [...] Foi uma verdadeira extorsão. Os peruanos estão fortificando a Boca do Amônea, tendo já três trincheiras prontas. Querem construir ali um ponto de apoio, para depois baixarem até São Felipe ([2]), onde pretendem estabelecer o seu Quartel-General.

2 São Felipe: Eirunepé.

De Iquitos, recebem constantemente reforços de gente, de armas e de munições de guerra. Esperam, agora, seis canhões para artilhar ([3]) os Fortes da Boca do Amônea. Esses canhões vêm em lanchas e ubás pelo Rio Ucayali, entrando no Tamoyo, afluente daquele, depois no Putayo, afluente deste, e, por último, no Cayaña.

Depois passam por um varador para o Amônea, descendo este Rio até a sua Boca. Neste último Rio, deu-se um acidente que os próprios peruanos dizem ser um "*conto do vigário*" pregado ao seu governo. Um oficial peruano trazia para a Boca do Amônea 3.000 libras esterlinas, mas, ao chegar à volta do Jundiá, neste Rio, fez ir a pique a ubá em que vinha o dinheiro, dizendo, depois, que o tinha perdido. Contam os peruanos que a ubá foi para o fundo, mas que o oficial soube guardar, e muito bem, as 3.000 libras. Na Boca do Amônea, têm os peruanos cerca de 150 homens em armas e, segundo eles mesmos dizem, têm 300 homens no interior.

Os brasileiros, porém, asseguram que os peruanos não têm mais de 200 homens. Essa força é comandada por um Major, tendo como subalternos um Tenente e um Alferes, além do Comissário aduaneiro e outros empregados superiores.

Pelo vapor "*Contreiras*" vieram fotografias das Fortificações e das forças da Boca do Amônea, que um amador conseguiu tirar. São provas bastantes para demonstrar a invasão do nosso território.

O Superintendente do Município de São Felipe ([2]) oficiou ao governo do estado, comunicando que, por informações que obtivera, sabia que os peruanos pretendiam descer até S. Felipe e tomar conta da

[3] Artilhar: munir de artilharia.

vila, estabelecendo-se aí. Ao mesmo tempo, pedia providências e auxílios. O Sr. General Medeiros foi logo informado do teor desse ofício e de um interessante documento peruano que o acompanhava. Os peruanos na Boca do Amônea estavam furiosos com o Comandante do vapor "*Costeira*", por ter este lavrado um protesto contra as violências de que foi vítima na viagem passada. O "*Costeira*" já deve ter chegado ao Amônea. Teria sofrido alguma nova violência? Tudo o faz crer.

Amanhã, devem ser postos à disposição do Sr. General Luís Antônio de Medeiros os vapores "*Sabiá*" e "*Antônio Lemos*" que devem levar ao Alto Purus o 33° Batalhão de Infantaria. Com o mesmo destino seguirá a lancha Alberto Aguiar. A lancha "*Florinda*" posta à disposição do Sr. General Medeiros pelo Sr. Dr. Governador do estado, seguirá a reboque do Sabiá. O "*Lauro Sodré*", logo que chegue a este porto e desembarque o 33° Batalhão de Infantaria, receberá a seu bordo uma Força, que levará diretamente ao Juruá a ponto que será previamente designado.

O Sr. Ministro da Guerra mandou abonar aos oficiais do 33° que seguem para o Alto Purus, três meses de soldo, que serão descontados de maio a dezembro do corrente ano. As ambulâncias que as forças levam são completas e foram organizadas com o máximo cuidado. As forças vão providas de todo o necessário, inclusive tijolos para a construção de fornos, redes, mosquiteiros; tudo, enfim, o que é necessário para o seu conforto e tudo dentro das etapas, sem o menor ônus para o governo, nem sacrifício para as praças. [...]

O pessoal do Tejo e do Alto Juruá, impaciente pelas providências que há 3 anos aguardava dos poderes constituídos da nação, de uma hora para outra,

talvez sejam levados a repelir "*manus belli*" ([4]) as arrogâncias do Peru, que têm ultrapassado os limites de tudo a que a imaginação pode conceber no terreno da razão e da lei.

As trincheiras peruanas estão situadas na parte do lote de terras demarcada com o nome de Minas Gerais e estendem-se desde a Boca do Amônea até a Foz do Igarapé das Almas, que desemboca na praia que se desenvolve abaixo do Barracão Porto Eugênio. (CHDD, 2005)

O jornal "*Gazeta de Petrópolis*", de 07.12.1904, apresenta um quadro bastante crítico provocado pelos desmandos peruanos que culminou com uma resposta militar por parte do governo brasileiro – o Conflito do Amônea – e uma diplomática com a assinatura do "*Modus Vivendi*", no dia 12.07.1904.

Gazeta de Petrópolis, n° 140, Petrópolis, RJ
Quarta-feira, 07.12.1904

Brasil – Peru

Telegrama de um nosso ilustre colega:

Manaus – Os passageiros do vapor "*José Júlio*", que chegou ontem, procedente do Alto Juruá, trouxeram-nos a notícia de um novo conflito entre brasileiros e os peruanos estabelecidos na Boca do Amônea desde fins de outubro de 1902.

O fato; ao que parece, deu-se pela ignorância dos peruanos destacados na Foz do citado Rio, do

[4] "*Manus belli*": à mão armada, pelas armas.

"*Modus Vivendi*" ajustado entre o Brasil e o Peru, e em virtude do qual se estabeleceu que a zona central seria unicamente a do Alto Juruá e a do Rio Breu para o Sul, o que excluiu a jurisdição do Peru na região banhada pelo Amônea e na que se estende ao Norte do Rio Breu.

E tendo chegado ao conhecimento do Coronel Thaumaturgo de Azevedo, Prefeito do Alto Juruá, que, não obstante o acordo de 12 de Julho último, a guarnição peruana mantinha as suas posições em território brasileiro, onde punha dificuldades às embarcações que navegavam sob o pavilhão brasileiro, obrigando-as a içarem a bandeira peruana, cobrando, além disso, direitos sobre mercadorias aquela autoridade fez preparar uma Expedição de 50 homens, do 15° Batalhão de Infantaria, os quais, comandados pelo Capitão João Ávila ([5]), embarcaram no vapor "*Contreiras*", que seguiu para a Boca do Amônea.

Neste ponto o navio foi obrigado a parar, dirigindo-se para bordo um oficial que exigiu o pagamento de direitos.

O Capitão João Ávila ([6]) ponderou ao oficial peruano que as exigências não tinham razão de ser, dado o acordo a que haviam chegado os Governos peruano e brasileiro, e que em virtude desse fato convidava a guarnição peruana a retirar-se, pois ia instalar uma repartição brasileira para exercer jurisdição fiscal na zona. Nada fazia prever que as razoáveis ponderações do militar brasileiro fossem mal cabidas ([6]), e foi com surpresa que a gente embarcada no "*Contreiras*" viu que de terra partiam as hostilidades, atirando-se contra o navio.

---

[5] João Ávila: Francisco d'Ávila e Silva.
[6] Cabidas: aceitas.

GAZETA DE PETROPOLIS

Anno XLVII | PETROPOLIS—Quarta-feira, 7 de Dezembro de 1904 | Nums. 140—141

BRAZIL-PERU'

Telegramma dum nosso illustre collega:

«Manáos — Os passageiros do vapor «José Julio», que chegou hontem, procedente do Alto Juruá, trouxeram-nos a noticia de um novo conflicto entre brazileiros e os peruanos estabelecidos na boca do Amoena desde fins de Outubro de 1902.

O facto, ao que parece, deu-se pela ignorancia dos peruanos destacados na foz do citado rio, do «modus-viventi» ajustado entre o Brazil e o Perú, e em virtude do qual se estabeleceu que a zona central seria unicamente a do Alto Juruá e a do rio Breu para o sul, o que excluiu a jurisdição do Perú na região banhada pelo Amonea e na que se estende ao norte do rio Breu.

E tendo chegado ao conhecimento do coronel Thaumaturgo de Azevedo, prefeito do Alto Juruá, que, não obstante o accôrdo de 12 de Julho ultimo, a guarnição peruana mantinha as suas posições em territorio brazileiro, onde punha difficuldades ás embarcações que navegavam sob o pavilhão brazileiro, obrigando-as a içarem a bandeira perúana, cobrando além disso direitos sobre mercadorias aquella auctoridade fez preparar uma expedição de 50 homens, do 15º batalhão de infanteria, os quaes, commandudos pelo capitão João Avila, embarcaram no vapor «Contreiras», que seguiu para a boca do Amonea.

Neste ponto o navio foi obrigado a parar, dirigindo-se para bordo um official que exigiu o pagamento de direitos.

O capitão João Avila ponderou ao official peruano que as exigencias não tinham razão de ser, dado o accôrdo a que haviam chegado os Governos peruano e brazileiro, e que em virtude desse facto convidava a guarnição peruana a retirar-se, pois ia installar uma repartição brazileira para exercer jurisdição fiscal na zona.

Nada fazia prever que as razoaveis ponderações do militar brazileiro fossem mal cabidas, e foi com surpresa que a gente embarcado no «Contreiras» viu que de terra partiam as hostilidades, atirando-se contra o navio.

No dia immediato, 2 de Novembro, o capitão João Avila municiou a força e resolveu operar um desembarque, dirigindo-se para terra em embarcações moudas.

O commandante peruano mandou abrir fogo contra a tropa brazileira, que então foi obrigada a defender-se, o que fez com denodo, assaltando a ferro frio as trincheiras adversarias, que não resistiram ao ataque, rendendo-se os peruanos.

Um soldado brazileiro caíu morto, e um inferior foi gravemente ferido, tendo o capitão Avila verificado que a guarnição peruana perdera no combate nove homens.

Os peruanos foram mandados para Iquitos, installando-se a força brazileira na zona do conflicto.

As trincheiras peruanas foram construidas nas propriedades da firma commercial do Pará, Mello & C., que teve grandes prejuizos.

O capitão Avila communicou o facto ao coronel Thaumaturgo, que mandou um contingente armado e bem municiado para reforçar a primeira expedição.

Procurámos obter informações mais positivas no quartel do commando do 1º districto militar, mas ahi nos foi dito que o prefeito do Alto Juruá não havia mandado communicação do facto pela mala que o «José Julio» trouxera.»

Imagem 03 – Gazeta de Petrópolis, 07.12.1904

No dia imediato, 02 de novembro, o Capitão João Ávila ([6]) municiou a força e resolveu operar um desembarque, dirigindo-se para terra em embarcações miúdas.

O Comandante peruano mandou abrir fogo contra a tropa brasileira, que então foi obrigada a defender-se, o que fez com denodo, assaltando a ferro frio as trincheiras adversárias, que não resistiram ao ataque, rendendo-se os peruanos.

Um soldado brasileiro caiu morto, e um inferior ([7]) foi gravemente ferido, tendo o Capitão Ávila verificado que a guarnição peruana perdera no combate nove homens.

Os peruanos foram mandados para Iquitos, instalando-se a força brasileira na zona do conflito.

As trincheiras peruanas foram construídas nas propriedades da firma comercial do Pará, Mello & C., que teve grandes prejuízos. O Capitão Ávila comunicou o fato ao Cel Thaumaturgo, que mandou um contingente armado e bem municiado para reforçar a primeira Expedição.

Procuramos obter informações mais positivas no quartel do Comando do 1° Distrito Militar, mas aí nos foi dito que o Prefeito do Alto Juruá não havia mandado comunicação do fato pela mala que o "José Júlio" trouxera. (GAZETA DE PETRÓPOLIS, N° 140)

Sem dúvida, um dos mais detalhados relatos do Conflito do Amônea foi o reportado pelo escritor Dr. José Moreira Brandão Castello Branco Sobrinho no artigo:

---

[7] Inferior: Sargento.

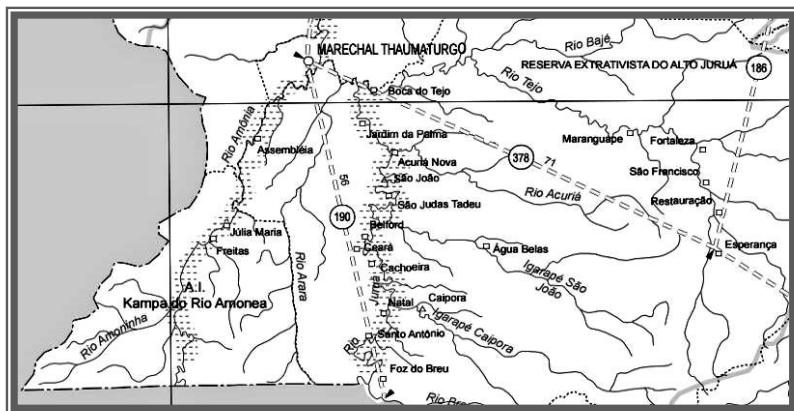



Imagem 04 – Alto Juruá

Peruanos na Região Acreana

A 15.02.1902, foi criada pelo governo amazonense uma estação fiscal para a "*Boca do Breu*", que, por se julgar conveniente, na ocasião, foi instalada abaixo, entre as confluências dos Rios Arara e Amônea, local em que se manteve, provavelmente, até princípio de 1903, por ter sido mandada retirar pelo governo federal, por ato de 18.06.1902, reiterado por um outro de 29 de dezembro do mesmo ano, a pedido do Ministro do Peru.

Neste ano, surgiu no Amônea, vindo do Rio Ucayali, via Tamaia-Amônea, simulando tratar de negócios de caucho, D. Manuel Pablo Vilanueva, que, na verdade, vinha colher dados geográficos acima do trecho levantado pelo Capitão Espinar e avisar aos seus patrícios a vinda de forças para amparar os desejos expansionistas do seu governo, conforme relatou numa Conferência pronunciada em Lima, no dia 27 de dezembro do mesmo ano.

Com efeito, a 21.10.1902, descendo pelo Rio Amônea, apareceu de maneira hostil no Seringal Minas Gerais, sito a Foz do referido Amônea, um destacamento peruano de 20 praças, apoiado por 40

ou 50 caucheiros, devidamente armados, comandados pelo Sargento Juan Bartel, e sob as ordens de Carlos Vasquez Quadros, antigo aviado de Efraim Ruiz, no Juruá, investido da função de Comissário.

Como se apresentassem de forma provocante, os brasileiros, ali residentes, os forçaram a retirar-se para o Lugar Saboeiro, no Rio Amônea, vizinho a fronteira atual com a República do Peru.

Luís Francisco de Melo, proprietário do Seringal Minas Gerais, considerando que cabia ao governo do Brasil, resolver o caso, conseguiu convencer aos brasileiros, a fim de evitar complicações internacionais, de que não deviam opor-se a essa invasão e os chamou, instalando-se o Destacamento, na Foz do Amônea, à margem esquerda deste Rio, no dia 15 de novembro do referido ano, onde também foi inaugurado um Posto Fiscal.

Em 1903, os peruanos deram a esse Posto a denominação de "*Nuevo Iquitos*", título dado por Efraim Ruiz às palhoças da Boca do Breu, já extintas na ocasião.

Não sei se Luís de Melo arrependeu-se desse ato tão prejudicial aos interesses do Brasil: sendo certo, porém, que ia acarretar muitos vexames aos moradores da região, perturbações à navegação de barcos brasileiros, humilhação ao pavilhão nacional, inquietação e tribulação aos governos dos dois países, movimentação de tropas e navios de guerra, com grave dano para os cofres públicos do Brasil. Acompanhemos o desdobrar dos acontecimentos.

A 28.02.1903, os habitantes do Alto Juruá e do Rio Tejo, inclusive proprietário e comerciantes, vítimas de violências e constantes depredações por parte dos peruanos e, agora, ameaçados de cobrança de im-

postos pelo Peru, como acaba de lhes notificar o Comissário peruano Quadros, dirigiram-se ao governo do Estado do Amazonas por meio de um abaixo assinado, em que figuraram 131 assinaturas, reclamando contra a invasão de Força Armada do Exército peruano, em território reconhecidamente brasileiro.

Pormenorizando, diziam os reclamantes que há quase um ano vêm suportando essas arbitrariedades, capitaneadas por um Delegado do referido país, aguardando providências do governo brasileiro, no sentido de garantir-lhes a vida e a propriedade, esperança esta, porém, que se está desvanecendo, pois, os invasores continuam a hastear o seu pavilhão no território brasileiro e presentemente, baixaram um ato ordenando a arrecadação de dois décimos por estrada de seringueiras, além do pagamento do imposto de 15% "*ad valorem*" ([8]) sobre a exportação da borracha, perturbando, dessa maneira, a vida e o trabalho dos brasileiros.

Terminavam, pedindo ao referido governo prontas e enérgicas providências, a fim de serem expulsos os invasores, acrescentando que jamais se submeteriam ao domínio do Peru, ainda que tenham de lançar mãos de armas para defenderem um território que exploraram e ocuparam, e sempre foi brasileiro em virtude do Tratado de Limites entre o Brasil e o Peru.

O correspondente do Jornal do Comércio, residente em Manaus, disse que há, seguramente, dois anos, telegrafara ao dito jornal, dando o sinal de alerta, descobrindo o plano dos nossos vizinhos e narrando casos que, se fôssemos mais previdentes, não se repetiria com a gravidade de hoje.

---

[8] "*Ad valorem*": tributação imposta ao valor da mercadoria e não sobre seu peso, quantidade ou volume.

Em setembro de 1903, vários comerciantes de Belém do Pará procuraram o Governador do Estado, na qualidade de aviadores dos seringais do Juruá e do Purus, para indagar do Governo Federal, se era regular a publicação seguinte, feita na imprensa da capital:

> Consulado General del Perú
>
> Se previene a los embarcadores de carga con destino al Alto Purús y Alto Juruá que las mercaderías para puntos situados más arriba de la Boca del Chandless en el primer Río, y la Boca del *Amoneya* en el segundo, deben ir acompañado de los respectivos documentos expedidos por este Consulado Générale, para ser tramitados en los puertos aduaneros peruanos existentes en los citados puntos.
>
> Belém del Pará, 18 de setiembre de 1903.
>
> D. E. Pereira
>
> Cónsul Générale del Perú

O Governador Montenegro entendeu-se imediatamente, pelo telégrafo, com o Ministro Rio Branco, que, assim retorquiu:

> Petrópolis, 29, setembro
>
> Respondo ao telegrama de V. Exa. recebido na noite de 24, corrente.
>
> Carregadores de mercadorias em embarcações que se destinam aos afluentes meridionais do Amazonas a Leste do Javari, portanto ao Juruá acima da boca de Amônea e ao Purus acima da do Chandless, não devem legalizar os seus papéis no Consulado Geral do Peru.
>
> O governo brasileiro não reconhece os postos aduaneiros do Amônea e do Chandless.
>
> Att. Sds. ([9]) Rio Branco

---

[9] "*Att.*": do inglês – "*for the attention of*". "Sds.": saudações.

O governador do Estado deu conhecimento oficial deste telegrama ao Cônsul geral do Peru em Belém.

Notícias do alto Juruá confirmavam a existência do Posto Fiscal peruano *"na Boca do Amônea"*, em território brasileiro, guarnecido por trinta praças do exército, e, que diariamente, às 06h00 e às 18h00, içam e arriam a bandeira peruana com grande solenidade: vivendo os brasileiros ali residentes coagidos em sua liberdade, receando a cada momento uma violência por parte dos peruanos que exigem a entrega de gêneros e mercadorias, sem o respectivo pagamento, verdadeiros atos de soberania e de rapina.

Um Tenente do exército peruano chamado Dagoberto Arriaran, que ia se tornar famoso pelas suas violências contra os vapores brasileiros, em trânsito por aquelas paragens, partiu de Iquitos, em fins de outubro ou princípio de novembro, com o nome trocado, já nomeado para assumir o comando do destacamento estacionado no Amônea e com instruções para "*observar*" as forças e elementos com que os brasileiros podiam contar, de pronto.

A primeira parte de sua missão já foi cumprida com a remessa ao Prefeito de Iquitos de um relatório sobre o que viu, restando executar a segunda. Bem disfarçado, passando por caixeiro de uma casa comercial de Iquitos, tomou passagem, a bordo do vapor Barão de Belém, no dia 11.11.1903, com destino ao Amônea.

No meio da viagem, um passageiro desconfiou do papel que ele estava representando e comunicou esta suspeita aos seus companheiros, provocando grande indignação contra o espião, pelo que resolveram abandoná-lo num barranco qualquer.

Ele, porém, corajoso e ousado, fez-se de vítima e tão bem se houve que, os passageiros, na dúvida, consentiram que ele prosseguisse viagem. Uma vez no Amônea, o simulado caixeiro transformou-se e passou a ser o que, realmente era, um oficial do exército peruano, com várias incumbências.

Antes de sua chegada, o Posto Militar e Fiscal existente na Foz do Amônea, desde novembro de 1902, e, em 1903, intitulado pelos invasores de Nuevo Iquitos, obrigava os Comandantes dos navios brasileiros que, por ali transitavam, a içarem a bandeira peruana no mastro da proa, como aconteceu, em novembro de 1903, aos vapores nacionais "*Contreiras*", "*Moa*" e "*Canutama*".

O Comandante do primeiro, fez ver ao Alferes Marcial que não podia cumprir, em território e águas brasileiras, ordens dadas por estrangeiros, ao que o Comissário peruano redarguiu que se não fosse executada a determinação, abriria fogo contra a embarcação.

O Comandante pensou em desobedecer à insólita notificação, mas, como tinha a bordo algumas famílias que podiam ser vítimas das balas dos invasores do nosso território, aceitou uma bandeira que lhe foi oferecida, lavrando, todavia, um protesto contra essa violência.

O Comandante do segundo, recebeu idêntica intimação, porém, resistiu, e talvez, por não terem os peruanos outra bandeira disponível para oferecer, o navio pôde prosseguir. Na volta desta embarcação, o Comissário aludido avisou o seu Capitão para prevenir a todos os seus colegas que pretendessem subir o alto Juruá, de que deviam hastear o pavilhão peruano, a fim de não verem a sua viagem perturbada.

O Comandante do terceiro, também se opôs à intimação do Alferes Marcial, recebendo, por isso, o seu barco, várias descargas de rifle.

Todos os Comandantes apresentaram, ao Capitão do porto do Estado do Amazonas, os protestos regulamentares.

Depois disto, passaram a cobrar impostos sobre exportação, importação, trânsito, consumo, expediente, produtos da região, além de distribuírem aos moradores do alto Juruá, uma circular avisando de que deviam ir registrar os seus nomes e títulos de propriedades, na aduana da Foz do Amônea, sob penas severíssimas.

Ainda no ano de 1903, no dia 9 de dezembro, atracou no porto do barracão Minas Gerais, contíguo ao local em que se achava o acampamento dos peruanos, o primeiro situado na margem direita do Rio Amônea, e o segundo na esquerda, o vapor brasileiro "*Costeira*" que, minutos após recebia a visita de um oficial peruano, o qual intimou o Comandante do vapor a içar o pavilhão do seu país; como prova de reconhecimento da soberania peruana no território.

Como o Comandante do barco se negasse a atendê-lo, o oficial aludido desistiu, cingindo-se, apenas a indagar se o manifesto do navio havia sido visado, pelo cônsul peruano de Manaus, e tendo resposta negativa, o navio prosseguiu sua viagem para o Rio Tejo.

De retorno, a tropa peruana estava formada no barranco, indo a bordo o Tenente Dagoberto Arriaran, acompanhado de três praças. Intimado o Comandante a içar a bandeira do Peru e a exibir o manifesto da borracha para ser visada e pagar os direitos

correspondentes, o Comandante José Joaquim Martins estranhou as exigências, pelo que Arriaran ameaçou atirar contra a embarcação, ante o que o Comandante convocou o conselho de oficiais, o qual anuiu não resistir, para não sacrificar vidas, opondo-se, porém, ao içamento da bandeira.

Com a notícia do pagamento do imposto. Arriaran dispensou aquela formalidade, e escreveu no manifesto que os produtos constantes do mesmo eram de procedência peruana, cobrando os impostos de 8 centavos por quilograma de borracha e 5 centavos pelo de caucho, datando de: "*Boca del Amoneya, 5 de Enero de 1904*" e assinando – "*Dagoberto Arriaran*", e ao lado, um carimbo em que se lia: "*Aduanilla fluvial de Iquitos. Alto Yuriá*".

Não tendo o Comandante dinheiro para satisfazer o pagamento, Dagoberto contentou-se com um saque a noventa dias, contra a casa "*Melo. e Ciª*", do Pará, do que passou recibo. Destarte ([10]), resolveu a aduana peruana cobrar impostos no ano de 1904, resolução esta que teve aplicação desde o dia 1° de janeiro. Também teve que pagar os impostos que o Tenente Arriaran entendeu cobrar, o comerciante de Manaus, João A. de Freitas, que fora ao Amônea, buscar caucho.

No acampamento do Amônea tinham os peruanos 40 praças de infantaria, comandadas por um 1° Tenente e dois oficiais, além de outro que exercia o cargo de chefe da alfândega ali estabelecido: constando que, no varadouro do Rio Amônea para o vale do Ucayali havia 200 homens armados, em comunicação com Iquitos, por meio de lanchas de guerra: forças estas ali estacionadas para apoiar a avançada da Boca do Amônea.

---

[10] Destarte: assim sendo.

O Jornal do Comércio, de Belém [Pará], relatava, um ou dois meses depois, que a referida guarnição era composta de 60 a 80 homens, armados de mannlicher ([11]), que esperava artilharia, pelo varadouro do Amônea, a fim de apoderar-se da vila de São Felipe, sita ([12]) no Baixo Juruá.

Como se vê a situação dos brasileiros na região, foi pouco a pouco piorando, com a atitude dos peruanos de pretenderem a viva força estabelecer o seu domínio no Alto Juruá.

Na 1ª fase, limitaram-se a estudar o ambiente e instalar alguns pontos de apoio ao seu comércio e a extração de caucho, para o que trouxeram até gente armada.

Na 2ª, já depois de instalados na Foz do Amônea os funcionários da "*Aduanilla*" cingiam-se a exigir o içamento do seu pavilhão no mastro de proa das embarcações brasileiras, ao passo que, ultimamente, suficientemente armados passaram a efetuar a cobrança de vários impostos, e fiados nas balas de suas carabinas, o Comissário Arriaran aconselhava, como um soberano autocrata, aos devedores para não pagarem aos seus patrões credores, classificando estes de usurpadores de direitos peruanos por se acharem explorando terrenos pertencentes à sua nação: determinação esta que poderia acarretar uma conflagração de consequências incalculáveis.

Notícias posteriores adiantavam que os peruanos diziam ter 150 homens em armas e mais 300 no interior, assegurando, porém, os brasileiros que eles

[11] Mannlicher: fuzil 8 mm projetado pelo austríaco Ferdinand Ritter Vonn Mannlicher, em 1888. Arma robusta e precisa com alta cadência de fogo. Pesava: 3,80 kg, com um comprimento total de 1,272 m, um cano de 0,765 m e um carregador com capacidade para 5 cartuchos.

[12] Sita: situada.

não tinham mais de 200 homens, comandados, agora, por um Major, tendo como subalternos um Tenente e um Alferes, além do Comissário aduaneiro e outros funcionários, pretendendo eles estabelecer uma alfândega na referida vila de São Felipe.

Não houve maior número de atentados contra vapores brasileiros, devido ao sistema hidrográfico do Rio Juruá, que só permitia a navegação franca, por esses barcos, na sua parte superior, no período que vai de novembro a abril de cada ano: época correspondente a enchente na aludida Bacia.

Tais embarcações só iam até ali, duas vezes no referido período, sendo que as que tinham menos interesses na região, deixaram de frequentar a zona dominada pelos peruanos. Por isso, apenas, o vapor "*Moa*" da "*Casa Mello e C.*" que possuía vastos seringais na região, e o "*Contreiras*" que ali dispunha de vários fregueses, apareceram por lá em março de 1904, sendo submetidos aos mesmos vexames e violências, além de outras exigências.

No ofício do Comandante do Moa ao Capitão do porto, diz aquele que foi obrigado a pagar em ouro à "*Aduanilla*" da Foz do Amônea, os impostos de importação, exportação, consumo e expediente, cujos recibos estão assinados pelo Tenente da marinha peruana Dagoberto T. Arruaran, encimadas as guias de exportação com o título – "*Aduanilla Fluvial de Iquitos – Dependencia del Rio Juruá*".

O "*Contreiras*", ao passar em frente ao local da "*Aduanilla*", foi obrigado a parar em consequência de várias descargas de carabina mauser feitas pelos peruanos, a quem teve de pagar a importância de 1.198 soles, a título de direitos de importação e exportação. O patrulhamento dos peruanos se estendia até o lugar Florianópolis, situado na ponta

de cima do estirão de Mississipi Velho, distante da Boca do Amônea, umas duas milhas, impedindo o trânsito dos moradores do Alto para o Baixo Juruá.

Chegou a um ponto em que a população do Alto Juruá e do seu considerável afluente Tejo, Rio situado acima do Amônea, umas doze milhas, irritada pela falta de providências dos poderes públicos do Brasil, aguardadas há três anos, via-se de uma hora para outra na situação de repelir "*manu militari*" ([13]) as arrogâncias do Peru que já ultrapassavam os limites do razoável e da tolerância.

Convém relatar, nesta altura dos acontecimentos, a ação do governo brasileiro no sentido de repelir a invasão peruana, restabelecendo a soberania do Brasil na região e restaurando, assim, a tranquilidade dos seus habitantes.

Como já vimos, o governo amazonense, considerando brasileira toda a região, criou a 15.02.1902, uma estação fiscal para a Boca do Breu, a qual, por motivos ocasionais, foi estabelecida perto da embocadura do Amônea, ato este que levou, em junho seguinte, o Ministro peruano no Rio de Janeiro, Amador del Solar, a reclamar verbalmente, junto ao Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Olinto de Magalhães, contra tal estabelecimento, assegurando que se tratava de território incontestavelmente peruano.

Em 18.07.1902, verificando o Ministro brasileiro, que o Rio Breu fica ao Sul da linha oblíqua Javari-Beni telegrafou ao Governador do Estado do Amazonas, dizendo: "*Coletoria está em território que não é brasileiro. Convém que seja retirada*". Em vista disto, o Ministro Solar telegrafou ao cônsul peruano no

---

[13] "*Manu militari*": pela força.

Pará transmitindo a notícia, que, chegando ao conhecimento do Coronel Pedro Partilha Prefeito do Departamento de Loreto, dirigiu este um ofício ao Comissário Carlos Vasquez Cuadras, nos termos seguintes:

> El reconocimiento tácito de nuestros derechos a esas regiones por parte del Brasil, según se comprueba por el cablegrama transcrito, hace que me dirija a Ud. indicando que proceda a desempeñar estrictamente la comisión que se le ha confiado.

Depois disto, foi que partiu de Iquitos a Expedição que foi ocupar o Alto Juruá e chegou à Boca do Amônea, na noite de 18 de outubro, ensejando um conflito com os brasileiros ali residentes, no dia 21 deste mês. Devido a distância e a falta de comunicações rápidas, a notícia destes fatos somente chegou ao Rio de Janeiro, em dezembro de 1902, dando lugar a uma conferência entre o referido Ministro Solar e o Barão do Rio Branco, então Ministro do Exterior do Brasil, no dia 29 de dezembro aludido, em que aquele salientou o ataque à escolta peruana e a continuação da coletoria no mesmo local.

Rio Branco respondeu que, apesar de não haver sido cumprida a recomendação, a coletoria seria retirada, mas, que isto não importava no reconhecimento de ser o lugar em que ela se achava e o em que se dera o conflito, território peruano, uma vez que a imperfeição dos mapas examinados e as notícias incompletas e contraditórias, não permitiam a solução, de pronto, do assunto; acrescentando ser indispensável que o governo peruano recomendasse telegraficamente ao Prefeito de Iquitos, que se abstivesse de resolver pela força, questões de fronteira e de estabelecer postos aduaneiros e destacamentos em território que não fosse incontestavelmente peruano.

Em Iquitos, havia má vontade por parte dos peruanos e de suas autoridades, contra os brasileiros e os seus navios que ali aportam, não só provocando aqueles, como usurpando por meios fraudulentos o quantitativo de fretes, despachos e multas exorbitantes, aos navios brasileiros.

Quanto à proibição da passagem de armamento peruano por Manaus, o Comandante do Distrito Militar recebeu ordem do Governo Federal para impedir a viagem do vapor inglês Ucayali, que, segundo se dizia tinha a bordo grande quantidade de munição de guerra, pelo que o Capitão do porto, a pedido do referido General, avisou a agência da Booth Line de que tal navio não podia partir até segunda ordem. O vapor inglês Napo, entrado ontem de Liverpool, com destino a Iquitos, trouxe 50 barris de pólvora, vários caixotes de armas e uma lancha a vapor, de 14 milhas de velocidade, para o governo do Peru, pelo que o General Medeiros impediu a saída do Napo e mandou desembarcar a pólvora e armas.

A Red Gross Iquitos Steamship C°. Ltd., de que são agentes em Manaus os Senhores Booth e C., avisou aos carregadores que, devido a ameaça de rompimento de hostilidades entre o Brasil e o Peru, eram obrigados a reter todos os carregamentos do vapor Bolívar, a sair para Iquitos a 4 do corrente, consistentes em armas, cartuchos, pólvora, chumbo de munições e outros materiais que possam ser considerados ou usados como munições de guerra, nem aceitar semelhantes mercadorias até segunda ordem; determinação esta que impeliu o Cônsul peruano Villanueva, arvorar-se em diplomata e ir reclamar do General Medeiros, contra o desembarque do armamento que seguia pelo Napo, dizendo-lhe o General que S.S. não tinha poderes para tanto, pelo que devia dirigir-se ao seu Ministro no Rio de Janeiro.

Enquanto se negociava o acordo de 12 de julho referido, o Comissário peruano da Foz do Amônea, Major Manuel Ramirez Hurtado, por ato de primeiro de julho referido, impedia o trânsito dos moradores do Alto para o Baixo Juruá, e por um outro datado de 19 do mesmo mês, alegou que tal medida foi tomada em consequência da prisão de alguns peruanos, detidos como espiões pelos brasileiros Tertuliano Teles e Francisco das Chagas Rosa; adiantando que estava disposto a atos de hostilidade.

Mais ou menos, por esse tempo, constou que o governo peruano havia ordenado a suspensão da cobrança de direitos de exportação de borracha: chegando depois disso naquele Rio, cinco oficiais peruanos portadores de instruções reservadas, os quais convidaram os seringueiros regionais para ajudá-los a rechaçar os brasileiros; resolvendo, então, espionar as forças brasileiras, do comando do Tenente-Coronel Cipriano Alcides, que, por sua vez mandou um oficial explorar o terreno ocupado pelo inimigo.

Apesar do "*modos vivendi*" ter sido assinado a 12 de julho, como já vimos, a força peruana ali permaneceu até o princípio de novembro seguinte, isto é, mais de três meses e vinte dias, sem ter conhecimento desse ajuste; dizendo o Presidente Rodrigues Alves que a ordem do governo peruano para a retirada desse Posto Militar e Aduaneiro, foi expedida de Lima, pelo telégrafo, no dia primeiro de setembro, ao Prefeito do Departamento de Loreto, mas, como tivesse havido grande demora na sua execução, o Comandante da praça peruana não a recebeu, nem teve outra informação oficial, ocasionando, essa delonga, o conflito.

O governo brasileiro assinara um Tratado com a Bolívia, a 17.11.1903, pelo qual o território em litígio, ficava para o Brasil, pelo que foi criado o

Território do Acre [Lei na 1.181, de 25.02.1901 e Decreto n° 5.188 de 07.04.1901], dividido em três Departamentos: Alto Acre, Alto Purus e Alto Juruá. O primeiro compreendia a zona federal do Rio Acre; o segundo ia ao limite com o Estado do Amazonas até o Lugar Cataí; e o terceiro abarcava as terras que iam das cercanias do Rio Moa à margem direita do Rio Breu, em cujo âmbito se encontrava a zona ocupada pelos peruanos.

Nomeado Prefeito do Departamento do Alto Juruá, o Cel Engenheiro Gregório Taumaturgo de Azevedo saiu de Manaus a 21 de julho e após uma viagem muito morosa, aportou a 11 de setembro, à noite, ao Lugar denominado Invencível, onde estavam acampadas as forças federais, e desembarcou pela manhã de 12, inaugurando neste dia, a sede provisória da Prefeitura e assumiu ao comando das forças em operações, de conformidade com a ordem do Exmo. Sr. General Comandante do 1° Distrito Militar.

E como chegasse ao seu conhecimento que as autoridades peruanas continuavam no Rio Amônea, a despeito do "*modos vivendi*" assinado entre os dois países, ter consignado que a região passara à jurisdição do Brasil, Taumaturgo oficiou a 16 de setembro referido, ao Major Manuel Ramirez Hurtado, Comissário peruano ali, convidando-o a retirar-se para a margem esquerda do Rio Breu; retrucando Ramirez que se manteria no seu posto, enquanto não recebesse ordem do seu governo para evacuar a praça.

Mais tarde, tendo o mesmo Prefeito notícia transmitida por Oséas Cardoso em nome do Senhor Nogueira júnior, chegado a 26 de outubro, em Cruzeiro do Sul, sede do novo Departamento, de que, aquele Comissário persistia na prática de atos hostis aos brasileiros e continuava resolvido a exigir o pagamento de

impostos dos navios que subissem o Rio, o Coronel Prefeito, tendo que estabelecer um Posto Fiscal na Foz do Amônea e instalar no mesmo local a sede de um juizado de paz, resolveu enviar uma força de cinquenta praças, sob o comando do Capitão Francisco de Ávila e Silva, encarregado de instituir o aludido Posto Fiscal, garantindo-lhe o livre exercício, e apoiar o Tenente Fernando Guapindaia de Sousa Bregense, Delegado Auxiliar de Polícia da Prefeitura, que ia incumbido de dar posse aos juízes de paz há pouco nomeados.

Esta força embarcou a bordo do vapor nacional Moa, uma das vítimas dos peruanos, em março deste ano, que saiu de Cruzeiro do Sul, a 27 de outubro, alcançando o Seringal Cachoeira, a 17 milhas abaixo da Boca do Amônea, no dia seguinte.

Três testemunhas de vista depuseram sobre a movimentação da tropa que devia seguir para o Amônea, bem como acerca do combate havido neste lugar: Mário de Oliveira Lobão, Virgílio Lima do Nascimento e Alfredo Teles de Meneses. O primeiro era farmacêutico do vapor "*Contreiras*" e foi quem dirigiu o serviço de saúde da força expedicionária; o segundo servia como escrivão do referido barco, e, representava, simultaneamente, o seu proprietário na viagem de março de 1904; e o terceiro foi um dos dirigentes de seringueiros que tomaram parte na peleja.

De acordo com os informes que nos deu por escrito o Senhor Alfredo Teles de Meneses e algumas notas extraídas do arquivo da Prefeitura do Alto Juruá, fizemos o relato dos fatos que cercaram a ação desenvolvida pelos brasileiros neste episódio ocorrido em a nossa fronteira, como se poderá ver no nosso trabalho intitulado "*O Juruá Federal: [Território do Acre]*".

Agora, com os subsídios fornecidos pelas duas outras testemunhas supracitadas e algumas achegas colhidas ([14]) em jornais da época, tentaremos uma exposição mais pormenorizada.

Comecemos pelo mais minucioso deles, Virgílio Lima Nascimento, aliás primo do Dr. Mário Lobão, como era este conhecido no Juruá, ambos sobrinhos do Cel Hermelindo Contreiras de Oliveira, proprietário do vapor do mesmo nome, no qual, posteriormente, fiz várias viagens no Rio Juruá, todos meus conhecidos, que, ao narrar as ocorrências havidas, em março de 1904, entre peruanos e o vapor aludido, o Cel Thaumaturgo de Azevedo lhe prometera que, na próxima viagem, embarcaria o 15° Batalhão, no dito vapor, o qual saiu de Belém do Pará, no meado de setembro, aportando ao Cruzeiro do Sul, sede da nova Prefeitura, em fins de outubro, lugar em que apareceu a bordo o Tenente Sombra, com uma requisição para o embarque do referido Batalhão. Presente, o proprietário do navio, respondeu que o Prefeito podia dispor do mesmo como lhe aprouvesse.

Como, porém, constasse a Thaumaturgo haver nos seringais, aguardando ordens cerca de 500 voluntários, resolveu S. Exa. reservar o "*Contreiras*" para recebê-los, embarcando nele, somente o Capitão Ávila, chefe da Expedição, Tenente Guapindaia, Alferes Mateus, o secretário da Prefeitura Fran Pacheco e doze praças, enquanto os soldados do 15° de Infantaria, embarcariam no vapor "*Moa*". Juntas saíram de Cruzeiro do Sul as duas embarcações, nas quais reinava a maior alegria, recebendo pelo caminho numerosos voluntários, até as proximidades do Amônea, quando ao passarem na praia chamada Feijão [sete milhas a

[14] Algumas achegas colhidas: alguns complementos colhidos.

jusante do Amônea] o “*Contreiras*”, tomando a frente, transpôs o difícil passo, numa feliz manobra, o que não aconteceu ao Moa, cujo comando adotando outro expediente, trepou sobre o lajeado existente no meio do Rio, virou de proa para baixo, ficando em grave risco de naufragar, durante três dias.

Enquanto isto se passava, o “*Contreiras*” chegava, quase ao meio dia de dois de novembro, em frente ao Posto Militar peruano, atracando 200 m a montante, no porto de Luís de Melo [Minas Gerais], onde o Alferes Ramirez penetrou a bordo, com 12 praças armadas, censurou o Comandante pela sua indelicadeza e o intimou a entregar os papéis do navio, ante o que o Tenente Guapindaia, presente ao ato, disse:

> Eu Fernando Guapindaia, Tenente do Exército Brasileiro, Chefe de Polícia do Acre, lhe prendo, em nome do meu governo, por que exerce dentro do meu país uma profissão ([15]) não reconhecida por nós outros. Esteja preso!

Avançando para ele, o agarra, corre e toma-lhe a espada, sem que de severo outra frase a não ser esta fosse dita: “*otra arma, no la tengo señor*”; foi quando apitos e os 12 soldados peruanos foram envolvidos e revolvidos ao rancho dos marujos, guardados por 10 praças do 15° e uma turma dos voluntários e o Alferes ficou detido no camarote do imediato com duas sentinelas, recusou o almoço, aliás escolhido e a todos dizia: “*que juzgue usted que los nuestros se entregaron cobardemente sino habría balas y muchas!*” Não mentia. Depois deste incidente, o vapor suspendeu âncoras, e ao subir uns mil metros, fez-se ouvir a fuzilaria peruana, passando por sobre o navio “*como se fossem mãos cheias atiradas de milho ou feijão*”.

---

[15] Profissão: um serviço.

Aí, foram detonados pelo "*Contreiras*" dois foguetões, conforme combinação anterior, sinal a que o comando do vapor "*Moa*", ao longe, correspondeu. Como as águas do Rio estivessem diminuindo, o navio teve que prosseguir a sua derrota, deixando os voluntários com o Capitão Ávila, no Seringal Minas Gerais, ficando a bordo o Tenente Guapindaia, sua guarda e os prisioneiros, sem corresponder à fuzilaria dos peruanos.

O "*Moa*" continuava encalhado, pelo que os soldados sabedores do que se passara no "*Contreiras*", impacientes, desembarcaram e atravessando a floresta, vieram em socorro dos seus irmãos, e, como não o encontrassem, reuniram-se ao seu chefe e aos voluntários que aguardavam, nas proximidade do Rio Amônea, os companheiros que subiram no "*Contreiras*", o qual sem água para navegar, permanecia na Boca do Rio Tejo.

Por isto, o Tenente Guapindaia teve que ir ao encontro do Capitão Ávila, numa baleeira do referido vapor, conduzindo os seus prisioneiros, mas, ao chegar em frente a um rancho peruano, à margem direito do Rio, um numeroso piquete de soldados inimigos tenta atacar a baleeira, à vista do que, o oficial brasileiro vira-se para o Alferes Ramirez, coloca-lhe a parabellum ([16]) na testa, e diz-lhe:

> contenha o seu povo, do contrário você é o primeiro que morre.

Fazendo os nossos soldados o mesmo com as doze praças peruanas. Ramirez grita para os seus, voltem e não atirem de forma alguma, sendo atendido. Meia hora depois, chegavam ao acampamento brasileiro, onde, durante o dia três, prepararam-se para o que fosse preciso.

---

[16] Parabellum: como eram conhecidas as famosas pistolas Luger P08, projetadas por George Luger.

No dia 4, o Capitão Ávila já havia terminado o cerco do reduto peruano, cuja disposição era a seguinte: campos de 2 km de extensão por uns 300 m de largo, no ângulo esquerdo formado pela incidência do Rio Amônea com o Juruá, em que numa distância de 50 m do Rio, via-se uma rua composta de 25 casas de madeira, com uma isolada, bem grande, que servia de quartel e duas menores para moradia dos oficiais. Junto à margem do Amônea o terreno era elevado, tendo aí na extremidade uma grande trincheira em forma de quadrilátero, que foi o principal ponto de apoio do inimigo.

À margem do Juruá, 12 pequenas trincheiras completavam a defesa do porto. Atrás disso, a floresta. O cerco fora disposto de modo que a vanguarda ficou na margem direita do Rio Juruá, o flanco esquerdo, comandado pelo Tenente Guapindaia, à margem direita do Amônea e a retaguarda, o grosso da força atacante, metida na mataria. Ávila enviou um ofício, por um Sargento, ao chefe adverso, dizendo que de ordem do seu governo vinha garantir os interesses e a liberdade dos brasileiros: tendo como resposta, segundo a versão de Virgílio Lima, o seguinte:

> Sr. Capitão Ávila e Silva, sendo o senhor Comandante de um Batalhão brasileiro, eu também sou de um outro peruano, por isso tenho muito prazer de trocar algumas balas consigo, pois que, tenho muitas. Espero de que cumpra o seu dever, garanto-lhe cumprir o meu.

Ao terminar a leitura o Capitão Ávila ordenou aos corneteiros que tocassem alerta e fogo, iniciando-se o combate, que durou todo o dia quatro e findou às 05h30 do dia seguinte, sem interrupção, diminuindo, apenas durante a noite, a fuzilaria: tendo concorrido muito para enfraquecer o inimigo a sede, pois, quando tentavam sair das trincheiras eram atingidos pelas balas dos brasileiros, morrendo diversos.

No dia cinco, bem cedo, os peruanos pediram paz e logo depois das 06h00, davam entrada no Seringal de Luís de Melo [lado direito do Rio Amônea] os feridos brasileiros, sendo que os da retaguarda só puderam ser recolhidos depois de 22 horas. O quadro era um misto de tristeza e alegria no arraial brasileiro, pois, ao lado do sofrimento dos feridos, notava-se o contentamento reinante pela vitória, que ia se confirmando pela chegada dos prisioneiros inimigos conduzidos pela tropa e voluntários nacionais, em marcha festiva.

Acrescenta Virgílio: O primeiro peruano a entrar na casa de Luís de Melo, foi o Comandante Hurtado que, "*amuado, silencioso, exausto e transpirando a gotas*", senta-se em uma cadeira à sala, seguido por seus soldados, calados e desarmados, ficando a nossa tropa do lado de fora, descansando e palestrando, devidamente armada. Do outro lado do Rio, no acampamento inimigo, as casas fechadas, escondiam alguns soldados feridos e mulheres enfermeiras. Mário Lobão, ouvido pelo doutor Manuel Onofre de Andrade, não foi tão minucioso quanto o seu primo Virgílio, mas, de um modo geral confirma a narrativa deste, com pequenas discrepâncias, que não alteram os fatos principais do acontecido.

Entre os brasileiros, morreu no dia 4 o soldado do 15° de Infantaria, Domingos Viana da Silva, tendo sido feridos durante a ação as praças do mesmo Batalhão, furriel [hoje 3° Sargento] José Rodrigues da Fonseca, Soldados José Baltazar da Silva e João Caraúba da Silva, além de alguns civis. Sendo de cinco o número de feridos, segundo Alfredo Teles de Meneses, o "*Jornal do Comércio*" do Rio de Janeiro e "*O Paiz*" também do Rio de Janeiro, e, achando-se neste número o Sargento e as duas praças referidas, apenas, dois civis foram atingidos: o comerciante Julião Sampaio e Pedro Augusto da Silva.

Às 09h00 do dia cinco de novembro, já o pavilhão brasileiro tremulava no lugar que fora ocupado pelos peruanos, lavrando-se de tudo uma ata.

No dia seis seguinte, o Major Ramirez Hurtado entregava ao Capitão Francisco Ávila e Silva, 30 carabinas mannlicher, 19 rifles e 3.000 balas: sendo concedido ao Major Hurtado e seus subordinados regressarem ao Peru, via Ucayali, seguindo, porém, o armamento o caminho de Manaus, onde seria entregue ao Comandante do Distrito Militar.

No dia sete do mesmo mês, às 08h00, os peruanos deixaram o posto valentemente disputado pelas forças do Capitão Ávila, que lhes proporcionou seis embarcações para isso, prestando-se, na ocasião, continências militares: declarando, oficialmente, o Major Ramirez que não tinha desgraças a lamentar, mas, depois de sua saída, foram encontrados nove soldados sepultados, ignorando-se o número de feridos. Tudo terminado, o Comandante brasileiro recebeu do chefe peruano uma longa e amistosa carta ([17]), em que este lhe agradecia a distinção e apreço tidos para com ele e seus camaradas, fazendo "*votos para que houvesse a mais duradoura paz entre o Peru e o Brasil*".

---

[17] Suplico a Usted tenga la bondad de manifestar a sus conciudadanos que antes de partir les agradezco particularmente la distinción de aprecio que conservaran para el que tuvo el honor de ser un año Comisario de este Río, que el de su parte va con la conciencia tranquila porque jamás engañó en sus deliberaciones y actos de justicia. El día 4 de noviembre quedará como testimonio de que los hombres íntegros no saben temer el peligro y que por consiguiente sus distinguidas atenciones serán para mí un grande recuerdo que llevare al seno de mi familia. A Usted mi querido amigo, le ofrezco, como siempre, mi más sincera amistad para que pueda ocuparse con la confianza del verdadero amigo en el Callao Perú. Lleve a sus compañeros en el Moa, mi saludo y manifiésteles que hago por la más estrecha paz en Brasil y Peru. [Major Ramirez Hurtado – Carta ao Capitão d'Ávila – Arquivo Histórico do Itamarati]

Os peruanos, todavia, na sua retirada pelo Amônea – Ucayali, arrasaram a propriedade do brasileiro Francisco Pereira da Silva, demorando sua permanência no varadouro que liga as duas Bacias.

Por causa dessas notícias, abundância de criminosos e de índios, avultado contrabando e continuas invasões peruanas, e proteção aos Postos Fiscais Federais, foi lembrado o estabelecimento de um Batalhão do Exército nesta zona, com destacamentos em vários pontos da fronteira, além de um outro na sede do Departamento; providências, porém, que não foram tomadas, em vista do "*Modus Vivendi*" a que já nos referimos e que começou a ser executado com a nomeação de uma Comissão Mista de administração do território neutralizado, a montante do Rio Breu e de uma outra, também mista, para reconhecer o Rio Juruá até as suas nascentes. O chefe brasileiro da primeira dessas Comissões era o Capitão Tenente J. N. Belford Guimarães, o qual partiu de Manaus a 05.04.1905, e como falecesse no Alto Juruá, foi nomeado para substituí-lo o Capitão de Corveta Colatino Ferreira Vale, por ato de 27.09.1906, que assumiu o cargo de Comissário Administrativo do Brasil no "*Território Neutralizado do Alto Juruá*", a 12.01.1907, sediado na Foz do Rio Breu; aí permanecendo até 1910, quando foi assinado o Decreto n° 7.975 de 2 de maio, extinguindo esta Comissão. Havia ali também um Posto Fiscal Aduaneiro e um Destacamento do Exército comandado por um oficial brasileiro: tendo o Peru uma "*Comisaría*" dirigida por D. Rubem Barrios, dotada também de um contingente militar e um "*Resguardo Fiscal*", movimentando o local e lhe dando um aspecto desusado. O embarcadouro brasileiro chamava-se "*Porto Branco*" e o dos peruanos "*Puerto Pardo*". O agrupamento brasileiro ficava a margem direita e o peruano a banda esquerda do Rio Breu, vizinhos, mas, independentes. (SOBRINHO, 1959)

Bellarmino A. de Mendonça Lobo

Os conflitos entre brasileiros e peruanos, no Alto Juruá e Alto Purus, agravavam-se. O Brasil precisava assumir, no continente, uma posição mais firme nas relações internacionais.

Em 1904, o Barão de Rio Branco nomeou chefe da "*Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Juruá*" o Coronel Bellarmino Mendonça e, da "*Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus*", Euclides da Cunha, cuja missão era mapear os Rios Juruá e Purus desde a Foz no Solimões até suas cabeceiras no atual Estado do Acre, definindo as fronteiras do país com a Bolívia e o Peru. A viagem foi patrocinada pelo Ministério das Relações Exteriores e realizada conjuntamente com uma Comissão do Governo peruano. A Comissão peruana do Purus foi chefiada por Pedro Buenaño, e no Juruá pelo Capitão de Mar e Guerra Felipe Espinar.

O trabalho de campo das duas Comissões demonstrou a tenacidade invulgar dos dois Chefes brasileiros vencendo obstáculos de toda ordem e, inclusive, a desconfiança dos peruanos, que identificavam, nas atitudes dos brasileiros, manifestações que poderiam colocar em risco a sua soberania.

Desde o repto lançado pelo grande amigo Tenente-Coronel de Engenharia Lauro Augusto Andrade Pastor Almeida, que tenho pesquisado, planejado e sonhado com este que será, até então, o maior de todos os meus desafios. O primeiro passo foi conhecer o trabalho das Comissões de Limites, a biografia do Marechal Bellarmino Mendonça e analisar, estudar o seu relatório sobre o Juruá.

De Olhos no Futuro, sem Olvidar o Passado

Os Lusíadas
(Luís Vaz de Camões)

ℰ *Canto I* ℛ

V

Dai-me uma fúria grande e sonorosa,
E não de agreste avena ([18]) ou frauta ruda,
Mas de tuba canora e belicosa,
Que o peito acende e a cor ao gesto muda;
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, que a Marte tanto ajuda;
Que se espalhe e se cante no Universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.

X

Vereis amor da Pátria, não movido
De prêmio vil, mas alto e quase eterno:
Que não é prêmio vil ser conhecido
Por um pregão do ninho meu paterno.
Ouvi: vereis o nome engrandecido
Daqueles de quem sois senhor superno ([19]),
E julgareis qual é mais excelente,
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

O relatório do Coronel Bellarmino Mendonça permaneceu guardado durante oito décadas, no acervo histórico-cultural do Itamarati. O trabalho, apresentado ao Barão do Rio Branco, em 1906, foi publicado apenas pela Imprensa Nacional, ano de 1907, no Rio de Janeiro, sob o título: "*Memória da Comissão Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Rio Juruá e Relatório ao Governo Brasileiro (1904/1906)*". O escritor Leandro Tocantins conseguiu mobilizar o Governo do Estado do Acre para trazer a público, na década de oitenta, a

[18] Avena: flauta pastoril.
[19] Superno: supremo.

História do Rio Juruá através da notável obra do Cel Bellarmino Mendonça, para a qual sugeriu o título de "*Reconhecimento do Rio Juruá*", onde encontramos a memória da Comissão Mista, redigida por Bellarmino Mendonça, acompanhada pela versão em espanhol do Comissário peruano D. Nuno Pompilio León.

Relatório Sobre o Rio Juruá

A Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos, da Cultura e do Desporto do Governo do Estado do Acre havia coeditado com a Editora José Olympio, na *Coleção Documentos Brasileiros*, "*Um Paraíso Perdido*", de Euclides da Cunha, livro projetado por ele, depois de regressar da Amazônia, e interrompido pela sua morte brutal. Em "*Um Paraíso Perdido*", com toda a matéria sobre a Amazônia escrito pelo autor de "*Os Sertões*", reunida por mim, encontra-se o "*Relatório da Comissão Mista Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Alto Purus*", uma obra-prima de informe administrativo, técnico e histórico, página incorporada à Literatura Brasileira, em que estão, vivíssimas, as impressões fortes e artísticas sobre o complexo geográfico e humano do Rio Purus.

Foi assim que propus a complementação do seu meritório trabalho sob o ângulo das primeiras e seguras revelações sobre a Geografia Física, a Geografia Humana e a História da colonização do hoje Estado do Acre. Era preciso divulgar o relatório do General Bellarmino Mendonça, peça desconhecida, que se guarda, há oitenta anos, no acervo histórico-cultural do Itamarati. O trabalho, apresentado ao Barão do Rio Branco, em 1906, após o regresso do General Bellarmino Mendonça do Alto Juruá, foi publicado pela Imprensa Nacional, ano de 1907, no Rio de Janeiro, sob o título: "*Memória da Comissão Brasileiro-Peruana de Reconhecimento do Rio Juruá e Relatório ao Governo Brasileiro [1904/1906]*".

> Obra rara, em dois volumes [o segundo com os mapas], o texto é aqui fac-similado do original que pertence ao acervo da Biblioteca Nacional, justamente com o autógrafo do autor, dirigido a Euclides da Cunha, portanto volume duplamente histórico. Esta republicação vai contribuir para o conhecimento de paisagens e de fatos essenciais à formação territorial e política do Brasil, em especial os do Acre, como já o fez o "*Relatório*" de Euclides da Cunha [publicado pela Fundação Cultural do Acre no livro "*Um Paraíso Perdido*"], completando, ainda, a verificação segura desse vasto painel geográfico reunido nos dois grandes vales: Purus e Juruá. Abre-se, agora, a História do Juruá através da notável obra do Gen Bellarmino Mendonça, para a qual sugeri o título simplificado de Reconhecimento do Rio Juruá, englobando a memória da Comissão Mista, redigida por Bellarmino Mendonça, com versão espanhola do Comissário peruano D. Nuno Pompilio León, e o relatório do Comissário Brasileiro. (TOCANTINS, 1989)

A primeira vez em que ouvi falar em Bellarmino Mendonça foi quando pesquisava sobre a vida de um ícone nacional a quem homenageei no meu livro "*Descendo o Rio Negro*" e que considero como a figura mais emblemática que a historiografia brasileira já produziu – Rondon, o Marechal da Paz.

A pesquisa me contagiou, li "*Roquette-Pinto: O Homem Multidão*" de Ruy Castro em que Roquette-Pinto acompanha Rondon em uma de suas Expedições à Serra do Norte, pioneiramente filmando uma civilização que ainda vivia na pré-história em plena alvorada do século XX, encantei-me com a descrição de Castro em que ele mostra como o carisma contagiante de Rondon impressionou e cativou Roquete Pinto.

No trabalho jornalístico de maior repercussão de Edilberto Coutinho, fui obrigado a concordar com o escritor quando ele afirmou que o Marechal da Paz era "*O Civilizador da Última Fronteira*".

Impressionei-me com a fidelidade das "*Impressões da Comissão Rondon*" colhidas "*in loco*" por um membro de sua equipe, o Major Amílcar Botelho de Magalhães.

Percorri "*O Rio da Dúvida*" no qual Candice Millard conta a saga do Marechal da Paz; "*Nas Selvas do Brasil*", acompanhado por Theodore Roosevelt no desbravamento do Rio que foi, mais tarde, batizado com o nome do ex-Presidente americano.

Finalmente, depois de outros tantos relatos de autores nacionais e documentos oficiais fui totalmente envolvido pela melhor biografia já produzida sobre o "*caboclo mimoseano*" no "*Rondon Conta Sua vida*", em que Esther de Viveiros transcreve as memórias do "*bicho peludo*" contadas pessoalmente por Rondon no seu apartamento em Copacabana.

Esther de Viveiros e o Major Amílcar Botelho de Magalhães mencionam, sem entrar em maiores detalhes, um acontecimento trágico que só não interrompeu a carreira deste paradigma da nacionalidade, que é Rondon, porque o encarregado de analisar o seu processo era um militar de escol chamado Bellarmino Augusto de Mendonça Lobo, então Tenente-Coronel, que fora forjado com muito suor e sangue na tropa e na guerra, enfrentando toda a sorte de adversidades e não um mero e emproado oficial de gabinete.

Vejamos o relato de Rondon, segundo Viveiros:

Rondon – "O Disciplinador"

Em junho de 1894, isto é, dois meses depois do nascimento de Benjamim, vim ao Rio trazer a família. Passei, por isso, a chefia da Comissão ao Comandante do contingente, a quem deixei Instruções minuciosas, de modo que, em minha ausência, prosseguisse a construção regularmente.

No dia da partida, já a bordo as bagagens, recebi um telefonema: os soldados da Comissão haviam-se revoltado e, depois de expulsar os oficiais, entregavam-se no acampamento, em Quebra-Pote, à mais desenfreada orgia, quase todos em estado de embriaguez.

O tempo era limitadíssimo para agir. Por outro lado, como partir deixando a Comissão entregue à indisciplina? Não hesitei.

– Ordenança, o meu cavalo!

Embora temendo que me não fosse possível regressar a tempo, acatou minha esposa essa decisão, habituada já a me ver sair vitorioso nos lances difíceis. Parti em desabalado galope. Montava um vigoroso cavalo preto que, ao chegar ao acampamento, estava branco de espuma. Refreado de súbito, o animal sentou-se. Com um salto, desmontei.

– Corneteiro, tocar a reunir soldados, acelerado. Repita! Repita!

Os soldados obedeceram ao toque, os embriagados instintivamente acompanhando os que ainda conservavam o raciocínio.

– Corneteiro, gritei novamente, tocar a reunir oficiais, acelerado. Repita! Repita!

Vieram estes se aproximando, deixando a mata onde se haviam refugiado. Formados todos, fiz sentir aos soldados a gravidade do ato praticado. Tinham-se tornado indignos da farda que traziam. Os oficiais foram também severamente admoestados:

– Um oficial não pode abandonar o seu posto – nele morre, se necessário for.

Destaquei depois um pelotão para ir à mata buscar varas. E durante uma hora, foram os soldados, em forma, vergastados. Depois de deixar cada um no seu posto, regressei amargurado. Doía-me profundamente ter sido forçado a recorrer ao processo do Conde de Lippe. Entreguei-me a amargas reflexões sobre o fato de serem sempre enviados, para trabalhar na Comissão, homens indisciplinados, na fase ainda da "*obediência forçada*". E sob a impressão desse melancólico incidente, partimos. [...]

A viagem realizou-se como planejara. Passei três dias em Uberaba, reorganizando a volta pela picada da linha telegráfica de Uberaba a Goiás, passando por Monte Alegre, fronteira de Minas e Goiás – Morrinhos, Atolador e, finalmente, Goiás. Aí permaneci uns dias a fim de combinar com meu colega o melhor meio de executar as ordens recebidas.

Era esse o Capitão Eduardo Sócrates, chefe do 15° Distrito Telegráfico, a quem cabia o trecho de Goiás ao Araguaia. O 16° Distrito, a meu cargo, de Cuiabá ao Araguaia, prolongava-se agora até a estação Marechal Floriano, instalada em Goiás, à margem do Rio Claro.

Prossegui, então, viagem para Cuiabá, passando pela Cidade de Rio Claro, ainda em Goiás, e Registro do Araguaia.

Cheguei, finalmente, ao acampamento da reconstrução da linha, onde, pelos oficiais, tive notícia de graves acontecimentos passados em minha ausência. Fora necessário que o Comandante do Distrito Militar enviasse um reforço com oficiais da guarnição, para tomar conta do acampamento e restabelecer a ordem. Tudo estava sanado quando cheguei, mas a atitude dos soldados era de franca indisciplina – nessa situação é que retomei minhas difíceis tarefas. A construção da linha telegráfica exigia trabalhos penosos a que se não queriam submeter os soldados – eram por isso contínuas as deserções no contingente, a ponto de ser necessário mandar prender os desertores, para manter o princípio de autoridade. É que os soldados enviados ao contingente da Comissão eram os maus elementos indisciplinados, entre eles os cem revoltosos da Fortaleza de Santa Cruz.

Resolveram eliminar-me: na hora do pagamento, matariam os oficiais e tomariam conta do cofre do contingente. Mas 20 praças que estavam envolvidos na conjura se acovardaram e fugiram à noite, sendo descoberta a fuga na chamada do dia seguinte. Foi quando um Sargento revelou o plano que uma das praças levara ao seu conhecimento, antes de fugir. Mandei organizar dois contingentes, fortemente armados, com ordem de prender os fugitivos ou atirar, caso não obedecessem. Seguiram os dois pelotões pelas duas estradas que conduziam à Bolívia, e um deles conseguiu reconduzir os trânsfugas ([20]) presos ao acampamento.

Expliquei-lhes a gravidade do que haviam praticado e, mais ainda, do que haviam planejado. Expliquei-lhes, por outro lado, que a disciplina do sertão tinha de ser a disciplina de um lugar onde não havia cadeia.

---

[20] Trânsfugas: desertores.

Resolvi desligar os menos culpados e fazê-los recolher ao Batalhão. Mandei, porém, que o cabeça ficasse em frente à minha barraca, as mãos amarradas ao pau da bandeira, a olhar para o seu Comandante, a meditar sobre a sinistra ideia de querer assassiná-lo. O soldado começou a chorar.

– Você se emociona agora, mas não deu provas de sensibilidade quando planejou matar seu Comandante e o do contingente.

Assim ficou ele durante uma semana, levando as noites a chorar em altos brados. Não convinha torná-lo objeto de pena, por parte dos companheiros. Chamei, pois, o Comandante do contingente:

– Vamos soltar o soldado. Que ele venha à minha presença, em frente ao contingente formado.

Disse-lhe, então, depois de rememorar a culpa:

– Você vai ser perdoado, primeiro porque foi antes levado pela energia de seus sentimentos egoístas sem ser propriamente cruel; segundo porque é um covarde, incapaz de arrostar com as consequências de seus atos. Quero, porém, declarar que é indigno de ser soldado. Vou mandar que se recolha ao Batalhão uma vez que na Comissão não poderá continuar. Procure lá dar provas de que se regenerou.

A efervescência continuava, porém, bem como os planos de assassinar o chefe, os oficiais e tomar conta do contingente. Assim é que fui forçado a ir de encontro a meus princípios religiosos e lançar novamente mão do processo do Conde de Lippe. (VIVEIROS)

Esther de Viveiros não menciona mas, nessa oportunidade, uma das varas de bambu, usada como açoite, sob a força de um golpe, rachou e perfurou o pulmão de um dos soldados.

Rondon ficou profundamente consternado com o incidente e mandou suspender imediatamente o açoitamento, mas nada mais se podia fazer pelo soldado ferido que veio a sucumbir vitimado pela peritonite.

> VIVEIROS: Foi quando o Capitão Távora, Cmt do 8° Batalhão de Infantaria, em ofício que me dirigiu, reclamou contra medidas disciplinares e métodos de trabalho que considerava prejudiciais aos soldados, entre os quais figuravam praças do Batalhão por ele comandado, em serviço na construção de linhas. Tratava-se de um ofício de um Capitão para outro, de um Comandante de um Batalhão de Infantaria para um Chefe de importante Comissão Técnica. Aliás, em boa ética, deveria o Capitão Távora ter-se dirigido ao Capitão Chefe da Comissão Telegráfica, por intermédio do Comandante do Distrito Militar e da Diretoria de Engenharia. Minha resposta foi altiva, reação de intensidade igual à da agressão. Lançara eu mão do único meio de manter disciplina no sertão, entre homens que eram afastados de suas funções, no Rio, justamente por serem insubordinados. Sempre me repugnara o processo do Conde de Lippe, porque, como meu grande chefe prático, punha o bem-estar do soldado acima do meu próprio: "*primeiro o soldado, o oficial fica com as sobras*". Aquele processo ia, além disso, de encontro a meus princípios religiosos. Fora em desespero de causa que me vira forçado a dele lançar mão. Não se conformou o Cap Távora com a minha resposta. Pondo a questão no pé de ser ele meu superior hierárquico, pelo fato de ser Capitão mais antigo do que eu, deu imediatamente parte ao Comandante do Distrito Militar, a quem enviou cópia da minha resposta e exigiu Inquérito Militar. Atendendo à requisição do Capitão Távora, foi nomeada uma Comissão para instaurar o Inquérito Militar, sendo eu arguido, e diversos soldados.

Sustentei que fora levado a tomar tal atitude pela necessidade iniludível de manter a disciplina e a ordem militar. Resultou desse inquérito a nomeação, pelo Comandante do Distrito Militar, de um Conselho de Guerra a que respondi em Cuiabá, sendo o processo enviado para o Rio, ao Ministro da Guerra.

Tão penosas ocorrências não me desviavam uma linha das minhas tarefas: a reconstrução da linha telegráfica e a construção da estrada estratégica. A situação prolongou-se e, só depois de alguns meses, em janeiro de 1895, fui chamado ao Rio, para responder ao mesmo Conselho de Guerra a que respondera em Cuiabá. Normalizadas, felizmente, as relações com a República Argentina, abandonou o Governo o plano de construir a estrada estratégica, destinada à passagem de tropas, e suspendeu os trabalhos. Pude, pois, ficar no Rio, à espera da solução do triste incidente. Foi o caso confiado ao General Bellarmino Mendonça, Ajudante General ([21]).

Depois de minucioso estudo do processo, enviou-o ao Ministro da Guerra, com as informações necessárias, de acordo com as provas dele constantes e o Ministro determinou que fosse "*arquivado por improcedente*". Mais tarde, mandou o Comandante do Distrito que fosse eu em ordem do dia louvado e agradecido por serviços prestados. (VIVEIROS)

Na verdade, em 1895, Bellarmino Mendonça era Tenente-Coronel e não General, como menciona Viveiros, posto a que só atingiria onze anos mais tarde, em 1906, depois de concluir com sucesso a Missão de Reconhecimento do Juruá.

---

[21] Ajudante General: a autora confunde o posto de Bellarmino com sua função de membro da Repartição do Ajudante General, criada em 1856 e mais tarde, em 1896, transformada em Estado Maior do Exército.

Voltemos, pois, à biografia e à odisseia de Bellarmino Augusto de Mendonça Lobo reportada por Leandro Tocantins.

> A partir do ano de 1877, migrantes argentinos começam a se instalar na confluência dos Rios Iguaçu e Paraná. Com o passar do tempo, a presença argentina foi se tornando cada vez mais marcante e preocupante, forçando o Governo brasileiro a tomar medidas acauteladoras como a construção estratégica de Colônias Militares.
>
> Em 1888, para consolidar a presença de colonos brasileiros na região, o Ministério da Guerra criou uma Comissão Estratégica, sediada na Cidade de Guarapuava, PR, chefiada pelo Capitão Bellarmino Mendonça com a missão de fundar a Colônia Militar de Foz do Iguaçu. Suas Instruções, anexas ao Relatório do Ministro da Guerra, definem que, além da fundação da Colônia Militar na Foz do Rio Iguaçu, o Comandante contaria com um Destacamento de 80 praças do Batalhão de Engenheiros, acrescidos dos soldados que já trabalhavam na regularização da estrada União-Palmas, mais 40 praças de cada um dos corpos da Guarnição do Paraná, incluindo ainda "*os praças do contingente atualmente às ordens da Comissão de Reconhecimento e Exploração do Território Litigioso*" para a construção de uma estrada ligando o Paraná e a Província do Mato Grosso.
>
> Em 1890, fez parte da Assembleia Nacional Constituinte. Em 1902, foi nomeado para chefiar a Comissão Construtora da Ferrovia Lorena-Benfica, em São Paulo. [...] O Coronel de Engenheiros Bellarmino Mendonça, Chefe da construção do ramal ferroviário militar de Lorena, viera ao Rio de Janeiro

a serviço, quando, a 06.10.1904, foi convidado pelo Barão do Rio Branco para chefiar a Comissão Brasileira que, junto à peruana, faria a exploração geográfica do Rio Juruá. Bellarmino Mendonça aceitou o posto como imperativo de Missão, apesar do parecer negativo de seu Médico assistente, Dr. Licínio Cardoso que, há 3 anos, o tratava dos efeitos de uma tuberculose, agravada pela malária contraída na demarcação dos limites Brasil-Argentina.

O Médico não quis responsabilizar-se pela viagem do Coronel Bellarmino Mendonça ao Juruá, considerando-a um suicídio. Disposto a cumprir a tarefa, o militar incluiu na Comissão, no posto de almoxarife, um filho seu para dar-lhe assistência, apaziguando os ânimos da família que temia pelos riscos à saúde de seu chefe em tão longa e arriscada viagem. No entanto, o filho contrairia um grave ataque de beribéri e foi obrigado a retornar ao Rio de Janeiro, antes do término da Missão.

O 1° Tenente da Marinha, Henrique Aristides Guilhen, que seria, como Almirante, Ministro da Marinha do Presidente Getúlio Vargas, foi designado ajudante substituto da Comissão.

A 13.12.1904, o Coronel Bellarmino Mendonça e seus auxiliares embarcam no vapor Alagoas, do Loyde Brasileiro, com destino a Manaus. Na mesma viagem, seguiu Euclides da Cunha, Chefe da Comissão Brasileira que ia reconhecer o Alto Purus. Chegaram a Manaus no dia 30 de dezembro de 1904.

Na capital amazonense, os dois grupos agiram separadamente. Euclides da Cunha hospedou-se na Vila Glicínia, Vila Municipal, residência de seu amigo Alberto Rangel, o futuro autor de "*Inferno Verde*", enquanto o Coronel Bellarmino e seus auxiliares alojaram-se no Quartel do Largo de Polícia, por cortesia do Governador Constantino Nery.

Antes, o Governo Estadual havia-lhe oferecido o edifício da Imigração, em Paricatuba, a Casa dos Educandos e a chácara do Coronel Afonso de Carvalho, nos arrabaldes da Cidade. As informações duvidosas sobre os ares insalubres nesses locais e o afastamento do Centro de Manaus fizeram o Coronel Bellarmino Mendonça declinar da oferta.

Os preparativos para a marcha fluvial no Juruá foram lentos e demorados, fato, aliás, que também se deu com a Expedição de Euclides da Cunha. Ambos os Comissários queixavam-se, em ofício ao Barão do Rio Branco, do atraso da viagem, em circunstâncias dramáticas, eis que se aproximava a vazante dos Rios no Alto-Amazonas, dificultando a navegação.

"*Não contava eu com tamanha demora em Manaus*", queixa-se Bellarmino Mendonça em seu Relatório e, em carta de 14.01.1905, ao Barão do Rio Branco, ele fez comentário pitoresco:

> apesar de alguns sábios teimarem em demonstrar que a Lua nenhuma influência exerce sobre a produção de chuvas, ainda agora aqui se confirma o refrão popular: lua nova trovejada, trinta dias molhada. As chuvas são diárias...

É o típico inverno amazônico, e janeiro o mês de aguaceiros torrenciais. Ao passo dessas ocorrências e dos atropelos administrativos, os dois chefes da Comissão Brasileira e os dois da Comissão peruana reuniram-se, a 22.03.1905, e lavraram "*ata da conferência preliminar das duas Comissões Mistas Brasileiro-Peruanas de Reconhecimento dos Rios Purus e Juruá, nos territórios neutralizados*".

O documento prevê uma série de providências de rotina, de acordo com o espírito e a letra do "*Modus Vivendi*" de 12.07.1904. Traz a assinatura de

Bellarmino Mendonça, Euclides da Cunha, Felipe Enrique Espinar e Pedro A. Bueñano.

Antes, porém, ocorreu pequeno incidente, um tanto exagerado pelo Comissário peruano, o Capitão de navios D. Felipe Enrique Espinar. O Barão do Rio Branco apressou-se a pedir esclarecimento ao Coronel Bellarmino, que vinha procurando pacificar o espírito de seu colega de Expedição, que se declarava de brios ofendidos.

Rio Branco teve informações da legação do Peru no Rio de Janeiro sobre o fato, despachando, a 22.01.1905, um telegrama ao chefe brasileiro, em Manaus:

> Espinar pediu demissão alegando moléstia rogo dizer-me confidencialmente a moléstia real. Sei ficou sentido não ter sido visitado autoridades, mas expliquei Ministro compreendeu que Cônsul devia tê-lo apresentado ao Governador e General. Mas entendo pode-se ainda remediar isso apresentando o senhor. Mas entendo visita não deve ser retribuída em pessoa mas sim mandando o Governador e o General Ajudante-de-ordem.

O próprio Coronel Bellarmino Mendonça relata ao Barão do Rio Branco, em ofício datado de 30.01.1905:

> Em meu telegrama de 23 declarei que o Sr. Mar e Guerra Espinar não havia mostrado ressentimento com o Sr. Governador do Estado e General Comandante do Distrito ao aceitar meu convite para apresentá-lo com seus companheiros a essas autoridades. No dia seguinte, porém, pede-me aquele Chefe, em carta, que desista da apresentação porque seus subordinados a acham extemporânea, e ainda por ter ocorrido falta de etiqueta da parte das autoridades locais em sua chegada [...]

> Vindo o Sr. Espinar a minha residência, convenci-o de que a primeira falta partira das Comissões peruanas, pois lhes cabe o dever de saudar a primeira autoridade local e o representante do Governo Federal no território em que se apresentaram em caráter oficial, devendo a apresentação ter sido imediata e sob os auspícios do Sr. Cônsul em sua nação.
>
> Confessou-se, então, não só que a caça-torpedeira Tymbira dera a salva de estilo por ocasião da chegada da lancha de Guerra que trouxe as duas Comissões, o que importava em demonstração de apreço superior a qualquer outra e que seus subordinados não possuíam aqui os preciosos uniformes por terem sido colhidos de surpresa em pontos muito afastados onde tinham formaturas, nem cumprimentos que exigissem essa formalidade [...]
>
> Em suma, teve lugar a apresentação do Sr. Espinar ao Governador e ao Comandante do Distrito no dia 27 às 2 horas da tarde, em carro do Palácio escoltado por duas ordenanças. O Sr. Espinar e seus compatriotas estão satisfeitíssimos.
>
> Além disso, desde que chegaram aqui, o Médico de minha Comissão trata de seus doentes cujo número já se eleva a mais de dez, alguns dos quais graves. (Coronel Bellarmino Mendonça)

No Arquivo Histórico do Itamarati, estão guardadas inúmeras faturas de compras feitas pela Comissão Brasileira do Juruá.

No dia 24.03.1905, por exemplo, o Coronel Bellarmino assinou escritura de compra e venda com Joaquim Pereira Barroso, adquirindo, para o Governo da República, a lancha "*Faceira*", construída em Santarém, Estado do Pará, com máquina americana, de força normal de 12 Hp, pela importância de cinquenta contos de réis. O batelão Egas, de 25 toneladas, foi comprado por 9 contos e 200 mil réis.

Há um sem-número de notas fiscais de toda a sorte de objetos e de mercadorias, que chamam a atenção pelos seus aspectos sociológicos: bonitas gravuras em estilo "*art nouveau*", e os nomes dos estabelecimentos em francês, demonstração de influência cultural da França, como também foi em Belém do Pará, durante a fase áurea da borracha. "*Palais Royal*", que abasteceu a Expedição de papéis de expediente com o timbre da República, livros para contabilidade, carimbos. Casa situada na Rua Municipal, 43. "*À 1ª Ville de Paris*", na Rua Municipal, canto com a Rua da Matriz, onde a Comissão comprou objetos de ótica. Para melhor acomodação do pessoal e dos aparelhos, a Comissão passou a ocupar, mediante aluguel de 400 mil réis mensais, casa da Rua Dr. Moreira n° 20, onde o Coronel Bellarmino passou a centralizar as atividades administrativas e técnicas, servindo-lhe, também, de residência.

Como acontecia na Comissão do Purus, a rotina, a burocracia, a lentidão, tantas vezes reclamadas por Euclides da Cunha em correspondência a Rio Branco, preocupava o Coronel Bellarmino Mendonça, que também tinha pressa de seguir viagem. De outra parte, Manaus fervilhava de boatos contraditórios sobre a posição do Peru nas regiões do Alto Purus e do Alto Juruá, muito embora o acordo do "*Modus Vivendi*", assinado a 12 de julho.

De Iquitos, capital do Departamento de Loreto, Cidade peruana mais próxima de Manaus, através do Rio Solimões, partia uma ativa propaganda a favor dos interesses do Peru, que o intercâmbio comercial e de pessoas muito estimulava. Persistia, em Manaus, a versão, já antiga, que o Governo de Lima resolvera empregar a força para manter ou ampliar suas posições no Alto Purus e no Alto Juruá. Murmurava-se que o Peru tinha planos para invadir o Baixo Juruá e ocupar a capital do Amazonas.

Compreensível assim que, oficial de Estado-Maior, o Coronel Bellarmino de Mendonça se preocupasse com esses aspectos, pedindo a Rio Branco lanchas da Marinha para subir o Rio Juruá, ao que o Chanceler respondeu que "*Ministério da Marinha não dispõe de nenhuma. Elas não se prestariam ao serviço, por serem lanchas blindadas, próprias para combate*". O material adquirido no Rio de Janeiro demorou a chegar. Afinal, com bastante atraso, trouxe-o o vapor Alagoas. Mas as operações, no Porto, foram tão vagarosas que inquietou o Coronel Bellarmino:

> A descarga do material foi demasiadamente morosa. Os volumes passaram do Alagoas para uma alvarenga ([22]), onde eram apanhados por guindastes e fios aéreos formando lingadas ([23]) e transportados do cais flutuante para o fixo. Nesse complicado serviço foram consumidos 5 dias e mais alguns para separação e arrumação em trapiche da Companhia Manaus Harbour, concessionária do Porto.

No dia 05 de abril de 1905, o Cel Bellarmino dirige sua lancha Faceira à enseada de Marapatá, na Foz do Rio Negro, onde as embarcações das Comissões Mistas do Brasil e do Peru fundearam para, de madrugada, iniciarem a viagem ao Purus. Bellarmino Mendonça chega às 21h30 à lancha de Euclides da Cunha, com quem conferenciou até alta madrugada. E no dia 11.04.1905, às 16h55, chegou a sua vez de partir em direção ao Juruá.

A lancha "*Faceira*" leva a reboque o Batelão Egas. O grupo do Peru viaja na mesma ocasião, na lancha Iquitos e, sob reboque, um batelão e outra embarcação menor. *O Capitão Espinar desistira de sua renúncia e seguia no comando.*

---

[22] Alvarenga: embarcação rústica usada na carga e descarga dos navios e no transporte de fardos pesados.

[23] Lingadas: carga unida com uma "*linga*" para ser içada por uma talha.

Quando viajava no paraná de Xiburema, às 20h17, ocorreu sério desarranjo na máquina da lancha "*Faceira*", o que obrigou o regresso a Manaus, onde os brasileiros chegariam de madrugada. Na tarde do dia 14.04.1905, reencetaram ([24]) a jornada fluvial. E a máquina apresentou o mesmo defeito, obrigando-os a fundear em Tefé, com "*o tempo indispensável a uma radical reparação, que se tomou possível por ser perito o novo maquinista e dispor a lancha dos maquinismos, ferramentas e mais materiais precisos*", registra o Cel Bellarmino.

Estacionara em Tefé de 20 a 22 de abril de 1905. As Comissões brasileira e peruana reencontraram-se a 25 de abril de 1905 na Foz do Juruá, onde se iniciam as observações astronômicas para fixar coordenadas geográficas. Fundearam ao lado da Ilha da Consciência, uma Ilha sociologicamente peculiar na Foz de certos Rios amazônicos, como no Rio Negro [Ilha do Marapatá], no Purus, no Juruá, nos grandes Rios da borracha.

Traz o seu mito dos tempos de prosperidade econômica do látex, o ciclo do ouro negro, quando milhares de imigrantes se internavam pelos caudais miraculosos, a fortuna em ronda permanente. Eles deixavam a consciência na Boca desses Potosis ([25]) fluviais, e, ricos, ao regressarem à terra natal, recuperavam-na com espírito purificado: pelo menos, a consciência ficara ali, resguardada de contaminações perigosas... Euclides da Cunha em "*À margem da História*" classifica a Ilha da Consciência de "*prodígio de fantasia popular*", e interpreta: "*É o mais original dos lazaretos – um lazareto* ([26]) *de almas*".

[24] Reencetaram: recomeçaram.
[25] Potosis: tesouros.
[26] Lazareto: local onde se recolhiam indivíduos portadores de moléstias contagiosas – na alusão Euclidiana, de almas aflitas e pecadoras.

Prosseguindo a viagem, Juruá acima, aportam em São Felipe, no dia 17 de maio de 1905, o primeiro Porto de importância do Juruá, cabeça de Comarca e Vila, pertencente ao Estado do Amazonas. Aí ocorreu o abalroamento do vapor "*Costeira*", na lancha "*Faceira*", que se encontrava ancorada no Porto. A manobra imprudente do vapor por pouco não toma proporções de desastre total, ocasionando à lancha da Comissão Brasileira avarias no verdugo ([27]) e no costado. A Comissão peruana atrasara-se, chegando a Sã Felipe 3 dias depois. Esse atraso se repetiria Rio acima, os brasileiros progrediam na vanguarda, e, por isso, um fato de capital importância surpreendeu o Cel Bellarmino. Ele escreve em seu Relatório:

> Não estavam completas as operações astronômicas [...] quando, pouco depois das 10 horas da manhã de 05 de junho de 1905, chegou a lancha "*Iquitos*", que havíamos deixado em S. Felipe e pela qual esperávamos. Recebi logo comunicação oficial da substituição do Capitão Espinar pelo então Ten D. Nuno Pompilio León, na Chefia da Comissão peruana de reconhecimento. Mandei cumprimentar o novo chefe.

A substituição, que ocorrera em São Felipe, desagradou o Cel Bellarmino que, mais tarde, em ofício ao Barão do Rio Branco, assim se referiu:

> A substituição desse oficial superior fez-se por um simples 1° Tenente, tal era então o posto do atual Capitão-Tenente D. Nunes Pompilio Leon.

O Coronel Bellarmino achava que o chefe peruano deveria ter patente igual, à sua, pois D. Nuno Pompilio León foi promovido, rapidamente, ao posto de Capitão-Tenente e logo a seguir a Capitão-de-Corveta. Resolveram os dois Comissários assinar uma "*ata confirmativa da substituição do Chefe da Comissão Peruana*", nestes termos:

---

[27] Verdugo: cinta que se estende da popa à proa sobre a quilha de um navio.

> Na margem esquerda do Rio Juruá, em frente à Foz do Rio Breu, aos 19 do mês de julho de 1905, o 1° Tenente D. Nuno Pompilio León declarou e comprovou sua nomeação, em substituição ao Sr. Capitão de Navios D. Felipe Enrique Espinar.

Cruzeiro do Sul, a hoje próspera, simpática Cidade de 20.000 habitantes, sede do Município, o segundo centro populacional e comercial do Estado do Acre, era, no dia 02.06.1905, quando nela aportou o Coronel Bellarmino Mendonça, um mero Porto de Cabotagem, embora recentemente promovida à capital do Departamento do Alto Juruá. Havia um sobrado coberto de telhas, o Barracão da Prefeitura, 14 casas mais e quatro galpões cobertos de palha, em meio de uma pequena clareira aberta na floresta. O Coronel Bellarmino nos adianta poucas informações:

> A sede da Prefeitura do Alto Juruá, denominada Cruzeiro do Sul, está situada a menos de duas milhas da Boca do Moa.

O Coronel Thaumaturgo de Azevedo, nomeado seu primeiro Prefeito, estava ausente, pois a Comissão Brasileira foi visitada pelo Prefeito interino, Capitão-Tenente Florio Pitombo.

Logo a seguir, ao reencontro das duas Comissões, começaram os percalços de navegação, em virtude do regime hidrográfico no Juruá. A 08 de junho de 1905, a "*Iquitos*" encalhou.

A 10.06.1905, a "*Faceira*" foi de encontro a paus no leito do Rio, o que lhe arrancou todo o aparelho do leme. Resolveram os dois Comissários a transferência para canoas leves, que deveriam cumprir o itinerário até as cabeceiras, ora feito pelo Rio, escasso d'água, ora a pé, abrindo picadas na floresta.

Viagem plena de acidentes: uma vez o Coronel Bellarmino foi vítima de queda de uma árvore, que o atingiu com ferimentos, outra vez os índios apareceram numa emboscada e por pouco não houve luta.

O Coronel Bellarmino Mendonça era um militar inteiriço: caráter reto, cumpridor rígido das leis e dos regulamentos, e muito sensível aos princípios éticos e morais. Um homem de rara tenacidade que talvez herdasse das lutas nos campos de Batalha do Paraguai, sua primeira escola de vida, jovem "*Voluntário da Pátria*", que lhe atribuía momentos de rara coragem pessoal. Seu aspecto físico, revelando a magreza de uma tuberculose contida, parecia não condizer com um espírito insuspeitável de tenacidade, energia, impavidez. Exigente em questões de hierarquia, o Coronel Bellarmino Mendonça trazia no íntimo, desde a sua partida do Rio de Janeiro, a dúvida sobre o comando duplo que pensava exercer. No Relatório ele faz referência:

> [...] a 06.09.1904, tive a honra de ser convidado pelo Exmo. Sr. Ministro das Relações Exteriores, para dirigir, por parte do Brasil, a exploração dos Rios Juruá e Purus, que seria cometida a duas Comissões [...]

Nada se encontra, nos arquivos, pelo menos até a presente data, que nos elucide melhor a ocorrência da nomeação referida pelo Coronel Bellarmino Mendonça: a chefia das duas Comissões.

Mas resta a sua alegação para acolhermos como real o Ato Ministerial do convite, como se depreende claramente dos termos do ofício escrito pelo Coronel Bellarmino Mendonça, na canoa "*Quixadá*", navegando no Alto Juruá:

> Parecendo-me que as praxes diplomáticas exigem correspondência de hierarquia social entre os representantes das nações que conjuntamente operam no interesse comum dos respectivos países, principalmente quando se trata de membros das classes armadas, em faltando ainda a categoria de Chefe das duas Comissões brasileiras, correspondentes às duas peruanas referidas, para o qual aliás fui convidado mas não tive a nomeação e cessou por completo o encargo, cumpro o dever patriótico de vir oferecer ao Governo o meu pedido de exoneração do cargo de Comissário do Alto Juruá, para evitar que por uma mera consideração pessoal, a mim dispensada, fique minha Pátria em situação menos vantajosa.

O Barão do Rio Branco assustou-se com essa crise administrativa, que poderia ter consequências negativas para a política que traçara em relação ao Peru. No mínimo, seria um atraso irrecuperável nos trabalhos de reconhecimento do Juruá, enquanto os do Purus prosseguiam normalmente. Já, antes, ele redigira um telegrama ao Coronel Bellarmino Mendonça:

> Certo tantas vezes provado patriotismo de V. Exª não duvido que levará a cabo a importante missão que lhe foi confiada, e espero que há de ser nela em tudo feliz.

Diante do pedido de demissão, Rio Branco de novo telegrafou ao Chefe da Comissão de Juruá, por intermédio do General Bittencourt, Delegado Federal do Acre, em Manaus:

> [...] Cabe-me dizer-lhe que o Governo Federal não pode aceitar a demissão oferecida, não só porque não devem ficar interrompidos por semelhante motivo trabalhos de exploração que são indispensáveis, e já nos terem custado tantos dispêndios, como também por virtude de acordos celebrados. Não temos o direito de exigir do Peru que nomeie um Comissário do posto de Coronel.

> Acresce que as Comissões de exploração tanto podem ser desempenhadas por Engenheiros Militares como por Engenheiros Civis. A brasileira, do Alto Purus é dirigida por um paisano, o Sr. Euclides da Cunha e o Comissário peruano – um Capitão-Tenente, não se queixou disso [...].
>
> A circunstância de ter o Governo peruano dado a um dos seus comissários a direção das duas Comissões não é motivo para que procedamos do mesmo modo. De fato, separados como estão por grande distância os Rios Purus e Juruá, esse Comissário apenas dirige a Comissão Peruana que faz o reconhecimento do Alto Purus. O Governo Federal deu aos seus comissários todos os recursos que pediram para o reconhecimento expedito de que se encarregaram. O que espera deles é que cumpram a sua missão e no prazo o mais curto possível, como convém aos interesses da nação.

O Coronel Bellarmino não se deu por satisfeito, nem quis encerrar o caso. Voltou a escrever ao Barão do Rio Branco:

> Sobretudo lisonjeado pela segurança que meu patriotismo inspira a V. Exª de levar eu a cabo a espinhosa missão que me foi confiada a de ser nela em tudo feliz, peço vênia para ressalvar os meus intuitos ao oferecer a minha exoneração, por me parecer não ter tido a fortuna de expressá-los com a clareza e precisão e declarar de mim a responsabilidade nos muitos dispêndios já havidos com a Comissão. Quando tive a distinção de ser por V. Exª convidado para tão árdua missão me disse V. Exª que o Governo do Peru já havia nomeado um Capitão de Mar e Guerra para dirigir a Comissão que teria de operar conjuntamente com a que me seria confiada, isto é, um militar de patente correspondente à minha. A substituição desse oficial superior fez-se por um simples 1° Tenente, tal era o posto do atual Capitão-de-Corveta D. Nuno Pompilio León.

> Tinha em dúvida pela ignorância das regras diplomáticas que podiam reger o caso, se a minha conservação dada à grande desigualdade de postos entre mim e o novo colega, iria ou não afetar essas regras e os melindres de diplomacia com desaire ([28]) para o meu país. A circunstância de ser o Dr. Euclides da Cunha, aliás oficial reformado e não paisano, chefe da Comissão Idêntica, não podia influir no meu espírito não só por não eximir-me da responsabilidade individual positiva, ou simplesmente moral, como por ter sido eu de fato Chefe das duas Comissões – do Juruá e do Purus – e portanto cobrir com minha patente a que lhe podia faltar.

Continuando, o militar lembra os penosos sacrifícios a que vinha se submetendo para realizar o trabalho, apesar de sua frágil saúde:

> No mesmo dia em que aceitei o honroso convite de V. Exª, havia um Médico assistente Sr. Dr. Licínio Cardoso declarado a pessoa da família que antevira a possibilidade de o Governo mandar-me ao Amazonas, importar minha vinda num assassinato da parte de quem me mandasse e da minha num suicídio. Estava eu em tratamento de tuberculose desde cerca de três anos e anteriormente sofrido de impaludismo larvado ([29]) durante oito anos, como tive a lealdade de declarar a V. Exª [...].
>
> Mais uma vez sintomas de moléstia regional grave me têm invadido o organismo, levando o Médico da Comissão a aconselhar-me a pronta retirada para evitar agravamento. Ultimamente fui vítima de queda de uma árvore que me produziu intensa e extensa contusão. Nada disso me influiu para que eu deixasse o meu posto.

---

[28] Desaire: falta de elegância ou distinção.

[29] Larvado: doença se apresenta com aspecto anormal e os acessos são benignos e pouco frequentes.

O chefe da Comissão Brasileira, quando escreveu este ofício, a bordo de uma pequena canoa, já estava com sua missão vitoriosa.

Pouco antes, atingira as nascentes do Juruá e agora descia o Rio de regresso a Manaus. Este material histórico e autobiográfico forma um complexo de informações sociologicamente válidas para uma tentativa de interpretação de personalidade e da ação do Coronel Bellarmino Mendonça no Juruá.

É possível utilizar a História, a biografia e a relação entre as duas com a sociedade para entender as características de certos tempos e de certos espaços, resultando as situações concretas, tal como aconteceu no Juruá e no Purus, dois Rios criadores de fatos, de relações, de símbolos que originaram uma importante fronteira política.

O Barão do Rio Branco sabia usar os homens em seu verdadeiro lugar. Era uma de suas predisposições psicológicas que, certamente, o levaram a grandes vitórias diplomáticas. E mais: ele sabia fazer História.

O historiador por excelência, aquele que estuda História e sabe depois aplicar seus ensinamentos em situações em que participa com intimidade.

Aplicar segundo as disposições específicas e necessária inteligência de cada caso.

O vasto acervo de ofícios, cartas, notas pessoais, minutas de próprio punho, artigos de jornais, editoriais que mandava publicar sem o seu nome, em que se leem determinações, reflexões, análises, material existente no Arquivo Histórico do Itamarati, indicam o completo homem de Estado que foi Rio Branco.

Sempre inclinado a, primeiro, conhecer a História e, depois, extrair as lições políticas e sociológicas, procurando aplicá-las nas difíceis questões de limites que ele tão bem resolveu.

Universalista, expectador e observador dos dramas da política europeia, essa vivência em intimidades com suas ideias, sua lógica, seu raciocínio preparam o estadista para criar um novo Estado brasileiro, inconfundivelmente seu: a capital Rio Branco – homenagem a si – é o próprio símbolo.

Quando o Itamarati tratou de organizar as Comissões destinadas a explorar geograficamente o Purus e o Juruá, o chanceler Rio Branco deve ter meditado na escolha dos respectivos comissários. Ele precisava de dois homens íntegros, que pelas características de personalidade compusessem o tipo que se exige em Expedições semelhantes. Euclides da Cunha e Bellarmino Mendonça eram portadores de um "*curriculum*" e, também, de certas predisposições espirituais necessárias ao desempenho da empresa. Euclides, como se sabe, candidatara-se a simples auxiliar da Expedição do Alto Purus, revelando a Oliveira Lima a sua pretensão, que transmitiu a José Veríssimo e este a Domício da Gama, Secretário do todo poderoso Barão do Rio Branco. Foi Domício da Gama que marcou a entrevista com o Barão, no chalé Westfália, em Petrópolis, residência de verão do Ministro. E depois de uma palestra com um Euclides acanhado, meio caipira, que começou às nove horas da noite e prolongou-se a madrugada, o autor de "*Os Sertões*" saiu, surpreso, convidado para chefiar a Expedição brasileira.

A promoção súbita de suas pretensões indica a Avaliação justa que o Barão do Rio Branco fazia das criaturas humanas. Até aquele caráter simbólico, weberiano, admite-se na escolha, pois Euclides da Cunha revelara-se nos sertões de Canudos em dotes de

energia, destemor, observação e análise, com um valor de autenticidade no trato da paisagem agrestemente tropical, além de um vigoroso senso de nacionalidade e uma altiva independência de atitudes.

Da parte do então Cel de Engenheiros Bellarmino Mendonça, escolha pessoal de Rio Branco, que apenas conhecia o seu excelente "*curriculum*", tudo se conduziu tranquilamente. "*O homem certo para o lugar certo*". O destino pareceu encaminhar seus passos no rumo da missão. Nem a tuberculose estacionária, sob cuidados médicos, o impedira de ir à luta contra os desertos do Juruá. Acometido de beribéri durante a jornada fluvial, escapando de morrer no tombo de uma árvore sob a imposição do regime fluvial, leito seco, paus, salões, queda brusca de temperatura – o fenômeno da friagem – que para os seus fracos pulmões era tão perigoso, o Coronel Bellarmino cumpriu adequadamente a missão.

Como agente de Governo típico: o Militar e o Engenheiro, o Diplomata e o Político. Venceu os grandes percalços que a natureza armou, as emboscadas de índios e as pretensões indevidas do Comissário peruano, que contrariavam as "*Instruções*" e a própria verdade geográfica e histórica presenciada por ambas as Comissões no *Alto Juruá*.

É um militar representativo: ordem e disciplina, rigoroso cumpridor de missão, preocupações, ao lado dos problemas estratégicos, de administrador civil, dentro dos objetivos de seu cargo de Comissário, do qual evoluíram tarefas políticas e diplomáticas.

A angústia de preservar a saúde frágil, debilitada com a incidência do beribéri amazônico, talvez pesasse menos do que a firme determinação de ir ao fim de um mandato quase apostólico: demarcar o Rio, fixá-lo em suas origens, produzir o Relatório.

Neste ponto há um perfeito encontro dos dois Comissários brasileiros. Viveram uma aventura dramática, cheia de perigos e de conflitos, armada de tensões, e que, finalmente, foi cumprida com extrema competência e absoluto êxito, no Juruá e no Purus.

O Acre, hoje bem definido em suas raízes históricas, políticas e sociais, possui quatro figuras estelares que se constituem personalidades símbolos ([30]), por sua atuação criadora, sua presença viva, útil, ativa, na constituição de seu destino: Rio Branco, Plácido de Castro, Euclides da Cunha e Bellarmino Mendonça. Eles desenharam o mapa do Acre na comunhão brasileira. [...] (TOCANTINS, 1989)

O Coronel Bellarmino observa:

> os núcleos senhoriais dos seringueiros, mais geralmente conhecidos por Barracões, constituídos por agrupamentos de casas, tomam às vezes as proporções de pequenos povoados e pontilham as várzeas e os firmes, atestando o povoamento regional.

O Comissário brasileiro, no *Baixo Juruá*, contou 71 desses agrupamentos, na margem direita, e oitenta na margem esquerda. E prossegue:

> são em número de 89 seringais à margem direita do Médio Juruá e 73 na margem esquerda.

A estatística está impressa em seu Relatório. A sucessão de propriedades brasileiras naturalmente persuadia o Comissário peruano de que eram frágeis as alegações do Governo de seu país. Mas, a 15.10.1905, D. Nuno Leon apresentou ao seu colega certas contestações fundamentadas num livreto de

[30] Personalidades Símbolos: Leandro Tocantins deveria, sem dúvida, ter colocado a grande figura do General Gregório Thaumaturgo de Azevedo ao lado dessas personalidades símbolos.

D. Manuel Pablo Vilanueva, Fronteras de Loreto. Era um trabalho já conhecido anteriormente. Uma literatura de fatos irreais, como a da existência de um "*pueblo de caucheros*" na Foz do Breu, a pretensas ameaças brasileiras contra as atividades dos peruanos "*em quase todo o Rio*".

Criava a ficção do povoado "*Nuevo Iquitos*", desde 1898, quando o próprio Comissário D. Nuno Leon, em sua reclamação de 15.10.1905 ao Cel Bellarmino Mendonça, só apontou:

> três casarios situados en la margen izquierda del Juruá, frente a la boca del Breu.

O Coronel Bellarmino Mendonça não concordou com essa tese de súbito povoamento peruano, dirigindo-se ao seu colega em ofício de 25.10.1905:

> Ao primeiro item teria a opor que em nenhum dos três pontos existem casarios ou multidão de casas, mas apenas alguns ranchos de palha. Não são moradas fixas de patrões nem de "*caucheros*" peruanos que constituem população adventícia pela razão imperiosa de somente o caucho os atrair a sua extração feita à custa da vida da árvore [...]
>
> Nem famílias habitam [...] Na zona descrita, notadamente nas duas margens do Breu, existem 54 brasileiros com residência fixa, ocupados na extração da borracha e no cultivo de alguns cereais [...] desde fins de 1897.

E ainda explica o Comissário brasileiro, em seu Relatório:

> No dia 15.11.1905, D. Nuno Leon tinha aventado pela primeira vez a proposição de que, mudando o Juruá o nome para Torolluc, na confluência do Piqueyacu, estes dois Rios eram forçosamente os formadores cogitados pelas "*Instruções*".

Mais uma vez D. Nuno Leon baseava-se nas teses de Manuel Pablo Villanueva no folheto "*Fronteras de Loreto*". Mas o Cel Bellarmino Mendonça persuadiu seu colega a prosseguir Rio acima para localizar as verdadeiras nascentes do Juruá. Assim, a 24.11.1905 alcançaram o Paxiúba, principal formador do Juruá. E registrou o Cel Bellarmino Mendonça:

> Sua nascente, a do Paxiúba, principal formador do Juruá, é um olho d'água que surge debaixo de uma pedra superposta de 40 a 50 metros do fundo do Vale e quase no topo de um cerro de cerca de 453 metros de altura sobre o nível do Mar. A esta última colina a Comissão Mista convencionou dar o nome de Cerro das Mercês, por ser o da Virgem do dia 24 em que tomaram as operações astronômicas para fixar sua posição geográfica [...].
>
> De comum acordo, a Comissão Peruana deu ao galho vindo do Sul a denominação de Salambô, e a brasileira a de Paxiúba [depois reconhecendo o principal] pela abundância de palmeiras do mesmo nome nas suas margens.

Estavam concluídas as operações técnicas de reconhecimento geográfico do caudal. O Juruá, longo e tortuoso curso, fora medido de sua Foz às nascentes, numa extensão de 3.283 km, percurso cumprido em sete meses e dez dias – de Manaus ao Cerro das Mercês. Satisfizeram-se as "*Instruções*" depois de uma penosa subida do Rio, em pleno verão, e agora, mês de novembro, as primeiras águas dos repiquetes do inverno auxiliariam o regresso: Em dois meses de baixada, alcançaram Manaus, no dia 23.01.1906, a Comissão Brasileira; a 24, a Comissão Peruana. Rio Branco é cientificado em telegrama do Cel Bellarmino Mendonça:

> Tenho a satisfação e a honra de participar a V. Exª a terminação das explorações do Juruá, ultimando-se na Foz as observações de retorno, para aqui em

> Manaus se encerrar o ciclo, foi levantado expeditamente todo o Juruá, Piqueyacu, Vacapista até os varadouros Cohenhua e Beches, parte do Metaleiro, Tejo, Arara e Amônea até o varadouro para Tamoya, na expansão total de quatro mil quilômetros aproximadamente e determinadas as coordenadas geográficas de dezessete pontos.
>
> Os percursos em canoas foram extensos. Muito mais árduos foram os feitos a pé com provisões nas costas. Caminhamos mais de duzentos quilômetros. Com abnegação todos suportamos perigos e moléstias. Reinou perfeita confraternização entre brasileiros e peruanos.

O Cel Bellarmino Mendonça chegara a Manaus muito enfraquecido. A avitaminose, doença muito comum na Amazônia daquela época, o atormentara durante a viagem, mas ele próprio informa ao Barão que apresentava sinais de restabelecimento:

> Tenho experimentado tão seguidas melhoras do beribéri com o tratamento homeopático que me foi prescrito pelo Sr. Capitão-de-Corveta Lessa Bastos.

O filho, porém, não teve a mesma sorte: o beribéri veio sob a forma pior, a da paralisação das pernas, e o Cel Bellarmino teve de mandá-lo de volta ao Rio de Janeiro. O Comissário Brasileiro desta vez instalou-se numa casa da Rua Luiz Antony, 63, onde ele e D. Nuno Leon trabalharam na redação da Memória, e o próprio Coronel Bellarmino escreveu seu Relatório.

O brasileiro redigia a Memória da Comissão Mista e o peruano transpunha-a para o espanhol, num clima de entendimento. Alguns dias de trabalho eis que surge a primeira desinteligência que, na verdade, correspondia a assunto já discutido no Alto Juruá, em torno de descabidas pretensões peruanas. O fato é narrado pelo Coronel Bellarmino Mendonça em seu Relatório:

> [...] Decorridos poucos dias em Manaus, em vez da versão simplesmente do que fora minutado de acordo com o convencionado, o Sr. Comissário peruano em pessoa apresentou copiosas declarações de fantasiado povoamento peruano desde dois anos atrás do Médio e Alto Juruá, no Tarauacá e no Envira, intercalados no meio da tradução a seu cargo.
>
> Impugnando o inopinado enxerto, por discordância dos fatos e alheio às cogitações prescritas em nossas Instruções, prevaleceu a simples testificação, única que a Comissão podia dar, de existência das moradas dos "*caucheiros*" peruanos no Breu, Vacapista e Piqueyacu, aliás em termos mais concisos do que os expressos na minuta enviada.
>
> Desistiu o Sr. Comissário peruano até mesmo de consignação dos nomes Puerto Pardo, Puerto Portillo e Resvaladero que atribuía a essas moradas pelos fundamentos apontados pelo chefe brasileiro de não serem usadas, nem talvez conhecidas pelos moradores, em geral a elas estranhos, e de fácil câmbio com a frequente substituição dos adventícios ocupantes.

As ponderações apresentadas pelo Cel Bellarmino induziram D. Nuno Leon a desistir da inclusão desse enxerto na Memória da Comissão Mista. Mais tarde ele volta ao assunto, como esclarece no Relatório o Comissário brasileiro:

> À noite, porém, sem proceder solicitação ou aviso para conferência, apresenta-se na residência do Comissário brasileiro e, em tom acalorado, renova a exigência da inclusão dos nomes que já havia retirado, com o novo fundamento de se acharem inscritos nos mapas arranjados em Iquitos. Pronunciou-se então o chefe brasileiro contra esses mapas clandestinos, violadores das Instruções.

O fato foi levado ao conhecimento do Barão que expediu suas Instruções:

> Queira declarar ao Comissário peruano que é inteiramente inadmissível a imposição de nomes e Rios e a outros acidentes geográficos como ele propõe. As Instruções combinadas pelos dois países não dão aos comissários essa autoridade e as Instruções que remeti aos dois comissários do Alto Purus e do Alto Juruá proíbem expressamente a imposição de nomes de pessoas vivas ou mortas e de datas históricas.
>
> Portanto, V. Exª não deve assumir a isso nem mesmo fazendo qualquer ressalva. Se ele entender que pode recompor os trabalhos que rompa sob sua responsabilidade.

Afinal, prevaleceu o ponto de vista brasileiro, que era o das "*Instruções*", documento sancionado pelos dois países. E a 12.05.1906, os dois Comissários assinaram a Memória da Comissão Mista, redigida bilíngue, pondo termo a todas as questões invocadas por D. Nuno Leon.

O documento transmite a exata posição dos estabelecimentos brasileiros no Juruá e no Alto-Rio, a passagem aleatória dos caucheiros peruanos, além de conter as posições astronômicas do Juruá, da Foz às nascentes.

O Rio, prova-se incontestavelmente, estava quase todo povoado por brasileiros estabelecidos na produção de borracha. Os peruanos percorriam as cabeceiras, à procura de caucho, que é uma exploração predatória e não fixa o homem à terra.

A árvore do caucho é abatida, extrai-se a goma, e o caucheiro prossegue em suas andanças na floresta, à procura de novas espécies. A área também era atravessada por varadouros que levavam os peruanos ao Vale do Rio Ucaiali.

Em fins de abril [21.04.1906], o Governo Federal promove, por merecimento, a General-de-Brigada, o Comissário Bellarmino Mendonça que, junto aos membros de sua Comissão, embarca para o Rio de Janeiro, a bordo do Manaus, no dia 27.05.1906, chegando à capital do país a 12 de junho. (MENDONÇA, 1989 – Introdução de L. Tocantins)

DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO – 21.04.1906

✵ Seção 1 – Página 8 ✵

Foram promovidos ao posto de [...] General-de-Brigada [...] o Coronel do Corpo de Engenheiros Bellarmino Mendonça.

[...] O livro do General Bellarmino Mendonça é uma literatura sem fervores estilísticos, mas expressivamente empreendedora de notícias e de valores inspirados no realismo do meio – o geográfico e o social. Qualquer coisa de científico na exatidão e no austero com que apreende e apresenta as realidades do Juruá, sem nenhuma exteriorização pictórica, ou caracterização exótica, como ele, o próprio autor, é: seco, angular, grave. Basta examinarmos o sumário do livro para constatar a pluralidade de dados, de situações de fatos que proporcionaram ao Barão do Rio Branco os elementos definitivos, capazes de estabelecer o acordo com o Peru assinado a 12.09.1909, com data de 8 de setembro: "*Tratado entre o Brasil e o Peru, completando a determinação das fronteiras entre os dois países e estabelecendo princípios gerais sobre o seu comércio e navegação na Bacia do Amazonas*". Como ficou registrado nos anais diplomáticos dos dois países. (MENDONÇA, 1989 – Introdução de Leandro Tocantins)

Calúnia I
(Ivan Teorilang)

A covardia da calúnia, que sentencia o inocente a pagar por um crime que não cometeu, é a mais devastadora das armas do ignorante, ela estraga e emporcalha tudo que toca, além de enegrecer profundamente aquilo que não conseguir exterminar.

Calúnia II
(Miguel de Cervantes Saavedra)

Onde quer que a virtude se encontre em grau eminente, é perseguida; poucos ou nenhum dos famosos varões do passado deixou de ser caluniado pela malícia.

Soneto II
(Tenreiro Aranha)

[...] Dos homens me rodeia a iniquidade
A calúnia me oprime, e, ao fim tremendo
Me assusta uma espantosa eternidade.

A Língua
(Esopo – século VI a.C)

A língua, senhor, é o que há de pior no mundo. É a fonte de todas as intrigas, o início de todos s processos, a mãe de todas as discussões. É a língua que usam os maus poetas que nos fatigam na praça; é a língua que usam os filósofos que não sabem pensar. É a língua que mente, que esconde, que tergiversa, que blasfema, que insulta, que acovarda, que mendiga, que impreca, que bajula, que destrói, que calunia, que vende, que seduz, que corrompe. É com a língua que dizemos "morre", e "canalha", e "corja". Com a língua Aquiles mostrou a sua cólera, com a língua Ulisses tramava os seus ardis. Com a língua a Grécia vai tumultuar os pobres cérebros humanos para toda a eternidade. Aí está, Xantós, porque a língua é a pior de todas as coisas!!!

I Seminário de História Militar Terrestre da Amazônia Brasileira

O historiador nunca se evade do tempo da história: o tempo adere ao seu pensamento como a terra à pá do jardineiro.
(Fernand Braudel)

I Seminário de História Militar Terrestre

Em novembro de 2012, na Cidade de Manaus, AM, participei de um Seminário patrocinado pelo Comando Militar da Amazônia (CMA). O Gen Ex Eduardo Dias da Costa Villas Bôas, entusiasta da história, além de realizar a abertura e o fechamento do mesmo esteve presente em todas as etapas. Na oportunidade apresentei o tema:

Mesa 1 - Conquista da Amazônia Brasileira (1616 - 1750)

Viagem da Real Escolta pelo Rio Madeira, empreendida por José Gonçalves da Fonseca, nos idos de 1749 (Coronel R1 Hiram Reis e Silva – CMPA).

Velhos Amigos

Conheci, na oportunidade, o Professor Emanuel Pontes Pinto, da UNIR, que me enviara, instigado pelo seu amigo pessoal General Tibério Kimmel de Macedo, a narrativa da Viagem de Palheta pela Bacia do Madeira. Este decano e simpático Mestre é embalado por uma chama que entusiasma a todos aqueles que assistem suas apresentações e intervenções.

Revi meu velho amigo e Irmão maçom Dr. Antônio Loureiro que comenta sagazmente cada artigo que escrevo sobre as plagas amazônicas.

O Dr. Loureiro foi o palestrante certo para encerrar a série de palestras, cujos temas foram gradativamente passando do longínquo pretérito até chegar às questões hodiernas.

Mestre Loureiro foi além e qual Nostradamus traçou em funestas linhas uma visão quase apocalíptica sobre o futuro de nossa Amazônia tão comprometida pelas absurdas "*políticas*" que conseguiram engessar a economia da região transformando uma solução temporária como a Zona Franca em permanente.

"*Engessamento*" da Amazônia

A política indigenista está dissociada da história brasileira e tem de ser revista urgentemente. Não sou contra os órgãos do setor. Quero me associar para rever uma política que não deu certo; é só ir lá para ver que é lamentável, para não dizer caótica. (Gen Ex Augusto Heleno Ribeiro Pereira)

A alienação política de nossos políticos e juristas transformou as questões indígenas e ambientais em moeda de troca barganhando nossa soberania com "*estranha*" submissão a interesses alienígenas inconfessos. Estas desastrosas ações realizadas sem conhecimento de causa afetam não somente os destinos da nação brasileira, mas, sobretudo, das populações indígenas tão manipuladas por Organizações não Governamentais que absolutamente se preocupam com a sua sobrevivência, mas tão somente com as riquezas de suas terras.

Quando se impede a miscigenação de nossos nativos com os "*não índios*" ou o contato com agentes do estado brasileiro cria-se, por outro lado, oportunidade para que este contato se dê através do que há de pior na sociedade nacional.

A preservação de grupos étnicos em redomas que os mantenham distantes de contatos humanos não passa de uma tentativa de fazer parar o tempo, como se isso fosse possível, em zonas cujas dimensões e natureza tornam impossível um policiamento protetor. O artificialismo condena esse equívoco, e o resultado final ameaça ser a contaminação dos grupos primitivos pela ação clandestina do que há de pior na sociedade moderna, enquanto o que há de melhor é mantido à distância pelo respeito à lei.
(A Redoma Fatal – O Globo)

A omissão criminosa do estado permite que garimpeiros, traficantes, madeireiros e degenerados de toda espécie e de todas as bandeiras os aliciem. Nas nossas viagens pelos amazônicos caudais ouvimos relatos de índios servindo de "*mulas*" (transportando drogas), construindo campos de pouso clandestinos, que são utilizados por traficantes de todo gênero, permitindo que suas terras sejam exploradas por inescrupulosos marginais.

Plano Plurianual

Os estados amazônicos precisam, mais do que nunca, de um Plano Plurianual, forjado pelos filhos da terra das águas e apoiados pelas universidades locais. A Cidade de Manaus cresce assustadoramente enquanto suas coirmãs do interior mínguam sem qualquer tipo de apoio ou opção para as novas gerações. Mais que nunca os Governos Federal e Estadual precisam voltar seus olhos para o planejamento estratégico sem se deixar enganar pela ladainha do "*politicamente correto*" que visa tão somente o engessamento da região.

Os investimentos em Biotecnologia, vocação amazônica, são parcos não permitindo que pesquisadores levem avante seus projetos.

Os 5% depositados pelas empresas, de sua produção em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), no Fundo da Amazônia, não são repassados ao Estado pelo Governo Federal. Este enorme e relegado potencial proporcionado pela maior floresta tropical do planeta está deixando de gerar divisas com produtos desenvolvidos ou aperfeiçoados pela biotecnologia aliada à micro e nanotecnologia. O aproveitamento da imensa biodiversidade amazônica e do seu potencial industrial seriam responsáveis, sem dúvida, por mais um momento importante da história econômica e social da região, mais um ciclo – o Ciclo da Biotecnologia.

As Sementes de uma Rede de Calúnias e Intrigas

No intervalo do Seminário o chefe da Seção de Comunicação Social do CMA tinha agendado uma entrevista aos repórteres do programa Zappeando da Globo – *www.youtube.com/watch?v=vF9bU-iH0Eg.*

Após a entrevista retornei ao Seminário e informei ao Gen Bda Thaumaturgo Sotero Vaz o motivo de meu atraso que demonstrou uma evidente e totalmente disparatada irritação à respeito, achando que eu só queria "*aparecer*". O controvertido militar sabia que o CMA é quem marcara a entrevista! Parece que as aludidas intrigas que tanto afetaram as Comissões de Limites demarcadoras das fronteiras do Brasil com a Bolívia e o Peru contaminaram a nossa missão, desde o início, apesar do esforço do Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEx), e determinação de nossos diletos amigos Generais Fraxe, Jaborandy e Paulo Sérgio, grandes incentivadores do projeto.

O Capitão Tenente Cunha Gomes já havia dito:

Decididamente esta Questão de Limites é malsinada.

Navegação de Cabotagem
(Jorge Amado)

[...] Digo não ao discurso, à medalha, à fanfarra e aos tambores, à sessão solene, ao incenso, à fotografia de fardão ou em mangas de camisa exibindo as pelancas e a dentadura, não só andor de procissão. [...]

A vida me deu mais do que pedi, mereci e desejei.

Vivi ardentemente cada dia, cada hora, cada instante, fiz coisas que Deus duvida, conivente com o Diabo, compadre de Exu nas encruzilhas dos ebós.

Briguei pela boa causa, a do homem e da grandeza, a do pão e a da liberdade, bati-me contra os preconceitos, ousei as práticas condenadas, percorri os caminhos proibidos, fui o oposto, o vice-versa, o não, me consumi, chorei e ri, sofri, amei, me diverti.

Fujo dos festejos, ao fogo de artifício, ao banquete, fujo ao necrológio, estou vivo e inteiro. [...]

Não vou repousar em paz, não me despeço, digo até logo, minha gente, ainda não chegou a hora de jazer sob as flores e discurso. [...]

Soneto
(Junqueira Freire)

Morra de dor a inveja insaciável;
Destile seu veneno detestável
A vil calúnia, pérfida inimiga.
Una-se todo, em traiçoeira liga,
Contra mim só, o mundo miserável.
Alimente por mim ódio entranhável
O coração da terra que me abriga.

Sei rir-me da vaidade dos humanos;
Sei desprezar um nome não preciso;
Sei insultar uns cálculos insanos.

Durmo feliz sobre o suave riso
De uns lábios de mulher gentis, ufanos;
E o mais que os homens são, desprezo e piso.

Maledicência I

(Beto Servidio)

Quando a calúnia profanada,
For difundida pelos cantos,
Caminhará a tempo eterno,
Brotando mares de tantos prantos. [...]

Maledicência II

(Antoine Rivarol)

Circula no mundo uma inveja velocípede que vive de intriguinhas: chama-se maledicência. Diz estouvadamente o mal de que não tem certeza, e oculta o bem de que tem evidência.

O Verbo

(Bíblia Sagrada – Mateus XV, 11, 18 a 20)

O que contamina o homem não é o que entra na boca, mas o que sai da boca, isso é o que contamina o homem. [...] Mas, o que sai da boca, procede do coração, e isso contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, mortes, adultérios, fornicação, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias. São estas coisas que contaminam o homem; mas comer sem lavar as mãos, isso não contamina o homem.

Cartas Evangélicas

(Domingos Ribeiro)

Essa boca, de que só deveria proceder palavras edificantes e puras, quantas vezes não as tornas instrumento diabólico, pela maldita realização da maledicência, da calúnia, da intriga, do insulto, de todas as formas do mal!

Rio Branco, Acre

A morte é um fenômeno tão natural como a vida, e quem tem sabido viver, melhor saberá morrer. Eu só lamento é que, havendo tanta ocasião gloriosa de morrer e esses cavalheiros me matam pelas costas! Enfim, em Canudos fizeram pior. Logo que puderes, retira daqui os meus ossos, reúne-os aos de Brandão e Baptista, meus dois leais amigos da revolução, e leva-os para Petrópolis. Direi como aquele General africano: "Esta terra que tão mal pagou a liberdade que lhe dei, é indigna de possuí-los". Ah, meus amigos, estão manchadas de lodo e de sangue as páginas da história do Acre! (José Plácido de Castro)

01.12.2012 – Partida do Porto dos Casais

Mais uma vez parto, como diz um querido mestre e amigo, grande incentivador do projeto, Luiz Carlos Bado Bittencourt, para cumprir outra etapa de minha difícil, mas altamente gratificante "*Missão Auto-atribuída*". Levantamos voo eu e minha cara parceira Rosângela Schardosim, do Aeroporto Internacional Salgado Filho – Porto Alegre, às 06h30, depois de me despedir de minhas queridas filhas Vanessa e Danielle e de meu genro Samure. Felizmente os três puderam acompanhar-nos ao aeroporto e nos ajudaram guardando lugar na interminável fila até que realizássemos o chek-in. O caos era geral, filas quilométricas, informações conflitantes e atendentes mal-humorados, é difícil crer que estes problemas estejam resolvidos até a Copa do Mundo. Partindo para minha 5ª jornada em quatro anos verifico, constrito, que nada mudou.

Em Rio Branco, recebemos apoio irrestrito dos nossos irmãos engenheiros. O Tenente-Coronel José Luís Araújo dos Santos, Comandante do 7° BEC, foi incansável em nos apoiar.

Município de Rio Branco

A bela capital acreana é cortada pelo Rio Acre. Sua população é de 342.298 habitantes (IBGE, 2011), colocando-a como a sexta maior Cidade da Região Norte. A população ordeira e simpática é muito prestativa e sabe receber os visitantes com uma cortesia de fazer inveja aos meus conterrâneos gaúchos. O Ciclo da Borracha e as secas motivaram uma intensa migração de nordestinos. A grande maioria destes sertanejos era de cearenses, estado que mais sofreu os efeitos das estiagens. Estes valentes desbravadores estimularam o desenvolvimento do Município e promoveram uma intensa miscigenação com nativos locais dando origem a "*raça acreana*", que carrega nos seus genes tanto o potencial de sobreviver à inclemência da árida caatinga como aos obstáculos da hileia indomada.

Seja de Bronze a Sombra dos Heróis!

Pátrio Dever
(Quintino Cunha)

Não basta adoração, amor não basta,
Vênias augustas, méritos reais,
Para a grandeza imensamente vasta
Dos belicosos seres imortais.

O ferro, o bronze, que a Ciência gasta
Nos vultos dos heróis que a vida faz,
Ah! nunca mais que, tu, morte nefasta,
Nunca mais o consomes, nunca mais!

Escreva pois a Pátria esta sentença,
Grande na forma, de pensar extensa,
Escreva a Pátria, em tímidos alardes,
Em nossa História – espaço de mil sóis:
– Seja de lodo a sombra dos covardes,
Seja de bronze a sombra dos heróis!

> O herói rio-grandense foi covardemente assassinado aos 35 anos de idade, permanecendo esse crime eternamente impune. Próximo à propriedade do seu assassino, os fiéis amigos de Plácido de Castro ergueram uma lápide de mármore, assinalando o local da emboscada. Seus ossos, porém, foram sepultados no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia, em Porto Alegre. Na fronte do pedestal, a família fez gravar o nome de seus 14 algozes. (MEIRA)

Barão do Rio Branco

A capital acreana presta uma justa homenagem a José Maria da Silva Paranhos Júnior – o Barão do Rio Branco. A história, porém, não pode olvidar, jamais, que os esforços diplomáticos só alcançaram sucesso porque muito antes deles um punhado de heróis defendeu a ferro e a fogo esta valorosa terra.

Acre – Toponímia

Muitos pesquisadores divagaram, ao longo dos tempos, sobre a origem da palavra "*Acre*". Se consultarmos o Volume II, página 87, da Enciclopédia Mirador Internacional uma publicação da "*Encyclopædia Britannica do Brasil*" Publicações, de 1987, vamos encontrar um texto da autoria de Fernando Moretzsohn de Andrade e André Passos Guimarães que argumentam que:

> O nome, que passou do Rio ao território, em 1904, e ao estado, em 1962, origina-se, talvez, do tupi a'kirü "*Rio verde*" ou da forma a'kir, de ker, "*dormir, sossegar*", mas é quase certo que seja uma deformação de Aquiri, modo pelo qual os exploradores da região grafaram Umákürü, Uakiry, vocábulo do dialeto Ipurinã. Há também a hipótese de Aquiri derivar de Yasi'ri, Ysi'ri, "*água corrente, veloz*".

Na viagem que fez ao Rio Purus, em 1878, o colonizador João Gabriel de Carvalho Melo escreveu de lá ao comerciante paraense Visconde de Santo Elias, pedindo-lhe mercadorias destinadas à "*Boca do Rio Aquiri*".

Como em Belém, o dono e os empregados do estabelecimento comercial não conseguissem entender a letra de João Gabriel ou porque este, apressadamente, tivesse grafado Acri ou Aqri, em vez de Aquiri, as mercadorias e faturas chegaram ao colonizador como destinadas ao Rio Acre. (ANDRADE & GUIMARÃES)

Afirmo, porém, sem sombra de dúvida, que a melhor explicação, se deve ao pesquisador, historiador e juiz José Moreira Brandão Castello Branco Sobrinho que publicou, em 1954, um artigo denominado "*O Rio Acre*", no Volume 225 (páginas 294 a 298), da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

O RIO ACRE

Havendo divergência sobre a origem do nome desse famoso Rio e quanto à data do início do seu povoamento por João Gabriel de Carvalho Melo, procurei explicar o que havia a respeito, num artigo Intitulado "*O Nome do Rio Acre*" e na monografia "*Caminhos do Acre*".

Quanto ao primeiro [O Nome do Rio Acre], historiando o que havia a respeito, aludi às versões de José Carvalho, Napoleão Ribeiro e Soares Bulcão, aqueles achando que, devido a uma carta de João Gabriel de Carvalho Melo dirigida ao Visconde de Santo Elias [Elias José Nunes da Silva], negociante em Belém do Pará, datada da Boca do Acre, logo após ao seu reconhecimento, em 1878, pedindo mercadorias para esse lugar, fez tais garatujas que ou

empregados da casa, inclusive o chefe, não puderam decifrar o nome do Rio, porém, como se aproximasse muito de "*acre*" adotou-se esta palavra que foi pincelada nos volumes e grafado nas faturas e conhecimentos enviados ao referido João Gabriel.

No segundo [Caminhos do Acre], procurando demonstrar não ser João Gabriel tão ignorante a ponto de só fazer garatujas indecifráveis, acha que essa deturpação só podia ser obra de algum dos seus companheiros, como Alexandre de Oliveira Lima, o decantado Barão da Boca do Acre que ferrava seu nome "*Lixandre Liveira Lima*", pelo que também o alcunharam de "*Barão dos Três Eles*".

Acrescentava eu que os primeiros exploradores do Rio Acre, como o amazonense Manuel Urbano da Encarnação e o inglês William Chandless que o sulcaram na sétima década do XIX século, percorrendo aquele grande trecho do mesmo e este indo até as proximidades dos seus manadeiros, trouxeram-nos o nome de Aquiry.

O engenheiro brasileiro J. M. da Silva Coutinho, o norte-americano A. D. Piper, o Presidente M. C. Carneiro da Cunha, o escritor Tavares Bastos, o geógrafo peruano M. F. Paz Soldan, o Coronel A. R. Pereira Labre, todos anteriormente à carta de João Gabriel, assim grafaram-no, sendo que Piper e Labre, exploradores da região ouviram-no da própria boca dos Ipurinãs, nação indígena ali residente, cujos domínios abarcavam cerca de trezentas milhas, a montante e a jusante da barra do Acre e penetrava por este uns dez dias de viagem em canoa.

O nome ajuntava eu, provinha do dialeto desses silvícolas que, aliás, pronunciavam Uwákũrũ ou Uakiry, segundo o referido Labre, grande conhecedor das gentes ameríndias do vale puruense.

E concluía eu que, não sendo Gabriel um quase analfabeto como dizia José Carvalho, nem um meio letrado como pensava Soares Bulcão, escrevinhou Acri, segundo explicou-me Newtel Maia, fundador do Seringal Empresa, em 1882, por ter visto a aludida carta: ou Aqri, conforme o Dr. Francisco de Paula de Assis e Vasconcelos, ex-interventor no Território do Acre, filho de Francisco Assis Vasconcelos, explorador e proprietário de seringais na alta Bacia puruense, amigo do autor da missiva ao dito Visconde de Santo Elias, o qual afirmava haver grafado João Gabriel desta maneira, por julgá-la acertada, pois, este velho explorador pronunciava Aquiri.

Certamente, devido a este fato, a palavra propagouse facilmente, no comércio e foi mais tarde aproveitada pelo governo, mas, segundo pesquisas posteriores, apurei que o mesmo Coronel Labre, num folheto publicado, na Província do Maranhão e datado de "*Labria, 01.01.1872*", já empregava o nome "*Acre*" para o Rio "*Uaquiry*" ou "*Aquiry*" dos Ipurinãs, em diversas ocasiões, ao citá-lo como afluente do Purus, como possuidor de salitre em suas margens, no mapa das distâncias e na Nota 2 desta mesma página, isto é, mais de um lustro ([31]) antes da viagem de João Gabriel de Carvalho Melo.

Destarte, base tem Moreira Pinto quando afirma, tratando do Rio "*Aquiry*", tributário do Rio Purus – "*O Tenente-Coronel Labre deu a esse Rio o nome de Acre*". Assim, já ele existia anteriormente à chegada de João Gabriel, reinando, apenas, confusão na maneira de grafá-lo. Quanto ao aportamento do vapor Anajás, conduzindo João Gabriel de Carvalho Melo, vários parentes, amigos e grande carregamento de mercadorias para povoar o Rio Aquiri ou Acre, reinava certa confusão no tocante ao ano, assegurando

[31] Lustro: cinco anos.

alguns, como Emílio Falcão, Avelino de Medeiros Chaves, Hugo Ribeiro Carneiro, Soares Bulcão, A. C. Ferreira Reis e Joaquim Camelo que havia sido a 03.04.1877, e outros, como Euclides da Cunha, Aníbal Amorim, J. A. Masô, Napoleão Ribeiro e Custódio Miguel dos Anjos que fora em 1878. Manifestei-me ao lado dos últimos, apesar da assertiva de velhos acreanos como E. Falcão, Avelino Chaves e Joaquim Camelo que a ouviram do próprio Alexandre de Oliveira Lima, passageiro do Anajás, nessa viagem, parente da esposa de João Gabriel e que ficara de posse do Seringal Boca do Acre; porque, além da responsabilidade que tinha Euclides da Cunha, ele, como os autores, que lhe acompanharam, com certeza também ouviram o referido Oliveira Lima, ainda existente na época em que por ali passaram, afora outros desbravadores dos primeiros tempos.

Sendo que N. Ribeiro era o mais minucioso de todos; e Custódio, morador, em 1877, nas proximidades de Yutanahã, adiantava que, tendo o governo facilitado passagens grátis aos retirantes, o que se deu pelo meado do ano, somente depois disto foi que João Gabriel mandou buscar seus parentes no Ceará, os quais só poderiam ter chegado na barra do Acre, em princípios de 1878 e não em abril do ano anterior quando, apenas, por esse tempo, a imprensa de Fortaleza sugeria isso ao governo. E estava com a razão quando assim me inclinei, tanto que lendo mais tarde periódicos e outros documentos referentes à época, encontrei uma correspondência intitulada "*Carta do Rio Purus*" publicada num jornal de Manaus, na qual, entre outras notícias, via-se a seguinte:

> Os vapores João Augusto e Anajás só navegam até as cachoeiras, dez horas de navegação acima do último ponto da escala: não indo os Comandantes

> adiante por não terem autorização da Companhia: transportadas as mercadorias daí em diante em canoa ou navios particulares sendo o último ponto povoado "*São Miguel de Anury*", distante do Acre 60 milhas, ou 12 horas de navegação, onde acaba de chegar o vapor Teixeira Ruiz, que não seguiu até o Rio Acre, por não haver morador algum para cima; o que, no entanto, deve acontecer em outubro, porque para lá seguirão na lancha Colibri, diversos comerciantes.

Coube, assim, ao Teixeira Ruiz a glória de mostrar que a navegação até 60 milhas do Rio Acre era franca e sem perigo; tendo sido prático do navio Braz Gil da Encarnação, espontânea e gratuitamente. O Teixeira Ruiz gastou 34 dias de viagem, de 4 de abril a 08.05.1877, atracando em 82 portos.

> O Rio Acre é famoso pelas suas riquezas imensas, as quais só agora estão sendo exploradas. [Jornal do Amazonas, maio e junho de 1877]
>
> Durante este ano tem aumentado muito a população neste Rio, conduzindo os vapores cerca de 1.200 passageiros; e o Anajás, entrado ontem do Purus, foi até o lugar S. José da Cachoeira, onde descarregou seu importante carregamento no dia três. [Jornal do Amazonas, julho de 1877]
>
> Na madrugada de 12 de janeiro de 1878 ancorou, no porto de Manaus, o vapor Anajás da Companhia do Amazonas Limitada, que subiu acima de Hyutanahã [último ponto da linha] e foi até as barracas mais próximas ao Rio Acre; prestando, assim, o Comandante Carepa um relevante serviço ao comércio do Alto Purus. [Jornal do Amazonas, janeiro de 1878]
>
> O vapor Anajás saíra de Belém do Pará, na madrugada de 06.02.1878, sob o comando do Capitão Carepa. [Jornal do Pará, janeiro e fevereiro de 1878]

Deve ter chegado a Manaus cerca do dia 14, ou ido diretamente ao Rio Purus, pois segundo Napoleão Ribeiro fora fretado pela firma comercial E. J. Nunes da Silva e Cia, para levar João Gabriel com o seu pessoal e mercadorias ao alto Purus, devendo ter chegado à Boca do Acre no fim de fevereiro ou princípio de março, tanto que no dia 2 de março, João Gabriel já agradecia ao Comandante Júlio Marques Carepa e aos seus distintos oficiais e ao Sr. Manuel Gonçalves Tourinho do Pinho, delegado da casa Elias José Nunes da Silva Cia, do Pará, a atenção e obséquios que lhe dispensaram, bem como à sua família, durante a sua viagem ao Acre, em duas cartas publicadas no Jornal do Amazonas, dirigida uma ao referido Comandante Carepa e a outra ao Sr. Tourinho do Pinho, ambas datadas de "*Rio Purus, 02.03.1878*", e assinadas por João Gabriel de Carvalho Melo.

Pelo exposto, ficou demonstrado que a denominação de "*Acre*" para o Rio que serviu de epígrafe a essas linhas, já existia antes da viagem de João Gabriel, em 1878, nem foi uma consequência dessa jornada, como se pensava, a qual, indubitavelmente, concorreu para que, bem ou mal interpretado o conteúdo da carta comunicando os acontecimentos se o divulgasse mais rapidamente, em vista do povoamento daquela ribeira, e do intenso comércio que se estabeleceu com as praças do Pará e Manaus.

Pela própria correspondência trasladada acima e datada do "*Rio Purus*", desde 1877, o seu autor não fala em Rio Aquiri, e somente em Acre, e, como era regularmente redigida e anônima, não é incabível que se atribua ao referido Antônio Rodrigues Pereira Labre, o explorador mais inteligente, mais expedito e mais letrado da Bacia puruense, ali residente, e o maior interessado no seu progresso, como se depreende da sua constante atividade. (SOBRINHO, 1954)

Cronologia Histórica de Rio Branco
Fonte: www.riobranco.ac.gov.br

1882 - O vapor sobe o Rio Acre e desembarca os Irmãos Leite no Seringal Bagaço. Neutel Maia decide ficar algumas milhas acima e no dia 28 de dezembro funda o Seringal "*Empreza*", na volta do Rio onde está situada a Gameleira. Depois o mesmo vapor ainda deixa Manuel Damasceno Girão na Foz do Xapuri, onde fundou o Seringal Xapuri.

1902 - 18.09.1902 – Primeiro Combate da Volta da "*Empreza*" - vitória boliviana.

5 a 15.10.1902 – Segundo Combate da Volta da "*Empreza*" – vitória acreana.

1903 - 04.04.1903 – Ocupação da "*Empreza*" por tropas brasileiras, sob o comando do General Olympio da Silveira.

13.05.1903 – O Gen Olympio da Silveira proclama, em "*Empreza*", o término da Revolução Acreana.

1904 - 18.08.1904 – Toma posse da Prefeitura do Departamento do Alto Acre, o Coronel Raphael Augusto da Cunha Mattos.

22.08.1904 – Instaladas a delegacia de polícia e uma escola primária.

07.09.1904 – Decreto N° 7 – mudança de Nome de "*Empreza*" para Vila Rio Branco – provisoriamente sede do Governo da Prefeitura Departamental.

1908 - É criada a Comarca do Alto Acre – Cidade "*Empreza*" – Sede.

1909 - 13.06.1909 – Prefeito Gabino Besouro – muda a sede do Departamento de "*Empreza*" [atual 2° Distrito] para Penápolis [atual 1° Distrito].

1910 - 10.08.1910 – Instalava-se em Penapólis uma agência dos correios.

1912 - 03.10.1912 – Por ato do Prefeito Departamental Deocleciano Coelho de Souza Penápolis e "*Empreza*" passam a se chamar Rio Branco.

1913 - 07.05.1913 – É instalada uma estação de Rádio Telegrafia, tirando os acreanos do isolamento total.

13.06.1913 – É criada uma nova organização ao território, razão da qual é instalado oficialmente o Município de Rio Branco.

1914 - 07.01.1914 – Primeiras eleições municipais.

1915 - 01.05.1915 – É inaugurado o primeiro grupo escolar da Cidade.

1916 - 13.05.1916 – Inaugurado o serviço de luz elétrica.

1920 - 01.10.1920 – Território do Acre - extinção do Departamento e unificação dos Municípios em torno de um só governo, Rio Branco é escolhida a capital do Território do Acre.

1962 - 15.06.1962 – A Lei 4070 – eleva o Território do Acre à categoria de Estado.

Um Hino de Bravos

Que o bairrismo extremamente acirrado de meus conterrâneos gaúchos me perdoe, mas o mais belo Hino dos Estados brasileiros é sem dúvida o Hino do Acre – um canto de titãs, um hino vibrante e viril regido pela honra e pela glória e salpicado por notas de coragem e desassombro.

Quem, como eu, já teve a oportunidade de ouvi-lo e senti-lo há de concordar plenamente com o que digo. O Hino foi composto, no dia 05.10.1903, no Seringal Capatará, situado acima do Igarapé Distração, na Cidade de Rio Branco, em um acampamento onde Plácido de Castro estabelecera o Quartel-General do seu exército, pelo Médico e Poeta baiano Dr. Francisco Cavalcante Mangabeira que prestava atendimento à tropa.

A música, por sua vez, foi criada pelo maestro amazonense Donizeti que conhecia perfeitamente a realidade e historicidade da região, pois residira nas cidades de Tarauacá e Cruzeiro do Sul.

Hino do Acre

(Dr. Francisco Cavalcante Mangabeira e Mozart Donizeti)

I

Que este Sol a brilhar soberano
Sobre as matas que o veem com amor
Encha o peito de cada acreano
De nobreza, constância e valor...
Invencíveis e grandes na guerra,
Imitemos o exemplo sem par
Do amplo Rio que briga com a terra,
Vence-a e entra brigando com o Mar.

Estribilho

Fulge um astro na nossa bandeira,
Que foi tinto com sangue de heróis
Adoremos na estrela altaneira
O mais belo e o melhor dos faróis

II

Triunfantes da luta voltando,
Temos n'alma os encantos do céu
E na fronte serena e radiante
O imortal e sagrado troféu,
O Brasil a exultar acompanha
Nossos passos, portanto é subir,
Que da glória a divina montanha
Tem no cimo o arrebol do porvir.

III

Possuímos um bem conquistado
Nobremente de armas na mão
Se o afrontarem, de cada soldado
Surgirá de repente um leão.
Liberdade é o querido tesouro
Que depois de lutar nos seduz
Tal o Rio que rola, o Sol de ouro
Lança um manto sublime de luz.

IV

Vamos ter como prêmio da guerra
Um consolo que as penas desfaz,
Vendo as flores do amor sobre a terra
E no céu o arco-íris da paz.
As esposas e mães carinhosas
A esperar-nos nos lares fiéis
Atapetam a porta de rosas
E, cantando, entretecem lauréis.

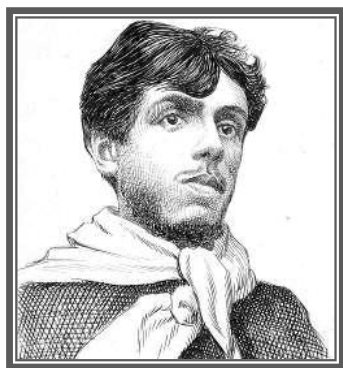



Imagem 05 – Dr. Francisco Cavalcante Mangabeira

V

Mas se audaz estrangeiro algum dia
Nossos brios de novo ofender,
Lutaremos com a mesma energia
Sem recuar, sem cair, sem temer
E ergueremos então destas zonas
Um tal canto vibrante e viril
Que será como a voz do Amazonas
Ecoando por todo o Brasil.

Dr. Francisco Cavalcante Mangabeira

Isac de Melo escreveu, em 2011, um excelente artigo intitulado "*Francisco Mangabeira: Um Poeta Baiano na Revolução Acreana*" no site Alma Acreana.

O Acre e a Revolução

Algo inquietava o Poeta, mesmo estando em meio ao aconchego de seus familiares e de sua terra. Quando estivera em Manaus ouvira falar muitas vezes dos acreanos e sua revolução. Um de seus amigos, Xavier Marques, narra que cotidianamente o Poeta subia à sala do jornal Diário de Notícias e passava horas a falar dos acreanos e do extraordinário de seus feitos. Comentara o Poeta, em carta, assim a um amigo:

"Nada posso afirmar de novo sobre o Acre,
enquanto para lá não partir!
O que ainda não fiz por falta de vapores."

Como alguém que nunca estivera em meio aos acreanos poderia a eles se afeiçoar com tal devotamento? Francisco Mangabeira sentira o drama dos acreanos e vira nisso a oportunidade de oferecer seus serviços. Fora o jeito que encontrara para amá-los. O sobrinho biógrafo, Paulo Mangabeira-Albernaz, diz acerca do sonho de seu tio:

"Nada o conseguira prender: nem a saudade
inexprimível, nem o amor imensurável
à terra do berço, nem a própria felicidade!
O apelo do Acre vencera tudo!"

E assim parte o Poeta para Manaus, em abril de 1903, com destino ao Acre. Em Manaus, onde já era muito estimado, o Poeta partilhara com seus amigos o sonho que acalentava de ir para o Acre. Os amigos não viram com bons olhos essa proposta. Imperava a máxima de que poucos sobreviviam ou retornavam do Acre: local de difícil acesso, isolado e empestado de doenças tropicais e, agora, em guerra.

Tentaram dissuadi-lo por vários modos, inclusive, recorreram ao governador amazonense Silvério Nery, que oferecera a Francisco Mangabeira uma Comissão na Europa. Porém, nada dissuadia o Poeta de seu firme propósito. De modo que, no dia 28.05.1903, no navio Amazonense, como Médico do 40° Batalhão de Infantaria, comandado pelo Coronel Valadares, partia ao encontro de seu bem amado, o Acre. Durante o percurso tivera o primeiro contato com os bolivianos: chegara a encontrar 53 soldados e 9 oficiais, entre os quais o poderoso chefe da Expedição Coronel Rosendo Rojas, figura altaneira, que retornavam à seu país, após a derrota de Volta da Empresa.

Mais adiante, em 02 de junho de 1903, encontrará pela primeira vez o chefe da Revolução, Plácido de Castro, que descia à Manaus depois que o General Olímpio da Silveira havia destituído o exército acreano. Ficara impressionado com o caudilho:

"E então, pareceu-me que, ao brilho de energia extraordinária e impressionadora de seu semblante, ele crescia, e seu capacete se tornava de bronze e seu peito se recobria de aço."

As águas baixaram drasticamente e, à boca do Pauini, o amazonense não pode seguir adiante. O Poeta prosseguiu, então, em pequenas lanchas, em canoa a varejão e, por fim, a pé, em varadouros por entre a mata:

"A viagem a pé, quando havia um guia, era suportável, mas às vezes, era feita sem um mateiro, e imaginem 40 homens no mato, seguindo uma trilha que de repente se bifurca, e mais adiante dava numa estrada de seringueiro de onde partiam três ou quatro caminhos! Uma vez andamos oito horas perdidos no mato e, para aumentar a aflição, uma chuva torrencial desabou sobre nossas cabeças".

A viagem fora uma epopeia. Mas, finalmente, chegara ao Seringal Empresa, onde estava acampado o 27° Batalhão de Infantaria. Era agosto de 1903.

Hino Acreano

Em 21.03.1903, o governo brasileiro, por meio do grande diplomata Barão do Rio Branco, juntamente com o governo boliviano assinaram um acordo de "*Modus Vivendi*". Os bolivianos já haviam se rendido ao exército de Plácido. Cessara a luta no fronte, a batalha agora era no campo da diplomacia.

O Acre encontrava-se politicamente dividido em duas administrações: Meridional, sob o comando de Plácido de Castro, e Setentrional pelo Governo militar de Cunha Matos.

Por duas vezes, como assevera o historiador Leandro Tocantins, o Barão do Rio Branco sugeriu ao Governo de La Paz, e este concordou, a extensão do prazo do "*Modus Vivendi*", de 21 de julho até 21 de outubro [1904]. A ansiedade tomava conta de todos. Qual seria afinal o resultado dessas discussões diplomáticas? Que acordo seria firmado?

Enquanto isso, Plácido de Castro organizava seu exército em pontos estratégicos do Acre Meridional, pronto para nova luta conforme o resultado das confabulações diplomáticas entre os dois países. No Seringal Capatará estava assentado o Quartel-General de Plácido.

Ao fundo do Barracão erguiam-se as barracas de lona, a alojar os soldados. Numa delas está Francisco Mangabeira. Desde que cessara os combates aí passara a atender os feridos da guerra e à população ribeirinha que o procurava.

É nesse ambiente, impressionado pela natureza, pelo ideal de liberdade, pelos combates e pelo sentimento da terra que o jovem Poeta comporá, em 05.10.1903, o magnífico poema que se tornará o Hino Acreano.

Aproximava-se o término do "*Modus Vivendi*". O Poeta encontrava-se, com a tropa, acampado em Boa Fé. Estavam irrequietos e decididos: ou o Acre seria do Brasil, ou recomeçaria a luta. A tropa, a 21 de outubro de 1903, fora reunida diante do mastro do qual pendia a bandeira acreana. Conta, em carta, Francisco Mangabeira:

"A meio dia, pouco mais ou menos, reunida a oficialidade, resolve-se mandar imediatamente cem homens para o Gavião. Antes disso, porém, com uma cerimônia tocante, foi lido o Hino do Acre".

Pela voz do próprio Poeta pela primeira vez o Hino Acreano percorria as matas e o coração daqueles caboclos titânicos, num misto de alegria e esperança. O resultado das confabulações diplomáticas e, consequentemente, a incorporação do Acre ao Brasil só veio um mês depois, a 17 de novembro, quando em Petrópolis, com a genialidade diplomática do Barão do Rio Branco, fora assinado o Tratado de Petrópolis.

Mangabeira tentara o máximo permanecer em solo acreano depois do término da Revolução. Porém, caíra gravemente enfermo, e fora levado nos braços, no último dia de dezembro de 1903, até a embarcação que o conduziria a Manaus, aí chegando dia 10.01.1904. Findava o sonho acreano do Poeta da mesma forma que se aproximava o seu fim. (DE MELO)

Tragédia Épica – Guerra de Canudos

Notas da 1ª Edição

"*O Assalto à Artilharia*" é uma espécie de tradução para o verso de uma belíssima carta que o Dr. Euclides da Cunha escreveu de Canudos para o Estado de S. Paulo, onde este meu saudoso amigo derramou tanta luz em belíssimas e magistrais correspondências, que, publicadas em livro, lhe garantiriam um triunfo literário.

"*Dolor*" é uma espécie de nênia ([32]) que escrevi em Canudos, quando me deram a notícia da morte de meu inditoso companheiro Joaquim Pedreira, a quem abraçara dias antes, na hora da sua partida.

Quando publiquei esses versos no Jornal de Notícias desta cidade, encimei-os com esta nota, que reproduzo para esclarecer o leitor:

"*Este moço partiu de Canudos tão gravemente enfermo, que mal podia suster-se a cavalo. Devido aos grandes sofrimentos por que passou durante a viagem, teve de ficar a três léguas de Monte-Santo, aos cuidados de algumas pessoas que se condoeram de tanta desventura, enquanto a escolta ia buscar uma padiola para levá-lo. Acompanhava-o um comboio de feridos*".

Francisco Mangabeira

[32] Nênia: canto fúnebre.

Tragédia Épica – Guerra de Canudos – I
(Francisco Mangabeira)

I – Adeus!

Lá vão eles, lá vão... Olham tristonhamente
A casaria branca, os templos triunfais,
As ruas, os jardins, as árvores, a serra,
Toda loira de Sol, desta querida terra,
Para onde talvez não voltem nunca mais.

Lá vão eles, lá vão... Adeus! sítios alegres
Onde outrora cantava o pássaro do amor...
Adeus! Sol sem igual e aragens olorantes... ([33])
Adeus! de novo adeus! noites irradiantes
Em que a lua acendia um astro em cada flor!

Adeus! cidade antiga, em cujo seio amado
Viveram sob o olhar e a proteção de Deus...
Dias passados já, felizes e risonhos,
Em que traziam na alma os arrebóis ([34]) dos sonhos
E que não voltarão, inda outra vez – adeus!

Adeus! noivas, e irmãs, e esposas... Adeus, filhos
Que nos berços em flor dormitam a sonhar.
Adeus! A Pátria geme! e é só porque ela chora
Que estes soldados vão partir, bosques em fora,
Talvez – quem sabe, Deus? – para não mais voltar.

E lá vão eles! Já tristíssimos lamentos
Se escutam... Um tremor agita os corações
Dos que ficam, ao ver com que fatal loucura
Vão em busca da glória ou, então, da sepultura
Este bando de heróis, homens feitos leões.

---

[33] Olorantes: de aromas muito agradáveis.
[34] Arrebóis: cor avermelhada que toma a atmosfera antes do nascer ou pôr do Sol.

Seguem para a campanha ansiosos e frementes...
Porém, quantos, meu Deus, não hão de ficar lá
Sem carinhos, no chão, frios e ensanguentados,
A gemer? Mas do sangue heroico dos soldados,
Como o sol – da alvorada, a Pátria surgirá.

Muitos hão de ficar sepultos nas paragens
Onde vencerem, e onde o louro triunfal
Cingirem, recordando os nômades gigantes
Que subjugam répteis, panteras e elefantes,
E morrem com valor no meio do areal.

Outros hão de voltar sem pernas ou sem braços,
Apresentando, então, aos homens a melhor
Prova dos brios seus nos prélios ([35]) mais renhidos ([36]) ...
E, assim, a rastejar, tristes e enfraquecidos,
Terão por isso mesmo aclamação maior.

Outros, cheios de glória, ao penetrar a porta
Do lar, hão de saber que a negra morte fez
Em seus risos surgir o pranto; que morreram
Seus filhos ou seus pais... E eles, que não tremeram
Na luta, hão de tremer pela primeira vez.

Paira uma luz vibrante, esplêndida e gloriosa,
Dos soldados no olhar, onde rutilam sóis...
Anteveem de certo o quadro da batalha:
Gritos, lamentações, rugidos de metralha,
E, por sobre isso tudo, a calma dos heróis.

Sentem crescer-lhes n'alma a aspiração imensa
De conquistar lauréis ([37]), e para o azul do céu
Erguem o olhar sereno em votos fervorosos,
Como usam fazer os nautas audaciosos
Quando querem domar a fúria do escarcéu ([38]).

---

[35] Prélios: combates, embates.
[36] Renhidos: sangrentos.
[37] Lauréis: coroa de louro, homenagem.
[38] Escarcéu: grande vaga em mar revolto.

Almas feitas de bronze – eles desprezam tudo
Para afrontar a morte, heroicos e viris...
Eu amo estes heróis que têm, em tais momentos,
A chama dos vulcões e a cólera dos ventos
Dentro dos corações firmes e juvenis!

Glória à brava legião! A morte, a própria morte
Respeitará a vida a estes que vão partir
Deixando tudo aqui, e não levando nada
A não ser sua audácia, a baioneta, a espada
E a saudade que, atroz, a alma lhes vem ferir.

Deus os conduza... Sempre os acompanhe a glória...
Que triunfem e nunca a dúvida cruel
Os esmoreça até que, após a guerra, ainda
Possam beijar a mãe, e a filha, e a noiva linda,
Trazendo sobre a fronte a aurora dum laurel.

É hora de partir! A máquina assovia
Vomitando fumaça, e move-se, a ranger...
Quanta palpitação nas almas! Quanta mágoa!
Quantos olhos estão baixos e rasos de água!
E quanto coração precipite, a gemer!

Adeus! adeus! adeus! a multidão exclama
Aos que partem, enquanto, alucinado, o trem
Avança, descrevendo incríveis cabriolas...
Os soldados, então, correm às portinholas
Acenando um adeus! que do imo da alma vem.

Vai-se sumindo o trem, quando na plataforma
Se levanta, orgulhoso, o nosso pavilhão,
Que, a um só tempo, ao clarão do dia tremulando,
Parece abençoar os bravos e ir lançando
Um adeus prolongado à triste multidão.

II – O Batismo De Sangue

Ei-los em meio à estrada... Exaustos e cansados
Atravessam os montes,
Vingam os alcantis ([39]), transpõem os valados,
Sob a chama do Sol que doira os horizontes.

Quem de longe vê essa estranha mole ([40]) humana
Viajando no deserto,
Pensa que está fitando alguma caravana
Em busca de um tesouro, há pouco descoberto.

As lanças, a espelhar, centelham sobre os ombros
Dos soldados robustos
Que vão, calmos, pisando os lúgubres escombros
Do incêndio que torrou os míseros arbustos.

Tontos, os animais escondem-se, escutando
O brado das cornetas,
Que soam rudemente, as aves espantando
E espavorindo até as mansas borboletas.

E os soldados lá vão, cheios de atrevimento,
Pelos caminhos broncos,
E dormem afinal, exaustos, ao relento,
Deitados pelo chão, nas pedras e nos troncos.

De noite o acampamento, à luz que se bifurca
Em réstias ([41]) infinitas
Das barracas, parece uma cidade turca
Feita de palanquins, bazares e mesquitas.

Também pode lembrar por causa das ramagens
Que o escondem, na floresta,
Uma taba feliz de indômitos selvagens,
Acesa, celebrando uma pomposa festa.

---

[39] Alcantis: despenhadeiros.
[40] Mole: massa.
[41] Réstias: raios de luz.

Divertem-se e, por fim, quando a corneta soa,
Todos vão à procura
Da barraca, onde o pranto oculto corre à toa
Abrandando a saudade imensa que os tortura.

O acampamento fica ermo e silencioso...
Só se percebe pelas
Barracas escorrer um fluido luminoso,
Que é a piedade da Lua e a mágoa das estrelas.

Antes do Sol raiar, quando no céu ainda
Fulge ([42]) a lua prateada
Entre os astros, bem como uma princesa linda,
A corneta já diz o toque de alvorada.

Todos despertam logo... Arreiam-se os cavalos
Impacientes e brutos.
E, sem haver tremor de terra nem abalos,
O acampamento cai em dois ou três minutos.

Viajar de madrugada! Eis a maior delícia
Que a existência entesoura:
A mata canta e cheira, o vento é uma carícia,
E no céu muito azul, a aurora muito loura...

Depois desponta um Sol esplêndido, sem tréguas,
Incendiando tudo...
E eles têm que fazer uma porção de léguas
Por este ínvio ([43]) sertão esbraseado e mudo!

A fome e a sede já os desanimam; vê-se
A ampla língua pendente
Da boca de cada um, babando; e assim parece
Que são como os dragões das lendas do Oriente.

---

[42] Fulge: brilha.
[43] Ínvio: impenetrável.

Os soldados, ao ver que o dúlcido ([44]) consolo
Para os seus males tarda,
Desesperam, e alguns caem no ardente solo,
Não podendo aguentar o peso da espingarda.

A canícula atroz incendiou os galhos
Das árvores despidas,
Que se quedam de pé como a pedir orvalho
Que as tornem, como sempre, enormes e floridas.

A viagem finda... Eis quando inumeráveis balas
Pérfidas ([45]) e certeiras
Fazem nos batalhões claros enormes; alas
E mais alas de heróis tombam no chão inteiras...

Ninguém sabe o inimigo, em que lugar se oculta...
E dos bosques em meio
À peleja cruel e pavorosa avulta,
E é cada vez maior o horrível tiroteio.

Quando os soldados vão descarregando fogo,
Reparam que o adversário
Nada sofreu e, sim, as árvores que logo
Se despenham ([46]), fazendo um ruído extraordinário.

A luta aumenta: o solo é um Rio ensanguentado
Onde boiam os mortos...
Como é triste morrer exangue ([47]) e abandonado,
Sem carinhos! Sem luz! Sem beijos! Sem confortos!

Luzidos ([48]) batalhões rolam sem vida; os moços
Oficiais feridos
Com as espadas nas mãos revolvem-se nos fossos,
E morrem aclamando os bravos destemidos.

---

[44] Dúlcido: doce.
[45] Pérfidas: traiçoeiras.
[46] Despenham: caem, tombam.
[47] Exangue: esvaído em sangue.
[48] Luzidos: eminentes, distintos.

A tropa, sitiada, avança e não recua
Porque ainda lhe resta
Um bando de leões... E, quando surge a Lua,
Acampam, afinal, no meio da floresta.

E aí, vendo que a morte arrebatou metade
Dos companheiros, calma,
Eles choram por fim... mas choram de saudade,
Que a saudade é um luar que temos dentro da alma.

III – Assalto à Artilharia

Reunidos os fanáticos, um dia,
O chefe exclama: "O fogo pavoroso
Da rouca artilharia
É o que nos faz desanimar por ora...
Urge um assalto enérgico e raivoso
Aos canhões... pra ver se isto melhora."
– E logo foi deliberado o assalto.

Meio dia. No azul do firmamento
O Sol fuzila radioso e alto,
Em um deslumbramento...
E os seus raios, batendo nas monstruosas
Rochas, dão-lhes o aspecto de cobalto
E o resplendor das pedras preciosas,
Que há nos mantos dos príncipes do Oriente.

Incendeia-se o espaço iluminado
Como um harém festivo, O solo é quente,
Sem água, esbraseado.
O homem pasma ao olhar essas riquezas...
Que tesourou no céu resplandecente
E quantas joias na amplidão acesas!
Isso, no entanto, de ilusão não passa. [...]

O Sol a pino a deslumbrar o espaço!
Nisso trinta fanáticos, olhando
Em redor, e de passo
Cauteloso, aparecem nos caminhos
Que levam aos canhões... De vez em quando,
Param, e espreitam... Vendo-se sozinhos,
Começam a subir a ribanceira.

Que trabalho ansioso! Em troncos velhos
Agarram-se eles de melhor maneira...
Uns ferem os joelhos
Nas angulosas pedras; outros cortam
As grossas mãos, pegando-se em rasteiras
Plantas, que tanto peso não suportam,
E saem com a raiz tenra e pequena. [...]

Nisso, os trinta fanáticos, do seio
Das moitas silenciosas e esquecidas,
Arremetem em cheio
Aos soldados que, aos centos, se levantam.
Ouvem-se vozes surdas e perdidas,
Detonações fortíssimas que espantam
Os assaltantes ríspidos e loucos...

São rechaçados pela soldadesca,
Que, em vagalhões horríficos e roucos,
Numa fúria dantesca
Os esmaga, espetando-lhes a fronte
Nas lanças... Retalhando-os... Restam poucos...
E estes, vendo-se sós no alto de um monte,
Resistem sempre, tontos e sombrios.

Vendo que estão vencidos, da montanha
Atiram-se, raivosos e bravios,
Numa tortura estranha...
Seus braços arrebentam-se, seus crânios
De encontro às pedras racham-se, nuns fios
De sangue... E, enfim, morrem sem dar um grito,
Como atletas gloriosos e titânios,
Caídos do infinito!

XII – O Combate

[...] Mais tarde, quando o dia
As brumas da amplidão nostálgica rompia,
A corneta soou, longe, nos descampados...
Sublimes de valor, ergueram-se os soldados
Ao primeiro sinal de combater, e logo
A metralha rugiu em explosões, de fogo,
Que estrondavam no espaço, esboroando casas,
Entre nuvens de pó, de escombros e de brasas.

Os hórridos canhões, postados sobre os montes,
Lembravam legiões negras de mastodontes,
De cuja boca ardente a destruição voava
Aniquilando tudo aquilo que encontrava
Diante de si... O céu enrubescia quando
Eles iam a goela horrenda escancarando,
Num vômito de chama. Os seus enormes roncos,
Que faziam saltar pedras, homens e troncos,
Seus brilhantes clarões purpúreos e assombrosos,
Que incendiavam o espaço e os montes silenciosos,
Produziam um medo acentuado e interno,
Como se aquilo fosse um esboço do inferno.

Os ígneos projéteis vertiginosamente
Atravessavam o ar, batendo de repente
Nas casas que, aos montões, iam caindo, numa
Nuvem de pó que, como impermeável bruma,
Cobria tudo em torno... Achavam-se estilhaços
De paredes, de mãos, de pedras e de braços,
No úmido chão. No entanto, as legiões opostas
Lutavam sem recuar, firmes e bem dispostas,
Com a ânsia dos leões que morrem combatendo,
Pois quem tomba a lutar – vence, embora perdendo.

A todos espantava o desespero insano,
Assombrador, feroz, incrível, sobre-humano,
Com que o bravo adversário, enraivecido e forte,
Afrontava o perigo, a destruição e a morte,
Escondido em covis, em buracos e em valas,
Para lutar melhor e abrigar-se das balas.

Afinal, os canhões calaram-se e, dos flancos,
Da cidade sitiada, em ríspidos arrancos,
Os soldados então desceram, suspendendo
As baionetas de aço, e foram envolvendo
O adversário infeliz num círculo de lanças,
Cada vez mais estreito. Os velhos e as crianças,
Não podendo correr, morriam transpassadas
Pelas armas. E sempre, em ordem e animadas,
Seguiam para adiante as forças legais, cheias
De intrepidez, com o sangue a referver nas veias...

Caíam em porção do monte sobre o fosso
Os sitiantes leais que, em íntimo alvoroço,
Olhavam para o ponto onde tremiam, belas,
As bandeiras da Pátria, enfeitadas de estrelas.

De súbito, rolava inerte o Comandante,
Um bravo que trazia aceso no semblante
O selo da bravura, e cuja honrosa história
Era um belo padrão de estoicismo e glória.

Avançavam, derruindo a golpes de armas todas
As barreiras... Dir-se-ia um mar tempestuoso
Submergindo batéis ([49]) e rochas... Pavoroso
Delírio! Cada vez o círculo ficava
Menor... A vaga pouco a pouco se encrespava,
Rodeando o adversário entrincheirado e aflito,
Que não gemia ai! e nem soltava um grito.

---

[49] Batéis: embarcações.

Era de horrorizar! Nesse cruel momento
Estranha aparição no azul do firmamento
Surgia; uma visão dulcíssima e formosa
Como a alvorada, um anjo, um pássaro ou uma rosa.

Então, a luz do Sol, em uma labareda
Voraz, incendiava a deslumbrante seda
Da cúpula infinita, enchendo-a de esplendores,
Tornando-a um jardim de luminosas flores. [...]
Tornava-se mais feia a tétrica batalha...

O adversário, que a fúria imensa da metralha
Dizimara, apesar de exausto, não cedia
Um só palmo de terra e, quando algum caía,
Os companheiros logo o apunhalavam para
Não ser aprisionado... Heroicidade avara!

Os fortes batalhões premiam pouco a pouco,
O adversário que, audaz, inconsciente e louco,
Resistia, lembrando em seu constante aferro
Um touro a revolver-se entre grilhões de ferro.

Um assombro! As legiões armadas prosseguiam
Na investida, pisando aqueles que morriam,
E a mergulhar os pés em borbotões de sangue. [...]

E feridos que ali, cheios de desconfortos,
Choravam, não de medo, e sim porque num sonho
Eles viam surgir o passado risonho,
Quando em seus corações desabrochavam calmas
As ilusões, assim como em Setembro as palmas
Que, por ser tão feliz, foi que passou tão breve!

De repente, o rumor estúpido e selvagem
Do combate os detinha em meio da viagem
Que faziam da infância à atualidade. Tontos,
Dirigiam o olhar para todos os pontos,
E viam no Ocidente o Sol cair tranquilo,
Mostrando-se, portanto, indiferente àquilo.

Expiravam alguns e, como borboletas,
Suas almas ao céu voavam irrequietas...
Outros, ardendo em ânsia, ouviam silenciosos
Os ruídos infernais, bruscos e estrepitosos,
Da peleja inda incerta e que, por esta causa,
Se encarniçava mais e não fazia pausa.

Dir-se-ia um grande circo onde rugissem feras,
Ou um terremoto hediondo a escancarar crateras!
Era a tropa que, numa inconcebível fúria,
Avançava, gloriosa, enérgica, purpúrea.

Destroçando o adversário a ferro, a fogo e a lança,
Numa sede sem fim de raiva e de vingança,
Por ver que ele, apesar desses reveses, doido,
Era vencido só em parte e não de todo,
E sustentava a luta, ainda depois disso,
Sempre raivoso, firme, impávido e insubmisso.
O combate acabou, quando na imensidade
A lua apareceu, triste como a orfandade. [...]

XX – Mater

Da guerra ei-lo que volta a largos passos
E, entrando o lar que abandonara um dia,
Entre beijos e lágrimas e abraços
A mãe o acolhe, doida de alegria...

Um artista de gênio, que quisesse
Copiar desse quadro a alta imponência,
Somente o pintaria se tivesse
Um coração cheio de inteligência...

Gaguejam... e depois, em voz mais clara,
A mãe pergunta ao filho, pressurosa,
Pelas nobres ações que praticara
Nessa guerra titânica e horrorosa.

Ele conta-lhe, então, os mais felizes
Transes dessa campanha extraordinária.
E mostra após as largas cicatrizes,
Que tem ao peito e à fronte temerária...
Estende a mão altivamente, e exclama:
"Eu feri não sei quantos inimigos,
Chafurdei-os em sangue, como em lama,
E enxotei-os depois como mendigos!"

Nisso ela se tornou trêmula e branca,
Muito mais branca e mais trêmula ainda,
Sentindo n'alma a dor, que não se estanca,
De uma tristeza maternal, infinda.
E o artista genial que desejasse
Reproduzir a dor que a pobre sente,
Só pintara a expressão de sua face
Se Deus lhe desse um coração à mente.

E ela disse: "Meu filho, de que servem
Os falsos esplendores dessas glórias,
Se os louros que na tua fronte fervem
São de desgraça, e nunca de vitórias?
Posso beijar-te venturosa, quando
Sei que outras choram longe de seus filhos?
Ai! como estão o meu prazer turvando
Teus louros, tuas glorias e teus brilhos...

São para mim tão tristes essas palmas,
Essas dragonas trêmulas e belas
Feitas de luto e dor de tantas almas,
Que eu preferia ver-te livre delas.
Não sabes inda o que é ser mãe, criança,
Pois se o soubesses, isso não farias,
Que se não rouba a angélica esperança
De uma alma, para enchê-la de agonias...

Oh! Imagina que voraz ferida
Se abriria de súbito no peito
De tua mãe, de tua mãe querida,
Se achasses na campanha o último leito...

Se na peleja rábida ([50]) e confusa
Caísses, ao rugido da metralha,
Vendo na rota e ensanguentada blusa
Não um troféu, e sim uma mortalha...
Ao sentires o hálito da morte,
Pensarias em mim e, então, coitado!
Maldirias, chorando, a tua sorte,
Oh! glorioso e mísero soldado!

E a quantos filhos que, no último instante,
Evocavam imagens adoradas,
Não esmagaste enérgico e triunfante,
Ao retintin tremente das espadas?!
Se acaso a pátria defender tu fosses,
E ao inimigo matasses mil soldados,
Os teus triunfos me seriam doces...
Eu beijaria os teus galões doirados...

Se morresses, impávido, na luta,
Seria a tua morte o meu encanto...
Porém lutaste com irmãos, e escuta:
À tua gloria eu me desfaço em pranto...
Repara bem que a tua heroicidade
Se esperdiçou ([51]), não sei por que mistério...
Entraste numa fraternal cidade
Para a transfigurar num cemitério...

E agora que te abraço, após a guerra,
Sinto no coração a desventura.
Das mães que choram, nesta mesma terra,
Os seus filhos que estão na sepultura.
Ai! que irrisão ([52])! De um desespero imenso
Cruas lanças o peito me estertoram ([53]),
Porque, se beijo a tua fronte, penso
Que, enquanto me bendigo, muitas choram..."

---

[50] Rábida: ensandecida.
[51] Esperdiçou: desperdiçou.
[52] Irrisão: ironia.
[53] Estertoram: agonizam.

Nostalgia do Mar
(Violeta Branca)

Amanhã voltarás para o Mar...
Teu destino é o Mar...
Na deslumbrante exaltação das ondas verdes, tua vida
– luminoso poema de mocidade e de Sol –
Tornar-se-á linda como uma alvorada rosicler ([54]).

Amanhã voltarás para o Mar...
E na inquieta convivência das vagas
Depressa olvidarás meu vulto de mulher.
Serei vela perdida
Na grandeza infinita do oceano.
Serei a emoção esquecida
De um porto, que ficou em névoas, na distância...

Amanhã voltarás para o Mar...
Enquanto eu ficarei numa tristeza longa, dolorosa,
Tu, que trazes na alma altaneira
O orgulho e a boêmia do marinheiro,
Partirás sorrindo.

E não terás para mim um pensamento de amor,
Tua alegria será jovial e franca.
Mas sentirás que te acompanha sempre, sempre
Um perfume sutil de violeta branca...

---

[54] Rosicler: tem a cor da rosa e da açucena.

Imagem 06 – Mercado Velho – Rio Branco, AC

Imagem 07 – Cercanias do Mercado Velho – Rio Branco, AC

Imagem 08 – Ponte JK no Rio Acre – Rio Branco, AC

Imagem 09 – Praça Antônio Maia – Rio Branco, AC

A Terceira Margem!

Desembarcou aqui como passageiro comum entre tantos que procuram a Terceira Margem do Rio entre o Céu e a Terra. (NOGUEIRA)

01 a 05.12.2012 – 7° BEC

Pisando, pela primeira vez, o viril solo acreano, minha memória, madrugando no passado, perpassou pela epopeia acreana, relembrando o vulto épico de Plácido de Castro que liderou esta raça de leões permitindo-lhes possuir um "*bem conquistado nobremente com armas na mão*". Naveguei pelo Rio Purus ao lado do imortal Euclides da Cunha e, no Juruá, acompanhei o deslocamento do determinado Cel Bellarmino Mendonça, admirei-me com a altivez e patriotismo do Cel Thaumaturgo de Azevedo e a serenidade e a coragem do Capitão Francisco D'Ávila que investiu contra o Posto Militar e aduaneiro peruano ilegalmente instalado à Foz do Amônea.

Ao penetrar no aquartelamento do 7° Batalhão de Engenharia de Construção (7° BEC), novamente minha mente foi invadida pelas pretéritas lembranças do General Rodrigo Octávio (RO), "*The Right Man in The Right Place*", que encarou, sem esmorecer, os desafios ciclópicos propostos pelo "*Programa de Integração Nacional*" elaborado pelo governo do eminente Presidente Emílio Garrastazu Médici. O General RO selecionou uma tropa de elite para dar cumprimento às ordens do Presidente. O 7° BEC, Unidade mais Ocidental da gloriosa Engenharia Militar Brasileira, teve sua origem gloriosa alicerçada na comprovada eficiência do 5° BEC, comandado, na época, por um memorável ícone militar – Cel Carlos Aloysio Weber.

Fomos recebidos com a costumeira cortesia azul-turquesa pelo seu Subcomandante Major Frank Alves Nunes, já que o seu Comandante TCel Eng José Luiz de Araújo dos Santos não se encontrava na Cidade. O apoio recebido permitiu-nos dar início à Fase que antecede a descida do Juruá propriamente dita. O Major Frank providenciou, mais tarde, o transporte das embarcações de Porto Velho, RO, para Cruzeiro do Sul, AC, aproveitando o deslocamento de um caminhão que retornava de Humaitá, AM, para Rio Branco, AC.

Polícia Militar do Estado do Acre

Aproveitamos nossa estada, em Rio Branco, para conhecer a Cidade, o artesanato local, realizar pesquisas em bibliotecas e livrarias, além de contatar autoridades que pudessem nos proporcionar algum tipo de suporte ou informações à Expedição. Visitamos o Quartel da PM do Acre, e reportamos ao seu Comandante, Cel PM José dos Reis Anastácio, detalhes da Expedição. O Cel Anastácio hipotecou-nos total apoio e prontamente comunicou-se com o Comandante em exercício do Batalhão da PM de Cruzeiro do Sul, Capitão PM Lázaro Moura de Negreiros para que esse nos apoiasse. Em Cruzeiro do Sul, o Capitão Moura foi incansável e, graças a seu apoio, conseguimos contatar autoridades, jornalistas, empresários e personalidades interessantes da região. A fidalguia deste novo amigo foi muito além das formalidades de estilo. Moura fez questão de nos mostrar a Cidade pessoalmente, levando-nos aos lugares mais badalados de Cruzeiro do Sul em companhia de sua simpática família proporcionando-nos um "*tour*" pela Cidade e arredores. Mais uma vez a Amazônia brinda-nos com momentos extremamente agradáveis graças à hospitalidade modelar de um de seus dignos representantes.

A Perfídia

Enquanto éramos recebidos com imensa cortesia em Rio Branco, desencadeou-se, na surdina, uma torpe calúnia ervada de intriga e difamação patrocinada pelo Gen Bda Thaumaturgo Sotero Vaz. O Cmt do CMA Gen Ex Villas Bôas analisava, com o Gen Bda Jaborandy, seu Chefe do Estado Maior, e o Ten Cel Pastor (mentor da Expedição) a melhor forma de apoiar a Expedição, quando entrou no gabinete o Gen Thaumaturgo, visivelmente alterado, taxando-me de "*mercenário*" provocando uma imediata e intensa reação por parte do Gen Jaborandy, grande defensor do nosso Projeto. O Gen Villas Bôas, para acabar com as dissensões intestinas do seu "*staff*" tomou a "*decisão nada salomônica*" ([55]) de proibir a simples menção de meu nome no âmbito do Comando Militar da Amazônia.

---

[55] "*Decisão Salomônica*" – Bíblia Sagrada – Reis III, 16-28.
16 Certo dia duas prostitutas compareceram diante do rei. 17-21 Uma delas disse: "*Ah meu senhor! Esta mulher mora comigo na mesma casa. Eu dei à luz um filho e ela estava comigo na casa. Três dias depois de nascer o meu filho, esta mulher também deu à luz um filho. Estávamos sozinhas; não havia mais ninguém na casa. Certa noite esta mulher se deitou sobre o seu filho, e ele morreu. Então ela se levantou no meio da noite e pegou o meu filho enquanto eu, tua serva, dormia, e o pôs ao seu lado. E pôs o filho dela, morto, ao meu lado. Ao levantar-me de madrugada para amamentar o meu filho, ele estava morto. Mas, quando olhei bem para ele de manhã, vi que não era o filho que eu dera à luz*".
22 A outra mulher disse: "*Não! O que está vivo é meu filho; o morto é seu*". Mas a primeira insistia: "*Não! O morto é seu; o vivo é meu*". Assim elas discutiram diante do rei. [...]
24 Então o rei ordenou: "*Tragam-me uma espada*". Trouxeram-lhe.
25 Ele ordenou: "*Cortem a criança viva ao meio e deem metade a uma e metade à outra*".
26 A mãe do filho que estava vivo, movida pela compaixão materna, clamou: "*Por favor, meu senhor, dê a criança viva a ela! Não a mate!*" A outra, porém, disse: "*Não será nem minha nem sua. Cortem-na ao meio!*"
27 Então o rei deu o seu veredicto: "*Não matem a criança! Deem-na à primeira mulher. Ela é a mãe*".

Ponte da União

A Cidade de Rio Branco tem diversos pontos turísticos, mas o que mais nos chamou a atenção foi a Ponte da União. A ponte estaiada do Juruá é a maior ponte do Acre, com 550 metros de extensão e foi construída com recursos dos Governos Estadual e Federal. Como o Alto Juruá fazer parte de uma região com alto índice de sismos, a ponte é a única no Brasil que possui uma estrutura preparada para suportar tais abalos.

A iluminação da ponte, projetada pela Arquiteta Jamile Torman, é refletida magicamente nas águas do Rio Juruá. A bandeira acreana fixada no pilar central de 70 m de altura também recebeu uma iluminação especial. O Rio Juruá, adornado por esta joia da engenharia, ficou mais belo ainda, encantando a todos com suas águas revoltas, tortuosas e tumultuárias que fluem vigorosamente para a margem direita do Solimões.

05 a 15.12.2012 – 61° BIS

Fomos recebidos pessoalmente no Aeroporto de Cruzeiro do Sul, AC, pelo Subcomandante do 61° Batalhão de Infantaria de Selva (61° BIS) – Batalhão Marechal Thaumaturgo de Azevedo, Major Odney de Souza e Silva, que nos encaminhou para o Hotel de Trânsito do Batalhão. Comunicamos ao CMA a nossa chegada e fomos surpreendidos com a reviravolta que havia sofrido o Projeto.

Só então fomos informados que não seríamos apoiados na nossa descida do Juruá e que as embarcações que se encontravam no 5° BEC, Porto Velho, RO, lá permaneceriam. As funestas notícias prenunciavam uma descida solitária na minha mais longa jornada Amazônica.

Descida do Juruá

É muito melhor arriscar coisas grandiosas, alcançar triunfos e glórias, mesmo expondo-se à derrota, do que formar fila com os pobres de espírito, que nem gozam muito, nem sofrem muito, porque vivem nessa penumbra cinzenta que não conhece vitória nem derrota. (Theodore Roosevelt)

Quando aceitamos o grande Desafio de descer o mais sinuoso Rio do Planeta – o Rio Juruá – desde a Foz do Breu na fronteira peruana até Manaus, reconhecendo também uma extensão de 50 a 100 km dos principais afluentes de sua Bacia, colocamos como impositivos dois pontos:

- Passarmos à disposição do Comando Militar da Amazônia (CMA) pelo período de 13 meses;
- Conseguirmos recursos institucionais para viabilizar uma complexa Expedição a remo numa extensão de aproximadamente 5.000 km nestes ermos sem fim.

Os recursos, disponibilizados pelo DNIT (R$ 160.000,00), desde julho ao Comando Militar da Amazônia (CMA), esbarraram em um bastião intransponível – a burocracia e a incompetência de alguns de nossos gestores do CMA. Apesar da extrema boa vontade dos titulares do DNIT, estes administradores não foram capazes de viabilizar o empreendimento.

Menos de 10% destes recursos seriam utilizados para adquirir combustível para a voadeira de apoio (na época o preço da gasolina era de R$ 4,00 o litro nas comunidades ao longo do Rio Juruá), pernoites nas cidades ao longo do percurso, alimentação e equipamentos eletrônicos que, ao término da jornada, seriam entregues ao CMA.

O restante seria usado para a edição dos livros a serem distribuídos, pelo CMA, por todas Organizações Militares das FFAA e DNIT. Depois do Gen Div Fraxe nos informar que os recursos para a Expedição tinham caído no famigerado "*restos a pagar*", mais popularmente conhecido como "*exercício findo*" encaminhamos à imprensa um pedido de apoio formal e arrecadamos apenas R$ 423,00. As despesas decorrentes dos equipamentos adquiridos, passagens aéreas e do deslocamento de uma equipe, mesmo sob espartano regime, durante mais de cinco meses percorrendo tortuosos meandros de um curso d'água em uma região agreste e desabitada são consideráveis. Apesar do apoio irrestrito do Departamento de Cultura do Exército (DECEx) os recursos prometidos pelo DNIT se perderam na rota da burocracia, o caiaque e a "*voadeira*" de apoio ainda não haviam chegado a Cruzeiro do Sul (AC), e continuavam armazenados nos galpões do 5° BEC, em Porto Velho (RO), por imposição do Comando do CMA.

Vingaram as Sementes da Desídia e da Discórdia

Bárbaros, vós que o prendestes no cárcere maldito do desespero, cujas brônzeas grades ele quebrou com o arremesso de suas asas possantes de águia, iluminada e altiva, vós que o feristes com as mil setas ervadas da injúria e da calúnia; vós que o trouxestes arrastado pelo marnel ([56]) do mundo, sem que ele conspurcasse no pantanal as, suas asas célicas, feitas de azul e feitas de perdão, vindo ver esta apoteose, esta festa que resume o talento e a força sublimada da grandeza de um coração. Vós que fizestes a sua alma sangrar, não fel de ódio, que a alma de um artista é bastante generosa para o não possuir, bem clemente para o não guardar, mas o desconforto, que aumenta essa tristeza ingênita que nós trazemos para o mundo adverso e mau. (O PAIZ, N° 5.647)

---

[56] Marnel: lodaçal.

Quando telefonei para o Gen Jaborandy, este me informou, bastante constrangido, que a imperativa ordem partira do Gen Villas Bôas, Cmt do CMA. Apelei, então, para o Gen Paiva, Comandante do 2° Gpt E (meu ex-Cadete), que disse não estar autorizado, pelo Cmt do CMA, a determinar o transporte das embarcações de Porto Velho (RO) para Cruzeiro do Sul (AC). Depois de relatar os fatos em artigo, publicado pela imprensa nacional e o encaminhado a vários amigos, decidi, encarar o desafio sozinho, não tinha recursos para custear as despesas com a voadeira, o Mário e o Marçal, considerando as dificuldades adicionais proporcionadas pela falta de apoio por parte do CMA.

Sina de um Bandeirante

Veio-me imediatamente à mente a figura do Coronel Flaviano de Mattos Vanique, líder da Expedição Roncador-Xingu. Façamos uma breve digressão histórica que culmina com a homenagem prestada em São Paulo aos bravos expedicionários.

Em 1937, na cidade de Genebra, o Barão Shudo, representante do Japão, sugeriu no plenário da Sociedade das Nações (embrião da ONU), que as nações que dispusessem de áreas inexploradas e sem desfrutar de seus recursos naturais, deveriam permitir seu aproveitamento racional por países capazes de explorá-las "*para o bem comum dos povos*". O Governo japonês tinha intenção de alojar vinte milhões de japoneses na Amazônia Brasileira. Com a ascensão do nazi-fascismo ganhou corpo a doutrina do "*espaço vital*".

O Brasil era um dos alvos dessa doutrina, pois, na época, mais de 90% da nossa população se achava distribuída por pouco mais de um terço de nosso território.

Em pleno século XX, grande parte do território nacional era praticamente despovoado e desconhecido pela maioria dos brasileiros. Com o advento II Guerra Mundial e o torpedeamento de navios brasileiros ao longo de nossa costa a Capital Federal mostrava-se extremamente vulnerável a um ataque inimigo. O Presidente Getúlio Vargas, preocupado com o grande vazio demográfico das regiões Norte e Centro-Oeste cobiçadas por países estrangeiros para assentamento de seus excedentes populacionais e a vulnerabilidade de nossa Capital, criou, em Setembro de 1942, a Comissão da Coordenação da Mobilização Econômica cujo primeiro coordenador foi o Ministro João Alberto Lins de Barros. A Comissão além de adotar práticas econômicas excepcionais no contexto emergencial gerado pela entrada do Brasil na guerra, era encarregada de estimular o desbravamento e povoamento das regiões desabitadas.

Correio Paulistano, n° 26.814
São Paulo, SP, Domingo, 08.08.1943

Benção do Pavilhão Nacional que Seguirá na Expedição Roncador-Xingu

Oração do Dr. Gofredo Teixeira da Silva Telles

Após a missa solene celebrada no altar mor da Basílica, foi iniciada a cerimônia junto ao túmulo de Fernão Dias Pais leme onde se encontrava o Pavilhão brasileiro que damas da nossa melhor sociedade ofereciam ao Ten Cel Matos Vanique para levar junto à Expedição que a exemplo das antigas Bandeiras paulistas seguirá para a região do Roncador-Xingu.

O pavilhão foi benzido por D. Domingos de Silos, findo o que fez uso da palavra o Dr. Gofredo da Silva Telles ([57]), Presidente do Conselho Administrativo, que disse o seguinte:

"*O Pavilhão que aqui tendes, senhores Bandeirantes, é um presentes das senhoras de São Paulo, feito por suas mãos e entregue por suas mãos. Essa dádiva que tem o caráter de uma oferenda votiva, nasce do ardor com que a paulistana acompanha sempre os grandes empreendimentos dos filhos de nossa terra. Elas souberam de vossas intenções. Tiveram notícias de vossos propósitos, de vossos sonhos, de vossos preparativos. A viagem, sertão a dentro! Inteiradas do plano audacioso, alegraram-se com a descrição de vossos roteiros temerários. E, longe de chorar, ante o quadro da campanha projetada, tiverem orgulho de vós. As perspectivas desdobram-se em seu espírito alongando os olhos para os extremos do sertão brasileiro, elas perscrutam, em pensamento, as solidões indevassadas, cujos mistérios vão ser desafiados por vossa coragem.*

E por tudo isso, em vez de chorar, orgulham-se da vós. Não se iludem as nobres doadores desta Bandeira sobre o que serão as asperezas da jornada. Pensaram na mata inextricável, nos cerradões adustos, nas paludes traiçoeiras. E em vez de chorar, vendo-vos parti, orgulham-se de vós. Acompanhando-vos, em sua imaginação realista, avistam, de longe, vossos pequenos grupos de pioneiros, a salpicar o chão virgem do deserto. Medem as distâncias a percorrer, contam os marcos da caminhada. Elevadas, contemplam vosso avanço contra as barreiras naturais e contra as intempéries.

---

[57] Vereador e, mais tarde, prefeito da cidade de São Paulo (24.05.1932 a 03.10.1932), nasceu no Rio de Janeiro, em 17.04.1888, e faleceu em São Paulo, no dia 30.07.1980.

O avanço que, apesar dos obstáculos, não se interrompe; o avanço que continua para as metas visadas, desde o primeiro momento e das quais não vos sabereis desviar! Por tudo isso, em vez de chorar, as senhoras de São Paulo orgulham-se de vós. Elas compreenderam vossa empresa, senhores Bandeirantes, e confiam no triunfo de vosso esforço. Confiam nele porque sentem viver em si próprias a mesma fibra que vos impele – obedientes, tanto como vós, ao imperativo atávico, fieis, tanto como vós, à vocação de uma raça que nasceu para avançar. Pensai um pouco no que é ser Bandeirantes. Fácil sem dúvida, nesta igreja tradicional de São Paulo, à beira do túmulo ancestral de Fernão Dias Pais Leme, apreender a significação profunda desta palavra.

Ser Bandeirante é ser forte e partir. É ser simples e confiar em si. Ser Bandeirante é olhar para o sertão que ninguém penetrou e dizer: "Este é o meu sertão!" É estender a mão de dono sobre as coisas que parecem fora de alcance, além do poder humano. É preferir o perigo ao lucro. É ser desambicioso, e, ao mesmo tempo, incontestado; modesto e insaciável. É querer avançar, pelo gosto de – mais longe. É gritar: "além", depois de ter chegado ao fim. Ser Bandeirante é deixar atrás a casa e família, o bem estar e a segurança, para perseguir o sonho e tentar a caça da glória. É viver silencioso e otimista na brenha onde não há rumos, no campo onde não há divisas. É estremecer as vezes de febre, mas nunca tremer de medo. É sofrer com alegria o Sol dos chapadões e resistir sem queixa nos aguaceiros de dezembro. É combater no varejão as cachoeiras e investir, de simples facão à cinta, contra a floresta.

Ser Bandeirante, é gastar em busca de Itaberabessú, vinte anos de marcha na mata, nos brejais, nas

savanas. É procurar Palma e sonhar com Manos sabendo que elas não existem. Ser Bandeirante é ser aquele que avança e aquele que conquista. Ser Bandeirante é ser o primeiro... e o que vai mais longe. Para dizê-lo numa só palavra, senhores sertanistas de São Paulo e de todo os Estados do Brasil, basta a afirmação de que ser Bandeirante é ser a nossa raça.

Eis ai o que sabem e sentem as doadoras deste estandarte. Elas aqui o deixam em vossas mãos, Bandeirantes do dia presente, filhos de São Paulo e de todos os recantos de nossa Pátria, como um penhor de sua aprovação a vosso sentimento. Recebido por vós ante o altar de Deus, será o pavilhão brasileiro durante toda a vossa jornada, o arrimo de vossa fé cristã e o símbolo de vosso ideal patriótico.

As bênçãos que o cobriram hoje nesta igreja derramar-se-ão também sobre vossos passos, para que o possais levantar festivamente em cada pausa de vossa caminhada, como a prova cotidiana de vossos triunfos. Levantai-o seguidamente, sobre os campos e as matas de nossa terra. Levantai-o nos sertões de Araguaia, do Rio de Mortes e do Xingu. E ao termo vitorioso da jornadas, levantai-o sobretudo nos cimos lendários da Serra do Roncador para onde se dirigem vossa esperanças de pioneiros.

Suba ali o pavilhão brasileiro para que o Vento do deserto desdobre seu pálio auriverde, sobre os nossos domínios de nossa raça. Içada por vossas mãos desfralde-se a bandeira nacional em pleno dia no topo da cordilheira, alçai-a mais e mais, tanto quanto puderdes. O simbolismo da bandeira erguida no clarão radioso das alturas, dar-vos-á para sempre, senhores Bandeirantes, o sentido de vossa obra em favor de nossa Pátria". (CP, n° 26.814)

Busquei suporte junto às autoridades locais, quem sabe? Se não conseguir, pagarei o transporte das embarcações de meu próprio bolso como fiz com as passagens da equipe de apoio. O que mais poderia fazer? As dificuldades da prestação de contas de Expedições Exploratórias por lugares remotos deveriam encontrar o devido amparo em Lei.

Como exigir de um ribeirinho a Nota Fiscal de um cacho de banana ou de um bocado de farinha produzida no seu roçado? Como proceder ao adquirir o combustível na barranca do Rio ou pagar o conserto de um equipamento danificado?

A impossibilidade de prestar contas de pequenas despesas sem documentos que as comprovem foi, desde o início, um dos grandes embaraços que impediram que recebêssemos os recursos prometidos.

É interessante observar que as pessoas se surpreendem com nossas jornadas pelos imensos caudais amazônicos sem se dar conta de que a fase mais difícil, mais complexa e que exige maior esforço é justamente a que antecede a Expedição. Afastar-me por cinco ou seis meses de casa, deixando uma esposa acamada (vítima de uma AVC) que necessita de cuidados especiais 24 horas por dia, falta de recursos financeiros, dificuldade para o transporte das embarcações e tantos outros itens que não cabe aqui enumerar representam, sem dúvida, a fase mais estressante da jornada.

A era das Expedições e das Bandeiras parece ter findado. Minha aflita alma de desbravador sente uma dor infinda. Poderíamos hoje reverenciar a memória de tantos naturalistas e pesquisadores de outrora se estes encontrassem idênticas dificuldades pecuniárias?

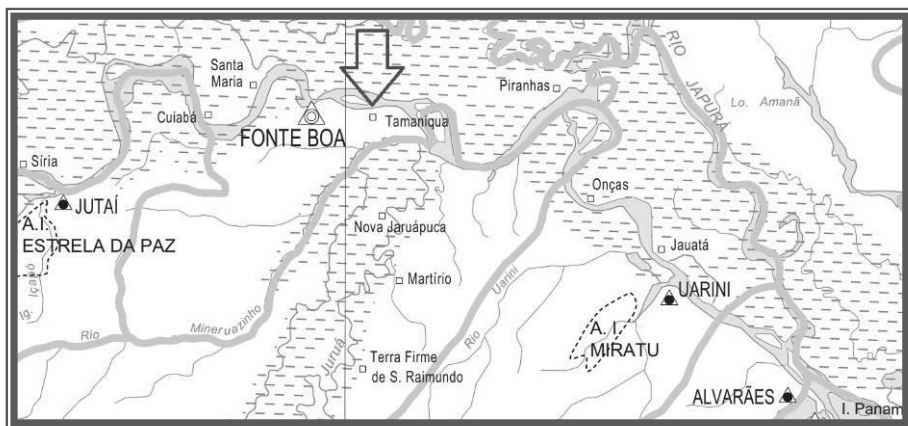



Imagem 10 – Tamaniquá, AM (DNIT)

Teriam os Chefes das Comissões de Limites de outrora, Barão de Teffé, Thaumaturgo de Azevedo, Cunha Gomes, Luiz Cruls e tantos outros conseguido cumprir sua missão se precisassem realizar licitações para comprar ou consertar seus equipamentos e embarcações ou adquirir gêneros para sua tropa? Teria nosso grande Marechal da Paz conseguido implantar milhares de quilômetros de linhas telegráficas se estivesse sujeito à lei das licitações? Como aperfeiçoar a cartografia atual sem perambular pelos ermos sem fim onde não se usa a tal da Nota Fiscal? Alguns desavisados sustentam que a tecnologia substituirá definitivamente o trabalho de campo. Ledo engano, a nomenclatura e a localização exata dos acidentes naturais e das povoações precisam ser confirmadas "*in loco*". Encontrei, nas minhas longas jornadas fluviais, Comunidades com nomes trocados ou demarcados a diversos quilômetros do local real nos mapas do IBGE e DNIT. Aos céticos eu convido a verificar pessoalmente a Cidade de Tamaniquá, margem direita do Solimões, 7 km a jusante da Foz do Rio Juruá, que no mapa do DNIT está representada a montante da dita boca ou ainda a denominação do Rio Jaquirana como Javari.

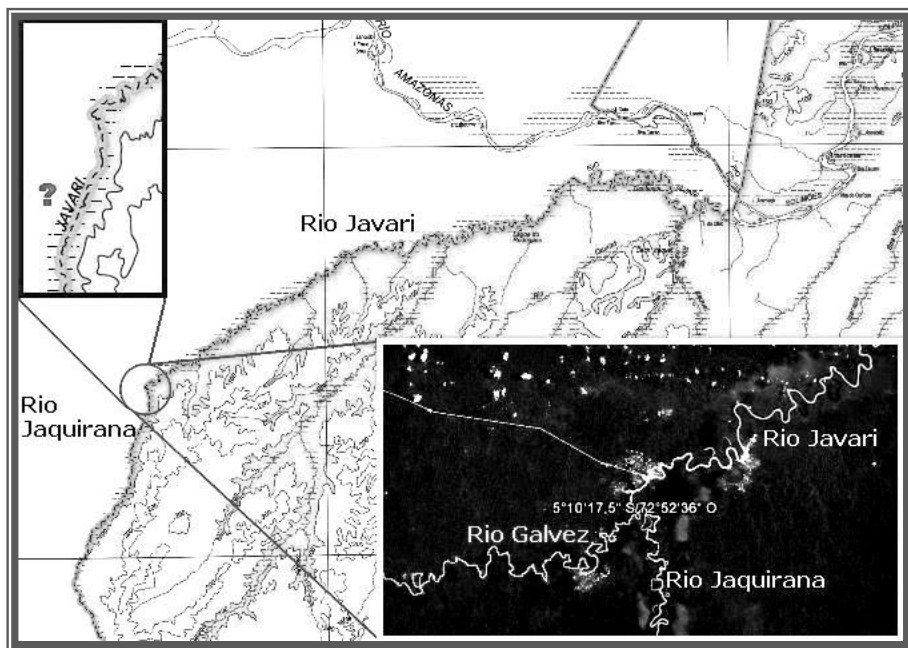



Imagem 11 – Rio Jaquirana, AM (IBGE)

Por isso nossos mapas institucionais apresentam tantas falhas! Como aperfeiçoá-los se não se consegue equacionar estes intermináveis problemas burocráticos? Uma equipe pequena com equipamentos relativamente simples pode corrigir esses pequenos erros, percorrendo trilhas e Rios e entrevistando a população local, mas às autoridades só interessam projetos de alto custo, desde que possam justificar seus gastos dentro das normas legais.

Prossiga na Missão! (Gen Ex Silva e Luna)

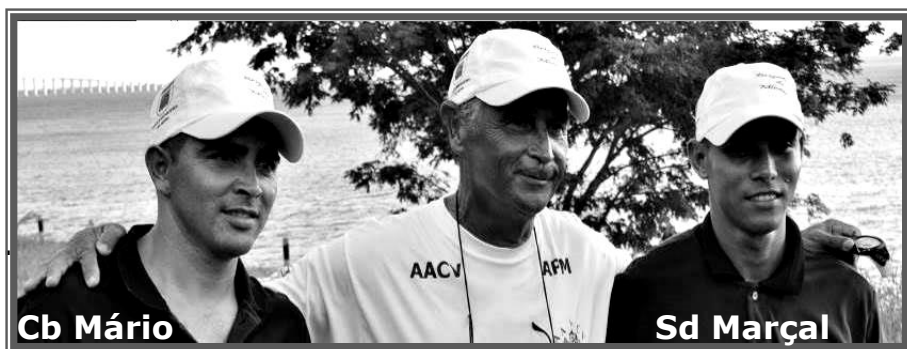
Há mais pessoas que desistem,
do que pessoas que fracassam! (Henry Ford)

O desânimo começava a querer tomar conta de todo o meu ser quando do recente pretérito uma voz tonitruante vociferou: Prossiga na Missão!

Aqueles que me conhecem sabem que a palavra desistir nunca fez parte do meu cotidiano. Felizmente a experiência, patriotismo e boa vontade prevaleceram e foram, finalmente, afastadas de vez as brumas que toldavam o horizonte e pouco a pouco pude vislumbrar a "*Terceira Margem*".

Nas tuas águas afogo meus desesperares, meus desencantos, meus amores sofridos. No aconchegante embalo de tuas ondas encontrei forças para perseverar e enfrentar minhas angústias e meu desânimo. Tua imensidão me abraça e conforta, tuas tranquilas águas me acalmam e me aproximam da Terceira Margem. Tuas águas revoltas mostram a rota da humildade que devo seguir e a névoa que te cobre nas frígidas manhãs de inverno trazem sinais de esperança nos horizontes que aos poucos se revelam.
(Hiram Reis)

Há mais de dois anos, o 8° BEC tem-nos apoiado Mar. Desta feita, o Tenente-Coronel Sérgio Henrique Codelo, além de providenciar o transporte do caiaque e de uma voadeira de apoio, permitiu que dois membros de seu Grupo Fluvial participassem da Expedição. Às 13h30, de 07.12.2012, desembarcaram em Cruzeiro do Sul os valorosos nautas MÁRIO Elder Guimarães Marinho e MARÇAL Washington Barbosa Santos.

Cb Mário **Sd Marçal**

Acontecimento

(Vinicius de Moraes)

Haverá na face de todos um profundo assombro e na face de alguns, risos sutis cheios de reserva.

Muitos se reunirão em lugares desertos e falarão em voz baixa em novos possíveis milagres como se o milagre tivesse realmente se realizado.

Muitos sentirão alegria.

Porque deles é o primeiro milagre.

Muitos sentirão inveja e darão o óbolo do fariseu com ares humildes.

Muitos não compreenderão, porque suas inteligências vão somente até os processos e já existem nos processos tantas dificuldades…

Alguns verão e julgarão com a alma, outros verão e julgarão com a alma que eles não têm, ouvirão apenas dizer…

Será belo e será ridículo.

Haverá quem mude como os ventos, e haverá quem permaneça na pureza dos rochedos.

No meio de todos eu ouvirei calado e atento, comovido e risonho escutando verdades e mentiras, mas não dizendo nada.

Só a alegria de alguns compreenderem bastará, porque tudo aconteceu para que eles compreendessem que as águas mais turvas contêm, às vezes, as pérolas mais belas.

Mâncio Lima, AC

Mais uma vez contando com o apoio do Capitão Moura, Comandante da Polícia Militar de Cruzeiro do Sul fomos, desta feita, visitar a Aldeia Barão, na Terra Indígena Puyanawa, Município de Mâncio Lima, AC. O Sd PM Magnos Clayton R. Costa foi um excelente guia, conhecedor da região e extremamente prestativo. Na Terra Indígena, notamos uma saudável miscigenação e a existência de belos roçados que produzem, segundo os nativos, a melhor mandioca do Brasil.

Dimanã, Êwê Yubabu

Visitamos a "*Floresta: Casa de Todos Nós*" onde são realizados os "*Jogos da Celebração*" que, normalmente, duram 5 dias e contam com a participação de aproximadamente 400 indígenas, de 15 etnias do Estado do Acre, com o objetivo de valorizar a diversidade cultural e de procurar repassar para a sociedade acreana o conhecimento ancestral de seus povos.

Histórico de Mâncio Lima

Fonte: www.manciolima.ac.gov.br

> Mâncio Lima nasceu de um povoado denominado "*Vila Japiim*" ([58]), elevada em 1913 pelo Capitão Regos Barros.
>
> Só em 14.05.1976 foi assinada a Lei n° 588, que elevou oficialmente Mâncio Lima à categoria de Município. Mas, apenas em 30.05.1977 – Mâncio Lima conquistou sua autonomia e emancipação com a posse do primeiro Prefeito.

---

[58] Japiim: pássaro de plumagem preta e amarela muito comum na região do Vale do Juruá.

O Município está localizado à margem direita do Paraná Japiim, perfazendo uma área de 5.451,1 km^2 que se estende a 30 km da Foz do Rio Moa, após aproximadamente um quilômetro de restinga, na Região Norte do Brasil, extremo Oeste da Amazônia e no ponto mais Ocidental do País. Limita-se com os Municípios de Cruzeiro do Sul e Rodrigues Alves e com a República do Peru. Está diretamente ligado aos dois Municípios, pela BR-364, totalmente pavimentada, numa distância de 36 km de Cruzeiro do Sul e aproximadamente 30 km de Rodrigues Alves, sendo também o mais distante da Capital a 700 km de distância e seu acesso pode ser feito por via área e, em alguns meses do ano, por via terrestre em precárias condições.

Mâncio Lima conta ainda com o Parque Nacional da Serra do Divisor [PNSD] que é o quarto maior Parque Nacional do Brasil, possuindo uma área de aproximadamente 843.000 hectares.

O Parque foi criado em 16 de junho de 1989 pelo Decreto Federal nº 97.839, como parte de uma política ambiental, objetivando a criação de um cinturão de proteção florestal nas áreas de fronteira do país. O PNSD é uma Unidade de Conservação [UC] de proteção integral, destinada à preservação dos ecossistemas e a fins científicos, culturais, educativos e recreativos, sendo administrada pelo Governo Federal através do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. A Localização do Parque abrange cerca de 53% da área total do município de Mâncio Lima.

O Município de Mâncio Lima tem uma área de 5.451,1 Km^2, equivalendo a 15,85% da área da Regional Juruá e a 3,06% da área total do Estado. O Município de Mâncio Lima possui três reservas indígenas:

> A dos Puyanawas, com uma população de 403 pessoas, a língua falada é o Pano e sua extensão é de 21.214 hectares; A dos Nukinis, com uma população de 425 pessoas, língua Pano e extensão de 27.264 hectares e a dos Náuas [...]

A última contagem populacional realizada em 2007 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico – IBGE – mostra em Mâncio Lima uma população de 13.753 habitantes residentes na área do Município. [...]

O Município de Mâncio Lima, desde os seus primórdios, é agrícola, tendo como cultura a mandioca, milho, arroz e feijão..., com grande escala das áreas exploradas [beneficiada], com a mandioca onde predomina a produção de farinha. A sede do Município é atendida com energia elétrica, de fornecimento contínuo e telefonia fixa e móvel. O Município tem um potencial muito grande para o artesanato local, sendo ainda deficiente por não contar de um apoio mais aprofundado nesta área. [...] Mâncio Lima tem uma potencialidade turística natural grande por estar localizado na Floresta Amazônica, possuir três etnias indígenas e conta ainda com o Parque Nacional da Serra do Divisor [PNSD] que é o quarto maior parque nacional do país. O PNSD foi considerado, por pesquisadores, o local de maior biodiversidade da Amazônia. [...]

Soneto
(Junqueira Freire)

Arda de raiva contra mim a intriga,
Morra de dor a inveja insaciável;
Destile seu veneno detestável
A vil calúnia, pérfida inimiga.

Una-se tudo em traiçoeira liga,
Contra mim só o mundo miserável;
Alimente por mim ódio entranhável
O coração da terra que me abriga.

Sei rir-me da vaidade dos humanos;
Sei desprezar um nome não preciso;
Sei insultar uns cálculos insanos.

Durmo feliz sobre o suave riso
De uns lábios de mulher gentis, ufanos;
E o mais que os homens dão, desprezo e piso.

Senador Ruy Barbosa
(Acemira)

Por isso, em derredor da sua vida se desencadearam as tempestades mais tremendas que ainda se viram nesta terra; e as convulsões telúricas mais pasmosas da difamação, da inveja, do despeito, desabaram sobre ele, com a violência temerosa dos vendavais. E ela – poder miraculoso da Consciência! Resistiu às tormentas, que nem sequer lhe abalaram a robusta alegria íntima em que vivem os iluminados, como pulverizou todas as vilezas e insídias da calúnia multiforme!

Cruzeiro do Sul – Foz do Breu

Alguns amigos mais próximos preocupados com a nossa jornada pelo Vale do Juruá nos indagaram sobre a falta de apoio do Exército à Operação. Queremos deixar bem claro que o alvo de nossas críticas jamais foi a Força Terrestre, Instituição a quem prezamos acima de tudo. Meu grito de revolta foi e continuará sendo contra "*alguns inimigos na trincheira*", aos entraves legais e à incompetência de alguns gestores que obstaculizam a realização de Expedições como a nossa. Recebemos um apoio inesperado que alterou significativamente a orientação de um obsequioso "*apoiar minimamente*", determinado pelo comando do CMA, à um apoio incondicional por parte da Força Terrestre. Os ventos que originaram esta drástica mudança de rota vieram de longe, de Nova York, EUA, através de um consagrado Militar e Ir∴ Maçom oriundo da Arma de Engenharia – o Gen Ex Ítalo Fortes Avena, que depois de chefiar o Departamento de Engenharia de construção do Exército Brasileiro havia assumido a vaga de Consultor Militar da Organização das Nações Unidas (ONU).

Daí em diante os Comandantes Militares das mais diversas Organizações Militares da Amazônia não mediram esforços em nos apoiar apesar das restrições burocráticas e orçamentárias. A disponibilização e o transporte das embarcações envolveram o 2° Grupamento de Engenharia, Manaus, AM, o 8° Batalhão de Engenharia de Construção (8° BEC), Santarém, PA, o 5° Batalhão de Engenharia de Construção (5° BEC), Porto Velho, RO, o 7° Batalhão de Engenharia de Construção (7° BEC), Rio Branco, AC e o 61° Batalhão de Infantaria de Selva (61° BIS), Cruzeiro do Sul, AC.

O Major Odney do 61° BIS disponibilizou-nos transporte e pessoal para que pudéssemos ultimar todos os preparativos para viagem.

Gen Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira

Tivemos a grata satisfação de conhecer o General-de-Brigada Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, Comandante da 16° Brigada de Infantaria de Selva (16ª Bda Inf Sl), Tefé, AM, que se encontrava na Guarnição em visita de inspeção. Tivemos a oportunidade de confraternizar com ele e sua equipe em mais de uma ocasião e em cada uma delas o Gen Paulo Sérgio fez questão de mencionar nosso trabalho e hipotecar apoio irrestrito à Expedição.

15.12.2012 – Partida de Cruzeiro do Sul

O "*Cabo Horn*" apresentou, em consequência do transporte rodoviário, sérias avarias na quilha da proa e no convés de Boreste na altura do "*cockpit*". Providenciei o material necessário, fibra, resina, catalisador e o Soldado Mário Elder remendou-o de maneira a suportar a nova empreitada. Depois de dois dias de intensos preparativos que contaram com a manutenção e reparo das embarcações, carregamos os dois caiaques na lancha para evitar o contratempo que sofremos, em 2009, no Rio Purus onde um dos caiaques, rebocado, foi danificado seriamente.

As rações, combustível, salva-vidas, telefone satelital, e o motor tipo rabeta de 13 HP, enfim todos os itens solicitados foram disponibilizados pelo 61° BIS. O rabeta apresentou um problema – excesso de óleo, quase um litro e meio de óleo lubrificante. O Mário resolveu imediatamente o problema retirando o excesso de óleo e limpando a vela de ignição.

Ultimamos os preparativos e apontamos nossa proa para Marechal Thaumaturgo, que calculávamos ser nossa única parada intermediária antes de alcançarmos a Foz do Breu. Partimos somente às 06h30, uma navegação por águas desconhecidas com a descida de troncos arrastados pela torrente e imensos bancos de areia, há pouco submersos pelas águas, não recomendavam uma saída às escuras.

Desde o início, sentimos que o rendimento da lancha "*Mirandinha*", mesmo com o motor de 40 HP do 8° BEC, estava muito aquém do esperado, em decorrência da carga (quatro tripulantes, 2 caiaques...) e da força da correnteza do Rio Juruá. Paramos em Rodrigues Alves, depois de navegar 26 km e compramos 20 litros de combustível a 80 Reais (R$ 4,00 por litro, em 2012 !!!). Durante a viagem, não tivemos maiores imprevistos exceto a falta de rendimento da lancha. Foram 170 km de deslocamento e 170 litros (1km/l) consumidos; o abastecimento em Rodrigues Alves foi providencial, caso contrário seríamos vítimas de uma pane seca.

Precisamos aportar em Porto Walter para abastecer e pernoitar. Paguei 600 Reais por 150 litros de gasolina, sem contar com o óleo dois tempos. Liguei para o "*190*" pedindo apoio de nossos fiéis amigos da Polícia Militar. Imediatamente o 1° Sargento PM Antônio Vieira da Silva, Comandante do 3° Pelotão de Porto Walter, subordinado ao 6° Batalhão de Cruzeiro do Sul, desencadeou uma verdadeira operação de resgate para nos atender. Mais uma vez, eu e minha equipe, tivemos o privilégio de contar com o apoio destes laboriosos PMs que, independentemente do Estado da Federação a que pertencem, sempre nos acolheram com extrema cordialidade.

16.12.2012 – Partida para o Dst M^{al} Thaumaturgo

Adquirimos, em Porto Walter, uma nova hélice e depois de testá-la verificamos que o rendimento da embarcação havia melhorado sensivelmente. No deslocamento para Marechal Thaumaturgo, a velocidade média que era de 18 km/h passou para 32 km/h com uma queda de 50% do consumo de combustível.

A viagem transcorreu sem maiores alterações e, como no dia anterior, eu aproveitei para ir comparando as fotografias aéreas do "*Google Earth*" com o terreno. Verifiquei que algumas Comunidades importantes simplesmente não constavam dos mapas e outras estavam muito deslocadas do local que lhes era atribuído. Depois de cinco horas de deslocamento sem maiores incidentes, aportamos na Foz do Amônea onde contatamos o pessoal do Destacamento. O Ten Santiago e o Sgt Wanderley foram incansáveis. Fomos abrigados e alimentados e aguardamos o abastecimento da "*Mirandinha*" para, amanhã, partirmos para a Foz do Breu.

17.12.2012 – Partida para Foz do Breu

Choveu a noite toda prenunciando um aumento considerável da velocidade das águas do Rio Juruá. A lancha "*Mirandinha*" iria enfrentar, no dia seguinte, além da formidável torrente, uma dificuldade a mais, a enorme quantidade de troncos e entulhos que, por vezes, bloqueavam grande extensão de nossa rota, exigindo muita habilidade dos piloteiros Mário e Marçal. Partimos às 09h15, depois de reabastecer a lancha com cem litros de gasolina do crédito de combustível do Destacamento. A viagem transcorreu sem alteração exceto pela chuva fina e fria que só deu trégua na chegada à Foz do Breu.

Aportamos na escadaria frontal à Escola Ernestina Rodrigues Ferreira ([59]), às 13h20. Seguindo minha intuição, procurei a primeira moradora que avistei, a senhora Iris de Fátima da Silva Souza, coincidentemente, responsável pela escolinha e nora da matriarca que empresta o nome ao estabelecimento escolar e que, na década de quarenta, foi proprietária de um grande Seringal no Rio Breu.

A simpática Comunidade é formada, em grande parte, pelos descendentes de Ernestina. O Marçal usou a cozinha da Escola e preparou um delicioso carreteiro que foi servido às 15h00. O Coronel Angonese e o Sd Mário Elder pescaram alguns barbados ([60]) que foram magistralmente preparados e servidos no jantar pelo Marçal. O pessoal da Comunidade foi incansável em nos apoiar, seja ajudando no descarregamento da lancha ou na doação de pescado e frutas para nosso consumo.

18.12.2012 – Partida para Foz do São João

Acordamos cedo e partimos às 07h00. O Cel Angonese, ainda um neófito na canoagem, demonstrou uma coragem e uma determinação invulgar na condução do caiaque "*indomável*" doado pelo Amigo José Holanda. Remamos 75 km até a Comunidade São João, situada na Foz do Igarapé de mesmo nome ([61]). Quando aportei, os nossos guerreiros do Grupo Fluvial do 8° Batalhão de Engenharia de Construção já haviam conseguido autorização para pernoitar nas instalações da Escolinha Calile de Melo Sarah ([62]).

---

[59] Escola Ernestina Rodrigues Ferreira: 9°24'39,4" S / 72°42'56,4" O.
[60] Barbados: Pinirampus pinirampu.
[61] Foz do Igarapé São João: 09°09'15,3" S / 72°40'42,2" O.
[62] Escolinha Calile de Melo Sarah: 09°09'21,1" S / 72°40'38,4" O.

Como a Escolinha não possuía fogão, o Marçal entregou nosso arroz e charque à Sr.ª Raimunda, esposa do Sr. Francisco, e solicitou-lhe que preparasse um carreteiro e assasse uma paca que tinha sido presenteada por um ribeirinho. Infelizmente os filhos do Sr. Francisco, desconhecendo que a paca era nossa, haviam devorado integralmente o cobiçado assado. Almoçamos, às 15h00, e depois fomos até à residência do Sr. Francisco onde permanecemos até escurecer ouvindo e contando causos. O Cel Angonese, nosso "*Forrest Gump*", é um Contador de Histórias nato e cativou nossos amigos ribeirinhos com seus causos e tiradas espirituosas. À tarde, choveu forte e o Juruá acrescentou, rapidamente, uns 50 cm à sua cota.

19.12.2012 – Partida para Marechal Thaumaturgo

Apesar de nos encontrarmos em pleno "*inverno*" amazônico, a chuva não deu as caras. O percurso hoje era mais curto (63,5 km) e resolvi fazer apenas uma pequena parada para substituir as baterias do GPS. O choque das águas contra as margens arenosas solapavam as barrancas e faziam tombar formidavelmente enormes taludes e árvores imensas que eram arrastadas pela torrente misturando-se aos demais entulhos que as águas das chuvas tinham feito romper de seus galhosos sepulcros. Essas massas informes movimentavam-se qual aríetes golpeando a esmo aqui e acolá, enganchando-se novamente nas curvas e na vegetação semisubmersa, aguardando outra enxurrada para desgarrarem-se e continuarem sua insana sina à procura de incautos navegadores. Continuei minha navegação, sempre preocupado em marcar alguns pontos notáveis ao longo do caminho.

✧Total Geral: Foz do Breu – Mal Thaumaturgo = 138,5 km

Destacamento de Fronteira

El día 4 de noviembre quedará como testimonio de que los hombres íntegros no saben temer el peligro y que por consecuente sus distinguidas atenciones serán para mí un grande recuerdo que llevaré al seno de mi familia. A Usted mi querido amigo, le ofrezco, como siempre, mi más sincera amistad para que pueda ocuparse con la confianza del verdadero amigo en el Callao Perú. (Carta do Maj Ramirez Hurtado ao Cap D'Ávila – Arquivo Histórico do Itamarati)

19 a 22.12.2012 – Destacamento de Fronteira

Resolvemos permanecer no Destacamento de Fronteira até sábado, 22 de dezembro. A educação, profissionalismo e cortesia dos militares cativaram-nos. O Angonese conseguiu, finalmente, satisfazer seu desejo de pescar. Sua incursão ao Rio Arara proporcionou-lhe a captura de uns belos surubins ([63]), de mais de 80 cm, e eu e os outros membros da equipe desfrutamos do convívio salutar destes gentis guerreiros além de termos a possibilidade de conhecer a Cidade de Thaumaturgo e arredores.

O Destacamento é um polo de excelência plantado numa região desprovida dos confortos da vida moderna. Os militares destacados, que aqui permanecem entre 2 e 3 meses, voltam-se não só para sua atividade fim, mas também cuidam de uma pequena horta e criação de galinhas e porcos que incrementam satisfatoriamente seu rancho. As instalações novas, recentemente inauguradas, são impecáveis, cuidadas com muito esmero e a área do entorno exige um cuidado especial no que se refere à manutenção tendo em vista nos encontrarmos em pleno inverno amazônico.

---

[63] Surubins: Sorubimichtthys planiceps.

A capina é feita semanalmente não só com o objetivo de manter o asseio das instalações, mas, sobretudo, para evitar a aproximação das temíveis surucucus pico-de-jaca ([64]) que infestam a área. O local do Destacamento contrasta com a de seus vizinhos onde o capinzal e o desleixo são a tônica. O Pelotão, através do Ten Santiago e do Sgt Wanderley, conseguiu disponibilizar todos os motores rabeta que se encontravam indisponíveis além de promover outras melhorias importantes no Destacamento.

Sr. Renato Bezerra Mota

Nas nossas incursões a Mal Thaumaturgo, sempre fizemos uma parada obrigatória na Panificadora Mota, a melhor sorveteria da Cidade, de propriedade do Sr. Renato Bezerra Mota (Travessa José Ananias, 12). O velho policial possui uma magnífica coleção de facas e espadas além de um belo acervo de fósseis de preguiças gigantes ([65]), mastodontes ([66]) e purussauros ([67]) dignos de um museu. Renato e outros populares contaram-nos como o tráfico de armas e drogas corre solto pelos afluentes do Juruá, Tejo, Acuriá, Arara, Juruá-mirim e tantos outros, sem qualquer intervenção

---

[64] Surucucus pico-de-jaca: Lachesis muta.

[65] Preguiça gigante (Eremotherium laourillardi): conhecida como megatério (grande mamífero) era muito lenta, uma presa fácil para os caçadores, vivia em bando nas savanas e bordas das florestas, alimentando-se de folhas e brotos de árvores. Viveu entre 1.800.000 e 11 mil anos.

[66] Mastodonte (Masthodon angustidens): parente dos atuais elefantes tinha, aproximadamente, 7 toneladas e 3 metros de altura. As presas chegavam a medir cinco metros de comprimento. Assim como a preguiça-gigante, o mastodonte foi muito perseguido pelos primeiros habitantes da Amazônia, e foi extinto há aproximadamente 10 mil anos.

[67] Purussauro (Purussaurus brasilienses): réptil pré-históricos, que viveram há cerca de 8 milhões de anos, semelhantes aos jacarés de hoje. Atingiam 13 metros de comprimento e quatro toneladas de peso. O primeiro fóssil foi encontrado no Rio Purus, daí a origem do nome.

por parte das autoridades competentes. Despertou-nos a atenção o movimento intenso de pequenas aeronaves no campo de pouso da Cidade.

Reconhecimento dos Afluentes

Tendo em vista as dificuldades encontradas no que se refere à logística de nossa Expedição, resolvi abandonar a pretensão de reconhecer os principais afluentes do Juruá. O alto consumo do motor de 40 Hp da lancha "*Mirandinha*" e a impossibilidade financeira de adquirirmos um motor tipo rabeta, mais econômico, com essa finalidade determinou minha mudança de planos. A frustração só não é maior tendo em vista a categoria da equipe que me acompanha e o incentivo de amigos e investidores que certamente saberão compreender minhas razões. O livro que pretendíamos presentear, depois de editado, ao DCEx, CMA e DNIT terá de ser em forma de cópia digital já que a falta de recursos não nos permitem esta extravagância.

Misérias
(Áurea Corrêa)

Misérias, digo eu, quando sentindo
Estou que me desdouram. Nada alcança
Minh'alma forte e livre, na pujança
De uma luta cruel, não se exaurindo.

E esse horrível festim, bárbara dança
Que tanto gozo dá, prazer infindo,
Aos que o entoam, satisfeitos, rindo,
Ao dó da infâmia, nunca esfalfa e cansa.

Chocalhe a turba, que minh'alma intacta
Não se corrompe à lama putrefata
Da vil intriga e da calúnia vil;

Ou baixo trame! Que mal faz que o abutre,
Que só de vermes o seu corpo nutre,
Rasteje imundo, a esfacelar sutil?

Ecos do Carnaval
(João Ribeiro Pinheiro)

[...] Neste momento de reflexão e de silêncio, suponho ver, em clarões fugazes, a na fisionomia iluminada, tão caracteristicamente, por aquele sorriso de fauno e de Caliban, onde há o frêmito de cascavéis interiores.

Tortura-se ainda a ideia de imaginá-lo, – com que requintada mordacidade! – pingar a cera venenosa e inapagável de sua peçonha, verde de inveja, nos meus versos e o descaso com que ele partia o lacre doirado das minhas cartas de amor.

Como eu sofria então... confundindo o sorriso inferior de despeito e de maldade, com a ironia ascética e socrática, e a palavra do que nega, porque desconhece a bondade que é a estética do coração com a suprema verdade do super-homem. [...]

Imagem 12 – Ponte da União – Cruzeiro do Sul, AC

Imagem 13 – Igreja Matriz – Cruzeiro do Sul, AC

Imagem 14 – Foz do Breu, AC – Mal Thaumaturgo, AC

Imagem 15 – Com. São João, AC – Mal Thaumaturgo, AC

Marechal Thaumaturgo, Acre

Histórico

O Município de Marechal Thaumaturgo foi criado através da Lei Estadual n° 1.032, de 28.04.1992, sancionada pelo então Governador Edmundo Pinto de Almeida Neves.

Gentílico

Thaumaturguense.

Formação Administrativa

Distrito criado com a denominação de Thaumaturgo, ex-localidade de Foz do Amônia, em 1905, confirmada pelo Decreto do Prefeito n° 39, de 11.07.1906, subordinado ao Departamento do Alto Juruá. Em divisão administrativa referente ao ano de 1911, o Distrito de Thaumaturgo permanece no Departamento de Juruá. Assim permaneceu em divisões territoriais datadas de 31.12.1936 e 31.12.1937. Pelo decreto-lei estadual n° 43, de 29.03.1938, o Distrito de Thaumaturgo deixa de pertencer ao Departamento de Juruá para ser anexado ao Município de Cruzeiro do Sul. Pelo Decreto-lei Estadual n° 6163, de 31.12.1943, o Distrito de Thaumaturgo adquiriu parte do Distrito de Foz do Jordão do Município Tarauacá, ex-Seabra. Em divisão territorial datada de 01.07.1950, o Distrito de Thaumaturgo permanece no Município de Cruzeiro do Sul, assim permanecendo em divisão territorial datada de 01.07.1960. Elevado à categoria de Município com a denominação de Marechal Thaumaturgo, pela Constituição Estadual de 01.03.1963, desmembrado de Cruzeiro do Sul. Sede no atual Distrito Marechal Thaumaturgo, ex-Thamauturgo, constituído do Distrito sede.

Em divisão territorial datada de 31.12.1968, Thaumaturgo aparece como Distrito de Município de Cruzeiro do Sul, pois o mesmo fora criado e não instalado. Pelo decreto estadual n° 73, de 11.06.1976, o Distrito de Thaumaturgo passou a denominar-se Marechal Thaumaturgo. Em divisão territorial datada de 01.01.1979, o Distrito de Thaumaturgo, figura no Município de Cruzeiro do Sul, assim permanecendo em divisão territorial datada de 1988. Elevado à categoria de Município com a denominação de Marechal Thaumaturgo pela Lei Estadual n° 1029, de 28.04.1992, alterado em seus limites pela lei estadual n° 1064, de 09.12.1992, desmembrado de Cruzeiro do Sul. Sede no atual Distrito de Marechal Thaumaturgo, ex-Thaumaturgo. Constituído do Distrito sede. Instalado em 01.01.1993. Em divisão territorial datada de 2003, o Município é constituído do Distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Alteração Toponímica Distrital

Thaumaturgo para Marechal Thaumaturgo, alterado pelo decreto estadual n° 73, de 11.06.1976. (IBGE)

Mal Thaumaturgo - Porto Walter

Garça feliz
(Quintino Cunha)

Um Lago, a cuja flor, nas canaranas,
Impossível, traiçoeiro, repelente,
Um jacaré assustadoramente
Estruge e tange as gárrulas ciganas. [...]

22.12.2012 – Rumo à Comunidade do Lago Tuaré

A estada, de dois dias, no Destacamento foi bastante proveitosa e permitiu que nos refizéssemos plenamente do esforço inicial dos dois dias de deslocamento da Foz do Breu até Marechal Thaumaturgo, um percurso de 138,5 km de águas muito rápidas, mas com uma enorme quantidade de troncos e outros detritos vegetais que, volta e meia, bloqueavam parcialmente o Rio Juruá.

Em uma Expedição longa como a nossa, deve-se ir aumentando gradativamente as distâncias para evitar desgastes físicos desnecessários e contraturas que podem prejudicar o bom êxito de uma longa missão. O ideal era que se chegasse fisicamente preparado para o início das travessias mas, no meu caso, isso raramente aconteceu.

Somente na "*Descida do Solimões*" consegui dar início aos deslocamentos dentro de minha melhor forma física. Normalmente, porém, os preparativos para a viagem, as inúmeras providências administrativas que precisam ser tomadas acabam interrompendo os treinamentos e, sistematicamente, tenho iniciado minhas descidas sem treinar durante um mês inteiro.

Desta feita participei, na última semana de novembro, de um Seminário em Manaus quando aproveitei para tentar obter apoio institucional e particular ao Projeto; todos os elementos consultados, na época, mostraram-se extremamente simpáticos à Expedição General Bellarmino Mendonça, mas por demais reticentes em apoiá-la efetivamente.

Partimos às sete horas da manhã, o Juruá tinha baixado mais de dois metros em apenas quarenta e oito horas, tive de arrastar o caiaque por cima das canaranas que antes estavam totalmente submersas. A alternância de chuva nas cabeceiras do Alto Juruá determina esta drástica variação. Os ribeirinhos acompanham atentamente o ciclo das águas para evitar que suas embarcações fiquem temporariamente encalhadas nas praias.

Comunidade do Lago Tuaré

Lago maldito – Jaçanãs
(Jonas Fontenelle da Silva)

Se hoje, em surdina, o teu pesar disfarças,
Ouvindo o canto das jaçanãs morenas,
Sentes, minh'alma, as aflições e as penas
De um Lago azul sem jaçanãs nem garças. [...]

Uma jornada perfeita! Por volta das doze horas, pedi que a equipe de apoio passasse à frente e buscasse um local apropriado para nosso acantonamento. Aportei às 13h00 na Comunidade do Lago Tuaré. O Mário e o Marçal já tinham montado nossas barracas em uma das salas de aula da Comunidade e, como a escolinha não tinha fogão, solicitaram à matriarca Sra. Maria Francisca Queirós Correa que preparasse nosso almoço. Navegáramos 63 km.

Ultimamos a montagem do acantonamento enquanto aguardávamos o almoço ficar pronto e o Cel Angonese aportar. Dona Maria gentilmente preparou o almoço que mais tarde foi degustado pelo quarteto na cozinha da residência da gentil senhora. Fomos tomar um banho no Lago Tuaré, onde as jaçanãs (Jacana jacana) agitadas, incomodadas com a nossa presença, gargalhavam. Tomamos banho dentro das canoas, tendo em vista que o leito do Lago é lodo puro. Depois do banho, ficamos conversando com o líder da Comunidade, Sr. Evilácio Rodrigues Correa, esposo da Dona Maria. Filho de português com uma acreana, o mestre Evilácio foi outrora um mecânico, torneador, fundidor de peças e um marceneiro de mão cheia que hoje se esforça para repassar o conhecimento aos filhos. Enquanto conversávamos, seus filhos construíam uma passarela de madeira ligando as residências e a escolinha para tornar mais higiênica e segura a movimentação dos moradores na época das cheias.

À noite fomos, novamente, convidados para fazer a refeição na casa do mestre Evilácio. A Comunidade incrustada no Parque Nacional da Serra do Divisor é formada por descendentes de Evilácio e Maria onde reina um clima de total harmonia. Foi muito bom desfrutar do convívio, ainda que brevemente, destes novos amigos ribeirinhos que nos receberam com tanto carinho e amizade no seio de sua família.

Sem qualquer consulta prévia aos moradores, os "*ecochatos*" do Meio Ambiente denominaram a Comunidade como Porungaba e os mapas do DNIT a situam na margem direita quando, na verdade, está localizada na margem esquerda ([68]).

---

[68] Comunidade do Lago Tuaré: 08°40'33,7" S / 72°49'06,3" O.

O Igarapé Porungaba, que passou a denominar a pequena Comunidade, situado à margem direita do Juruá, é um pequeno filete d’água sem a menor expressão física enquanto o belo Lago Tuaré, de águas pretas, que fica nos fundos da Comunidade e foi, sem sombra de dúvidas, um dia, o leito do tumultuário Juruá, é um acidente natural muito mais importante para os ribeirinhos.

23.12.2012 – Rumo à Com. Novo Horizonte

Despedimo-nos de nossos novos e queridos amigos e partimos depois das 07h00. As águas do Juruá tinham baixado mais ainda. O rendimento das remadas foi menor que o dia anterior (10 km/h) e muito menor que no trecho Foz do Breu-Thaumaturgo onde conseguimos imprimir, em alguns trechos, 15 km/h. A viagem transcorreu sem grandes alterações, marquei alguns pontos notáveis do terreno para corrigir os mapas e aportamos, por volta das 13h00, depois de percorrer 53 km, na Com. Novo Horizonte, onde nosso Destacamento Precursor, já conseguira autorização para montar as barracas no corredor da escolinha. Novamente contamos com a gentileza de Cristóvão, filho da matriarca Sra. Maria de Fátima, e sua esposa Rosa que permitiram que o Marçal usa-se sua cozinha para preparar um saboroso carreteiro. À noite, nos deleitamos com alguns barbados fritos, pescados pelo Angonese. Desde que saímos de Thaumaturgo que os temíveis piuns, maruins e pequenas mutucas, do tamanho de uma mosca, não nos deixam em paz. Nenhum repelente afasta os terríveis insetos, nem mesmo a nossa fantástica andiroba surtiu efeito desta feita. Felizmente conseguimos água da chuva para tomar banho já que o acesso à margem do Juruá era um atoleiro só e não compensaria o sacrifício.

24.12.2012 – Rumo a Porto Walter

Despedimo-nos dos amigos e partimos às 07h15. As chuvas intensas que caíram à tarde aceleraram, as águas do Juruá, permitindo que atingíssemos 10 km/h. O Angonese ficou para trás para tirar mais algumas fotos da Comunidade. O despertar do dia foi tremendamente festivo, era véspera de Natal e poucos ribeirinhos cruzavam por nós com suas ruidosas rabetas que afastavam os botos, calavam os pássaros temporariamente e acordavam estridentes insetos e batráquios. Como na maioria dos Rios de águas brancas, a profusão de cantos, ao amanhecer, das mais variadas espécies, é uma verdadeira ode ao astro rei. Senti falta apenas, desde a Foz do Breu, do som gutural dos guaribas. Volta e meia passávamos por um monumento arbóreo, estes imensos gigantes da floresta carregados de bromélias, pequenas orquídeas e uma infinidade de parasitas, verdadeiros viveiros naturais abrigando nas suas frondes todo o tipo de insetos, aves e pequenos mamíferos.

Eu observava encantado, nas margens externas das curvas, os enormes paredões sendo moldados continuamente pela força das águas. Volta e meia grandes blocos arenosos despencavam ruidosamente, por vezes blocos maiores carregavam consigo a vegetação marginal, abatendo cruelmente, em poucos segundos, árvores centenárias. O Rio Juruá traz no seu DNA a inconstância tumultuária do Amazonas. O Rio-Mar teve um avô formidável que corria para Noroeste e desaguava no Pacífico nas priscas eras da "*Pangea*" ([69]); teve como pai o "*Lago Pebas*" ([70]), quando os

---

[69] Pangea ou Pangeia – nome dado ao continente que, segundo a teoria da deriva continental, existiu até 200 milhões de anos, durante a era Mesozoica e que, nessa altura, começou a se fragmentar.

continentes se separaram e suas águas foram barradas pela Cordilheira dos Andes que se formou. Talvez o Juruá, como fiel tributário do Amazonas e que traz nos seus genes a herança ancestral deste extraordinário colosso, queira mostrar que também é um adolescente intempestivo e rebelde, afrontando tudo à sua volta, provocando alterações profundas na natureza e na vida dos ribeirinhos.

Cheguei, por volta das doze horas, no Posto de combustível Flor D'Água, em Porto Walter (08°15'51,4" S / 72°44'28,7" O), depois de remar 51 km. O Coronel Angonese já estava em Porto Walter, como bom infante resolvera, disse ele, fazer uma incursão terrestre atalhando uma grande alça do mais sinuoso dos Rios do planeta.

Novamente pedi apoio aos nossos fieis amigos da Polícia Militar que prontamente nos transportaram e nos abrigaram em seu aquartelamento. Iríamos passar o Natal em Porto Walter, AC, e partiríamos de manhã para mais uma etapa de três dias até Cruzeiro do Sul, AC. Fomos conhecer o centro da pequena Cidade e na volta participamos da ceia natalina preparada pelos nossos amigos Policiais Militares.

✧Total Parcial: Mal Thaumaturgo – Porto Walter = 167,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Porto Walter = 306,0 km

---

[70] Lago Pebas – há aproximadamente 11 milhões de anos, a Bacia Amazônica estava submersa num grande Lago que tinha saída para o Oceano Pacífico. Com a deriva dos continentes e a consequente elevação da Cordilheira dos Andes, as águas ficaram temporariamente represadas até que passaram a correr para Leste, formando a Bacia amazônica e o Rio Amazonas desaguando no Oceano Atlântico. A drenagem permitiu que as terras antes submersas aflorassem.

Porto Walter, Acre

Histórico

Porto Walter, antes de ser Município, era formado pelos seringais Tavares de Lira, Humaitá e Cruzeiro do Vale, congregando grande número de brasileiros [na maioria nordestinos], e até mesmo estrangeiros em busca de riquezas trazidas pela borracha.

No ano de 1910, aproximadamente em 25 de junho, um batelão de grande porte encontrava-se nessa região, mas precisamente na margem esquerda coberta de rica vegetação. O Comandante deste barco era o Coronel Absolon Moreira, que fixou residência na parte mais alta, denominada terra firme. De caráter austero e trabalhador, foi ele quem iniciou o desbravamento desta região.

Mais tarde, em cumprimento à Lei n° 1.033 de 28.04.1992, foi criado o Município de Porto Walter, com sede na Cidade do mesmo nome.

Gentílico:

Portowaltense

Formação Administrativa

Em divisões territoriais datadas de 31.12.1936 e 31.12.1937, figura no Município Juruá o Distrito de Humaitá. Pela lei n° 43, de 29.03.1938, o Distrito de Humaitá deixa de pertencer ao Município de Juruá para ser anexado ao Município de Cruzeiro do Sul.

No quadro fixado para vigorar no período de 1939-1943, o Distrito de Humaitá figura no Município Cruzeiro do Sul.

Pelo Decreto-Lei Federal n° 6163, de 31.12.1943, o Distrito de Humaitá passou a denominar-se Porto Walter.

Em divisão territorial datada de 01.07.1960, o Distrito de Porto Walter, ex-Humaitá, figura no Município de Cruzeiro do Sul.

Assim permaneceu em divisão territorial datada de 1988.

Elevado à categoria de Município com a denominação de Porto Walter, pela lei Municipal n° 1033, de 28.04.1992, desmembrado de Cruzeiro do Sul. Sede na localidade de mesmo nome. Constituído do Distrito sede. Instalado em 01-01-1993.

Em divisão territorial datada de 2003, o Município é constituído do Distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007.

Alteração Toponímica Distrital

Humaitá para Porto Walter, alterado pelo Decreto-Lei Federal n° 6163, de 31-12-1943. (IBGE)

Imagem 16 – Marechal Thaumaturgo, AC

Imagem 17 – Porto Walter, AC

Imagem 18 – Comunidade Nova Cintra – Rodrigues Alves, AC

Imagem 19 – Rodrigues Alves, AC

Rodrigues Alves, Acre

Histórico

O Município de Rodrigues Alves-Acre, criado pela Lei Estadual n° 1.032, de 28.04.1992, teve sua origem de uma colônia de pescadores e ex-seringueiros, localizados às margens do Rio Juruá e Paraná dos Mouras.

Possui 78% de sua população na zona rural, cuja atividade econômica principal é a produção de farinha.

No entanto, a baixa produtividade verificada ao longo dos anos, os baixos preços dos produtos agrícolas e pescado oferecido ao mercado consumidor, aliados ao precário sistema de escoamento e armazenamento da produção, faz com que o sistema não seja capaz de manter o produtor em sua propriedade rural e ribeirinha, causando como consequência o aumento do êxodo rural.

O atendimento às comunidades ribeirinhas é feito por barco em transportes diferenciados para épocas de verão e inverno, em vista das cheias dos Rios e suas vazantes, pois os Rios dessa região, na época de estiagem, se apresentam com leito raso, permitindo navegabilidade apenas a barcos de pequeno calado, dificultando o transporte e a comunicação com as comunidades mais distantes.

Os meios de comunicação mais utilizados são o sistema telefônico com a sede e o rádio com as comunidades adjacentes.

Gentílico

Rodriguesalvense

Formação Administrativa

Elevado à categoria de Município com a denominação de Rodrigues Alves, pela Lei Estadual n° 1.067, de 09.12.1992, desmembrado de Cruzeiro do Sul e Mâncio Lima. Sede no Distrito de Rodrigues Alves ex-Localidade. Sede no antigo Distrito de sede, instalado em 01.01.1993.

Em divisão territorial datada de 2003, o Município é constituído do Distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. (IBGE)

O Porão de um Barco tem suas Redes

(Milton Hatoum)

O porão de um barco tem suas redes,
Como o cemitério seus mortos.

As redes respiram um sono
Como o Rio respira seus mistérios.

Sono de terceira classe, sobre o aquático
E não dormitar à flor da terra, sono jazigo, mármore.

Porto Walter – Cruzeiro do Sul

Depois de alguns dias de permanência, os mosquitos foram-se tornando tão intoleráveis que já não nos permitiam sequer pensar em ficarmos sentados à tardinha lendo ou escrevendo. Aí ficamos sabendo que os moradores costumam queimar esterco de vaca junto às portas, a fim de afugentar aquela praga, que é como aqui os denominam com muita propriedade. Esse é o único recurso que produz algum efeito contra eles. (WALLACE)

25.12.2012 – Rumo à Comunidade Ruças

O Angonese resolveu tentar a sorte na pescaria embarcando na lancha "*Mirandinha*" e o Marçal assumiu o comando do "*indomável*", me acompanhando neste percurso de mais de 55 km até o Rio Valparaíso. Partimos às 07h15, o nível das águas do Juruá baixara mais de um metro em 24 horas e, em consequência, a velocidade das águas diminuíra consideravelmente. Como se isso não bastasse, o Sol inclemente e a ausência de nuvens minou sensivelmente nossas energias e chegamos bastante cansados à Foz do Rio Valparaíso (08°01'09,5" S \ 72°44'43,1" O) onde tivemos ainda de remar uns 500 metros Rio acima para alcançar a Comunidade Ruças.

O Angonese e o Mário já tinham conseguido com o Sr. Antônio, morador local, autorização para acamparmos na Escolinha Municipal Alfredo Said. Poderíamos fazer uso das instalações sanitárias e tomar um bom banho de caneca, usando a água da cisterna, alimentada por água da chuva. O excelente carreteiro para nosso almoço foi preparado pelo Marçal na residência do Sr. Antônio, tudo corria bem, havia apenas um senão, enxames de carapanãs, piuns e maruins disputavam nosso sangue avidamente.

Alguns deles conseguiam passar pela tela das barracas – a situação era drástica. O Mário conseguiu uma chapa metálica e iniciou um pequeno fogo onde colocou folhas verdes de ingá.

O Angonese e o Mário foram pescar e eu e o Marçal ficamos sofrendo com o ataque dos pequenos insetos que não se intimidaram com a fumaça, até que resolvemos fazer uso de uma antiga e infalível receita. Recolhemos esterco seco de gado e alimentamos o fogo, o efeito logo se fez sentir – os famigerados seres alados sumiram e nos deixaram em paz.

Quando criança, desde os 6 anos de idade, acompanhava meu pai nas caçadas e pescarias e este remédio contra os insetos sempre se mostrou extremamente eficaz. Diferente das noites anteriores em que os maruins conseguiam passar pelas telas das barracas e os carapanãs ficavam zumbindo do lado de fora, tivemos uma noite agradável e reparadora.

26.12.2012 – Rumo à Comunidade Nova Cintra

Partimos eu e o Angonese logo depois das 07h00. Diferente do dia anterior, a manhã já se iniciou bastante nublada e uma garoa fina nos acompanhou até a Comunidade Nova Cintra (07°49’28,1” S / 72°39’31,1” O) aonde aportei por volta das 12h10, plenamente em forma, depois de percorrer 56 km. Estranhei a demora de minha equipe e resolvi adiantar os contatos. Puxei o caiaque barranco acima e procurei a moradora de uma casa mais próxima. A simpática Dona Maria de Nazaré de Souza Correia, muito prestativa, informou-me onde ficava a residência da Sra. Nonata, encarregada da modelar Escola Estadual José de Souza Martins.

Depois de recorrer a diversos moradores, cheguei, finalmente, à residência da Dona Nonata, uma simpática idosa, que informou que não tinha autoridade para liberar as instalações escolares para montarmos nosso acantonamento, mas que podíamos utilizar a varanda e a grande cozinha de sua casa para nos instalarmos. Frustrado nas minhas pretensões de acampar na escolinha, resolvi deixar o material que carregava na casa de minha nova anfitriã e voltei para a margem para aguardar minha equipe.

Estava na margem observando o Rio quando se aproximou Dona Maria de Nazaré e perguntei se poderíamos usar a igreja em construção para acampar e ela informou que sim. A igreja ficava bem mais perto da margem do que a residência de Dona Nonata. Poderíamos fazer a comida na cozinha de Dona Maria e tomar banho na cacimba logo abaixo.

Ficamos conversando durante uma hora até que avistamos o Coronel Angonese. Chamei o amigo e ajudei-o a puxar o caiaque pelo alto e escorregadio barranco. Aguardamos uns dez minutos até que o Mário e o Marçal apareceram subindo o Rio. Os marinheiros não haviam notado o meu caiaque na barranca e passaram ao largo. O curioso é que eles tinham fotografado a Comunidade Nova Cintra e meu caiaque "*Cabo Horn*" aparecia nitidamente nas fotos.

Falei, brincando, que como castigo o Mário teria de ir até a casa de Dona Nonata buscar minhas coisas e trazê-las para a igreja onde iríamos acampar. Descarregamos o material da lancha e eu estava fazendo uma faxina na igreja em construção quando o Mário disse que estávamos autorizados a acampar na escolinha.

Quando lá cheguei, estava Dona Nonata gerenciando a limpeza do local para nosso acampamento, ela liberou, também, através da servente da escola, a cozinha e as instalações sanitárias. Realmente a sagaz capacidade de negociação do Mário para com os ribeirinhos ficou, mais uma vez evidenciada, conseguindo deles o maior apoio possível.

Tomamos um bom banho com água de poço artesiano e fomos almoçar o saboroso carreteiro preparado pelo Marçal, na residência da simpática senhora Maria de Nazaré. Enquanto almoçávamos, Dona Maria de Nazaré relatou a passagem do místico Irmão Francisco José da Cruz pela Comunidade nos idos de 1968, quando ela tinha apenas 5 anos, e o enorme Cruzeiro que o mesmo fez erigir na elevação mais alta defronte ao Rio Juruá. A Cruz fora atacada pelos cupins, mas os fiéis erigiram uma nova no mesmo local e a ela amarraram a antiga e venerada cruz. Mais adiante, contaremos a história deste estranho e místico pregador que plantou inúmeros cruzeiros ao longo da Bacia do Amazonas.

27.12.2012 – Rumo a Cruzeiro do Sul, AC

Acordamos ao clarear o dia e, depois de fazer uma faxina completa nas instalações da escolinha e nos despedimos de Dona Maria de Nazaré, iniciamos nossa jornada. O ritmo das remadas foi bem mais lento que o dos dias anteriores.

Apenas 45 km nos separavam do Porto do 61° BIS, em Cruzeiro do Sul. Tínhamos combinado, com o repórter Leandro Altheman, jornalista da TV Aldeia, do grupo SBT, que passaríamos pela Ponte da União exatamente às 13h00.

A “*Mirandinha*” teve de abastecer 20 litros em Rodrigues Alves, a 30 km de nosso destino, nosso motor de 40 Hp, na descida mantivera uma média preocupante de apenas 2 km/l. Aproveitamos para curtir a natureza, observar as frágeis embarcações ribeirinhas que passavam carregadas de gêneros e pessoas, em uma delas seis cães acompanhavam, estáticos, seus donos sem esboçar o mínimo movimento o que, certamente, poderia comprometer o equilíbrio da instável voadeira.

Aportamos, às 11h00, em uma praia 500 metros à montante da Foz do Moa e fizemos contato com o Leandro, através de minha querida parceira Rosângela que se encontrava em Bagé, para tentar antecipar em uma hora a reportagem. O Leandro acionou imediatamente sua equipe e agendamos então, para as 12h00, a passagem pela Ponte.

O dia claro e com poucas nuvens prometia facilitar as tomadas da equipe de televisão. Às 11h30, iniciamos lentamente nossa aproximação, o tempo começou a mudar, nuvens pesadas surgiram pela proa trazendo logo em seguida chuva, ventos fortes encapelando as águas. Era cedo ainda, eu e o Angonese nos agarramos a alguns arbustos nas margens, aguardando a hora marcada.

Às 11h40, mandei a equipe de apoio realizar um reconhecimento para verificar se os repórteres estavam a postos e, como a resposta foi negativa, ficamos realizando pequenas remadas Rio acima, para aquecer os corpos castigados pela chuva fria, aguardando a hora exata da transposição. Como a chuva e o vento continuavam castigando-nos, ao meio-dia, em ponto, decidi abordar a Ponte (07°49’28,1” S / 72°39’31,1” O).

Não notamos nenhum movimento da reportagem e resolvi rumar diretamente para o Porto do 61° BIS. A meio caminho, por telefone, a Rosângela me informou que a repórter Glória Maria estava na Ponte nos aguardando. Determinei à equipe de apoio que buscasse a equipe de reportagem para que eles fizessem as tomadas a partir da lancha "*Mirandinha*" enquanto eu e o Angonese aguardávamos os mesmos na margem direita, acostados em uma pequena chalana.

Depois de feitas algumas tomadas de nosso deslocamento, abordamos a lancha para permitir que a simpática e inteligente repórter nos entrevistasse enquanto as embarcações desciam languidamente de bubuia.

Depois da entrevista, fomos para o Porto do 61° BIS (07°37'12,7" S / 72°38'47,0" O) onde uma viatura nos aguardava para nos levar até o Hotel de Trânsito. Tivemos, finalmente, a oportunidade de conhecer o Tenente-Coronel Alexandre Guerra, Comandante do 61° BIS, que hipotecou total apoio à Expedição.

✧Total Parcial: Mal Thaumaturgo – C. do Sul = 329,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Cruzeiro do Sul = 467,5 km

Cruzeiro do Sul, Acre

Histórico

O Município era habitado por tribos indígenas, entre elas a dos Náuas, merecem citação também a dos Amoacas, dos Araras, dos Campos e dos Culinas, de que existem remanescentes. Parte dos Amoacas permanece em estado de selvageria, provocando certos distúrbios e até atacando propriedades.

A tribo dos Náuas, os principais dominantes, que fez retroceder a Expedição do cientista inglês William Chandless, em 1867, abandonou a localidade, a partir de 1870, rumando para o Peru pelos altos Rios, em consequência de terrível epidemia. Data de 1857 o início das Expedições para o alto Juruá, quando o chefe de índios João da Cunha Correia chegou à Foz do Rio Juruá-mirim. Várias Expedições foram realizadas, propiciando o início do povoamento da região por brasileiros civilizados. Formaram-se seringais, em virtude da imigração de nordestinos que, acossados pelo fenômeno das secas, abandonaram os sertões nos anos de 1877 a 1879. O Seringal denominado Centro Brasileiro foi explorado por volta de 1890, e passou a congregar grande número de brasileiros.

Em 1896, os primeiros caucheiros peruanos começaram a aparecer. Em 1902, o Comissário peruano Carlos Casquez Guadra estabeleceu-se oficialmente à Foz do Rio Amônea, dando início a uma sequência de choques entre brasileiros e peruanos.

Com o Tratado de Petrópolis, firmado em 17.11.1903, o Acre passou definitivamente ao Brasil. Por essa época, o local Centro Brasileiro constituía-se de um povoado com algumas dezenas de casas e considerável movimento comercial.

A cidade de Cruzeiro do Sul, sede definitiva do Município, foi fundada em 28.09.1904. [...]

Em 1913, vasta área do Município foi desmembrada, para formação do vizinho Município de Tarauacá.

A 01.10.1920, o Governo Federal deu nova organização ao Território do Acre, unindo os Municípios sob um Governo Geral, com sede na Cidade de Rio Branco, que passou a ser a Capital do Acre.

Após a nomeação desse primeiro Governo-Geral, em 1921, o Município passou a ser administrado por Prefeitos nomeados pelo Governador, regime que ainda perdura. Cruzeiro do Sul perdeu a categoria de capital do Alto Juruá.

Seu progresso vem se processando lentamente, apesar do esforço e estoicismo de seu povo.

Gentílico

Cruzeirense

Formação Administrativa

Elevado à categoria de Vila com a denominação de Lugar Centro Brasileiro, pelo Decreto do Prefeito n° 8, de 28.09.1904, com sede no antigo Departamento do Alto Juruá – criado por Decreto Federal n° 5188, de 07.04.1904. Instalado em 12.09.1904.

Elevado à condição de Cidade, por Decreto do Prefeito n° 34, de 31.05.1906.

Pelo Decreto Federal n° 9831, de 23.10.1912, é criado o Distrito de Cruzeiro do Sul. Sob o mesmo decreto, transfere a sede do Município para o Distrito de Cruzeiro do Sul, instalado em 15.01.1913.

Pelo decreto n° 195, de 01.05.1914, da Prefeitura do Departamento de Juruá, Cruzeiro do Sul é sede do 1° Distrito do 1° Termo Judiciário do dito Departamento.

Pelo Decreto Federal n° 14383, de 01.10.1920, suprimiu o Departamento, manteve o Município dando a denominação de Juruá.

Em divisão administrativa referente ao ano de 1933, o Município de Juruá recebe a denominação de Cruzeiro do Sul.

Em divisões territoriais datadas de 31.12.1936 e 31.12.1937, o Município denominado Juruá tem como sede o 1° Distrito de Cruzeiro do Sul, e é constituído de 10 Distritos: Cruzeiro do Sul, Boa Vista, Bom Futuro, Humaitá, Mâncio Lima, Iracema, Santa Luzia, Ponciano São Francisco e Thaumaturgo.

Pelo Decreto-lei Federal n° 968, de 21.12.1938, são extintos os Distritos de Boa Vista, Bom Futuro, Ponciano e Santa Luzia. Sob o mesmo Decreto, o Distrito de Mâncio Lima passou a denominar-se Japiim.

Pelo Decreto-lei Federal n° 6163, de 31.12.1943, o Distrito de Humaitá passou a denominar-se Porto Walter. Sob o mesmo Decreto acima citado, o Município do Cruzeiro do Sul adquiriu o Distrito de Thaumaturgo, do Município de Foz do Jordão, do Município de Tarauacá [ex-Seabra], e o Distrito Cruzeiro do Sul perdeu parte do território, transferido para o Distrito da sede do Município de Tarauacá, [ex-Seabra]. [...] No quadro fixado para vigorar no período de 1944-1948, o Município é constituído de 4 Distritos: Cruzeiro do Sul, Japiim ex-Mâncio Lima, Porto Walter e Thaumaturgo.

Em divisão territorial datada de 01.07.1950, o Município é constituído de 4 Distritos: Cruzeiro do Sul, Japiim, Porto Walter e Thaumaturgo, assim permanecendo em divisão territorial datada de 01.07.1960.

Pela Constituição Estadual do Acre de 01.03.1963, desmembra do Município de Cruzeiro do Sul os Distritos Japiim, Mário Lobão ex-Porto Walter e Marechal Thaumaturgo [ex-Thaumaturgo]. Ambos elevados à categoria de Município.

Em divisão territorial datada de 01.01.1979, o Município é constituído do Distrito sede. [...]

Em divisão territorial datada de 18.08.1988, o Município é constituído de 3 Distritos: Cruzeiro do Sul, Porto Walter e Marechal Taumaturgo.

A Lei Estadual n° 1029, desmembrou do Município de Cruzeiro do Sul o Distrito de Marechal Thaumaturgo, elevado à categoria de Município.

A Lei Estadual n° 1033, de 28.09.1992, desmembrou do Município de Cruzeiro do Sul o Distrito de Porto Walter, elevado à categoria de Município.

Em divisão territorial datada de 2003, o Município é constituído do Distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007. (IBGE)

Irmandade da Santa Cruz

En Brasil el surgimiento y arraigo de movimientos socio-religiosos como el Movimiento de la Santa Cruz, motivó la afluencia de población Ticuna del Perú y de Colombia, contribuyendo a la formación de aldeas con Ticunas adeptos a este movimiento. [...] Porto Cordeirinho, como muchas otras aldeas Ticuna del territorio brasilero, fue creada en los años setenta debido a la influencia del movimiento religioso de la Santa Cruz, liderado por el brasilero José Francisco da Santa Cruz quien a su paso por la región generó un fuerte impacto sobre los pueblos indígenas, especialmente sobre los Cocama y Ticuna, quienes lo consideraron el Mesías que venía para redimirlos de sus pecados. (GARCÉS).

Primeiro Contato com a Irmandade

Quando realizei minha primeira incursão pelos amazônicos caudais, de 01.12.2008 a 26.01.2009, tive a oportunidade de vislumbrar os enormes cruzeiros que altaneiros ocupavam posições de destaque na maioria das Comunidades ribeirinhas pelas quais eu passava.

Em Belém do Solimões, a maior de todas as Comunidades Ticunas, situada à margem esquerda do Rio que lhe empresta o nome, observei curioso não só o templo da Irmandade e sua grande cruz característica, mas, sobretudo a vestimenta de alguns membros da seita que ostentavam longas togas brancas e traziam invariavelmente grandes cruzes de madeira penduradas ao pescoço.

A OCCAE e os Cocamas

Quando contatei os Cocamas, também em dezembro de 2008, na Comunidade Prosperidade, liderada pelo Cacique Almir, estes me relataram que, na

década de setenta, muitos deles haviam aderido ao chamamento do líder messiânico José Francisco da Cruz, participando ativamente desde a fundação da Ordem Cruzada Católica, Apostólica e Evangélica (OCCAE). O OCCAE é um movimento messiânico-milenarista que influenciou significativamente as atividades sociais, culturais, econômicas e políticas das Comunidades ribeirinhas indígenas e não-indígenas.

Atualmente, os Cocamas adeptos da OCCAE tentam resgatar sua identidade indígena encontrando um ponto de equilíbrio entre as rígidas regras de conduta impostas pelo movimento religioso e seus costumes ancestrais.

Irmandade da Santa Cruz e a Descida do Juruá

Nesta Expedição pelo Juruá colhi, novamente, informações a respeito da Irmandade da Cruz, desta feita na Comunidade dos Cintra, através da Sra. Maria de Nazaré de Souza Correia que fez menção a um milagre alcançado através de um chá feito com lascas da cruz erigida na Comunidade pelo próprio Irmão José Francisco da Cruz nos idos de 1968.

A fé inquebrantável da Sra. Maria de Nazaré despertou, definitivamente, minha atenção para este movimento messiânico que, como tantos outros, através dos tempos, emergem na Amazônia galvanizando simpatizantes de todas as raças e credos.

Irmão José Francisco da Cruz

O movimento messiânico liderado pelo Irmão José foi desencadeado após o mesmo ter uma visão "*celestial divina*", nos idos de 1960, que o orientava a partir para uma missão redentora pela América Latina

levando na mão direita "*a cruz*" e, na esquerda, o "*santo evangelho*". Tomou, então, o nome religioso de José Francisco da Cruz, missionário do Sagrado Coração de Jesus, apóstolo dos últimos tempos.

El impacto de la visita Del Hermano José Francisco da Cruz fue impresionante porque coincidió con un aumento del nivel máximo del Rio Amazonas, dos metros por encima de nivel de la década anterior, que se mantuvo durante la década siguiente. (REGAN)

O momento em que o Irmão José Francisco da Cruz se apresentou aos seus futuros seguidores não poderia ter sido mais propício. Foi um período atípico em que as águas do Solimões se mantiveram, durante uma década, no seu nível máximo o que era interpretado pelos seus seguidores como um sinal do Armagedom.

O movimento tinha uma visão de mundo nitidamente apocalíptica. Acreditavam que a civilização estava em crise e somente um grande cataclismo seria capaz de desencadear um salutar processo de renovação. Certamente a década das grandes cheias foi um dos elementos fundamentais que permitiram que a pregação apocalíptica fosse capaz de contagiar os corações e as mentes dos ribeirinhos.

O Irmão José pregou pelo Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai, Peru e foi expulso da Colômbia em 1969. O pregador curava os doentes com orações, medicava-os e deixava em cada Comunidade uma junta diretiva para a Irmandade e um estatuto para orientar os cultos e normas de conduta dos fiéis. Os enormes cruzeiros eram manufaturados com a madeira da árvore Palo Sangre (Pau de sangue – Marcetella moquiniana).

Em 1971, chegou a Iquitos, e plantou a cruz em Morona Cocha. Regressando ao Brasil, em 1972, criou um povoado na margem do Igarapé Juí, pequeno afluente do Rio Içá, afluente da margem esquerda do Rio Solimões, num lugar que denominou de Lago Cruzador onde edificou a sede espiritual da Irmandade, transformando-a num centro dedicado à produção agropecuária, à saúde e à educação.

Nesse local faleceu, no dia 23.06.1982, aos 69 anos de idade. Antes de falecer, indicou o seu sucessor, um descendente dos Cambebas, chamado José Walter Neves.

Neves, tão logo assumiu a sua função, reorganizou a hierarquia da ordem, nomeando uma nova diretoria administrativa, privilegiando indígenas e levando em frente o projeto do seu fundador de construir a Vila Espiritual da Irmandade de Santa Cruz.

Estima-se que no Brasil existam 20 mil adeptos da seita, sendo a metade de Ticunas.

II – Origens da Missão Cristã com os Ticuna

Fonte: A Igreja Católica e os Povos Indígenas do Brasil: os Ticuna da Amazônia (Irmão Édson Hüttner)

5. A Irmandade da Cruz

> No ano de 1972, o irmão José da Cruz implanta a Ordem Cruzada Católica, Apostólica e Evangélica [OCCAE] nas Comunidades ribeirinhas e nas aldeias Ticuna do Alto Solimões. Irmão José Francisco da Santa Cruz foi considerado como profeta e messias entre os índios e a população do Alto Solimões.
>
> Nasceu no dia 03.09.1913, em Várzea Alegre, Município de Cristina, no Estado de Minas Gerais.

Casou-se com 24 anos e teve sete filhos. No ano de 1944, após assistir às missões dos padres redentoristas, teve a visão do coração sagrado de Jesus, a Cruz na mão direita e o Evangelho na mão esquerda. Na segunda noite, viu as três pessoas da Santíssima Trindade. As visões levaram-no a retirar-se com uma cruz para um lugar isolado para meditar. ([71]) No ano de 1962, saiu em peregrinação de Norte ao Sul do Brasil. Passou também na Argentina, Paraguai, Peru e Colômbia. No Peru, em 1969, começou a escrever os estatutos e normas de seu movimento. ([72])

Depois, em 1972, vai para a Colômbia, mas expulso pelas autoridades, se dirige para o Alto Solimões [nas margens do Igarapé Juí afluente do Rio Içá]. A este lugar deu o nome de Lago Cruzador, que passou a ser a sede e ponto de divulgação de seu movimento, até o dia em que faleceu, no mesmo lugar, em 23.06.1982.

Ele mesmo se chamou de "*Missionário do Coração de Jesus*". O impacto da OCCAE sobre brancos e índios deve-se à pregação e às exigências feitas nas Comunidades. Guareschi escreve sobre o tipo de religião pregada pelo Irmão José:

> A religião da Cruz é essencialmente "*espiritual*", recusando-se a tratar assuntos que sejam "*sociais*", de uma maneira ou outra. As pregações apelam para a conversão individual do coração e da mente ao Senhor.

---

[71] Reza a lenda que sua mãe, no sexto mês de gravidez, adoeceu gravemente. Um de seus parentes a fez prometer perante o Sagrado Coração de Jesus que, se ela e a criança sobrevivessem, seu filho seria um servo de Deus.

[72] Sofrendo de hanseníase, a família pretendia interná-lo em um leprosário, mas fugiu levando uma Bíblia e prometeu que, se fosse curado, tornar-se-ia um pregador e ergueria cruzes por onde passasse.

> Qualquer assunto que tenha a ver com a política em geral [e muito maçom a política partidária] não pertence à religião. [...] Na realidade, e por isso mesmo, a religião da Cruz não deixa de ser política. Ao proibir e ao se recusar a discutir este assunto, ela toma partido, justamente pelo fato de se alienar. [...]
>
> Na doutrina da Santa Cruz, há um respeito e um culto bastante acentuado à Bíblia, seja ela católica, protestante ou qualquer outra. O movimento está baseado na doutrina e liturgia da Igreja Católica. [...] A religião da Cruz é ainda extremamente sacramental, mítica. [...] Cremos que não se pode negar que o Movimento da Cruz tenha diversos traços messiânicos, como a presença do Irmão José Francisco da Cruz, como Messias [...]

A maior parte dos Ticuna do Solimões decidiu seguir o movimento do Irmão José dentro dos pressupostos de todas as suas normas, doutrinas, bem como a exigência de um novo estilo de Comunidade orientada pelo signo da Cruz. De acordo com os estatutos da OCCAE, verifica-se os seguintes eixos da sua doutrina:

- A crença num único Deus Todo-poderoso, criador do céu e da terra e do Mar.
- Jesus Cristo é o único meio de salvação.
- A Bíblia é a fonte da doutrina.
- Ser católico significa ser honesto, praticante de boas obras.
- O sacerdote nomeado pela Ordem tem autoridade para celebrar o batismo, casamentos e confissões.
- Adorar a cruz todos os dias.

Em entrevista gravada com o irmão Valter Neves da Cruz numa de suas igrejas em Tabatinga, perguntei-lhe sobre o significado da Cruz para a Irmandade. Ele respondeu:

> Vou lhe dizer uma coisa, a Cruz é o sinal do cristão [...] Nós temos 94 pontos que guardamos sobre a Cruz;
>
> Primeiro: a Cruz é aliança de Deus com os homens, Árvore da vida, farol de esperança, sinal do perdão, escadaria do céu, primeira porta do Brasil, forma a ligação com os povos.

O movimento da Cruz não tem nenhum vínculo com a igreja católica, visto que em seus estatutos não admitem que seus membros participem de outra religião.

A ruptura que se estabeleceu com a Igreja Católica, segundo Ari Oro, foi pelo fato de que os missionários capuchinhos negaram o sacramento do batismo aos Ticuna da OCCAE, o que levou o fundador a institucionalizar a figura do sacerdote.

Outro aspecto é que os Ticuna da Cruz não reconheceram os Ticuna católicos, pois não se consideravam como índios.

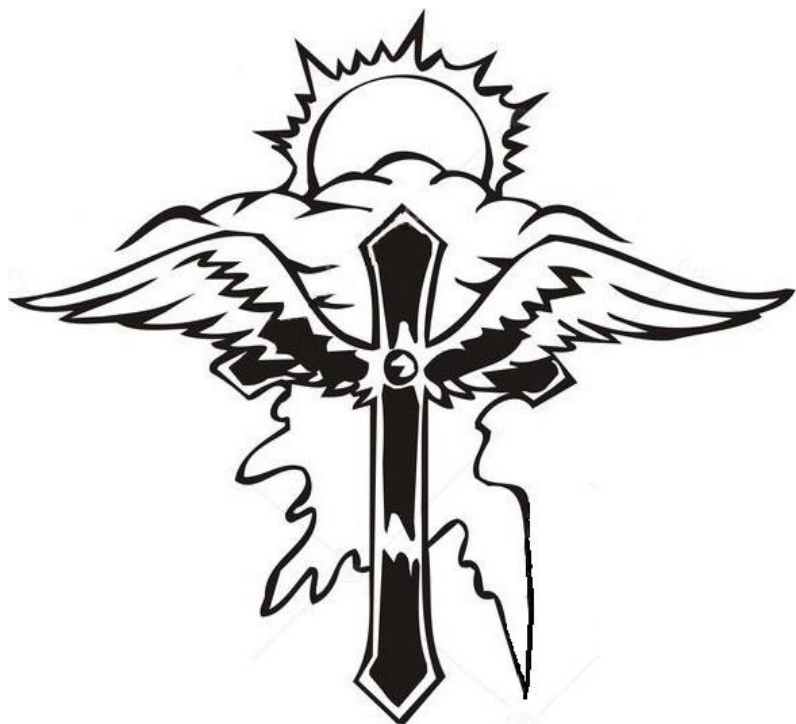
Numa Comunidade da Cruz, ainda hoje, o cotidiano dos índios se identifica àquele pensado e determinado pelo irmão José. Na Irmandade da Cruz, a igreja [feita de madeira, sempre junto a uma grande cruz erguida ao lado] representa o vínculo de encontro e doutrinação.

Todos os dias, às 06h00 da manhã, é feito o hasteamento da bandeira da cruz, e pela tarde, às 18h00, é feito o louvor da mesma com cantos. Quando chega a noite, às 19h30, todos se reúnem na igreja para celebrar o culto.

Os Ticuna, nas celebrações, e em geral durante todo o dia, vestem-se de branco e carregam uma pequena cruz de madeira presa por cordão ao peito.

Toda essa estrutura religiosa, embora enfraquecida, permite assegurar no dia-a-dia a fisionomia de um novo “*etos*” religioso e comunitário que, por um lado, proíbe os vícios, mas que neutraliza a cultura, a experiência mística original indígena do sagrado enraizado no significado da terra.

A Irmandade da Cruz proibiu a Festa da Moça Nova em suas Comunidades. Na entrevista que fiz com o irmão Valter das Neves Cruz, perguntei-lhe o porquê dessa proibição. Ele disse:

> Nossa Irmandade não permite, pois, se você quiser pertencer à Cruz, deve deixar de lado as festas e as bebidas, por isso nós proibimos. (*HÜTTNER)*

Kampũ – a Vacina do Sapo

Este remédio extraído da rã de nome Kambô é bom porque traz felicidade e também para se caçar. Quando toma o Kambô a caça se aproxima curiosa, pois quem o toma passa a emitir uma luz verde e é esta luz que faz a caça e as coisas boas se aproximarem de nós. Serve para tirar a panema ([73]) e também desentope as veias do coração e faz circular o sangue do ser humano como um todo. O uso do Kambô é milenar em nossa tradição: vem da sabedoria dos nossos ancestrais. (Pajé Assis André Katukina)

Phyllomedusa bicolor

A Phyllomedusa bicolor ou rã Kampũ, Kambo, Kambô, Cambo ou Sapo Verde, é um anfíbio arborícola encontrada na Bolívia, Peru, Venezuela, Guianas, na Amazônia e em algumas vegetações ribeirinhas do Cerrado brasileiro. É uma perereca da Família Hylidae que, apresenta placas aderentes na ponta dos dedos, que facilitam a escalada dos troncos. É a maior espécie do gênero, podendo chegar a quase 15 cm de comprimento. A Phyllomedusa possui hábitos noturnos e os machos nos meses de reprodução, cantam empoleirados na vegetação em alturas de até 10 metros. Os ovos são colocados sobre folhas nas margens de igapós e Lagos permitindo que os girinos, ao eclodir, caiam diretamente no ambiente aquático.

O Kambô e os Katukina e Kaxinawá

Os animais são capturados, pelos Pajés, durante a madrugada para extrair deles sua secreção cutânea considerada como um antibiótico natural poderoso capaz de combater e eliminar diversas moléstias.

---

[73] Panema: azar do caçador e/ou pescador infeliz.

Embora existam poucas pesquisas científicas que comprovem sua eficiência, alguns especialistas acreditam que ela possa ser utilizada nos tratamentos do câncer e da AIDS, pois consideram que ela reforça o sistema imunológico destruindo as membranas celulares das bactérias.

Os Pajés consideram as doenças como um espírito negativo que ataca o indivíduo. Os nativos fazem uso do Kambô para afastar o inimigo, acabar com o desânimo e falta de vontade para caçar, para estimular a libido, afugentar a má sorte, a tristeza, combater a baixa estima, fortalecer o corpo, a mente e o espírito, e fundamentalmente, para buscar a harmonia com a natureza, melhorar o fluxo sanguíneo permitindo mais ativamente circular a emoção, o sentimento e o amor. Os líderes espirituais afirmam que o remédio traz a sorte para quem caça, fazendo com que o animal se aproxime curiosamente do caçador já que, ao ser tratado com o Kambô, ele passa a emitir uma luz verde que faz a caça se aproximar.

Os Katukinas nunca matam os Kambô, pois acham que se o fizerem, poderão ser picados por cobras. Os Ashaninkas afirmam que, se o sapo cantar próximo de uma cabana, ele precisa ser imediatamente capturado e, a seguir, o nativo precisa queimar os pulsos e, no alvorecer do dia seguinte, bater nas costas do sapo, para ele soltar o veneno que será passado sobre o local queimado.

Pesquisa Nacional

Bruno Filizola, do Programa Brasileiro de Bioprospecção e Desenvolvimento Sustentável de Produtos da Biodiversidade (PROBEM), do Ministério do

Meio Ambiente, afirma que a secreção produzida pela Phyllomedusa bicolor tem mais de 200 moléculas com reais possibilidades de exploração comercial e que tramitam, hoje, uns 80 pedidos de patente em todo o mundo. Estes registros têm como foco principal as moléculas com ação antimicrobiana. A Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (EMBRAPA) já possui a patente da secreção de um sapo que poderá ser usada na produção de medicamentos. Pesquisadores da Embrapa afirmam que a ciência já havia identificado as propriedades da secreção da rã Phyllomedusa independentemente do conhecimento dos índios do Acre.

É importante lembrar que a Convenção sobre Diversidade Biológica (CBD) prevê que o registro de patentes de organismos, de suas partes e produtos derivados de seu metabolismo deve especificar claramente a origem e a forma de sua obtenção garantindo, com isso, o direito de propriedade intelectual às populações que geraram o conhecimento. A transformação de um bem cultural indígena em bem de mercado vai, certamente, gerar impactos altamente positivos nas comunidades indígenas.

Em 1992, a CDB foi assinada por 175 países durante a Eco-92, 168 dos quais a ratificaram, incluindo o Brasil (Decreto N° 2.519 de 16.03.1998). A CDB estabelece normas e princípios que devem reger o uso e a proteção da diversidade biológica de cada país signatário propondo regras para assegurar a conservação da biodiversidade, o seu uso sustentável e a justa repartição dos benefícios provenientes do uso econômico dos recursos genéticos, respeitada a soberania de cada nação sobre o patrimônio existente em seu território.

Um dos conflitos entre a CDB e o Trade-Related Aspects of Intellectual Property Rights (TRIPS) – Acordo sobre Aspectos dos Direitos de Propriedade Intelectual Relacionados ao Comércio é que, enquanto a CDB, estabelece princípios de repartição justa e equitativa dos benefícios, valorização dos conhecimentos tradicionais entre outros, o sistema de patentes do TRIPs protege, assegura monopólio e propriedade àquele que detém e desenvolve novas tecnologias e produtos, inclusive os oriundos da biodiversidade acessada por meio de conhecimento tradicional.

As propostas sobre a implementação dos princípios da CDB entre os países mega-biodiversos e aqueles detentores de tecnologia não avançam em função de que alguns países (USA) não ratificaram esse tratado multilateral. Portanto, não são obrigados a respeitar, e não respeitam, os princípios da Convenção sobre Diversidade Biológica.

Pesquisa Internacional
Fonte - Amazonlink

> Pesquisas científicas vêm sendo realizadas sobre as propriedades da secreção da Phyllomedusa bicolor desde a década de 80. O primeiro a "*descobrir*" as propriedades da secreção para a ciência moderna foi um grupo de pesquisadores italianos.
>
> Amostras das rãs foram levadas do Peru por um pesquisador para os EUA [o mesmo pesquisador que já tinha pesquisado e patenteado anteriormente substâncias da rã Epipedobates tricolor, utilizada tradicionalmente pelos povos indígenas do Equador].
>
> Também foram publicadas pesquisas sobre as propriedades da secreção por pesquisadores franceses e israelitas.

Mais recente, a Universidade de Kentucky [EUA] está pesquisando, e patenteando, uma das substâncias encontradas na secreção do sapo, em colaboração com a empresa farmacêutica Zymogenetics. Diversos laboratórios internacionais já estão interessados no veneno do kambô para desenvolver um medicamento que pode levar à cura do câncer.

Resultados Surpreendentes

Fonte - Amazonlink

As pesquisas revelaram que a secreção do Phyllomedusa bicolor contém uma série de substâncias altamente eficazes, sendo as principais a dermorfina e a deltorfina, pertencentes ao grupo dos peptídeos. Estes dois peptídeos eram desconhecidos antes das pesquisas com o Phyllomedusa bicolor.

Dermorfina é um potente analgésico e deltorfina pode ser aplicada no tratamento da Isquemia [um tipo de falta de circulação sanguínea e falta de oxigênio, que pode causar derrames]. As substâncias da secreção do sapo também possuem propriedades antibióticas e de fortalecimento do sistema imunológico e ainda revelaram grande poder no tratamento do mal de Parkinson, AIDS, câncer, depressão e outras doenças. Deltorfina e Dermorfina hoje estão sendo produzidos de forma sintética.

Doenças Combatidas pelo Kambô

Fonte: www.xamanismoancestral.com.br

O medicamento vem sendo desenvolvido e mostrado bons resultados nas pessoas que se encontram com dores e inflamação em geral: musculares, coluna, ciática, artrite, reumáticas, tendinite, enxaqueca e outros. Cansaço nas pernas, dor de cabeça crônica, asma, bronquite, rinite, sinusite, acne, alergias, gastrite, úlcera, diabetes, pressão arterial, obesidade,

problemas circulatórios, formigamento, retenção de líquido, colesterol, cateterismo, doenças do coração em geral, hepatite, cirrose, malária [aguda] e pós malária, labirintite, epilepsia, TPM, irregularidades menstruais, infertilidade, impotência, redução da libido, depressão e suas consequências, ansiedade, insônia, irritação, insegurança, nervosismo, medo, stress, fadiga, sistema nervoso abalado, esgotamento físico, mental, emocional, desintoxicação, dependência química e tabagismo são algumas das possíveis doenças tratadas pela Vacina do Sapo. Trata distúrbios nos órgãos genitais, pulmão, rim, vesícula, baço-pâncreas, bexiga, coração, estômago, intestino, tireoide, fígado, garganta.

Reação

Fonte: www.xamanismoancestral.com.br

A reação da vacina dura cinco minutos. Nesse tempo ocorre a limpeza no campo físico, energético, emocional e espiritual. Após cinco minutos, a sensação é de limpeza, leveza, tranquilidade, bem-estar, paz interior e conscientização do desequilíbrio ou distúrbio a ser tratado. Depois de 30 minutos da aplicação, a pessoa já está apta para suas atividades normais. [...]

Aplicação é Indolor e os Efeitos Imediatos

Fonte: www.xamanismoancestral.com.br

A coleta da substância da rã é feita sem machucá-la, no tempo certo e na lua certa. Conhece-se o animal pelo canto. Logo que a secreção é retirada, ele é devolvido à mata. Após seis meses, a rã pode ser reutilizada. Na aplicação não se utilizam agulhas. São feitos os pontos para introduzir a vacina no organismo com um cipó em brasa [lembra um incenso], fazendo uma leve escamação na pele. Em contato com a pele, retira um pedaço pequeno, deixando a

circulação exposta, onde é aplicada a substância. O cipó usado é anti-inflamatório e, após a aplicação, não são necessários cuidados especiais, pois a cicatrização dos pontos é rápida. O tratamento é composto de 3 aplicações com intervalo de 30 dias.

Pesquisa "in loco"
Vídeo: youtu.be/iZ4q3hEVhW0

O Soldado Délcio Ubim Tesquim, do 61° BIS e membro da Terra Indígena Puyanawas [Dukuda Kayapaika], Município de Mâncio Lima, apresentou-nos ao Pajé José Luiz [Puwẽ]. Infelizmente, não conseguimos realizar a aplicação da Vacina do sapo na quarta-feira, 02.12.2013, como era nossa intenção, o Pajé afirmou que tinha usado seu último estoque da secreção e agendamos, então, para o dia seguinte.

No dia, 03.12.2013, Chegando cedo à Aldeia, o Pajé José Luiz, devidamente paramentado, levou-nos até a Arena, conhecida por eles como "*Casa, Floresta de Todos Nós*" [Dimanã Ẽwê Yubabu] onde realizam diversos eventos culturais, entre eles os "*Jogos da Celebração*". Eu e o Marçal fomos orientados a beber goles generosos de Caiçuma ([74]). Sou abstêmio convicto, mas o Pajé garantiu que a bebida tinha um teor alcoólico bastante baixo e fazia parte do ritual, por isso, bebi. Após a ingestão da bebida, fomos levados por uma trilha para o interior da mata onde ingerimos mais caiçuma.

---

[74] Caiçuma: não perguntei como eles preparavam a bebida, mas, normalmente, as mulheres da Comunidade, depois de cozinharem a macaxeira, reúnem-se para a mastigarem, colocando a mistura em um recipiente feito de argila. A massa sofre fermenta e apresenta, no final do processo, um sabor levemente adocicado, azedo e de textura e cor semelhante ao leite. Quanto maior o tempo de maturação do produto maior seu teor alcoólico.

O Soldado Tesquim foi encarregado de fazer as tomadas das cenas. O Pajé preparou um cipó-titica ([75]) e com ele em brasa somente aproximou-o de meu braço, fazendo cinco aplicações com o intuito de remover parte da pele, o processo foi totalmente indolor já que o cipó é um poderoso analgésico.

Após isso, adicionou um pouco de água a uma pequena espátula de madeira onde se encontrava a secreção do Kampũ. Passou então uma pequena porção da mistura em cada um dos cinco pontos preparados do braço esquerdo.

O Soldado Tesquim, nesse momento, aproximou-se dizendo que a máquina estava sem memória para continuar as gravações. Eu tinha esquecido de deletar as fotografias anteriores, tentei removê-las, mas o efeito da vacina já começara a agir, passei a máquina para o Marçal que limpou a memória toda, por isso perdemos a gravação da primeira parte do ritual. Fui orientado pelo Pajé a me deitar nas palhas que haviam sido colocadas para isso e literalmente apaguei, não sei como cheguei até lá. Comecei a vomitar e o Pajé e seus assistentes, Isa e Xĩdu procuraram me deixar sentado. Só fiquei sabendo disso, depois, pelas gravações. Durante todo o tempo, tivemos acompanhamento constante do Pajé e de seus assistentes. Volta e meia ele vinha até nós e lançava sobre nossos corpos a fumaça do cachimbo. Os mesmos procedimentos foram aplicados ao Marçal que teve uma reação muito melhor que a minha.

---

[75] Cipó-titica: é da espécie botânica Heteropsis flexuosa, encontrada na Amazônia, nas áreas de terra firme. Quando adulto, o caule grosso, lenhoso, resistente e durável, é utilizado na indústria moveleira e no artesanato.

Levei trinta e dois minutos para ter condições de me levantar, depois de ter vomitado diversas vezes.

Fomos levados então para tomar um banho nas águas geladas do Igarapé Traíra. Foi um banho revigorante após o qual nos sentimos em condições de voltar à Aldeia. Na casa do Pajé experimentei o rapé já que, desde o ritual, saía de minhas narinas uma abundante secreção. Ficamos conversando sobre a cultura dos nativos e de como as novas religiões trazidas para as Aldeias pelos Padres e Pastores vêm determinando a perda de identidade dos povos. A esposa do Pajé, a Sra. Awĩ Vari (Mulher Sol), se prontificou a fazer uma pintura de jenipapo no meu braço direito e no do Marçal.

Embora não tenha sentido nenhuma melhora aparente, a experiência bastante interessante que guardaremos com carinho por toda a vida, mas, muito além disso, foi importante reconhecer no jovem casal dois guerreiros que trabalham e lutam para manter viva sua cultura e a identidade de seu povo.

Potencial Econômico da Biodiversidade

O Brasil ocupa o primeiro lugar em biodiversidade do globo terrestre mas, mesmo assim, estimativas do IBAMA indicam que menos de 1% das espécies brasileiras são conhecidas pela ciência e que provavelmente grande parte delas estarão extintas antes de terem sido descobertas ou analisadas pelos pesquisadores. A biotecnologia é uma opção importante de desenvolvimento sustentável na região amazônica que, além de justificar a preservação dos biomas naturais, vai alavancar o conhecimento sobre a sua biodiversidade.

Vejamos o artigo sobre "*Biodiversidade e Desenvolvimento Sustentável*" elaborado por Leonel Graça Generoso Pereira, Maurício Amazonas e Bruno Filizola.

> No século XXI, o mercado mundial abre perspectivas totalmente inovadoras, nas quais se direciona grande esforço na busca de novos produtos para fins medicinais, cosméticos, suplementos nutricionais, produtos agrícolas, entre outros, voltados ao prolongamento da vida com qualidade. Exemplos dessas inovações não faltam.
>
> Só em 1998, os medicamentos movimentaram 300 bilhões de dólares em todo o mundo, sendo que 40% dos produtos têm origem direta ou indiretamente de fontes naturais. No Brasil, as vendas atingiram a marca de 11 bilhões de dólares, havendo ainda um espaço enorme para ampliação desse mercado. O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada [IPEA] estimou em pelo menos 2 trilhões de dólares o valor potencial do banco genético brasileiro.
>
> Só na floresta tropical, pesquisas recentes apontam para um potencial de mais de trezentos novos bioprodutos, derivados de produtos naturais disponíveis. Dados da Organização Mundial de Saúde apontam para a utilização de plantas na cura de enfermidades por parte de 85% da população mundial [cerca de 4 bilhões de pessoas]. Cerca de 20% de todo o faturamento das empresas de produtos farmacêuticos é empregado na descoberta de novas drogas. Dentre estas, o mercado de produtos de higiene pessoal, perfumaria, cosméticos, principalmente no que se refere às lifestyles drugs, drogas que reúnem saúde e rejuvenescimento, vem apostando alto nas inovações, especialmente na diversificação de insumos naturais provenientes das florestas tropicais.

O faturamento nacional desse setor atingiu, em 1999, a marca dos 12 milhões de dólares. Dentro desse processo, os produtos farmacêuticos de origem natural ganham terreno e já representam 17% do mercado mundial.

As florestas tropicais úmidas são, também, ricas fontes de microorganismos, fontes potenciais de novos compostos de ação antibiótica e de drogas imunodepressoras, as quais, entre outros importantes resultados, aumentam consideravelmente o grau de sucesso de transplantes de órgãos. Outra área de interesse é a pesquisa de toxinas encontradas em venenos e peçonhas de animais. No escritório de Patentes do Governo dos Estados Unidos, foram registradas, recentemente, diversas patentes de toxinas de aranhas e escorpiões, sendo algumas de bioinseticidas seletivos, princípios neurobloqueadores e substâncias terápicas para doenças cardíacas; além de registros de patente de toxinas de serpentes, sendo a maioria voltada para o uso em terapias de controle de pressão arterial.

Tragédia Épica – Guerra de Canudos – II
(Francisco Mangabeira)

XVI - O Incêndio

Surge uma labareda, e outras depois, e ainda
Outras muitas, até que, em legião infinda,
Dominam com violência a tétrica cidade
Em uma chama só que, impetuosa, invade
Tudo o que encontra, e após atira para o espaço
Lanças de ouro, punhais de prata, setas de aço,
Enchendo de rubis as nuvens, e adornando
De coroas reais os montes...

Vai galgando o espaço, qual se fosse uma serpente enorme,
Que, torcendo raivosa a cauda desconforme,
Se enrosca, e ergue a cabeça, e após se desenrosca,
E pula, e curveteia ([76]), esbraseada e fosca,
E se empina no ar, e silva, e grita, e geme,
Por ver que ainda tem vida a presa... A terra treme...

A viração parece um hálito do fogo
Que, cansado, respira em doce desafogo,
E recrudesce após, enérgico e violento...

A cidade se banha em um deslumbramento
Horroroso... Parece até uma fornalha,
De onde em múltiplos sons o estrépito se espalha
De casas a ruir atroadoramente
A pressão dos anéis da rábida ([77]) serpente,
Que se esgueira, e depois surge, viva e triunfante,
Aqui, um pouco além, e muito mais adiante... [...]

---

[76] Curveteia: movimento do cavalo quando levanta e dobra as patas abaixando a garupa.
[77] Rábida: raivosa.

Cruzeiro do Sul, AC – Ipixuna, AM

05.01.2012 – Partida para o Extremo da Boa Fé

Nossa partida de Cruzeiro do Sul foi adiada, por mais de uma vez, tendo em vista o feriadão da passagem do ano que retardou as medidas administrativas necessárias a enfrentar os mais de 2.700 km que nos separavam da 16° Brigada de Infantaria de Selva – a Brigada das Missões – comandada pelo General Paulo Sérgio, onde poderíamos contar, novamente, com o apoio do Exército Brasileiro.

Partimos às 06h30 (hora oficial do Acre) com a ideia de percorrer os 262 km que nos separavam de Ipixuna, em quatro dias, uma média de 65,5 km/dia que poderia ser alcançada, confortavelmente, com sete horas de remo diárias. Aqui no Amazonas, como no Acre, os ribeirinhos não adotaram a mudança de horário decretada pelo governo, e ainda consideram uma hora a menos que o horário oficial como pudemos verificar desde a Comunidade do Lago Tauré ([78]), no Estado do Acre.

Como impor um horário oficial a um povo cujo trabalho está vinculado diretamente às leis da natureza? Quando ultrapassamos o limite entre o Estado do Acre e do Amazonas, o relógio do celular, automaticamente, alterou o horário e, mais uma vez, verificamos a incoerência de se adotar o mesmo fuso horário para um Estado Continental como este. Aqui os ribeirinhos, também, continuavam com o chamado "*horário velho*".

---

[78] Comunidade do Lago Tauré: Porungaba

O dia transcorreu sem grandes alterações, continuei marcando a localização e o número de famílias das Comunidades e não avistamos, neste dia, nenhum afluente do Juruá. Os pequenos e graciosos botos tucuxis ([79]) apareceram diversas vezes e pareciam mais preocupados em demonstrar suas habilidades acrobáticas do que realmente pescar.

Por volta das 12h00, solicitei ao Soldado Mário que nos ultrapassasse e procurasse alguma Comunidade que possuísse uma escolinha onde pudéssemos acampar com certo conforto. Eu e o Marçal estávamos preparados para remar por mais umas duas horas, mas o Mário aportou em uma pequena Comunidade à frente onde conseguiu autorização da esposa do Sr. Expedito Braz da Conceição para acantonar ([80]) na escolinha da pequena Comunidade Extremo da Boa Fé ([81]). Havíamos remado 87 km nesse dia.

A quantidade de piuns era impressionante! Depois de tomar banho no Rio, entrei na barraca, montada na sala de aula da Comunidade e dei início à digitação dos dados coletados. Os piuns, para os quais não conhecíamos qualquer tipo de repelente nativo ou industrializado, me atormentavam. Os pequeninos insetos passavam pela tela da barraca como se ela simplesmente não existisse.

A noite foi relativamente tranquila, exceto pelos grunhidos dos porcos que tinham se abrigado da chuva sob o piso da escolinha e passaram a noite inteira grunhindo, roncando e brigando.

---

[79] Botos tucuxis: Sotalia fluviatilis.
[80] Acantonar: acampar em uma instalação existente.
[81] Boa Fé: 07°19’38,4” S / 72°21’01,0” O.

06.01.2012 – Partida para Boca do Campina

Remamos pouco menos de 20 km e chegamos à Boca do "*Paraná Boa Fé*" como é chamado por alguns ribeirinhos mas, que na verdade é um Rio, pois suas águas não ligam o Juruá a qualquer outro Rio como seria o destino de um verdadeiro Paraná.

Continuando nossa Expedição, abordamos o Estirão do Ipixuna, que se inicia desde a Foz de um pequeno Igarapé que leva o mesmo nome do Estirão e que é mais conhecido pelos ribeirinhos como Igarapé do Cagão ([82]). É, sem dúvida, até então, o trecho em que o Juruá é menos sinuoso, apenas nove curvas importantes, se estendendo por uns 30 km até as coordenadas 07°12'44,2" S / 72°07'03,2" O. Eu havia solicitado que o Mário marcasse algumas Comunidades para que pudesse confrontar os dados mais tarde com os meus e, graças a isso, ele só conseguiu nos alcançar nas proximidades da Comunidade da Boca do Campina, ([83]) à margem direita do Juruá e do Igarapé Campina que faz a divisa dos Municípios de Guajará e de Ipixuna. Havíamos remado 76 km nesse dia.

Após contato com o Professor Raimundo Nonato Andriola, da Escolinha Sólon Melo, consegui autorização dele para acantonar na mesma. Antes de ocuparmos a escolinha, o Professor determinou às filhas e sobrinha que fizessem uma faxina. A esposa do Professor, Maria Gesilda Saturnino da Costa, agente de saúde da Comunidade, permitiu que o Marçal preparasse o nosso almoço na sua cozinha e mais tarde fizeram uma festa surpresa, em comemoração ao meu aniversário, com direito a bolo e refrigerantes.

---

[82] Igarapé do Cagão: coordenadas da Foz – 07°14'03,7" S/72°18'14,3"O.

[83] Boca do Campina: 07°12'57,0" S / 72°03'15,9" O.

O Professor e sua família foram por demais prestativos e nos dispensaram toda atenção possível. Eu e o Professor Raimundo passeamos, pela Comunidade e, mais de uma vez ouvi as reclamações dos moradores em relação às restrições impostas pelo pessoal ligado ao meio-ambiente que acabam provocando a evasão dos ribeirinhos em direção aos grandes centros. Como se já não bastassem as precárias condições de vida que lhes inflige o meio extremamente hostil, lhes são impostas restrições de toda a ordem que impedem as Comunidades de alcançar uma vida mais digna e mais segura. Nesta Comunidade existe um enorme Jacaré-açu que, volta e meia, lhes ameaça e subtrai animais domésticos criados com tanta dificuldade. Na época da alagação, as águas permitem que este gigantesco sauro transite com liberdade pela Comunidade e sob as casas, criando um clima de terror entre seus membros. O trânsito entre as residências é feito através de um terreno encharcado que poderia ser melhorado através de passarelas, mas seria necessário usar a madeira da mata vizinha e aí entram os "*talibãs verdes*" impedindo ou dificultando providências desta espécie. O Professor (Imagem 21) estava de prontidão na hora de nossa despedida e partimos guardando em nossos corações, mais uma vez, o carinho e a consideração deste hospitaleiro povo das águas.

07.01.2012 – Partida para a Ipixuna

Partimos logo ao alvorecer, tendo como objetivo aportar em Ipixuna, a 99 km de distância. Graças ao bom Deus, a chuva intensa que caiu durante a noite arrefeceu a canícula amazônica e, depois de pouco mais de hora de remo, experimentamos uma chuvinha fina e agradável que refrescava nossos corpos atenuando em muito nosso esforço.

Demarquei a Foz principal do Riozinho da Liberdade ([84]) e uma segunda Boca mais a montante ([85]) que é gerada na época da alagação. Confirmei essa interpretação, fundamentada na fotografia aérea do Google Earth, de 31.12.1969, e na observação do terreno, baseada no relevo e vegetação consultando uma moradora local.

A pouco mais de 30 km de Ipixuna, nas proximidades da Comunidade Nova Esperança, identificamos um Furo ([86]). O tumultuário Rio eliminara, mais uma vez, um de seus inúmeros laços abreviando seu traçado.

Na chegada a Ipixuna, tentamos, sem sucesso, pedir apoio à Expedição, contatando com as autoridades Policiais Militares através da central de Manaus. Esta é minha quinta incursão pelos amazônicos caudais de modo que, lembrando de minha primeira Expedição, pelo Solimões, pedi ao Sd Mário que solicitasse a um moto-táxi que avisasse os Policias Militares de nossa presença no porto da Cidade. Mais uma vez, nossos amigos da Polícia Militar, desta feita representados pelo 1° Tenente Rodney Barros Ferreira, nos apoiaram incansavelmente. O Tenente nos colocou em contato com o representante do empresário Abraão Cândido, que conhecêramos em Manaus, com a finalidade de aportar as embarcações e guardar nossos pertences.

Depois de descarregarmos o material da lancha, o Tenente nos levou até o restaurante da simpática acreana Sr.ª Consuelo, que havia preparado uma saborosa refeição para os exaustos navegantes.

---

[84] Foz principal do Riozinho da Liberdade: 07°10’51” S / 71°48’42” O.

[85] Segunda Boca mais a montante: 07°11’21” S / 71°50’04,2” O.

[86] Furo: 07°08’32,5” S / 71°47’30,8” O.

O prestativo policial providenciou também acomodações em um hotel e nos indicou o restaurante onde deveríamos fazer as refeições. Graças ao novo amigo da PM do Estado do Amazonas, conseguimos fortalecer nossos corpos antes de partirmos para a próxima jornada até Eirunepé (554 km).

✧Total Parcial: Cruzeiro do Sul – Ipixuna = 262,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Ipixuna = 729,5 km

Alma de Marujo
(Mavignier de Castro)

Amo, às vezes, fitar como os marujos
Do velho cais, ao céu crepuscular,
O perfil oscilante dos saveiros
E o adeus das velas para o meu olhar.

Ao contato dos barcos forasteiros,
Sinto em mim o desejo singular
De correr mundo como os marinheiros,
De ser marujo dominando o Mar...

É que, de certo, em épocas remotas,
As minhas ilusões foram gaivotas
No anil dos mares, ao rugir do Sul...

E, além seguiram – desgraçadas delas! –
O roteiro de Sol das caravelas
Talvez perdidas nesse abismo azul!

Guajará, Amazonas

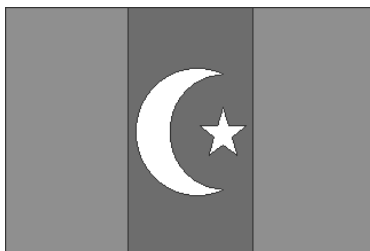
Histórico

Em 21.05.1957, pelo Decreto-Lei n° 05, desapropriou as referentes terras e em seguida entregando-as à comunidade. Neste momento fizeram a troca do nome de Guajará para Canamari, em homenagem aos índios que habitavam próximo à localidade. Em 1979, foi elevado à categoria de Vila, que pertencia ao Município de Ipixuna. Em 30.12.1987, na criação do Município, houve polêmica devido ao nome que havia sido mudado para Canamari, o qual não recebeu simpatia da maioria, retornou então, ao seu nome de origem, Guajará, que significa em Tupi, uma árvore.

Formação Administrativa

Elevado à categoria de Município e Distrito com a denominação de Guajará, pelo Decreto Estadual n° 1831, de 30.12.1987, desmembrado do Município de Ipixuna. Constituído do Distrito sede. Instalado em 01.01.1989. Em divisão territorial datada de 31.12.1968, o Município é constituído do Distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

Gentílico

Guajaraense (IBGE)

Igapó

(Américo Antony)

Há uma escura paragem de saudades
Onde a água esconde as tradições amigas...
Onde a água chora umas canções antigas...
Onde a água geme... e é quase divindade.

Lá o Rio oculta amplas fadigas,
E as sombras abrem em flor de suavidade,
E espera, e dorme, e sonha a eternidade
De insetos de ouro, e prónubas ([87]) formigas...

Teto de selva e leito de água e trevas
Onde aves de mil cores bebem alma
Dos beijos nidiquidrópicos da palma...

Estuar ([88]) de pólen, luz de água lembrando
Retinas mortas... gerações primevas ([89])...
Líquidos olhos de Pajés boiando...

---

[87] Prónubas: casamenteiras.

[88] Estuar: fervilhando, em pleno de vigor.

[89] Primevas: antigas, primitivas.

Ipixuna, Amazonas

Histórico

Em meados do século XIX, dá-se a fixação de estrangeiros no território atual do Município.

Em 1857, João da Cunha sobe o grande Rio, até a Foz do Juruá-Mirim.

Em 1877, têm-se notícias de geral fixação de cearenses no Rio Juruá.

Em 1883, ocorre o povoamento de Riozinho [localizado no centro do atual Município] por Arthur Marques de Menezes.

Em 19.12.1955, pela Lei Estadual n° 96, é criado o Município de Ipixuna desmembrado do Município de Eirunepé. O Município de Ipixuna foi constituído pelos Subdistritos: Foz do Riozinho, Foz de Ipixuna, Foz do Hudson e parte dos de Foz do Gregório e Canidé, com sede na localidade de Guajará, elevada então à categoria de Cidade [1955].

Em 18.02.1956, dá-se a instalação do novo Município, tendo seu primeiro Prefeito, nomeado pelo Governo do Estado, o Sr. Domingos Barbosa Filho.

Em 05.06.1958, Ipixuna é enquadrado entre os Municípios considerados "*Área de Segurança Nacional*".

Em 10.12.1981, é desmembrado do território que passa a constituir o Município de Canamari.

O significado do nome do Município veio do Rio Ipixuna, um dos principais afluentes do Juruá, com a extensão de cerca de 300 km.

Ipixuna, em língua indígena, significa "*água escura*", denominação que lhe foi dada pelos índios Catuquinas, Curinas e Canamaus.

Formação Administrativa

Elevado à categoria de Município é Distrito com a denominação de Ipixuna, pela Lei Estadual n° 96, de 19.12.1955, desmembrado do Município de Eirunepé. Sede no atual Distrito de Ipixuna [ex-povoado de Guajará]. Constituído do Distrito sede e instalado em 18.02.1956.

Em divisão territorial datada 01.07.1960, o Município é constituído do Distrito sede, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2009.

Gentílico

Ipixunense (IBGE)

As Portas do Rio Foram Abertas

(Milton Hatoum)

As portas do Rio foram abertas
E vazaram peixes, caboclos, ubás.
Remar tornou-se verbo estático.
O tempo ancorou no raso
E o verde se decifrou.

Uma Heroica Missão

Com duas mãos – o Ato e o Destino –
Desvendamos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o fecho trêmulo e divino
E a outra afasta o véu.
(Fernando Pessoa – Mar Português)

Chegamos a remar quase 100 km em um único dia, tendo em vista os grandes vazios demográficos do Rio Juruá e as poucas pesquisas que aí tivemos oportunidade de realizar. As margens inundadas e pródigas em piuns determinaram uma mudança de rotina: somente aportaríamos no nosso destino, depois de remar uma média de 08h30 diárias, ou quando precisássemos coletar informações sobre as Comunidades. A ingestão d'água ou alimento foi feita no talvegue do Rio com o propósito de evitar, em parte, o assédio desses terríveis insetos. As Comunidades ribeirinhas são formadas por verdadeiros heróis e na acepção literal da palavra e não naquela que a mídia sensacionalista prima em empregar. Os "*heróis midiáticos*" não seriam capazes de suportar uma semana sequer o desafio cotidiano das barrancas da Bacia do Juruá.

A histórica insalubridade da região, agravada pela falta de políticas públicas de longo prazo que melhorem as condições de vida da população tem provocado um êxodo contínuo para os grandes aglomerados urbanos, o grande número de eleitores concentrados nessas regiões faz com que os politiqueiros de plantão não se preocupem com a rarefeita população marginal de cujo voto não dependem, absolutamente, para se eleger. A Amazônia precisa com urgência de um Órgão que trate de suas endêmicas e seculares questões.

Carece de planos plurianuais e não de medidas emergenciais que atendem apenas as necessidades eleitoreiras momentâneas de seus idealizadores e que não solucionam os problemas que se arrastam há décadas. Quero deixar aqui patente meu apreço por estes homens e mulheres que nos acolheram no seio de suas casas e Comunidades, partilharam suas refeições conosco, nos contaram suas histórias de vida e ouviram emocionados nossos relatos conquistando definitivamente nossos corações e mentes.

Movimento Pró-Acre

A proximidade física de Guajará e de Ipixuna, Municípios do Sul do Amazonas, criaram uma dependência extrema ao Estado do Acre através de Cruzeiro do Sul, ligado ao resto do país, ainda que precariamente, pela BR-364. A distância dos grandes centros do Estado do Amazonas, a dificuldade de atendimento às questões sanitárias e educacionais agravadas pelos problemas de abastecimento na estiagem, vem estimulando um movimento sutil mas determinado que pretende que os Municípios de Guajará e Ipixuna venham a integrar o Acre e não o Amazonas. É curioso verificar que um Estado que tanto lutou para que o Acre fosse anexado ao seu território se veja agora envolvido num processo que coloca em risco sua própria integridade.

09.01.2013 – Ipixuna, AM

Pela primeira vez desde que iniciamos nossas amazônicas Expedições, estamos encontrando sérias dificuldades logísticas e consequentes implicações financeiras. A ausência de um suprimento de fundos para arcar com as despesas de combustível com a lancha de apoio tem sido o item mais preocupante.

Felizmente, em Ipixuna, a promessa feita pelo empresário Sr. Abraão Cândido se concretizou e, além de conseguirmos autorização para aportar nossas embarcações no seu porto flutuante, fomos abastecidos com 115 litros de gasolina (R$ 460,00) gratuitamente. Estes "*ermos sem fim*" determinam que só tenhamos a possibilidade de abastecer daqui a 570 km em Eirunepé, dificuldade que se estende até a Foz do Juruá. A quantidade de combustível que precisa ser carregada a bordo aumenta consideravelmente o consumo do motor de popa. Este fator acrescenta uma dificuldade maior ainda a essa já tão complexa e difícil missão de descer de caiaque os quase 3.000 km do Juruá e os 900 km de sua Foz, pelo Solimões, até Manaus.

Mais uma vez agradecemos à pronta e gentil acolhida, em Ipixuna, de nossos caros amigos da Polícia Militar do Estado do Amazonas, na pessoa do seu Comandante o Primeiro Tenente Rodney Barros Ferreira, que providenciou hotelaria, abrindo mão de seu próprio quarto no hotel e o de um de seus auxiliares para nos acomodar, além de providenciar três refeições diárias aos membros da Expedição durante esses dois dias de permanência na sua Cidade. Faço votos para que em Eirunepé tenhamos a ventura de encontrar outros amigos de mesmo quilate.

Entre Cemitério e Última Classe
(Milton Hatoum)

Entre cemitério e última classe
Há uma diferença motriz:
Um é plano jazigo e só gira
Com todos os vivos da Terra e suas tumbas.

Enquanto o porão, com seu espaço casulo, gira
No ritmo da Terra e, ainda, com a fluência da água.

Porão e túmulo jamais serão um único frasco.

O porão poderá ser tumulto
Ou redoma de ossos falatórios.

Redoma, lugar hemisfério
Onde se enxerga fora – longe do leme – o celeste.

Ou lugar que desfia, tecendo ao inverso,
Destelhando o sono do homem
Que já córrego, não mais será mistério.

Imagem 20 – Comunidade Montreal, Guajará, AM

Imagem 21 – Prof. Raimundo – Boca do Campina, Ipixuna, AM

Imagem 22 – Boca do Campina, Ipixuna, AM

Imagem 23 – Igarapé Turrufão, Ipixúna, AM

Imagem 24 – Comunidade Monte Lígia, Ipixuna, AM

Imagem 25 – Comunidade Boca do Puçá, Eirunepé, AM

Imagem 26 – Comunidade Evaliza, Eirunepé, AM

Imagem 27 – Sr. Francisco – Com. São José, Eirunepé, AM

Ipixuna, AM – Eirunepé, AM

Ao partirmos de Ipixuna, gostaria de agradecer a atenção que nos dedicaram os amigos Maria Consuelo e Raimundo, da Pensão Juruá.

Soldado Mário Elder Guimarães Marinho

O Sd Mário é o exímio piloto da lancha de apoio e encarregado de nossa logística. Para evitarmos os piuns que infestam as margens lodosas do Juruá e desnecessárias paradas, Mário nos abastece com água, frutas e bolachas no talvegue do Rio. Ele é o responsável, também, de encontrar o local ideal para montarmos nosso acantonamento nas Comunidades ribeirinhas, no interior das escolas, templos ou residências. O aportamento diário final é feito a partir das catorze horas, depois de termos remado aproximadamente 85 km em oito horas consecutivas. Algumas condicionantes alheias à nossa vontade podem alterar esta programação como, por exemplo, longos trechos de até 40 km dentro de áreas indígenas (Comunidade Condor – Comunidade Santa Maria) sem uma única Comunidade de ribeirinhos. Quando eu e o Marçal concluímos nossa jornada diária e chegamos à uma Comunidade, o Mário já providenciou a montagem do acampamento e o descarregamento do material da lancha.

Soldado Marçal Washington Barbosa Santos

O Sd Marçal é meu parceiro de remadas e o cozinheiro da Expedição. Sabendo que os desafios do Juruá seriam maiores que os dos Rios Madeira e Amazonas, treinou com afinco nas águas turbulentas do Tapajós.

Temos, eventualmente, remado mais de 100 km em um único dia e o formidável guerreiro Munduruku chega ao final da jornada cantando e sorrindo sem esboçar qualquer sinal de cansaço. A primeira providência dele ao aportar é preparar os caiaques para a próxima jornada e, logo concluída esta etapa, o nosso cozinheiro se dedica à preparação de nossa "*almojanta*", já que nossas atividades diárias só permitem que façamos uma única refeição quente ao dia. Algumas vezes, o preparo dos alimentos é feito na cozinha dos amigos ribeirinhos e condimentada com temperos retirados da horta dos mesmos.

10.01.2013 – Partida para a Comunidade Ituxi

Acordamos às 05h30, horário antigo, e nos deslocamos para o Porto Juruá II, do empresário Abraão Cândido. Partimos ao alvorecer, as poucas nuvens tornavam a progressão mais difícil sob o Sol abrasador. Informações desencontradas quanto à distância das Comunidades forçaram-nos a ultrapassar a meta dos 85 km e chegamos, finalmente, às 15h30, à Comunidade Ituxi ([90]), depois de remar 102 km. O Mário tinha conseguido autorização para acamparmos na Escola Manoel Fernandes, a residência do Professor, contígua à sala de aula estava ocupada pela família do pescador Francisco Sales da Silva que estava de mudança para Ipixuna. Depois do banho e do "*almojanta*", ficamos ouvindo histórias de pescadores.

11.01.2013 – Partida para a Com. das Piranhas

Mantendo nossa rotina diária, partimos antes de o Sol nascer. Logo depois da partida, começou a cair

[90] Comunidade Ituxi: 06°57'57,6" S / 71°18'09,7" O.

uma chuvinha fina e gelada que nos acompanhou até nosso destino na Comunidade das Piranhas ([91]), a 81 km de distância.

Aportamos, por volta das 13h30, e o Sr. Antônio Santana da Silva havia nos informado que a Com. Monte Lígia, encravada em uma bela região de terra firme, estava a apenas uma hora de voadeira com motor de 8 Hp (tipo rabeta), não quis arriscar e optamos por pernoitar na Comunidade das Piranhas. O Sr. Antônio permitiu que nos instalássemos na casa do Professor ao lado da Escola que se encontrava vazia.

A Falta de higiene nas Comunidades é muito grande, na maioria delas não existe uma passarela de madeira que permita um deslocamento seguro sem ter de pisar na fétida mistura de lama e fezes de animais que perambulam livremente e se refugiam da chuva ou ao anoitecer, sob as casas.

As casinhas (sanitários), quando existem, são meros estrados com um buraco na madeira e os dejetos caem diretamente no chão onde aves e suínos dão prosseguimento ao tratamento dos mesmos.

12.01.2013 – Partida para a Comunidade Condor

Alcançamos a Comunidade Monte Lígia às 08h20, duas horas exatas depois de partir. Infelizmente as referências de que dispúnhamos para tomar a decisão não eram suficientes para escolher a melhor opção. Chegamos, às 11h30, à Comunidade Condor ([92]) depois de remar apenas 55 km.

---

[91] Comunidade das Piranhas: 06°50’31,7” S / 71°01’21,6” O.

[92] Comunidade Condor (06°44’54,5” S / 70°47’21,2” O.

Tínhamos um enorme vazio, de 40 km, a partir daí até a Comunidade Santa Maria. Instalamo-nos na escolinha, como de praxe e, depois do banho e do "*almojanta*", veio me procurar um dos membros da Comunidade, visivelmente embriagado, que suspeitava que fôssemos da Polícia Federal. Argumentei que se fôssemos da Federal, a lancha seria muito mais potente e não de 13 Hp como a nossa, e que, se os agentes tivessem de pernoitar no local, o fariam em sua confortável embarcação e jamais em acanhadas barracas.

Novamente os ribeirinhos relataram sua preocupação em relação ao comportamento dos Culinas que promovem saques nas residências em que gentilmente são acolhidos para pernoitar quando se deslocam para Ipixuna. Infelizmente, alguns pequenos grupos liderados por chefes sem escrúpulo criam um estigma perigoso em relação a todo o povo Culina ([93]).

Em Ipixuna, havíamos topado, diversas vezes, com um bando sujo e maltrapilho de Culinas que bebiam álcool puro indiscriminadamente. Os homens agrediam violentamente suas mulheres e crianças Durante estas borracheiras. É uma pena observar a decadência de alguns grupos liderados por maus Tuxauas. O uso de bebidas alcoólicas pelo povo Culina tornou-se crítico nos últimos 20 anos. A maioria dos jovens de apenas 12 anos já bebe álcool puro e, quando termina o dinheiro das bolsas assistencialistas, para adquiri-lo

---

[93] Culina: a etnia Culina (ou Kulina) habita tradicionalmente nas planícies dos Rios Juruá e Acurauá (afluente do margem esquerda do Rio Tarauacá) e pertencem à família linguística arawá. Os Culina se autodenominam Madija, que significa "*os que são gente*". Os Culina formam um grupo de pouco mais de 700 membros e ainda preservam sua língua e cultura.

misturam água à gasolina, que recebem do governo, para separá-la do álcool e o bebem de canudinho. Com o alcoolismo, aumentou a violência no seio das famílias e nas Comunidades em geral assim como as mortes por afogamento e doenças em decorrência do álcool.

13.01.2013 – Partida para a Comunidade São José

Depois de remar durante 4 horas, avistamos a Comunidade S. Maria. Em todo esse percurso, de 40 km, avistamos somente uma pequena Aldeia Culina às margens do Igarapé Penedo próxima de sua Foz no Juruá. Ao ultrapassarmos o Rio Gregório, fomos informados da existência de um Furo próximo à Com. Cordeiro. Depois de certificar-me de que não havia nenhum acidente natural ou Comunidade no laço que deixaríamos para trás, decidi experimentar o Furo na forma de um "*S*" muito aberto.

A correnteza obviamente era forte já que, em vez dos quase 07 km, percorreríamos pouco mais de cem metros. O Marçal levou uma queda, mas agilmente montou no caiaque e continuou a navegação. Passamos a chamar o local de "*Furo do Marçal*" ([94]) já que este ainda não tinha sido batizado.

Fomos informados do Furo Cavado ([95]), próximo à Comunidade São José e partimos para ele. O Furo localiza-se no final de um enorme "*M*" invertido. O Furo, pelo Google, estava localizado na margem direita e próximo ao meio da curva à esquerda mas, considerando que os Rios de terras baixas mudam constantemente, enveredamos pelo primeiro furo que achamos, um pouco mais a montante do "*Cavado*".

---

[94] Furo do Marçal: 06°49'07,5" S / 70°36'56,3" O.

[95] Furo Cavado: 06°47'36,5" S / 70°32'16,2" O.

Era na realidade o Igarapé do Pinheiro que dá acesso a um Lago interior coberto de canaranas e a um Igapó que mais parece um infinito labirinto arbóreo. Retiramos os troncos que bloqueavam a entrada e enveredamos pela estreita montanha russa fluvial. Enganchamos, eu e o Marçal, sob um enorme tronco, o Marçal caiu do caiaque e empurrou o meu que estava trancado sobre enormes toras. Liberado, não consegui frear e fui levado pela rápida correnteza, o trajeto lembrava um toboágua natural, passei por cima e por baixo de troncos de árvores caídas e desviei das espinhentas palmeiras javaris (Astrocaryum javari).

Depois de diversas curvas, cheguei a um escuro e enorme igapó, à direita de minha rota uma claridade chamou minha atenção e rumei para lá. Chamei, em vão, pelo Marçal, perdera minhas cartas na descida abrupta e não encontrava meus óculos, eu estava desorientado. Achei que, se seguisse a correnteza, poderia sair daquele medonho labirinto.

Lago Maldito – Canaranas
(Jonas Fontenelle da Silva)

[...] Lago em que havia à superfície esparsas
Grandes vitórias-régias e falenas
E em que hoje existe a canarana apenas ... [...]

Morre aos venenos do timbó medonho...
– Assim tombei nas lutas desumanas,
Tal a Descrença envenenou-me o Sonho!

Esperei pelo companheiro e nada, naveguei pelo enorme Lago em forma de meia lua sobre as canaranas, cujas afiadas bordas cortavam e enchiam minha pele de minúsculas farpas, enquanto meu caiaque enroscava nos intransponíveis cipós tiriricas.

Meu colossal caiaque "*Cabo Horn*" não fora projetado para aquelas paragens, o suporte do leme enroscava na vegetação aquática – o esforço era sobre-humano. Fui forçado a passar por cima de enormes vitórias amazônicas ([96]) e depois de me arrastar por uns 500 m que mais pareceram dezenas de quilômetros, desisti de encontrar caminho pelo maldito Lago do Pinheiro. Voltei até o ponto de onde abandonara o igapó e tentei navegar entre as árvores submersas e, novamente, a progressão era dificultada pelo tamanho do "*Cabo Horn*", depois dessa frustrada tentativa voltei para o Lago para descansar. Recuperei o fôlego e tentei, novamente, achar o caminho pelo igapó, desta vez caminhando a pé por entre as árvores e rebocando o caiaque. Exausto, voltei para o Lago e decidi me preparar para dormir naquele local e tentar encontrar uma saída no dia seguinte.

Tentei pernoitar em um local seguro me amarrando a uma árvore conhecida como pau-de-novato ([97]) para dormir, mas ao esbarrar numa de suas bromélias fui expulso pelas terríveis tachi ([98]), desci da árvore e voltei, pois, para uma área limpa do Lago e me preparei para pernoitar a bordo do caiaque.

---

[96] Vitórias amazônicas: antigamente denominadas vitórias régias.

[97] Pau-de-novato: Tachigali paniculata Aubl.

[98] Tachi (formigas): Tachi: os troncos ocos das "*Tachigalia*" servem de moradia para as temíveis e ferocíssimas formigas conhecidas na Região Norte como "*tachi*" que pertencem ao gênero Pseudomyrmex. O botânico alemão Richard Moritz Schomburgk descreve seu primeiro contato com esses pequeninos seres, nos idos de 1844, na antiga Guiana Britânica: "*Estava tentando quebrar um de seus galhos quando centenas desses insetos começaram a correr para fora de pequenas aberturas no tronco, me cobriram completamente e no auge da fúria dominaram minha pele com suas mandíbulas e, vomitando um líquido branco, enterraram seus terríveis ferrões em meus músculos. Devo confessar que depois disso um horror misterioso me invadia toda vez que cruzávamos com uma dessas árvores*". (SCHOMBURGK)

Fiz uma limpeza sumária no caiaque, vesti o salva-vidas e coloquei sobre a embarcação um material alaranjado que o Angonese comprara para servir de acento e que poderia ser avistado à distância. Era uma temerária decisão já que o Lago era infestado de jacarés-açus, mas eu estava esgotado, fraco, a musculatura enrijecida, cada contração muscular doía, cada atividade física exigia um enorme esforço e consumia uma considerável energia. O Sol já estava quase sobre o horizonte quando ouvi, ou senti, o ruído de uma rabeta. Depois de alguns minutos, avistei ao longe a silhueta do Marçal, com sua tradicional camiseta vermelha de navegação, de pé em uma voadeira – o suplício terminara. O Sr. Francisco de Assis Cassiano da Costa e seu filho Antônio José da Silva Costa colocaram o caiaque atravessado sobre a voadeira e com extrema habilidade me conduziram, contra a corrente, pelo mesmo Igarapé em que eu entrara. Enquanto o Antônio, na popa, manejava a rabeta com muita agilidade, seu pai Francisco, na proa, corrigia habilmente o rumo com o remo.

Um final feliz para um dia de pouca progressão, mas que servirá de ensinamento para o resto da vida de cada um de nós. Seja em operações militares ou mesmo nos deslocamentos de ribeirinhos, os Furos devem ser usados com muita cautela, tendo em vista as radicais modificações a que estão sujeitos. Da noite para o dia, seu curso pode ser interrompido ou obstaculizado por árvores caídas. Nos deslocamentos onde se utilizem diversas embarcações, devem-se empregar precursores devidamente assessorados por hablocs ([99]). A economia de tempo e combustível determina que estes atalhos sejam utilizados devidamente.

---

[99] Hablocs: habitantes locais.

Não há condições de se manter atualizadas as informações sobre cada um deles, tendo em vista a inconstância tumultuária do Rio Juruá, basta ver a quantidade de arrombados, sacados e furos que são criados continuamente.

O Mário, preocupado conosco, desencadeara uma verdadeira operação de resgate. Abastecera as rabetas dos ribeirinhos da Comunidade São José e do Boia (senhores Daniel Gomes da Silva e Francisco Gomes de Souza) com nossa reserva de combustível e, graças a isso, não tivemos de experimentar um solitário e perigoso pernoite no Lago do Pinheiro, povoado pelos temíveis e monstruosos jacarés-açus que já tinham vitimado alguns ribeirinhos em circunstâncias similares.

Ficamos hospedados, naquela noite, na sala da residência do Sr. Francisco de Assis Cassiano ([100]) e o Marçal preparou um saboroso carreteiro para treze pessoas, nosso anfitrião tem quatro filhos homens e quatro mulheres. Durante a refeição, comentei com ele que o Santo Padroeiro da Engenharia Militar é São Francisco de Assis ([101]), seu homônimo, e que meu pai se chamava Cassiano, uma interessante e agradável sincronicidade. Graças à ação da equipe de apoio eu sobrevivera a este perigoso incidente e esta equipe me acompanhava graças à intervenção oportuna e determinante de meu Amigo e Ir:. General Avena.

---

[100] Residência do Sr. Francisco de Assis Cassiano: 06°47’15,0” S / 70°31’25,2” O.

[101] São Francisco de Assis: nasceu em Assis, Itália, em 1182, filho de um mercador italiano e de uma nobre francesa. Em 1202, participou das lutas entre Perúgia e Assis e, mais tarde, contra a região da Púglia. A missão de Francisco nestes conflitos era eliminar os obstáculos inimigos que dificultavam a progressão das forças de Assis e construir os meios de transposição necessários para que suas tropas prosseguissem sua marcha.

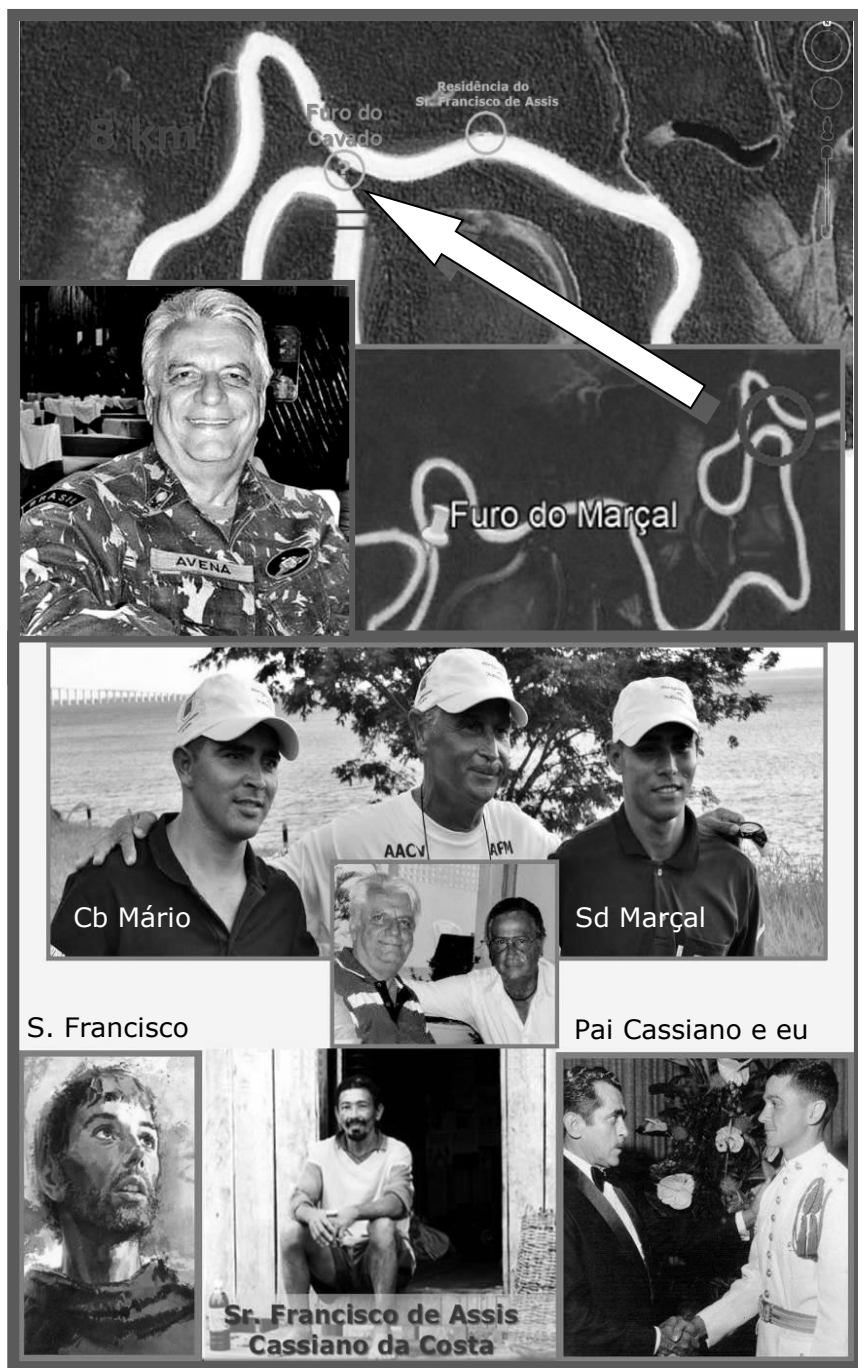



Imagem 28 – Furo do Cavado e a Sincronicidade de Jung

14.01.2013 – Partida para a Com. Praia do Hilário

Chegamos à graciosa Comunidade Praia do Hilário ([102]) cedo, depois de percorrer 43 km, o dia anterior tinha exigido por demais de nossos corpos e precisávamos recuperar nossas energias antes de nos atirarmos a uma longa jornada. Dizem que a primeira impressão é que conta e, esta, foi a mais agradável possível. As residências da Comunidade estão perfeitamente alinhadas e ostentam, à sua frente, uma bela passarela de madeira construída pela Prefeitura de Eirunepé e a Escolinha embora careça de manutenção, é muito melhor projetada que as dos Municípios de Guajará e Ipixuna.

O único problema que vimos foi novamente porcos perambulando soltos. O Sr. Francisco, líder da Comunidade, gentilmente convidou-nos para jantar. Durante a refeição os porcos alojados sob a sua casa, faziam o maior estardalhaço e ele nos confiou que os animais eram do vizinho e que não reclamava para não abalar a amizade entre eles. A grande reivindicação da Comunidade era a respeito da Escola Nossa Sr.ª da Auxiliadora que precisava de dedetização para desalojar morcegos e formigas e que fosse concluída a instalação dos sanitários.

15.01.2013 – Partida para a Comunidade Miriti

Recuperados, decidimos remar uns 100 km para deixar pouco mais de 80 para o último dia. Novamente os botos tucuxis deram seu ar de graça e um casal deu um show à parte executando piruetas com seus belos corpos cinzentos totalmente fora d'água.

---

[102] Comunidade Praia do Hilário: 06°44'20,4" S / 70°23'54,6" O.

Chegamos bastante cansados à Comunidade Miriti ([103]), da família Evangelista de Souza depois de remar 101 km. Os Evangelistas permitiram que ocupássemos as instalações do templo (Assembleia de Deus). A gurizada se encantou com os filmetes de nossa amazônica jornada mostrados, no meu computador, pelo Mário.

16.01.2013 – Partida para a Eirunepé

Partimos cedo e nossa jornada foi abreviada por conta de mais um destes "*arrombados*" do Juruá. Logo que a operadora do celular deu sinal, liguei para o Tenente PM Ricardo pedindo apoio.

16 a 20.01.2013 – Eirunepé

Remamos 85 km até Eirunepé ([104]) onde fomos recepcionados cordialmente pela Guarda Municipal, que nos acolheu e indicou-nos uma área para aportar temporariamente as embarcações, até que o Comandante da Polícia Militar, 1° Ten PM Ricardo chegasse com seus homens e viaturas.

Deixamos nosso material nas instalações da PM e nos encaminharam ao Hotel Líder, onde fomos acomodados confortavelmente, no primeiro andar, pela sua querida gerente Eny Martins de Alencar que tratou-nos com muita cordialidade e simpatia. Depois do banho, fomos convidados gentilmente pela simpática Sr.ª Eny para almoçar, apesar do adiantado da hora. Logo em seguida apareceu o Venerável Francisco Djanir da Grande Loja Maçônica de Eirunepé e tentamos, juntos, localizar, em vão, o Prefeito.

---

[103] Comunidade Miriti: 06°42'47,7" S / 70°05'59,1" O.
[104] Eirunepé: 06°42'47,7" S / 70°05'59,1" O.

Foi muito bom desfrutar novamente de instalações sanitárias descentes e tomar banho com água inodora e incolor.

O Ir:. Francisco Djanir, Venerável da loja Maçônica Luz e Ordem do Juruá n° 14 veio até o hotel nos cumprimentar logo depois do almoço. Partimos em busca do jovem Prefeito Joaquim Bara Neto. Eu tinha ficado impressionado com os relatos dos ribeirinhos sobre ele e queria conhecê-lo pessoalmente. Conheci também nesse dia o Sr. Pedro, parente do TCel Pastor que se prontificou a nos ajudar no que precisássemos.

Prefeito Bara

"Ser Pobre e Humilde Não é Defeito,
Queremos Bara Para Prefeito"

Só conseguimos encontrar o Prefeito no dia seguinte e me surpreendi quando me apontaram um trabalhador carregando um carrinho de cimento que me garantiram se tratar do Prefeito Bara. O carismático líder estava no comando e na execução da operação "*tapa-buracos*", da via que dá acesso à Universidade do Estado do Amazonas (UEA), preocupado em concluir a operação antes do início das aulas. No dia seguinte, encontramos novamente o Prefeito capitaneando um mutirão cívico-sanitário e dali fomos juntos a um restaurante mais reservado onde pude, finalmente, entrevistá-lo. O Prefeito foi pescador e agricultor e tornou-se mais tarde Vereador de Eirunepé. Nas últimas eleições, resolveu candidatar-se Prefeito com o intuito de auxiliar o então Prefeito Dissica que tentava a reeleição. Sua intenção era captar parte dos votos do adversário de Dissica, mas o que aconteceu é que Bara acabou se elegendo por uma diferença de 396 votos.

O Prefeito cercou-se de um secretariado capacitado, competente e comprometido com a causa pública com o qual tivemos oportunidade de conviver nesses poucos dias. O Sr. Ribamar, Secretário da Cultura, ex-ativista da UNE, franqueou-nos as instalações da UEA para que pudéssemos atualizar nossas informações e proporcionou-nos uma visita prazerosa ao Lago dos Portugueses que banha a sua Cidade.

Agradecimentos

Eirunepé foi a primeira Cidade do Juruá em que pudemos contar com o apoio irrestrito de representantes dos segmentos mais importantes da sociedade. Guardaremos, com muito carinho, os bons momentos que desfrutamos com cada um deles.

✧Total Parcial: Ipixuna – Eirunepé = 554,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Eirunepé = 1.283,5 km

Tempestade Maravilhosa
(Paulo Monteiro de Lima)

Como está negro o céu da minha terra!
Que raios! Que trovões! Que vento aflito!
Toda a tragédia universal se encerra
Neste pedaço enorme do infinito!

O soluço nostálgico do vento
Roçando com furor pelo telhado,
Traz o eco terrível do lamento
Oriundo da dor de um condenado.

No farfalhar tristíssimo das folhas
Perpassa um sentimento pavoroso!
A água que no esgoto corre em bolhas
Produz um marulhar quase assombroso! [...]

Eirunepé, Amazonas

Histórico

Nas primeiras décadas do século XIX, atraídos pela extração do látex, o auge da economia do Amazonas na época, e fugindo da seca do nordeste, Cearenses, Rio-grandenses do norte e Paraibanos chegaram à região do Juruá e fixaram residência nos seringais, dando origem às primeiras Vilas. Foi nesse contexto histórico que começou o povoamento do Município hoje denominado Eirunepé.

Os primeiro habitantes foram homens nordestinos trazidos por Felipe Manoel da Cunha. Como existia uma carência muito grande de mulheres brancas, esses homens casavam-se com mulheres indígenas da tribo Kulinaã. Este fato gerou muitos conflitos com o homem branco que chegava, dividindo a opinião da tribo.

Assim, aqueles que aceitavam o homem branco foram denominados Kulinas, enquanto aqueles que não aceitavam foram denominados Kanamari.

Nas primeiras décadas do século XX, durante a Primeira Guerra Mundial [1914-1918], muitos povos de vários países, fugindo da guerra, procuravam outros lugares para começar uma nova vida. Ao chegarem ao Brasil, muitos eram atraídos pela borracha, principal riqueza da época, e procuravam o interior para se dedicarem ao cultivo agrícola e ao cultivo do látex.

Com o declínio da borracha, muitas famílias buscaram trabalhos em outras cidades, principalmente Manaus. Outros continuaram no campo, vivendo da baixa valorização da borracha e da agricultura.

A população, por ser composta de várias misturas, com fortes traços do branco nordestino com índios Kulinaã, teve também influência de povos vindos de outras regiões, como turcos, portugueses e outros. Daí, nasce uma cultura bastante diversificada, com hábitos e costumes próprios. A Cidade de Eirunepé, outrora São Felipe, está situada à margem esquerda do Rio Juruá, próximo à Foz do Rio Tarauacá, que fica na margem oposta. O local em que foi erguida, foi anteriormente a sede do grande Seringal Eiru, de propriedade de Felipe Manoel da Cunha, rico seringalista do Rio Juruá. A sede do Eiru desenvolveu-se consideravelmente na época em que o preço da borracha passou por uma grande valorização.

Formação Administrativa

Eiru assumiu aspecto de povoado, em uma bela terra firme, na margem envolvente de uma bela curva do Rio. O proprietário interessou-se por transformá-la em Vila, a fim de chamar autoridades para aquela região longínqua. Não tardou muito, Felipe Manuel da Cunha entrou em entendimento com o governo e conseguiu que fosse acrescentado no Artigo n° 69, da Lei n° 33 de 04.11.1982, mais um Município, que foi denominado de São Felipe do Rio Juruá. Esta Lei, porém, não foi posta em execução.

A Lei n° 76, de 08.09.1894, criou no Rio Juruá um Município com respectivo Termo Judiciário anexo à Comarca de Tefé, com sede em São Felipe. A Lei n° 114, de 17.04.1895, transferiu a sede do Município, do Lugar de São Felipe para Carauari. Feita a revisão dos limites dos Municípios do Estado, pelo Decreto n° 122, de 07.08.1896, a sede do Município de Carauari ficou incluída no território de Tefé, dando resultado ao Decreto n° 125, de 11.08.1896, transferindo a sede do Município de Carauari para o Lugar de São Felipe.

Automaticamente, o Juiz de Direito, Dr. Jorge Augusto Studart julgou transferida a sede da Comarca e, se passando para a nova localidade, ali instalou a Comarca em 21.09.1896. É interessante notar que não existe nenhum Ato criando a Comarca de São Felipe. Na mesma data, o primeiro Superintendente, Capitão Tenente Tomás Medeiros Pontes, instalou a Vila, que também não fora criada. Após a Revolução Nacional [1930] foi nomeado para Prefeito o Capitão Moisés de Araújo Coriolando, este solicitou a mudança do nome da Vila de São Felipe para João Pessoa, dando em consequência o Ato n° 317, de 05.03.1931. Pela Lei n° 14, de 06.09.1935, a Vila foi elevada à categoria de Cidade, tendo sido instalada pelo Prefeito Municipal João Pinto Conrado Gomes. Em 31.12.1943, pelo Decreto-Lei Estadual n° 1.186, o Município e o Distrito sede passam a denominar-se Eirunepé. Em 19.12.1955, pela Lei Estadual n° 96, são desmembradas as partes de seu território que passam a constituir dois novos Municípios, que atualmente são chamados de Envira e Ipixuna.

Gentílico

Eirunepeense (Fonte: Jorge Wilson de Andrade)

A Festa do Cauim
(Theodoro Rodrigues)

No espaço o maracá selvagem chocalhando,
No terreiro da taba em círculo formada,
A cabilda ([105]) feroz, em festa vai cantando
Os feitos geniais da prole antepassada.

A um canto, triste e só, aquela cena olhando,
Com a forte mussurana ([106]) ao poste acorrentada,
A vítima infeliz sente que vai chegando
O momento fatal de ser sacrificada...

E no auge do festim avança – hora suprema!
Enraivecido, o algoz, vibrando a tangapema ([107]),
Tomba a vítima... o sangue, em jorros, espadana ([108]).

E naquele furor os membros espedaçam...
Deitando-os no bucan ([109]) as velhas esfumaçam
E a rir vão banquetear-se em rubra carne humana.

---

[105] Cabilda: tribo.
[106] Mussurana: corda, com que os indígenas do brasil atavam os prisioneiros.
[107] Tangapema: tacape.
[108] Espadana: o sangue jorra tomando a forma de uma lâmina de espada.
[109] Bucan: fogueira de pilha de lenhas.

Imagem 29 – Comunidade Praia do Hilário, Eirunepé, AM

Imagem 30 – Lago dos Portugueses, Eirunepé, AM

Imagem 31 – Comunidade Morada Nova, Eirunepé, AM

Imagem 32 – Xibauá Grande, Carauari, AM

Eirunepé, AM – Itamarati, AM

Antes de iniciar este capítulo, queremos direcionar nossas preces a todos os familiares e amigos envolvidos direta ou indiretamente no trágico incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria, RS, e, em especial, pelo pronto restabelecimento de nossos diletos ex-alunos do CMPA Guilherme e Emanuel Pastl. Que o Grande Arquiteto do Universo fortaleça, ilumine e guarde a querida família de nosso grande amigo, parceiro de épicas jornadas pela Laguna dos Patos, Coronel PM Sérgio Pastl e sua dileta esposa Sr.ª Anaclaci de Almeida Pastl.

21.01.2013 – Eirunepé – Comunidade Aquidabã

Antes das 05h30, eu e o Marçal nos deslocamos até o Posto da Polícia Militar para preparar os caiaques para a nova jornada enquanto o Mário aguardava, no Hotel Líder, a viatura da PM para carregar o material para a lancha de apoio ancorada em um Porto do Lago dos Portugueses. Os policiais só estavam aguardando a hora combinada para iniciar a operação e avisar o Tenente Ricardo que foi pessoalmente se despedir dos expedicionários.

Levamos os caiaques para a escadaria da orla, enquanto o Mário foi conduzido na camionete da PM até onde estava aportada a lancha. O Mário, depois de deixar pronta a embarcação para a nova jornada, aportou a "*Mirandinha*" na orla e concluímos os preparativos. Antes de partirmos, o Tenente PM Ricardo recomendou que, em Itamarati, procurássemos o Sargento PM Barbosa. Despedimo-nos dos prestativos amigos da Polícia Militar, sempre prontos a nos auxiliar nestas amazônicas missões.

Uma chuvinha fina nos acompanhou durante todo o percurso arrefecendo salutarmente nossos corpos. Passamos pela Foz do Tarauacá e sentimos nossos caiaques melhorarem seu desempenho graças à energia adicional deste magnífico tributário do Juruá.

A navegação continuou sem grandes novidades, exceto pela passagem das barulhentas araras, das magníficas garças jangadeando graciosamente nos troncos levados pela torrente e do coral de guaribas que nos acompanhou durante todo o dia.

Pena que a caça indiscriminada destes macacos cantores os tenha afastado das margens do Juruá em todo o Acre e, no Norte do Amazonas, nos Municípios de Guajará e Ipixúna.

Confirmamos, na Comunidade Pau D'alho, a localização de Aquidabã, nosso destino, e, novamente, na Comunidade Morada Nova. Nesta última, uma das moradoras alertou-nos que o casarão era mal-assombrado e recomendou que procurássemos abrigo em outro local. Por volta das 12h40, avistamos, no alto de um morro, o grande e majestoso casarão de madeira ([110]). Tínhamos percorrido 72 km.

A dificuldade, agora, consistia em carregar nossas tralhas até ele pela trilha íngreme e escorregadia, mas resolvemos acantonar por ali mesmo já que, nestes "*ermos sem fim*", as opções de encontrarmos abrigo noutro local antes de escurecer eram pequenas. Ajudei os guerreiros Mário e Marçal a carregar a primeira leva do material e permaneci no casarão para fazer uma limpeza sumária, varrendo a casa com uma vassoura improvisada de cacho de açaí.

---

[110] Aquidabã: 06°31'40,7" S / 69°40'04,6" O.

A quantidade de grandes aranhas, morcegos e penas de urubu cuidadosamente unidas com uma fibra negra espalhadas pelos quatro cantos da morada emprestavam um sinistro ar ao abrigo. O Mário não se abalou e foi para um canto da varanda pedir autorização para o guardião espiritual do local.

Se o procedimento foi necessário e se surtiu o efeito desejado ou não jamais o saberemos, o fato é que passamos uma noite bastante agradável neste esplêndido casarão abandonado que possui de seu avarandado uma belíssima vista do Rio.

A construção de madeira de lei, os detalhes das amplas aberturas (janelas e portas) sextavadas e a perfeição da construção das tesouras que suportam o telhado de telhas de barro mostravam a qualidade técnica e material de uma residência que foi construída com muito esmero. Nos mapas do DNIT, a Comunidade consta como ativa embora esteja abandonada há anos. Colhemos, para a viagem, no variado pomar, algumas goiabas, açaís, limas e graviolas.

22.01.2013 – Com. Aquidabã – Com. Jacaré

Quando acordei, por volta das seis horas, meus fiéis parceiros já estavam ultimando os preparativos da "*Mirandinha*".

A chuva que se iniciara na véspera de nossa partida só havia dado uma pequena trégua quando já havíamos carregado todas as tralhas para o casarão e eu me preparava para colher a água numa calha improvisada para um banho restaurador sem ter de escalar a íngreme e enlameada encosta até o Rio – artimanhas de São Pedro.

A chuva parece servir de estímulo aos macacos cantores e o coral de guaribas ecoava de uma e de outra margem, como se grupos rivais estivessem disputando o prêmio de melhor arranjo e harmonia.

O mapa do DNIT nos indicava a Comunidade Jacaré como a melhor alternativa para nossa próxima progressão em relação à distância e ao fato de a mesma possuir uma escolinha onde poderíamos acampar sem incomodar os amigos ribeirinhos, opção que foi confirmada em mais de uma oportunidade nas Comunidades pelas quais passamos.

Na Comunidade Jacaré ([111]), o Sr. Antônio Francisco Santos Guimarães prontamente autorizou acantonarmos na escolinha. Descarregamos a tralha e o Mário, imediatamente, iniciou a montagem da barraca. Percorrêramos 83 km.

Após um revigorante banho de Rio, eu fui atualizar os dados obtidos no trajeto, dentro da barraca protegido dos terríveis piuns; o Marçal foi preparar nosso "*almojanta*" e o Mário, nosso homem da Comunicação Social, parlamentar com nossos anfitriões.

Depois da refeição, fomos até a casa do Sr. Antônio Francisco conversar um pouco. Nesta ocasião, ele disse que nós não devíamos nos preocupar tanto com o fato de a Comunidade selecionada ter ou não escola porque ninguém, nas barrancas do Juruá, deixaria de oferecer abrigo aos navegantes.

Verificaríamos, mais tarde, no decorrer de nossa viagem, que o hospitaleiro ribeirinho estava apenas parcialmente com razão.

---

[111] Comunidade Jacaré: 06°33'17,0" S / 69°21'42,6" O.

23.01.2013 – Comunidade Jacaré – Praia Alta

A chuva persistia e só parou quando nos aproximamos de nosso destino. Os botos continuavam nos acompanhando como de costume. Os tucuxis realizavam audaciosas acrobacias enquanto os vermelhos pareciam se divertir soltando seus bufos ou emergindo muito próximos aos caiaques. Pena que o ruído irritante das rabetas, que de tempos em tempos passavam, interrompesse repentinamente estes idílicos momentos.

Pretendíamos estacionar na Comunidade Soledade (mapa do DNIT), mas fomos informados na Comunidade "*Praia Alta*" ([112]), localizada a 500 m a montante dela, que a mesma não mais existia. O Mário estabeleceu os contatos necessários e imediatamente os ribeirinhos se mobilizaram para deixar a escolinha em condições de nos receber. Praia Alta está localizada, praticamente, na fronteira do Município de Eirunepé e Itamarati. A passarela de madeira precisa de reparos imediatos, pois as tábuas soltas já provocaram alguns acidentes. Tomamos banho no Igarapé Preto, pois as águas contaminadas do entorno da Comunidade não eram, absolutamente, próprias para o banho, depois prosseguimos nossa espartana rotina. Foi um trajeto curto, de apenas 56 km.

24.01.2013 – Com. Praia Alta – Gaviãozinho

Mantivemos nossa rotina, o dia transcorreu agradável e sem novidades. Quando nos aproximamos do Arrombado da Volta do Coringa ([113]) a correnteza nos arrastou violentamente, forçando-nos a usar de toda perícia para manter o controle das embarcações.

---

[112] Comunidade Praia Alta: 06°36'24,7" S / 69°08'34,1" O.
[113] Arrombado da Volta do Coringa: 06°34'54,7" S / 69°00'08,0" O.

O Arrombado diminuía em sete quilômetros nosso trajeto. Quando nos aproximamos do Arrombado Altamira ([114]), informei ao Marçal que era preciso ter cautela, afinal agora o atalho era de 14 km e se a declividade continuasse a mesma desde a Volta do Coringa, a correnteza seria bem maior.

Para nossa surpresa a transição foi bastante tranquila. Aportamos na Comunidade Gaviãozinho ([115]), por volta da 15h20, depois de remar 100 km, e acantonamos na escolinha da Comunidade.

25.01.2013 – Com. Gaviãozinho – Cantagalo

O dia amanheceu claro e sem nuvens, prenunciando uma canícula que incrementaria uma maior dificuldade a um trajeto bastante longo (120 km).

Os moradores de Gaviãozinho haviam nos informado da existência de um Furo a pequena distância da Comunidade. Resolvemos aproveitar o atalho enquanto o Mário percorreria o caminho normal para georeferenciar a Comunidade que ali existia. Percorremos com cautela a margem direita tentando vislumbrar o Furo do Gaviãozinho.

Embora tivéssemos confirmado com um ribeirinho, que navegava nas proximidades, a localização do Furo, mesmo assim passamos por ele sem notá-lo. O amável ribeirinho, verificando que ultrapassáramos a entrada do Furo, foi até nós e nos rebocou com sua canoa até a boca do atalho. Havia uma grande quantidade de toras de madeira bloqueando e camuflando seu acesso, por isso ele passara despercebido.

---

[114] Arrombado Altamira: 06°33’00,8” S / 68°54’01,0” O.
[115] Comunidade Gaviãozinho: 06°31’22,7” S / 68°48’13,3” O.

Piquei a voga e investi sobre a entrada, acabei ficando preso sobre as toras, mas com algum esforço me liberei e adentrei no furo, o Marçal procedeu de idêntica maneira.

As Comunidades de Veneza e Gaviãozinho fazem a manutenção do furo que mais parece um jardim de tão bem cuidado, livre de qualquer tipo de entulho e roçado em ambas as margens, dentro em breve será mais um Arrombado a encurtar distâncias para todo tipo de embarcação neste tumultuário Juruá, que se modifica constantemente pela ação de suas próprias águas, mas que tem, sem sombra de dúvida, como agente catalisador os ribeirinhos.

Mais adiante encontramos o Arrombado Cubiu ([116]), moldado pela cheia de 2005, e o Arrombado Valter Buri ([117]), criado na cheia de 2009. Graças a esses providenciais atalhos, conseguimos chegar, com tranquilidade, à Comunidade Cantagalo ([118]), muito bem instalada na Terra-firme.

O Mário estava realizando os devidos contatos quando lá chegamos de maneira que Estacionamos os caiaques junto a uma embarcação da Fundação Nacional da Saúde (FNS) depois de remar 120 km.

Após o Mário ter confirmado onde ficaríamos acantonados, puxamos os caiaques para terra. Como de rotina cuidamos, antes de tudo, de nossos caiaques, limpando e retirando a água e depois começamos a levar a tralha para a casa dos professores.

---

[116] Arrombado Cubiu: 06°27’31,0” S / 68°34’54,9” O.
[117] Arrombado Valter Buri: 06°28’06,5” S / 68°28’34,3” O.
[118] Comunidade Cantagalo: 06°32’10,4” S / 68°24’42,6” O.

Entrei na casa, coloquei o material em um dos quartos e, quando voltei para ajudar a carregar o resto do material, verifiquei, surpreso, que o Sr. Antônio Cavalcanti de Souza e seus filhos Elisson, Dione, Nunes e Cláudio já o haviam trazido, inclusive os pesados corotes ([119]) de 50 litros de combustível. Desde que iniciei minhas descidas pelos imensos caudais amazônicos, eu só presenciara tamanha solicitude em uma Comunidade indígena chamada Prosperidade, da etnia Cocama, quando lá aportei em 14.12.2008.

O pessoal da FNS estava presente na Comunidade coletando sangue e fazendo sua análise já que três membros da Comunidade tinham sido contaminados com o vírus da malária. À noite, toda a área foi pulverizada com o conhecido "*fumacê*" para combater o transmissor da doença, o mosquito anófeles. Um dos membros da equipe da FNS apontou a falta de equipamentos e pessoal como um dos grandes empecilhos para que se combata com mais efetividade as endemias.

Nas áreas indígenas, este combate se torna ainda mais difícil, pois os mesmos raramente seguem o tratamento até o fim, além do que sua alta mobilidade dificulta ou até mesmo impossibilita o acompanhamento dos nativos infectados pelos vírus que acabam servindo de vetores da doença transportando-a para outras Aldeias.

A região do Cantagalo é bem agradável e se pode percorrer a Comunidade sem ficar pisando na mistura de lama e dejetos como nas Comunidades dos Municípios de Guajará, Ipixuna e Eirunepé.

---

[119] Corotes: recipientes de plástico.

A maioria das Comunidades do Município de Itamarati está assentada em terra firme o que contribui para uma maior salubridade e consequentemente melhor estado de saúde e humor de seus concidadãos. Esperando um sono reparador, deitei-me cedo. Na noite anterior, os porcos não permitiram isso, desta feita foram os galos, talvez venha daí o nome da Comunidade Cantagalo.

Os galináceos assíncronos passaram a noite inteira cantando como se o dia já estivesse raiando. Foi mais uma noite difícil e nada reparadora.

26.01.2013 – Com. Cantagalo – Itamarati

Acordamos mais tarde (06h30), o curto percurso de sessenta e poucos quilômetros poderia ser vencido em seis horas sem grande esforço e precisávamos descansar. O dia amanheceu claro e com muitas nuvens, marcamos as poucas Comunidades que nos separavam de Itamarati, todas em terra firme.

Nas proximidades de Itamarati ([120]), avistamos os grandes morros que a caracterizam e aportamos nas instalações portuárias construídas pelo DNIT, por volta das 13h00, depois de navegar por 63 km. Contatamos o Sgt PM Barbosa e este com a cortesia que caracteriza nossos amigos Policiais Militares encaminhou-nos até a Pousada Itamarati, de propriedade da Sra. Francisca Cristina Pinheiro de França e do Sr. Manuel Raimundo Medeiros Campelo, irmão do Prefeito da Cidade.

✧Total Parcial: Eirunepé – Itamarati = 494,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Itamarati = 1.777,5 km

---

[120] Itamarati: 06°26’27,5” S / 68°14’43,5” O.

Vencendo o Saara
(Maranhão Sobrinho)

Queima as nuvens o Sol, ensanguentando os ermos;
Ais de sede se vão da face dos desertos.
No braseiro cruel das areias sem-termos
Vais guiando, do azul, os meus passos incertos!

Passam, verdes, em luz, nos meus olhos enfermos
As miragens do amor dos meus sonhos despertos...
Que alegria no além, sobre as nuvens, ao vermos
Os espelhos de luz de cem Lagos abertos!

Vou, sem água, transpondo as ingratas savanas!
Expira o meu olhar nos longes horizontes...
Caravanas atrás e, adiante, caravanas!

Bendita sejas, fé, que, pela mão, me trazes!
Não tardam rutilar no ouro das nossas frontes
As bênçãos de cristal dos vívidos oásis!

Itamarati, Amazonas

Histórico

A história do Município se prende à de Carauari, cujas origens remontam a Tefé. Este último chegou a constituir Município com área de 500.000 km^2 em meados do século XIX. Posteriormente, vieram se processando vários desmembramentos de território, dando origens a Municípios autônomos.

Assim aconteceu em 1911, com o então denominado Município de Xibauá que em 1913, passa a denominar-se Carauari.

Este Município vem a ser extinto em 1930, mas é restaurado em 1931, de seu território, fazendo a maior parte da sua extensão, a área que hoje constitui Itamarati.

Em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional n° 12, é criada a Vila de Itamarati mais outros territórios pertencentes a Carauari, acrescidos de área adjacente até então pertencente a Tapauá, passa a constituir Município Autônomo de Itamarati.

Gentílico

Itamaratiense (Fonte: Manoel Teixeira de Melo)

Rio Solimões
(Sergio Luiz Pereira)

Imagens, são fantásticas imagens!
Mistérios, são mistérios perseguindo
O verde em sempre pássaros sorrindo
À flor das águas doces e selvagens.

De quando em quando habitações, miragens
Das almas esquecidas vêm surgindo
E a imensidão das águas permitindo
Dos homens e progressos as passagens.

O Sol boiando inspira doce mágoa
Salta o boto a sorrir na beira d'água
Passa a canoa cheia nos porões.

E a noite vem chegando com histórias
Ficando vivamente nas memórias
Na solidão do Rio Solimões...

Itamarati, AM – Carauari, AM

Chegamos a Carauari, às 14h00 do dia 03.02.2013, depois de seis dias de exaustiva navegação nos mais de 500 km que separam as duas cidades. Tão logo cheguei ao Hotel, retirei o celular da sacola de viagem para tentar contatar meu grande amigo Comandante Pastl e saber notícias de seus filhos vítimas do descaso e da omissão das autoridades e da ganância de empresários da Boate Kiss, Santa Maria, RS. Tão logo liguei o aparelho, entrou uma mensagem do Coronel Pastl, enviada às 14h14 de 03.02.2013, informando, naquele justo momento, que os rapazes estavam melhorando e haviam inclusive jantado; mais tarde, às 16h14, relatou que os mesmos tinham tomado banho de chuveiro, que os ferimentos estavam cicatrizando e que o aparelho respiratório apresentava melhoras significativas. Eu tinha passado seis dias sem poder ter notícias de meus queridos ex-alunos e recebi emocionado a notícia, Deus seja louvado! Estava digitando estas linhas, na tarde do dia 04.02.2013, e nova mensagem avisava que os meninos deveriam ir para o quarto na terça-feira (05.02.2013).

29.01.2013 – Itamarati – Comunidade São Braz

Infelizmente não tivemos a oportunidade de conhecer o Prefeito da pequena exótica e muito bem cuidada Itamarati ou mesmo algum de seus Secretários. Partimos antes do alvorecer, tinha feito uma proposta aos meus parceiros: navegar sete dias e pernoitar em Carauari três dias, ou navegar seis dias e ficar na Cidade quatro dias. Logicamente a segunda opção ganhou por unanimidade. Eu sabia que isto demandaria um esforço muito maior e um desgaste físico considerável, pois deveríamos, mesmo contando

com a passagem pelos “*furos*”, navegar uma média superior aos 90 quilômetros diários, obrigando-nos a permanecer numa posição incômoda por mais de 9 horas diárias.

O dia ensolarado minava nossas forças que ganhavam novo alento apenas quando avistávamos os botos bailarinos, as garças jangadeiras, as escandalosas araras, os enormes troncos que mais pareciam aríetes impulsionados pela torrente do Juruá ou ainda os raros sítios de terras firmes que contrastavam com a várzea infinda. Num destes belos locais, o da Comunidade de Santo Antônio, o Mário foi brindado com uma preciosa e cobiçada garrafa “*Pet*” de dois litros de água gelada.

Pela fotografia aérea, suspeitei da existência de um Furo num estreito localizado logo depois da Comunidade de Santo Antônio. Perguntei a um ribeirinho da região sobre a existência do mesmo que nos informou mal humorado que não se tratava mais de um Furo, mas de um Arrombado. Navegamos pelo meio do Rio já que, para se chegar até o dito “*Arrombado*”, bastaria ser levado pela correnteza. Ledo engano!

Quando alcançamos, mais abaixo, a Com. de Vista Alegre, fomos avisados que o pequeno furo ficara para trás. Enganchamos na lancha e navegamos Rio acima mais de três quilômetros até chegar ao almejado Furo Samaúma ([121]). Tão logo avistamos o Furo, vimos um nativo da etnia Deni que desaconselhou a passagem da lancha tendo em vista as enormes toras que bloqueavam parcialmente a entrada do mesmo.

---

[121] Furo Samaúma: 06°14’08,5” S / 68°05’59,7” O.

Enquanto o Mário fazia a volta de 15 km, eu e o Marçal nos lançamos ao Furo. As manobras radicais foram necessárias apenas na entrada, o Furo estava sendo trabalhado pelas Comunidades para se tornar um Arrombado, encurtando em 15 quilômetros a distância que os separava de Itamarati. Depois de o ultrapassarmos, ficamos um bom tempo de bubuia, aguardando o Mário, que contornava a enorme volta, até que resolvi aproveitar o tempo e mapear a Comunidade Conceição do Raimundo. Lá confirmei a localização de São Tomé para onde nos dirigimos já que eu previra realizar ali nosso primeiro estacionamento. Como o local não era apropriado para um acantonamento deslocamo-nos até a Comunidade de São Braz ([122]). Remáramos 66 km.

As terras do antigo Seringal, ou Colocação Nazaré do Boia, foi dividida pelos proprietários que venderam uma parte ao Sr. Pedro Rodrigues de Oliveira, ex-seringueiro do Nazaré. Após a morte do Sr. Pedro, a propriedade passou para sua esposa Srª. Celeste Taveira da Silva, mãe do atual líder comunitário Antônio Raimundo Taveira de Oliveira. Cuidadoso, o Sr. Antônio Raimundo nos interrogou a respeito de nosso trabalho e só sossegou depois que lhe mostramos a carteira de identidade do Ministério da Defesa. A escolinha em que ficamos alojados era tão simples como as demais, mas se destacava pelo capricho e a decoração das salas de aula. O Marçal preparou nosso "*almojanta*" na residência do Antônio Raimundo. Conquistamos, no Braz, um amigo sincero, um irrequieto guri chamado Estevão que acompanhou meus lançamentos na caderneta de campo e acordou cedo para se despedir.

---

[122] Comunidade de São Braz: 06°11'05,7" S / 68°03'27,6" O.

30.01.2013 – Com. São Braz – Xibauá Grande

Partimos, novamente enfrentando um dia quente, pensando em parar na Comunidade de São Romão. Ao ultrapassar o Rio Xeruã, adentramos no Município de Carauari. Preocupados com a carência de Comunidades, procuramos confirmar em cada ponto a localização e características da próxima para podermos acantonar com mais conforto e segurança. Na proximidade de nosso destino, avistamos um enorme morro que emoldurava uma majestosa sumaumeira, adornada com uma grande quantidade de ninhos de japiins.

Nosso Anfitrião, em Xibauá Grande ([123]), nossa segunda parada neste trajeto, foi o Sr. Raimundo Rodrigues de Souza, um manauara, que se encontrava na Comunidade para consertar a alambrado da residência da sua irmã Srª Maria Matilde Rodrigues de Souza, proprietária da casa onde nos alojamos. Por uma destas amazônicas coincidências, ele nos informou que a madeira seria fornecida pelo Sr. Antônio Raimundo, nosso anfitrião na Comunidade de São Braz. A confortável casa, além de uma cozinha completa, que facilitou o trabalho de nosso cozinheiro Marçal, tinha um banheiro com chuveiro de águas cristalinas, um caso raro nessas paragens.

Aproveitei o conhecimento do caseiro, Sr. José Adilson Rodrigues da Silva, para confirmar alguns detalhes do próximo lance, conseguindo dicas preciosas de Furos e Comunidades. O Sr. José preparou uma pirarara que havia pescado e nos convidou a degustá-la. Fugindo ao nosso costume de fazer apenas uma refeição durante o dia, aceitamos o convite.

---

[123] Xibauá Grande: 05°53'42,5" S / 67°51'33,4" O.

Nosso anfitrião estava tomando banho quando surgiu uma enorme cobra papa-pintos, a cobra estava de barriga cheia possivelmente de pererecas que pululavam na umidade do recinto. Capturei o formoso réptil e soltei-o no campo depois de o fotografarmos e filmarmos.

31.01.2013 – Com. Xibauá Grande – Morada Nova

O Furo do Itanga (Imagem 103) já foi parcialmente arrombado e conecta-se com um Sacado que permite a navegação de grandes embarcações no seu braço Ocidental e, das menores, também no Oriental. Atualmente as balsas que sobem o Juruá fazem uso do braço Ocidental. Embora encurte o caminho em aproximadamente dez quilômetros, este braço possui correnteza muito fraca o que, no nosso caso, pouca diferença representou no final. Foi, no entanto, um itinerário importante para se poder verificar como se processa a navegação nessas paragens.

Cinco quilômetros depois do Itanga, deparei-me com uma inesperada bifurcação. Fiquei momentaneamente desorientado até que, ao olhar com maior atenção para a fotografia aérea do Google Earth, de 31.12.1969, entendi o que se passara nestas últimas décadas. O Igarapé Mararí que, no início da década de sessenta (1960-1967) tangenciava a margem direita do Juruá, foi desgastando o barranco esquerdo que o separava do Juruá enquanto este fazia o mesmo pelo lado direito até que surgiu uma segunda boca, no final da década (1968-1969). A energia das águas do Juruá foram, então, progressivamente, principalmente no período das alagações, ampliando o pequeno Canal que se abrira com o rompimento da segunda Boca do Mararí, criando a Ilha do Mararí (Imagem 104).

Mais um belo exemplo da inconstância tumultuária do mais sinuoso dos Rios. Embora os Arrombados ou mesmo os Furos formem, ainda que momentaneamente, diversas Ilhas ao longo do curso do Juruá, considero que se deva entender como Ilhas apenas as mais perenes. Consideramos, portanto, a Ilha do Mararí, como a 1ª desde que partimos da Foz do Breu.

O Sr. José Adilson, em Xibauá Grande, tinha-nos dado uma descrição pormenorizada da localização e das condições do Furo Morro Alto. Segundo ele, existia uma casinha com cobertura de palha logo depois da Comunidade Morro Alto, e o Furo ficava ao lado da mesma. A amplitude do Canal permitiu que o Mário entrasse com a lancha de apoio e fizesse algumas tomadas com a câmera. Chegamos à Morada Nova, ([124]) nosso destino final, depois de percorrer 117 km, por volta das 15h00, onde fomos muito bem recebidos e alojados na casa de reuniões da Comunidade.

Encontramos na Comunidade o Sr. Percivaldo, mencionado pelo Sargento Barbosa em Itamarati, um artista da construção náutica. Na frente de sua casa está estacionado um belo iate de madeira de linhas arrojadas construído pelo famoso artesão.

01.02.2013 – Com. Morada Nova – B. do Preguiça

Novamente nos deparamos com uma Ilha formada nas últimas décadas – a Ilha do Chué (Imagem 107). A única diferença que existe na formação desta Ilha e a de Mararí, citada anteriormente, é que o Canal agora era formado por igapós. Curiosamente a posição da Ilha, as curvas do Juruá e do afluente são muito semelhantes às do Mararí.

---

[124] Morada Nova: 05°32'57,1" S / 67°34'58,6" O.

Remamos freneticamente nesse dia para conseguirmos realizar nosso intento de alcançar Carauari em seis dias. Vale a pena relatar um caso insólito que aconteceu em Rio Manso. Ao nos aproximarmos da Comunidade, as pessoas em fila indiana se dirigiram rapidamente para uma das casas e, como esta fosse muito pequena para acomodar tanta gente, buscaram imediatamente uma maior e fecharam apressadamente portas e janelas. Perguntei a uma senhora, que não conseguira acompanhar a estranha "*procissão*", se ela podia me dizer o nome do povoado e ela, visivelmente apavorada, disse que não sabia de nada.

Depois de algum tempo, um homem entreabriu uma das janelas do refúgio. Informei-lhe sobre nossa missão, que não éramos celerados e que aquela multidão não precisava ter medo de dois inofensivos canoístas. Rio Manso parece ter sido um presságio que não identificamos na oportunidade.

Depois de remar mais dez quilômetros, chegamos exaustos a Imperatriz, por volta das 15h00, após navegar durante nove horas, sem aportar; foram mais de 105 km sob Sol causticante, banzeiros e ventos fortes. O Mário já fizera os devidos contatos e tinha desembarcado o material na frente da escolinha da grande povoação que possui Igreja, Centro de Recreação, enfim diversos locais onde exaustos peregrinos poderiam encontrar abrigo.

Puxamos nossos caiaques para a margem, retiramos a água do convés, e estávamos carregando também nossas tralhas para a escolinha quando surgiu um elemento, não sei de onde, dizendo que a chave da escolinha estava com a líder do povoado que se encontrava em Carauari.

O impressionante disso tudo é que ninguém interveio oferecendo uma varanda, um telheiro, enfim um abrigo. A sugestão “*surreal*” e absurda dos “*hospitaleiros*” ribeirinhos é que deveríamos procurar abrigo em Nova Esperança, uma Comunidade que fica a quase quarenta quilômetros de distância e que jamais teríamos condições de alcançar naquele dia remando. Observem os leitores que em nenhuma oportunidade me referi a Imperatriz como COMUNIDADE, ela absolutamente não merece este título.

A primeira lição que recebi de COMUNIDADE foi de uma índia Cocama, da Comunidade Prosperidade, quando lá aporei em dezembro de 2008 pedindo abrigo. Ela veio até nós e nos ajudou a carregar nossas tralhas para a escolinha e, quando foi interpelada por um jovem e arrogante nativo, por estar nos ajudando, ela lhe respondeu – “*porque isto aqui é uma COMUNIDADE!*”

A falta de hospitalidade de Imperatriz ficará, para sempre marcada em nossas memórias. Que saudades tenho dos pescadores da minha Laguna dos Patos que, numa emergência, nos abrigaram, vestiram e alimentaram! Saudades da Dona Anésia lá de Santa Isabel do Rio Negro que, mesmo acompanhada de apenas duas filhas e dois netos numa Ilha remota, não deixou de alimentar e abrigar o canoísta solitário.

Aqui mesmo, no Juruá, quantas vezes fomos abrigados e convidados a partilhar do jantar na casa de ribeirinhos! Não esquecerei jamais do Professor Raimundo Nonato Andriola, da Comunidade da Boca da Campina que comemorou meu aniversário na sua casa com direito a bolo e refrigerantes. Muito tem de aprender os ribeirinhos de Imperatriz com seus vizinhos, perfeitos comunitários.

O desastre só não foi total porque encontramos, a 7 km de distância de Imperatriz, a Com. da Boca do Preguiça ([125]). Nessa época de alagação na Bacia do Juruá, não existem praticamente locais de terra firme para acampar e os que existem estão cobertos pela mata. Depois de uma longa curva à esquerda, uma esperança: avistamos ao longe o Mário conversando com uma moradora, até que, de repente, ele acelerou o motor e achamos que mais uma vez tínhamos sido enxotados. Felizmente ele estacionou a lancha na frente de outra casa e nos sinalizou, de longe, com o polegar para cima. A nossa barraca seria montada na varanda da humilde habitação do hospitaleiro Sr. Antônio Geraldo Brito dos Santos e o Marçal dormiria na sala-cozinha da casa. Tomei meu banho, coloquei meu abrigo e meias para não ser torturado pelos piuns e coloquei um "*filmete*" de nossas jornadas para as crianças assistirem no computador enquanto conversava com nosso anfitrião. O contraste era nítido entre Imperatriz e a Com. da Boca do Preguiça, uma com boas e numerosas construções, escola, templo, casa de recreação e a outra com apenas quatro famílias vivendo na penúria, mas solidários e dispostos a dividir o pouco que tem. Obrigado Sr. Antônio Geraldo por nos acolher, não encontraríamos outro abrigo até chegar à distante Nova Esperança. Percorrêramos 105 km.

02.02.2013 – Com. Boca do Preguiça – Goiabal

O Sr. Antônio orientou-nos a respeito dos furos Jaibá e Pupunhas. O Mário teve dificuldades para entrar com a lancha na Boca do Jaibá tomada por troncos mas, superado o entrave inicial, o amplo Furo não possuía outros obstáculos.

---

[125] Comunidade da Boca do Preguiça: 05°18'21,0" S / 67°13'02,9" O.

Antes do Furo Pupunhas existem algumas entradas que podem ser identificadas como Bocas de Lagos pela cor escura de suas águas e que não enganariam um nauta atento, o Furo Pupunhas fica na curva, depois de um barranco e, confirmando nossas expectativas, surgiram dele duas rápidas voadeiras. Chegamos à Comunidade Goiabal ([126]) por volta das 14h00, depois de percorrer 95 km. Localizada a pouco mais de 01 km do antigo Arrombado do Idílio ou Euré. O Mário aguardou nossa chegada para confirmar a parada já que a próxima Comunidade ficava muito longe. Decidimos permanecer em Goiabal tendo em vista que a próxima etapa até Carauari era inferior a 60 km.

O Sr. Ataíde Soares dos Santos e o líder da Comunidade Sr. Mário Castro dos Santos ajudaram-nos a carregar as tralhas e nos instalaram na Casa de Recreação. A esposa do Líder comunitário, Sr.ª Antônia Rosa Pires dos Santos, permitiu que o Marçal preparasse a refeição na sua cozinha. Tomei meu banho, almocei e permaneci na barraca lançando os dados no computador e tratando da perna direita que vinha me incomodando há mais de dois dias.

03.02.2013 – Comunidade Goiabal – Carauari

Partimos por volta das sete horas já que a jornada era bem mais curta neste último dia. Passamos pelo Arrombado do Euré que certamente em menos de uma década deverá alterar novamente o seu curso. Ele deverá romper o bloqueio em um pequeno estreito ([127]) diminuindo ainda mais a distância até Carauari.

---

[126] Comunidade Goiabal: 05°04’54,2” S / 67°01’45,1” O.

[127] Estreito: 05°04’04,8” S / 66°52’39,2” O.

Chegamos depois do meio-dia a um Lago muito assoreado que já foi um dia o leito principal do Juruá e avançamos lentamente até a bela Cidade. Sem o auxílio da correnteza do Rio nossa velocidade que antes girava em torno dos 13 km/h, passou para 7,7 km/h. Em Caruari ([128]), depois de remar por 63 km, novamente fomos socorridos pelos amigos da Polícia Militar liderados pelo 1° Tenente Alain que providenciou para que ficássemos instalados no confortável Hotel Medeiros e realizássemos as refeições no Restaurante Bom Gosto. O acesso à internet, por sua vez, só foi possível graças à boa vontade da Fernanda Camilo Ferreira, Agente de Pesquisas e Mapeamento do IBGE.

✧Total Parcial: Itamarati – Caruari = 531,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Caruari = 2.308,5 km

Silêncio e Palavra
(Thiago de Mello)

I

A couraça das palavras
Protege nosso silêncio
E esconde aquilo que somos.
Que importa falarmos tanto?
Apenas repetiremos.
Ademais, nem são palavras.
Sons vazios de mensagem,
São como a fria mortalha
Do cotidiano morto.
Como pássaros cansados,
Que não encontraram pouso
Certamente tombarão.
Muitos verões se sucedem:
O tempo madura os frutos,
Branqueia nossos cabelos. [...]

---

[128] Caruari: 04°52’49,0” S / 66°53’47,2” O.

Panela de Barro
(Celdo Braga)

Velha panela de barro,
Tisnada à lenha do tempo
– Memorial de lembranças
À toa lá no quintal.

Ao refletir tua sina,
Do duro retorno ao pó,
Percebo que se aproxima
Meu tempo de ficar só.

Tempo de ninar silêncio,
De domar a luz do dia
– Pra cavalgar o escuro
Da hora da travessia.

Carauari, Amazonas

Localização e Geografia

Carauari é um dos vários Municípios do Estado do Amazonas, localizando-se na região Sudoeste. Em dados mais específicos, Carauari pertence à microrregião administrativa estadual n° 02, e à microrregião n° 04 do Vale do Rio Juruá. Faz fronteira com os Municípios de Juruá [ao Norte]; Jutaí [a Oeste]; Itamarati [ao Sul]; Tefé e Tapuá [a Leste]. Em relação à Capital Manaus, Carauari distancia-se desta por 780 km em linha reta, por via aérea, e 1.676 km por via fluvial. O Município possui uma altitude de 60 metros acima do nível do Mar, situa-se a 04°54′ S e a 66°55′ O. O Município corresponde a 1,64 % da área do estado do Amazonas, possuindo uma área aproximada de 25.767 km² (IBGE).

SEMED: Está situado à margem esquerda do médio Vale do Rio Juruá, mais precisamente, dentro de um Lago denominado popularmente de "*Sacado*", fenômeno típico de Rios meândricos. Na verdade, até 1958, Carauari ficava às margens do Rio Juruá mas, com a erosão, houve a queda natural do barranco e o Rio foi formando um Sacado que hoje é o chamado Lago de Carauari.

Em relação à hidrografia, Carauari possui uma rede hidrográfica de grande porte, formada por Rios, Lagos e Igarapés, entre os quais se destacam os Rios Juruá e Weré, os Igarapés da Areia, do Sossego, da Roça, da Ponte e do Taquara, e os Lagos do Sacado, Preto, do Riozinho, do Taquarinha e o Lago da APLUB. O Município todo é banhado pelo Rio Juruá, sendo recortado pelos afluentes deste, a saber: Ueré, Bauana, Xué e Mararí à margem direita; e Bauana Branco e Anaxiqui à margem esquerda.

É o Rio que se constitui no mais importante meio de comunicação e transporte da região, além de ser fonte de alimentação.

Carauari, como parte da Região Amazônica, possui um clima tipicamente tropical [Equatorial Quente e Úmido], dotado de uma variação de temperatura de 35° a 22°. Possui 224 dias de chuva, sendo quarenta no verão, entre julho e novembro, e 184 no inverno, de dezembro a junho.

Segundo o INMET/MA, a precipitação do mês mais seco nunca é inferior a 60 mm e a umidade relativa do ar é elevada, oscilando entre 86 % e 92 %.

Temos, como toda região amazônica, apenas estas duas estações, sabendo-se que, nesse caso, o inverno não é caracterizado pelo frio, visto que a temperatura permanece alta, mas sim pela presença de chuvas abundantes; no verão, ao contrário, as chuvas são menos intensas, ficando o calor e a umidade do ar ainda mais intensos.

Quanto à vegetação, assim como se costuma dividir a Floresta Amazônica, a cobertura vegetal do Município é dividida em três partes: as matas de terra semifirme, as matas de várzea e as matas de igapó. Os dois grandes tipos florestais presentes em Carauari são:

1) a chamada várzea – floresta densa de planícies periodicamente inundadas, se faz presente ao longo das margens do Rio Juruá na planície aluvial, e

2) a floresta de terras baixas – presente em áreas de vales e em solos com pouca drenagem, apresentando fisionomia aberta e abundância de palmeiras.

É uma vegetação com características típicas da Floresta Equatorial Latifoliada, e é rica em madeira de lei, de alto valor comercial [como Maçaranduba, Macacauba, Cedro, Loro pixuri, Acapu], e ainda, dotada de uma enorme variedade de plantas medicinais [como Andiroba, Murumuru, Copaíba] e espécies que servem à alimentação [Pupunha, Açaí, Buriti, Uixi, etc.].

Possui navegabilidade condicionada pela cheia no período de novembro a abril e pela vazante de maio a setembro. Ao longo do Juruá está localizada a maioria das cidades, dos povoados e das comunidades.

Aspectos Históricos

Em 1758, durante o governo de Francisco de Melo Povoas, foi criada a originária Aldeia de Carauari, como parte integrante das 45 aldeias da Capitania de São José do Rio Negro. A Aldeia era originalmente um Seringal de propriedade do Sr. Leonel Pedrosa, e mais tarde tornou-se ponto de apoio para os serviços seringalistas, visto que naquela época a economia amazonense era fortemente marcada pela produção da borracha.

Até chegar a constituir-se sob a forma do atual Município de Carauari, esta Cidade passou por várias situações jurídico-políticas, variando entre Vila, Comarca e Município, e teve sua área territorial por várias vezes anexada e/ou desmembrada de outros Municípios.

A sequência cronológica das muitas datas e leis que envolvem a história do Município são relatadas a seguir, conforme dados obtidos na Biblioteca Virtual do Amazonas.

Em 26.11.1910, pela Lei n° 641, é criado um Termo Judiciário com a denominação de Xibauá.

Em 26.09.1911, pela Lei Estadual n° 683, é criado o Município, com território desmembrado de Município de Tefé, cuja Comarca fica subordinada ao termo judiciário de Xibauá, tendo por sede o povoado de Xauá.

Em 27.12.1912, pela Lei Estadual n° 1.006, Xauá é elevado à categoria de Vila e a sede do Município é transferida para Carauari.

Em 25.04.1913, pela Lei Estadual n° 713, o Município passa a denominar-se Carauari.

No ano de 1920, nos quadros de apuração do recenseamento, o Município de Carauari é constituído de cinco Distritos, que são: Carauari, Juruá Puca, Mararí, Manichi e Palermo.

Em 05.11.1922, pela Lei 1.126, o Termo de Carauari passou a subordinar-se à Comarca de São Felipe.

Em 02.10.1928, pela Lei Estadual n° 1.397, é criada a Comarca de Carauari.

Em 28.11.1930, pelo Ato Estadual n° 45, o Município é suprimido, anexando seu território ao Município de Tefé. No ano seguinte, em 06.02, pelo Ato Estadual n° 234, o Município é restabelecido.

Em 1933, na divisão administrativa e territorial [1936-1937], figura o Município de Carauari com um só Distrito. O Termo Judiciário de Carauari figura subordinado à Comarca de João Pessoa, ex-São Felipe.

Em 02.03.1938, pela Decreto-Lei Federal n° 311, a sede municipal recebe Foros de Cidade.

Em 05.03.1945, pelo Decreto n° 1.400, a Comarca de João Pessoa, à qual estava subordinado o Termo de Carauari, passou a denominar-se Eirunepé.

No quadro vigente, no quinquênio 1944-1948, fixado pelo Decreto-Lei Estadual n° 1.186, de 31.12.1943, e modificado pelo de n° 140, de 05.03.1945, o Município figura com um só Distrito, abrangendo quinze Subdistritos, que são: Carauari, Ipiranga do Juruá, Renascença, Concórdia, Santa Rosa, Ainajá, Imperatriz, Mararí, S. Romã, Vista Alegre, Santos Dumont, Gaviãozinho, Soledade, Três Unidos, Aquidabã.

Em 24.12.1952, pela Lei Estadual n° 226, é restaurada a Comarca de Carauari.

Em 25.04.1953, ocorre a reinstalação da Comarca de Carauari.

Em 19.12.1955, em virtude da Lei n° 96, o Município perdeu os subdistritos de Itapiranga do Juruá, Renascença, Concórdia e parte do de Santa Rosa para o novo Município de Juruá e parte do subdistrito Aquidabã para também o novo Município de Envira.

Em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional n° 12, parte do território de Carauari é desmembrada, em favor do novo Município de Itamarati. Sobre a criação do Município de Carauari, existe controvérsia motivada pela falta de clareza da Lei n° 76, de 08.12.1984. O fato é que essa Lei dá como sede do novo Município o Lugar São Felipe. Nenhuma das duas sedes do Município foi elevada a Vila e nem o Município teve uma denominação definida. No mesmo ano, a Lei n° 133, de 05 de outubro de 1984, eleva o Termo Judiciário de Carauari à Categoria de Comarca e para esta foi nomeado Juiz de direito o Dr. Jorge Augusto Studart.

Autorizado pelo Governo a rever os limites dos Municípios do Estado por Lei n° 160 de 23.06.1986, foi lavrado o Decreto n° 122, de 07.08.1986, fixou as divisas do Município de Tefé com Carauari, colocando, entretanto, a sede deste, dentro do território daquele, uma vez que fixou a Foz do Rio Tarauacá como ponto de divisas.

O Decreto n° 122, criado, definiu a situação do Município de Carauari; porém, por causa dessa irregularidade, surgiu o Decreto n° 125, de 11.08.1986, que transfere a sede do Município de Carauari, para São Felipe.

Nova confusão, porque o Município de Carauari nesta nova sede jamais foi conhecido por seu nome, somente por São Felipe. [...]

O significado da palavra Carauari, na língua geral indígena "*Nheengatu, ou Tupi*", consiste na divisão em "*cará*", que é uma variedade de tubérculo comestível; e "*uari*", que indica o verbo cair. Assim, temos Cará-Uari. Alguns estudos indicam este significado como sendo "*cará que cai*". "*Carauari*", nesse sentido, indica um tipo de trepadeira cujos tubérculos dos ramos, ao se desenvolverem, amadu-recerem, e caem.

Outros estudos entendem a divisão da palavra como sendo "*Cara*" igual a batata, comida, alimento; e "*uari*" sendo abençoada, do céu. Daí a interpretação da palavra também como "*manjar divino*" ou "*comida abençoada*".

A denominação do Município originou-se do Lago "*Carauari*" que beira a sede do Município, ligando-se por um Canal ao Rio Juruá, o qual já foi habitado no passado pelos índios Canamaris, Catuquinas e outros.

História Econômica

A região do Juruá foi e é, tradicionalmente, uma área de extrativismo. No período entre as duas Guerras Mundiais, a região se destacou pela grande e intensa exploração da borracha, que durante muitas décadas foi o principal produto econômico do lugar. Essa produção, entretanto, chega a sua decadência ao final da década de 70, apesar das tentativas governamentais de reativar os seringais com programas de incentivo, que não deram certo principalmente por causa da corrupção e falta de fiscalização.

Com a crise da produção do látex, no início dos anos 80 as histórias econômicas de Carauari, em particular, e da região do Juruá, em geral, se transformam com o aparecimento do petróleo e do gás natural. Os ex-seringueiros, desempregados com a crise da borracha, passaram, consequentemente, a ser empregados das equipes sísmicas contratadas pela PETROBRAS, cuja presença nessas localidades, adquire, portanto, grande relevância.

Foi em 1976 que a pesquisa para exploração de petróleo foi retomada na Bacia do Solimões, com a realização de um levantamento sísmico de reflexão de reconhecimento que demonstrou resultados positivos para a empresa: foi descoberta a Província gaseífera do Juruá em 1978, marcando uma nova era na história do petróleo amazônico e na história dos povos que habitam a região do Rio Juruá [marcos esses que, para as populações marginais desse Rio, nem sempre foram de caráter positivo].

Nos anos seguintes, as pesquisas de petróleo na Bacia do Solimões tomaram vulto e as atividades exploratórias prosseguiram, sendo que entre 1980 e 1984 mais campos de gás foram confirmados ao longo do Juruá.

Um acontecimento significativo desse contexto foi a descoberta, em outubro de 1986, da Província petrolífera do Urucu.

Em 1988, o óleo dessa Província já estava sendo escoado por balsas pelo Rio Urucu até a refinaria de Manaus, a 680 km de distância. Essa campanha exploratória na Bacia do Solimões prosseguiu Durante os anos seguintes, tendo como resultado a descoberta de vários campos e províncias de gás e óleo, destacando-se, entre outros, nove campos de gás na Província do Juruá e cinco campos de gás, óleo e condensado na Província do Urucu.

Com a chegada da PETROBRAS em Carauari, e a construção de sua base de apoio no local, no final dos anos 70, o Município começa a desenvolver uma nova "*cara*", passando da fase da borracha para a do gás.

Como já foi dito, a maioria dos que antes trabalhavam com o látex passaram a ser "*peões*" das empreiteiras da PETROBRAS trabalhando na abertura de clareiras e picadas na mata para as futuras pesquisas sísmicas.

Foi a primeira vez que começou a circular pela Cidade dinheiro "*vivo*", em papel, pelos salários dos moradores. Salário que garantia mais ou menos o sustento da família e o estudo dos filhos na zona urbana do Município.

Era um trabalho no qual os empregados permaneciam até três meses longe das famílias, e não lhes era oferecido capacitação profissional, além de muitas vezes, por falta de fiscalização e falhas na presença do poder judiciário, fato comum pelo "*isolamento*" da região, as leis trabalhistas não eram cumpridas.

A participação dos moradores nas equipes sísmicas que passaram a atuar em Carauari representava, no auge das atividades de prospecção, significativa parcela do sustento das famílias do Município, tendo uns 600 a 800 homens empregados nesta atividade.

É verdade que a presença da PETROBRAS no Município de Carauari, tornando-a "*Capital do gás*", desenvolveu economicamente o local, influenciando o aumento do fluxo de dinheiro, o crescimento do comércio, o surgimento de mais bancos, bares, clubes, pousadas e restaurantes.

Contudo, não se pode deixar de evidenciar que, com a constatação de que a exploração de gás em Carauari era inviável financeiramente para a PETROBRAS e, somado a isso, a existência de petróleo na Cidade vizinha de Coari, toda a euforia do possível desenvolvimento econômico de Carauari com a exploração do gás teve um fim.

A infraestrutura desta empresa estatal montada nesta Cidade foi abandonada e as empreiteiras foram paulatinamente se transferindo para Tefé, de onde passavam a recrutar seus novos empregados, razão pela qual houve uma diminuição significativa da contratação de mão de obra carauariense.

E por fim, a história da década de 1980 do Município de Carauari é também marcada pela presença da firma APLUB – Associação dos Profissionais Liberais Universitários do Brasil.

Proprietária de uma vasta porção de terras cuja legalidade é questionada, sua presença e as relações estabelecidas com a população local são fatos significativos que marcam o contexto carauariense.

Histórico Indígena

O Município de Carauari não apresenta a problemática indígena, à primeira vista, com a mesma gravidade que outras regiões, pois a quantidade de aldeias indígenas e sua expressão demográfica parecem de relevância menor tendo em vista os graves problemas da população "*cariú*", termo amazônico para os não-índios, o seu peso político e sua predominância numérica. No entanto, a questão indígena no Município é maior do que parece e se estende para além das fronteiras estreitas do mesmo. Na verdade, a sede do Município conta com poucos membros de comunidades pertencentes a quatro povos indígenas diferentes, sendo que membros de três povos moram dentro dos limites do Município.

Gentílico

Carauariense (Fonte: Secretaria Municipal de Educação de Carauari – SEMED)

Polos Juruá e Araracanga

Segundo a Petrobras, o gás dos Polos Juruá e Araracanga é necessário para que ela possa garantir a oferta de 7,5 MM m³/d previstas pelo Ministério de Minas e Energia para a Região Norte. A empresa aponta para uma série de benefícios sociais e econômicos para a sociedade em decorrência da instalação e operação do projeto, proporcionando um incremento considerável na economia das sedes municipais.

O novo gasoduto captará gás da bacia petrolífera do Rio Juruá para ser processado em Urucu, incrementando o volume de gás que abastece o gasoduto Coari-Manaus.

O duto beneficiará os Municípios de Coari, Codajás, Anori, Anamã, Iranduba, Caapiranga, Manacapuru e Manaus.

Além de garantir o aumento da oferta de gás para abastecer todo o sistema beneficiado pelo gasoduto, o novo empreendimento aumentará consideravelmente o volume de royalties e receita de impostos que serão pagos aos Municípios de Coari e Tefé durante os anos de produção, além da continuidade dos programas que estão em implantação no Município de Carauari.

Vendaval de Sonhos

(Anísio Mello)

A solidão que envolve esta minh'alma errante
Na cratera sem luz do último poder
A mesma catacumba que a sorrir triunfante
Há de levar-me um dia à glória do não ser.

Eu vivo sempre assim: sorriso agonizante,
Sem poder encarar esta alegria de ter
A dulce compreensão de um ideal de instante
Num vendaval de sonhos que deixei nascer...

O ideal não morre e cada dia prospera
Na múltipla visão de quem paciente espera
O fruto do porvir que é verdadeiro e são.

Solitária visão de tudo que me envolve,
A vida é sempre assim, e ela por si resolve
As mágoas do viver que atingem o coração...

Cantar de Andarilho
(Alencar e Silva)

Não tenho Pátria
Determinada
Nem tenho pressa
Nesta jornada:
Só esta sede
Que têm meus olhos
De ver e ver
E este incontido
Impulso de asas
Sobre meus pés.

Minhas sandálias
Cobrindo o mundo
Que descobriram
Pé ante pé,
Minhas sandálias
Vão-se ficando
Pelos caminhos
De minha fé.

Arde em meu rosto
O Sol de todos
Os Continentes.

Todos os ventos
Já visitaram
Minhas narinas.
Todas as águas
Já circularam
Dentro de mim.

Em minha fala
Todas as falas
Se misturaram.

E nos meus olhos
Os céus mais vários
Se despejaram. [...]

Imagem 33 – Lago de Carauari, Carauari, AM

Imagem 34 – Porto do Gavião, Carauari, AM

Imagem 35 – Comunidade Forte das Graças, Juruá, AM

Imagem 36 – Juruá, AM

Carauari, AM – Juruá, AM

A passagem por Carauari, AM, foi muito gratificante. Desde nossa chegada até a partida, os Policiais Militares, comandados pelo 2° Ten PM Alain Nalon Ferreira de Menezes, do 5° Grupamento de Polícia Militar, não pouparam esforços para tornar a nossa permanência na pequena, mas muito simpática Cidade, a mais agradável possível. Através do Venerável Santiago e do Ten Alain, conhecemos o Prefeito Chico Costa que nos concedeu uma interessante entrevista e proporcionou-nos gratuitamente a estada no Hotel Monteiro e alimentação no Restaurante Bom Gosto.

> Chico Costa foi criado na Comunidade Horizonte, Carauari, AM, até os doze anos de idade, quando partiu para Tefé, para dar continuidade aos seus estudos. Em Tefé, foi aprovado em concurso para o INCRA onde trabalhou durante um ano no Instituto até decidir ir para Manaus concluir o segundo grau. Lá iniciou um curso superior que foi interrompido ao ser aprovado, novamente, em concurso público. Retornou a Carauari dando os primeiros passos na vida pública. Ausentou-se novamente do Município de Carauari durante 16 anos e, ao retornar, concorreu, pela primeira vez, à prefeitura. O dinâmico Prefeito exerce, hoje, seu 2° mandato. (Chico Costa)

Na véspera de nossa partida, realizamos, de forma expedita, tendo em vista a exiguidade do tempo disponível, o cálculo das áreas dos diversos bairros da Cidade. Poderíamos ter realizado um trabalho mais acurado se o tivéssemos realizado a pé e não motorizado como o foi. O Sd PM Charly Mota Fernandes, que dirigiu a viatura da PM, conhecia perfeitamente o Plano Diretor da Cidade, mas esbarrou em um sério obstáculo

técnico – as chuvas tornaram o acesso a algumas ruas impraticável, teríamos de fechar o cálculo utilizando os resultados apurados pelo meu GPSmap 62sc da Garmin acrescidos de um pequeno percentual estimado para compensar.

O Venerável José Santiago Magalhães, da Loja Maçônica Cândido Honório Soares Ferreira n° 30, do Oriente de Carauari, AM, realizou conosco um "*tour*" pela Cidade que só não foi completo devido às péssimas condições da estrada que liga Carauari ao Porto do Gavião no Juruá, construído próximo à Comunidade do Gavião. O Santiago tornou-se mais um de nossos caros amigos investidores já que os membros de sua Loja brindaram-nos com alguns gêneros alimentícios necessários para nossa nova etapa.

Carauari, na sua origem, foi construída às margens do Juruá mas, com o passar do tempo, o tumultuário Rio resolveu procurar outros rumos e hoje a mesma está assentada em um grande e assoreado Lago que permite o acesso de embarcações maiores apenas na época das alagações. A construção do Porto à margem esquerda do Juruá, na região de Gavião, viabiliza o acesso de mercadorias à Cidade no verão amazônico, desde que a estrada, de aproximadamente 8 km, apresente condições de trafegabilidade.

Mais uma vez observamos que o Porto, localizado em uma curva, suporta toda a impetuosidade das águas do Juruá que incidem sobre o local e que acarretarão, futuramente, vultosos recursos para a sua manutenção além de exigir dos práticos e pilotos muita perícia para aportar suas embarcações em pleno inverno amazônico.

08.02.2013 – Carauari – Comunidade Concórdia

Acordamos cedo, telefonamos para o 190 e imediatamente uma viatura da PM estava a postos para nos levar até o porto. O Mário tinha deixado as três embarcações em um flutuante ancorado no meio do Lago de Caruari. Partimos com a ideia fixa de percorrer um Furo que nos pouparia o esforço de navegar novamente no extenso braço do Lago percorrido na chegada. Não tivemos dificuldade em achar a entrada do Furo mas, mais adiante, por estas coisas do destino, eu e o Marçal enveredamos por um extenso e tortuoso descaminho que era quase tão longo quanto a rota original. Quando chegamos novamente ao Juruá, na altura da Comunidade Gavião, o Mário nos aguardava aflito há mais de 90 minutos. Nossa pequena aventura não abreviou distâncias e o tempo, mas valeu pelas belas imagens dos igapós infindos, pelos Lagos de águas negras, pelas imensas bromélias que enganchadas no alto dos galhos ostentavam orgulhosamente suas flores. Na oportunidade, passamos por enormes bandos de uacaris ([129]) que faziam acrobacias na copa das árvores despreocupados com os dois canoístas que navegavam muito abaixo deles.

O Mário nos aguardava na Comunidade Vila Nova de olho no Porto do Gavião e, tão logo aportamos, veio juntar-se a nós.

---

[129] Uacari-branco (Cacajau calvus): primata do gênero Cacajao, encontrado na Amazônia brasileira. A pelagem é laranja-pálido, amarelada, acinzentada ou esbranquiçada, a região do ventre e a cauda alaranjada ou amarelada e a face e as orelhas avermelhadas são desprovidas de pelos. Achei que esses belos primatas tivessem como habitat apenas a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) de Mamirauá, no Município de Tefé, mas parece que o Juruá também foi agraciado com a presença destes belos exemplares de nossa fauna.

A progressão foi tranquila e ancoramos, por volta das 14h00, na Comunidade Concórdia ([130]) depois de navegar 91 km. Verificamos com os ribeirinhos que nenhuma das três próximas Comunidades em que tínhamos planejado pernoitar antes de chegar a Juruá, "*confirmadas*" em Carauari, realmente existia. Reprogramamos nosso planejamento, cientes da dificuldade de alcançar a cidade de Juruá em apenas cinco dias.

09.02.2013 – Com. Concórdia – Casa Abandonada

Partimos cedo antes do alvorecer e, mais uma vez, constatamos uma série de erros nos mapas do DNIT. Parece que a localização das Comunidades no Mapa Multimodal foram feitas apenas no Cartório dos Municípios sem a devida checagem através dos trabalhos de campo.

Antigos seringais extintos há mais de cinco décadas lá estão, pequenas Comunidades são referenciadas enquanto as maiores ficaram de fora, além de apresentar nomes e localizações erradas.

Paramos na Comunidade Uniãozinha (região onde se localizava o antigo Seringal União) e fingi não ter notado que o morador local tinha ido até sua moradia buscar uma espingarda. Passado o impacto inicial, em que mais uma vez nos tomavam por bandoleiros ou traficantes, ele foi esclarecendo uma a uma nossas indagações sobre as próximas Comunidades e suas respectivas distâncias, em praias, é claro. Íamos procurar a residência de um compadre seu, Sr. Pedro Glicério, que morava em uma Comunidade abandonada.

---

[130] Comunidade Concórdia: 04°35'27,9" S / 66°38'32,9" O.

Procurando evitar problemas como os que aconteceram em Imperatriz, resolvi, doravante, despachar o Mário à frente quando faltassem uns 15 km para atingir nosso objetivo evitando que nos fechassem as portas novamente. O Mário trocou o motor rabeta de 13 Hp pelo 40 Hp e partiu célere para fazer os devidos arranjos para nosso estacionamento.

Como já tínhamos remado mais de 60 km, resolvi parar em uma casa abandonada onde três pescadores de Carauari estavam acantonados, 27 km à jusante da extinta Comunidade de Caititu e próxima de uma tal Comunidade da Campina, segundo o mapa do DNIT, e que nunca existiu.

O Marçal improvisou o fogo no que restava de um fogão de barro para preparar nosso "*almojanta*" enquanto eu lançava os dados coletados no computador e o Mário preparava a lancha para a nova jornada. Foi uma noite tranquila sem galos, porcos ou cachorros para nos incomodar.

10.02.2013 – Casa Abandonada – Com. Juanico

Reprogramei nossa próxima parada para Juanico, a 120 km de distância, foi um dia exaustivo sob uma canícula impiedosa. As contraturas começaram a aparecer e usei um gel mento-salicilado para tentar suportar os incômodos desconfortos musculares. As dores lombares se manifestaram, minha veterana coluna, com três cirurgias no currículo (2 hérnias e um parafuso de aço), se ressentia do esforço de remar até nove horas diárias. Quando faltavam 90 min para aportar na Comunidade, despachei o Mário para que ele realizasse os devidos ajustes para nossa permanência na Comunidade.

Chegamos à Comunidade Juanico ([131]) depois de remar exatas 9 horas em um percurso de 120 km, uma média horária de 13,3 km/hora incluindo as 4 paradas para hidratação e descanso no talvegue do Rio Juruá. As "*paradas dinâmicas*" a bordo têm duas vantagens em relação às "*paradas estáticas*" nas margens: a primeira e mais importante é que não ficamos sob o ataque dos inclementes piuns e a segunda é que a correnteza nos arrasta permitindo que neste "*repouso ativo*" se avance algumas centenas de metros a cada uma, chegando a somar mais de um quilômetro no final do dia.

A Comunidade está corretamente localizada no Mapa do DNIT, mas chama-se Juanico e não "*Juanito*" como consta do Mapa Multimodal. Quando chegamos à Comunidade, o Mário já tinha montado acampamento no flutuante do Sr. Manoel Pereira de Moura, e sua esposa Sr.ª Maria Antônia Albuquerque de Moura já estava preparando nosso almoço que foi incrementado com alguns peixes que o Mário tinha pescado e miúdos de pirarucu.

Fomos, mais tarde, convidados para jantar e a refeição constava de carne de Paca, Matrinxã e de sobremesa suco de açaí. Depois do jantar, estávamos conversando do lado de fora da casa flutuante quando pousou a arara de estimação da família. O belo animal foi resgatado de um Lago quando pequeno e sobreviveu graças aos cuidados dispensados. A ave passa o dia perambulando pela mata e retorna ao flutuante apenas de tardezinha para comer e dormir. O Sr. Manoel nos deu informações valiosas para o dia seguinte e decidimos pernoitar na Comunidade Forte das Graças.

---

[131] Comunidade Juanico: 03°51'36,7" S / 66°25'18,5" O.

Baixo Juruá

O Baixo Juruá, que vai desde sua Foz no Solimões até a Boca do Rio Tarauacá, próximo a Eirunepé, apresenta características que em muito diferem do Médio Juruá que vai do Tarauacá até a Foz do Breu. O curso do Juruá apresenta, neste trecho, curvas mais amplas com raios que, por vezes, ultrapassam a um quilômetro e alongados estirões.

À medida que nos afastamos da fronteira com o Peru, os declives se tornaram cada vez mais insignificantes, tem-se a impressão de navegar em um terreno plano embora, vez por outra, se possa sentir a torrente fluir com mais impetuosidade. As margens no Baixo Juruá são na sua maior parte planas e baixas ainda que, às vezes, avistemos terras firmes com barrancos de 12 a 50 metros de altura.

11.02.2013 – Com. Juanico – Forte das Graças

Como de costume, partimos ao alvorecer com destino à Comunidade Forte das Graças ([132]). Despedimo-nos dos novos amigos e seguimos céleres, dispostos a enfrentar os 103 km que nos separavam de nosso destino. Meu parceiro Marçal recuperara sua energia graças a um chá preparado pela sogra do Sr. Manoel em Juanico. Tínhamos a pretensão de alcançar nosso objetivo por volta das 15h00, mas a canícula, ventos de até 50 km/h, banzeiros fortes e chuva torrencial retardaram, consideravelmente, nossa progressão, e só conseguimos atingir nosso destino por volta das 16h00.

---

[132] Comunidade Forte das Graças: 03°38'27,6" S / 66°06'15,7" O.

A bela Comunidade, firmemente assentada em terra firme, é banhada por um Lago de águas negras chamado Andirá cujas águas penetram no Juruá algumas centenas de metros sem se misturar. Ao desembarcar, no "*Bocão*", preparamo-nos para o ataque sem dó nem piedade dos piuns e nada aconteceu, certamente graças às águas ácidas do Lago, o fato é que foi a Comunidade mais salubre que tivemos a oportunidade de conhecer em toda a Bacia do Juruá. Os líderes da Comunidade já tinham franqueado ao Mário, que nos precedera, a Casa dos Professores que, além de vários quartos, possuía um banheiro e cozinha, coisa rara nestas paragens.

À noite, durante o jantar, recebemos a visita dos líderes que relataram ser a primeira vez que canoístas visitavam aquelas paragens. Depois da visita, continuei lançando os dados colhidos e o Mário e o Marçal foram fazer uma incursão pela Comunidade. Como não poderia deixar de ser, tiveram de enfrentar as costumeiras provocações a respeito dos paraenses. É estranho que os amazonenses que se referem aos paraenses, em geral como bandoleiros, piratas e outros qualificativos nada lisonjeiros, tenham, recentemente, escolhido, pelo sufrágio universal, um controvertido político nascido naquele Estado para governá-los. Na oportunidade, o Sr. João Batista Ramos de Carvalho, que estava com viagem marcada para Juruá na manhã seguinte, se prontificou a nos acompanhar mostrando os diversos furos que abreviariam em muito nossa jornada.

12.02.2013 – Com. Forte das Graças – Juruá

Acordamos mais tarde 06h30, os 56 km que nos separavam de Juruá poderiam ser vencidos na parte da manhã sem maiores dificuldades, além do que podía-

mos contar com a possibilidade de abreviar a distância ao penetrar nos Furos do Antônio, Arati e Taboca. Pedi ao Mário para fazer uma filmagem da Comunidade vista do Rio e parti com o Marçal para nossa derradeira jornada até a Cidade de Juruá.

Identificamos o Furo do Antônio e penetramos nele enquanto o Mário fazia a volta procurando marcar no GPS a localização de alguma Comunidade que por ali existisse. Logo que saímos do Furo, encontramos o João Batista Ramos de Carvalho que se desencontrara do Mário quando este concluiu a filmagem e aproamos juntos para a Cidade de Juruá. O João nos guiou, pacientemente, até a Cidade de Juruá e tivemos, mais uma vez, a oportunidade de admirar, de perto, a beleza dos Igapós e Lagos ao navegar por estes belíssimos labirintos naturais.

Nas cercanias de Juruá, despedimo-nos do João e apontamos nossas proas para o Porto de Juruá. Despachei o Mário à frente com o intuito de que este fizesse contato imediato com a PM e qual não foi minha surpresa ao verificar que uma viatura da PM já nos aguardava postada na parte mais alta do formidável barranco que dá acesso ao Porto.

Os informantes já tinham alertado os Policiais Militares da nossa chegada julgando, mais uma vez, se tratar de traficantes ou fugitivos.

Apesar do alerta vermelho dos ribeirinhos, Fomos muito bem recebidos pelos PMs que nos encaminharam imediatamente ao Vice-Prefeito José Leland Herculano Saraiva que autorizou que ficássemos alojados no Hotel Amazonas com as despesas pagas pela Prefeitura do Juruá.

13 a 15.02.2013 – Juruá

No Hotel conhecemos dois personagens muito interessantes, o Engenheiro Roberto Carlos Coelho Dibo, Conselheiro de Direitos Humanos do Parlamento Mundial de Segurança e Paz da ONU, e o senhor Reis, um típico vendedor nordestino. No dia 14, assistimos à palestra "*Profissional com Alto Desempenho*" promovida pelo Roberto na sede da Prefeitura de Juruá e, à tarde, depois de conceder uma entrevista à Rádio Juruá FM 104,9 MHz, ao repórter e Secretário Extraordinário da Prefeitura Sr. José de Arribamar Mendes de Souza, realizamos uma entrevista com o Vice-Prefeito José Leland que discorreu com desenvoltura sobre assuntos atinentes ao seu Município, projetos em curso e futuros. Depois da entrevista, conseguimos, graças à Secretária Sr.ª Marly da S. Mota, um computador para fazer o "*upload*" das fotos do trecho Carauari-Juruá.

✧Total Parcial: Caruari – Juruá = 430,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Juruá = 2.738,5 km

Últimos Momentos de D. Quixote
(Paulino de Brito)

[...] Despojado de lança e de armadura,
Eis como aquele herói de eterna fama,
Já vendo a Morte, que a terreiro ([133]) o chama,
Vai dar fim à sua última aventura.

Lembra-se então do tempo em que ansioso
De acometer gigantes, pavoroso
Procurava-os montado em Rocinante.

Lembra e sorri: por fim reconhecera
Que no mundo de anões, em que vivera,
Ele só, D. Quixote, era o gigante!

---

[133] A terreiro: desafiando.

Juruá, AM

O vocábulo Juruá vem de Yuruá, que significa em guarani Rio de Boca larga.

Aspectos Históricos

A história do Município prende-se à de Tefé e de Carauari. Em fins do século XVII, é fundada a Aldeia de Tefé, que após a expulsão dos espanhóis e consolidação definitiva do domínio português sobre a região, transforma-se em sede de um Município de 500.000 km².

Em 1710, após a expulsão dos missionários espanhóis, efetuou-se o reconhecimento do Juruá. Depois das penetrações no referido Rio, foi-se processando, com maior frequência, atraindo aventureiros como os nordestinos, paraibanos, piauienses e Rio-grandenses do Norte, para a exploração da borracha, que foram os pioneiros do povoamento do Juruá.

Os índios que habitavam a região do Juruá eram os Meneruás, Maranás, Canamaris, Catuquinas, Catauixis e outros. O Rio Juruá é um dos mais importantes do Amazonas, nasce na República do Peru, nas montanhas das Mercês, onde se denomina Juruá-mirim.

É tido como o mais sinuoso Rio do mundo, é navegável em quase todo o seu curso, a sua correnteza é vertiginosa, deslocando-se em média, três nós horários ([134]).

Através da Lei Estadual n° 96, de 19.12.1955, é criado o Município de Juruá, com o território desmembrado do Município de Carauari [Subdistrito de

[134] Três nós horários: 5,4 km/h.

Ipiranga, Juruá, Renascença, Concórdia e parte do de Santa Rosa], e Tefé [partes do Subdistritos de Uará e Paranaguá], com sede na localidade do Paranaguá, situada à margem do Rio Juruá, que fora elevada então a categoria de Cidade.

A história do Município remonta ao período de 1764-1768, quando são fundadas na região, por Tinoco Valente, as Aldeias de São Matias, Santo Antônio do Mapiri e São Joaquim do Macapiri. O Japurá foi outrora habitado por numerosas tribos de índios, estando hoje quase deserto.

Em 1775, pacificação dos índios Muras. Em 1790, consolidação do domínio português sobre o território.

Em 1864, o Presidente do Amazonas, Dr. Adolfo Barros Cavalcante de Lacerda, dizia que a vista do que tinha sido, o Juruá estava lamentavelmente despovoado. Da Foz deste Rio à Boca do Apaporis, existiam doze choupanas com 70 índios contando-se entre ele muitos Miranhas. Não se via mais um Passé ou Xomanas; apenas se notavam algumas relíquias das nações Jury e Cueretu.

Em 01.12.1935, pela Lei Estadual n° 176, o Município de Tefé do qual já haviam sido desmembrados São Paulo de Olivença, Coari, Fonte Boa, São Felipe [atual Eirunepé] e Xibauá [atual Carauari] tem sua estrutura administrativa definida com três Distritos: Tefé, Caiçara e Maraã.

Em 19.12.1955, pela Lei Estadual n° 96, partes contíguas dos territórios de Carauari e Tefé são desmembradas e passam a constituir o novo Município de Juruá, com sede na localidade que até então se chamava Paranaguá do Norte, que é elevada a Vila com nome de Juruá.

Em 10.12.1981, pela Emenda Constitucional n° 12, Juruá perde parte de seu território em favor do Município de Tamaniquá.

Juruá foi instalado, em 31.01.1956, constituído de um só Distrito, ainda não havia sido criado o termo judiciário.

Gentílico

Juruaense (Fonte: Manoel Teixeira de Melo)

Poética

(Sergio Luiz Pereira)

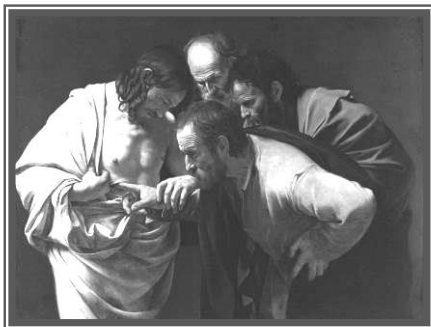
Seja a palavra símbolo de encanto
De toda sensação vertida em verso
E tudo que se inspire no Universo
Faça-se em notas de agradável canto.

Também da retirada de tal manto
Que de alegria cobre o mundo inverso
Para mostrar que, mesmo em tempo adverso
Cabe a justiça o bom caráter quanto.

Que as cordas desta lira em liberdade
Possam transpor o vário sentimento:
Essa paixão que a todo peito invade.

E estável fundo e forma equilibrista
Tocar com o coração, pois, no momento
O artista é de seu tempo jornalista.

O Descrente

(Torquato Tapajós)

Que mais queres? De ti aborrecido
Procuro a solidão.
Lá mesmo vais levar a meus ouvidos
O rir da multidão!

Eu desprezo-te, mundo, e tu me buscas!
Mil vezes maldição!
Já não creio em teus risos mentirosos
Roubaste-me a ilusão.

Vai-te, vai-te me deixa – sinto o gelo
Crestar-me o coração.
Foste tu quem mo deste, pois outrora
Ardia qual vulcão.

Nem futuro mais tenho, o atiraste
Em triste escuridão.
Meteoro brilhante que surgindo
Perdeu-se n'amplidão.

Vai-te mundo enganoso – sou descrente
Oh! me sorriste em vão.
Não quero teu sorriso que é mentido
É rir de perdição.

Fui cego em te seguir – compreendeu-te
Bem tarde o coração.
Mas forças inda tenho para dar-te
Desprezo e maldição.

Juruá, AM – Tefé, AM

A partida para o Alto Purus é ainda o meu maior, o meu mais belo e arrojado ideal. Partirei sem temores; e nada absolutamente me demoverá de tal propósito.
(Euclides da Cunha)

O início de minha Expedição pelo Juruá foi carregado de incertezas, dificuldades e obstáculos de toda a ordem, o bom senso recomendava que eu abortasse a Missão. Esta era, porém, uma oportunidade única de desbravar novos horizontes, navegar por estes "*brasis ainda sem Brasil*" tão desconhecidos dos nacionais e olvidados pelo poder público, perlustrar infindos meandros do serpenteante Juruá, conhecer novas gentes e, sem dúvida, de ter a ventura ímpar de fazer parte de uma Expedição Histórica que desceria de caiaque, <u>pela</u> <u>primeira</u> <u>vez</u>, na história do tumultuário Juruá, percorrendo-o na sua integralidade. Tudo conspirava contra, mas as palavras do imortal Euclides da Cunha, meu escritor favorito, retumbavam na minha mente e me impulsionavam a continuar. Henry Ford dizia que "*existem mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam*".

Eu podia até fracassar sucumbindo aos inúmeros fatores adversos identificados desde o planejamento inicial, mas desistir jamais. Esta opção nunca foi considerada, eu ia reconhecer o Juruá, empenhando-me de corpo e alma como se esta fosse a Missão mais importante de toda minha vida. Eu estava confiante, embora ciente das agruras que iria encontrar nestes "*ermos dos sem fim*". Como oficial de engenharia de construção, aprendi a superar, improvisar, criar, a buscar recursos onde fosse necessário e não seria agora que meras dificuldades logísticas iriam comprometer este projeto.

Inconstante Juruá

A inconstância tumultuária do Rio retrata-se ademais nas suas curvas infindáveis, desesperadoramente enleadas, recordando o roteiro indeciso de um caminhante perdido, a esmar horizontes, volvendo-se a todos os rumos ou arrojando-se à ventura em repentinos atalhos...
(Euclides da Cunha)

Nos Municípios ao Norte da Bacia do Juruá no Estado do Amazonas, as aulas só se iniciam após as cheias, enquanto ao Sul elas começarão agora e serão interrompidas quando as águas da grande alagação chegarem. O comportamento do Rio influencia sobremaneira a vida dos ribeirinhos e é preciso conhecer os segredos de sua hidrodinâmica para administrar corretamente o cotidiano dos que vivem às suas margens.

Os Rios de planície têm um comportamento bastante diverso de seus irmãos que fluem por terrenos mais acidentados onde a variação do nível das águas é praticamente uniforme em todo seu curso. Um infindável número de Lagos, Sacados e Igapós sangram ferozmente as águas do Juruá até que estejam nivelados ao tumultuário Rio, determinando que a cheia se processe progressivamente por platôs.

É interessante observar suas águas fluindo para maioria dos pequenos afluentes transformando-o, temporariamente, em tributário de seus próprios afluentes. As cheias se processam, portanto, por segmentos já que as águas do Rio são drenadas intensiva e inexoravelmente desde adentra no Estado do Amazonas.

As escuras marcas no caule das árvores deixadas pela última alagação mostravam nitidamente este comportamento peculiar.

Em Carauari, quando por lá passamos, a marca estava a apenas 50 cm do nível do Rio enquanto que no Município de Juruá, uma semana mais tarde, mais abaixo, faltavam 2,50 m para atingi-la. A distância, linha reta, entre Caruari e Juruá é de 154 km e a fluvial de 417 km.

16.02.2013 – Juruá – Com. Estirão das Gaivotas

Aprontamos nossas tralhas e, às 05h30, antes mesmo de telefonar para a Polícia Militar, a viatura já estava a postos. Partimos rumo à Comunidade Saudade, a única das três contempladas no Mapa do DNIT que realmente existia.

A pouco mais de sete quilômetros passamos pelo Arrombado do Batalha, que parece ser o único furo que sofreu intervenção institucional no Rio Juruá. O então Prefeito Raimundo Batalha Gomes determinou que seu pessoal abrisse um furo para abreviar os deslocamentos de quem demandasse do Juruá para o Solimões.

Marcamos a Foz do Rio do Breu e entramos no braço Ocidental do Juruá onde se encontra a Ilha de Antonina. A formação de Antonina foi similar à das Ilhas de Mararí e Chué, o Rio do Breu serpenteava ao longo da margem esquerda do Juruá até que o barranco que separava os dois caudais foi rompido criando a enorme Ilha de Antonina.

No início, a largura deste Canal era a mesma do Rio do Breu que o originou e, com o passar dos anos, solapado pela energia das alagações, foi se transformando no talvegue do Rio Juruá, enquanto o Braço Oriental foi, aos poucos, perdendo sua importância.

Depois de remarmos 70 quilômetros, comecei a me sentir mal. Meu coração batia mui rapidamente e fiquei preocupado com a pressão, chamei o Mário, que me alcançou imediatamente meu kit de medicamentos e tomei três comprimidos para baixar a pressão. Melhorei um pouco e retornamos aos remos, a jornada era longa e não podíamos nos dar ao luxo de perder tempo. O Sol a pino e a ausência de ventos transformara o Juruá num imenso espelho a refletir a abóboda celeste e as nuvens. Era um momento mágico e eu absorto navegava ou, quem sabe, voava mesmo sobre cristalinas nuvens em busca da Terceira Margem.

Dez quilômetros antes do que eu achava ser o nosso destino, a Comunidade Saudade, despachei o Mário para fazer contato e, para nossa surpresa, depois de uma curva avistamos um povoado que, mais tarde, ficamos sabendo se tratar da Comunidade do Estirão das Gaivotas ([135]). Imediatamente eu e o Marçal nos refugiamos nas canaranas aguardando o resultado das negociações do Mário, temerosos de que, aparecendo comprometêssemos as tratativas, como acontecera com Imperatriz.

Depois de algum tempo, fomos ao encontro do Mário que, para nossa surpresa, vinha em nossa direção. Achamos que mais uma vez tinham-nos fechado as portas e, desanimados, aguardamos nosso companheiro. Ele nos informou que o Secretário Extraordinário de Juruá, o amigo José de Arribamar, já tinha passado por ali e recomendado aos moradores que nos acolhessem já que esta era a única Com. que possuía uma escolinha para nos abrigar nos próximos 60 km. Remáramos 99 km.

---

[135] Estirão das Gaivotas: 02°58’46,7” S / 65°56’30,0” O.

17.02.2013 – Estirão das Gaivotas – Tamaniquá

Dormi mal, a expectativa era muito grande. Estava prestes a me despedir definitivamente do Juruá, este belo, tumultuário e sinuoso amigo, encantador, pleno de surpresas, por certo, mas que exigira de cada membro da Expedição o limite de sua força, tenacidade, capacidade de vencer o cansaço, o calor insuportável, o assédio constante dos insetos, o desconforto muscular e a inalterável incerteza de encontrar um abrigo seguro e salubre ao final de cada jornada.

Para conseguirmos completar nossa próxima jornada de 135 km, precisaríamos contar com a boa vontade de São Pedro, uma determinação férrea e torcer para que nossos músculos cansados e maltratados aguentassem mais este supremo esforço.

Partimos às 05h30 da manhã, imprimindo inicialmente um ritmo lento para aquecer progressivamente nossas fibras musculares. Uma agradável garoa acariciava-nos como querendo mostrar que São Pedro, o Santo Padroeiro do meu pago, Mestre dos ventos e das chuvas nos prometia uma trégua neste derradeiro dia vagando pelo Juruá. Curiosamente confirmava-se a previsão, feita na noite anterior por um dos moradores da Comunidade que, apesar da noite muito clara e sem nuvens, afirmara categoricamente que iria chover a manhã inteira.

Confirmamos igualmente, no terreno, o que nos informara o Secretário Extraordinário do Município de Juruá, José de Arribamar, o grande vazio demográfico que existia desde o Estirão até a próxima Comunidade em condições de se buscar abrigo, exatos 60 quilômetros.

A chuva só parou por volta das 13h00 e o calor amazônico começou a minar nossas forças. Por volta das 15h00, o Arribamar passou por nós numa embarcação escolar e, daí em diante, fomos costurando nossas rotas já que o dinâmico Secretário estava realizando a matrícula escolar das crianças ribeirinhas e, para isso, precisava aportar em cada Comunidade.

Chegamos à Foz do Juruá às 17h30 e me surpreendi com a mudança processada nos últimos 4 anos, a Com. Nova Matusalém (antiga Porto Columbiano) que ficava à margem direita da Boca do Juruá simplesmente sumira. O Rio, que antes apontava para Leste num percurso de 5 km até encontrar o Solimões, retificara sua rota final rumo Norte e assoreara o antigo braço aterrando-o. Encontramos, depois, reedificada, Nova Matusalém a cinco quilômetros à jusante da Foz.

Lazareto de Almas

É o mais original dos lazaretos – um lazareto de almas! Ali, dizem, o recém-vindo deixa a consciência... A Ilha que existe à Boca do Purus, perdeu o antigo nome geográfico e chama-se "Ilha da Consciência"; e o mesmo acontece a uma outra, semelhante, na Foz do Juruá. É uma preocupação: o homem, ao penetrar as duas portas que levam ao paraíso diabólico dos seringais, abdica às melhores qualidades nativas e fulmina-se a si próprio, a rir, com aquela ironia formidável. (Euclides da Cunha)

Quando desci o Solimões, em dezembro de 2008, ainda se podia vislumbrar o que restara da abalada Ilha da Consciência. Naquela época, ela já era uma mera sombra do que fora no passado. Parece que a natureza resolvera definitivamente exterminar este "*lazareto de almas*", como se quisesse varrer da memória ancestral as sandices outrora praticadas.

A Expedição General Bellarmino Mendonça cumpriu sua missão e comemoramos, à nossa maneira, na Foz do Juruá, a conclusão desta difícil jornada. Chegamos a Tamaniquá, às 18h30, exaustos. O Mário já tinha feito os contatos necessários e fomos alojados na escolinha com acesso à cozinha e ao banheiro. Os 870 km que nos separavam de Manaus seriam percorridos com muita tranquilidade, um passeio por águas conhecidas.

✧Total Parcial: Juruá – Foz no Solimões = 219,0 km

✧Total Geral: Foz do Breu – Foz no Solimões = 2.957,5km

18 e 19.02.2013 – Tamaniquá – RDS Mamirauá

Graças ao Coordenador de Operações do Instituto Mamirauá, Sr. Armando Athos Rebelo de Medeiros Filho, conseguimos autorização para pernoitar nos confortáveis Flutuantes Novo Horizonte e Cauaçu. Nosso caro amigo Josivaldo Ferreira Modesto, mais conhecido como César Modesto é agora Coordenador do Núcleo de Inovações Tecnológicas Sustentáveis. O César havia nos apoiado incondicionalmente por ocasião de nossa Descida pelo Solimões.

20.02.2013 – Flutuante Cauaçu – Tefé

O General PAULO SÉRGIO Nogueira de Oliveira, Comandante da 16° Brigada de Infantaria de Selva, Tefé, AM, montou um aparato fantástico para nossa chegada em Tefé. Pela primeira vez desde que iniciei minhas descidas pelos amazônicos caudais, tive uma recepção desta magnitude. Fomos acompanhados, desde a Boca do Lago de Tefé no Solimões até o porto de Tefé, por uma escolta fluvial e, na chegada, além dos sons marciais proporcionados pela excelente Banda

de Música da 16ª Bda Inf Sl e dos fogos de artifício, fomos recepcionados pelo Chefe do EM Coronel Dougmar Nascimento das MERCÊS, TCel Marcelo ROJO, Comandante da 16ª Base Logística de Selva e diversos oficiais do alto comando da 16ª Bda. Chorei de pura emoção!

O E/5 da Bda, Capitão Diógenes PINHEIRO Pimentel, havia agendado diversas entrevistas na Cidade e, além delas, à noite, fui entrevistado, às 21 horas, via celular pelos nossos fiéis amigos da AmazonSat que nos acompanham a par e passo desde o início de nossa jornada no Acre.

O caro Ir:. Carlos Athanásio também havia agendado uma entrevista na Rádio Luz e Alegria de Frederico Westphalen (FW), RS, para as 19h00 (hora do Amazonas). Nessa entrevista, lembrei que, desde que iniciei, há 13 anos uma série de palestras sobre a Amazônia Brasileira, hoje ultrapassam a 400, esta foi a terceira vez que não consegui segurar a emoção e as lágrimas escorreram sobre a face enrugada deste velho guerreiro.

A primeira foi em FW, RS, quando o Ir:. Carlos convidou-me a realizar uma palestra para estudantes do ensino fundamental do Colégio Nossa Senhora da Auxiliadora. Ao final do evento, as crianças vieram me abraçar, beijar e pedir autógrafos, chorei e, ao olhar para meus irmãos maçons, que me acompanhavam, Carlos, Deoclécio e Teixeira, vi que eles também não tinham conseguido conter as lágrimas. Quando me perguntam por que não cobro pelas palestras, eu digo que este é o meu pagamento – a emoção de ter transmitido algo que tenha, de alguma forma, repercutido no coração e nas mentes das criaturas.

A segunda foi a recepção, em Santarém, na minha descida pelo Amazonas. Meu ex-Cadete e na época Comandante do 8° Batalhão de Engenharia de Construção acompanhou-nos na chegada com a Balsa Rondon. Na Rondon, além dos repórteres das diversas emissoras e jornalistas, estavam a bordo os militares do Batalhão e seus familiares. Depois da recepção pela imprensa de Santarém no Porto Hidroviário, fomos homenageados pelo Comandante e seus oficiais no Clube Militar, onde recebemos uma série de brindes.

Adeus, Irmão Juruá

Concluindo agora minha saga pelo Rio mais sinuoso do mundo, só tenho a agradecer a todos que, de uma maneira ou outra, colaboraram para que atingíssemos nosso objetivo.

Tivemos, desde o início, o apoio fundamental do Exército Brasileiro através da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, sediada em Tefé, AM, e seu 61° Batalhão de Infantaria de Selva, Cruzeiro do Sul, AC; do 2° Grupamento de Engenharia, Manaus, AM, representado pelo 5° Batalhão de Engenharia de Construção; Porto Velho, RO, 7° Batalhão de Engenharia de Construção; Rio Branco, AC e 8° Batalhão de Engenharia de Construção, Santarém, PA.

No Acre e no Amazonas, fomos apoiados pelas Polícias Militares desses Estados. Gostaríamos de agradecer particularmente ao Capitão PM Moura e Sgt PM Antônio que nos apoiaram em Cruzeiro do Sul, AC, e Porto Valter, AC, ao Tenente PM Rodney, em Ipixúna, AM, Tenente PM Ricardo em Eirunepé, AM, Sargento PM Barbosa em Itamarati, AM, Tenente PM Alain em Carauari, AM, e Tenente PM Jesus no Juruá, AM.

Além destas Instituições, fomos assistidos pelos irmãos maçons de Eirunepé, AM, e Carauari, AM, liderados pelos veneráveis Ir:. Francisco Djanir e Santiago, respectivamente, pelo Sr. Armando Athos Rebelo de Medeiros Filho do Instituto Mamirauá de Tefé, AM, e pelo empresário Abraão Cândido em Ipixúna, AM.

Universo Campeiro
(Adair de Freitas)

Nestas noites em que a Lua se esconde
A espiar sorrateira no oitão dos galpões
Eu me paro a bombear as coxilhas
Bagual Universo aos meus olhos de peão. [...]

Em momentos assim como esse
A alma campeira de amor se desdobra
Se eu não tenho o que têm os do povo
O que eles não têm eu tenho de sobra. [...]

Quando abraço a guitarra morena
Disparam da alma tropilhas de versos
E me vou mundo a fora cantando
Atravesso sonhando os beirais do universo.

Não preciso de naves estranhas
Que cruzam os mundos gerando conflitos
Eu viajo nas asas do canto
Por todos os cantos dos meus infinitos.

Quando chega o final de semana
Apesar do cansaço de tão dura lida
Me acomodo e faceiro estradeio
Pra o rancho costeiro da prenda querida.

Há na luz de seus olhos matreiros
Promessas infindas de amor tão profundo
Que na volta cantando solito
Até me parece ser dono do mundo.

Imagem 37 – Missão Cumprida! Foz do Juruá, Juruá, AM

Imagem 38 – Flutuante Cauaçu, Rio Solimões, AM

Imagem 39 – Recepção 16ª Bda Inf Sl, Tefé, AM

Imagem 40 – Zona Rural de Tefé, Tefé, AM

Estada Memorável em Tefé, AM

Amigos de Tefé

O reconhecimento e o carinho que foi dispensado à Expedição na bela Cidade de Tefé ficará gravado indelevelmente em nossas memórias. Desde minha chegada até a partida, os militares da 16ª Brigada de Infantaria de Selva, comandada pelo ilustre General Paulo Sérgio Nogueira de Oliveira, foram de uma atenção e fidalguia inigualáveis.

O sorriso franco do Cel Mercês, do TCel Rojo, do Maj Bergamaschi e do Cap Pinheiro, ao nos receberem às margens do Lago Tefé, já prenunciavam isso. Meu velho honorável pai já dizia "*que o diabo não é sábio porque é diabo, mas porque é muito, muito velho*". Os mesmos anos que encanecem nossos cabelos, enfraquecem nossos músculos e memória, aprimoram nossa capacidade de conhecer a alma das pessoas através dos mais simples sinais. E naquele memorável dia 20.02.2013, que jamais me sairá da lembrança, eu senti em cada sorriso, em cada gesto uma honesta e espontânea demonstração de reconhecimento pelo que fizéramos.

Como seria bom que todos os irmãos brasileiros e, em especial, da Força Terrestre reconhecessem que não é o indivíduo que conta, mas sim o que ele representa. Não é o Cel Hiram, o Cb Mário ou o Sd Marçal que cumpriram abnegada e espartanamente a missão de reconhecer o Juruá, mas sim três militares da Força Terrestre que realizaram um feito inédito que deveria ser reconhecido e comemorado por todos os patriotas que envergam a mesma farda e deveriam cultuar os mesmos ideais.

Fiquei extremamente feliz quando os três expedicionários, sem exceção, foram convidados pelo General Paulo Sérgio para jantar no melhor restaurante da Cidade. Tenho certeza que o Cb Mário e o Sd Marçal jamais esquecerão desse evento em que tiveram a honra de sentarem-se à mesa com um Oficial General e a grata oportunidade de contar suas experiências aos oficiais ali presentes.

Mídia

Além da presença ostensiva da mídia na nossa chegada, o E/5 da Brigada, Cap Diógenes Pinheiro Pimentel, havia agendado uma entrevista com o locutor Marcílio Beltrão, da Rádio Alternativa FM, com o entrevistador José Meireles da Rádio Educação Rural e com o diretor e repórter de "*O Solimões*", Rainfran Brandão Araújo.

Nossos fiéis amigos da AmazonSat, que nos entrevistaram em todas as cidades pelas quais passamos, desde o Acre, novamente nos brindaram com sua atenção. Esperamos que na nossa chegada às 15h00 do dia 10 de março, no Centro de Embarcações do Comando Militar da Amazônia, as equipes de reportagens da Cidade de Manaus estejam presentes.

Tefé, AM – Coari, AM

Adeus Caros Amigos de Tefé

Em Tefé, tivemos a oportunidade de eliminar algumas contraturas musculares que nos afligiam, graças às mãos hábeis do Sargento Miro, da sessão de saúde da 16ª Brigada. Por estas amazônicas coincidências, o Miro é filho do Professor e Historiador Humberto Ferreira Lisboa, autor do livro "*Fonte Boa – chão de heróis e fanáticos*", a quem tivemos a oportunidade de entrevistar, às dez horas do dia 21.12.2008, em Fonte Boa, AM, na nossa descida pelo Rio Solimões. O Mestre Lisboa, nascido e criado em Fonte Boa, é Professor de História e um estudioso de sua Cidade.

Acordamos às 04h40. Nossa próxima jornada de mais de 100 km determinava que partíssemos antes dos primeiros raios do astro rei.

Quando a viatura, dirigida pelo Cabo Viana, passou, às 05h00, na frente da residência do TCel Marcelo Rojo, Comandante da 16ª Base Logística de Selva, este já estava a postos para nos acompanhar até o porto da 16ª Ba Log.

Levamos as embarcações até a água e iniciamos os preparativos para a nova jornada. Estávamos envolvidos nessa rotina quando chegou o Chefe do EM da 16ª Bda Inf Sl, Coronel Dougmar Nascimento das Mercês. Despedimo-nos dos caros amigos e da Guarnição que estava de serviço guardando nas nossas lembranças a amabilidade e a nobreza dos caros irmãos de farda de Tefé.

Foco na Missão

Partimos alegres não apenas por termos cumprido com total dedicação e estoicismo a Expedição pelo Rio Juruá, mas, sobretudo, por este fato ser devidamente reconhecido e aplaudido por todos os membros da 16ª Bda Inf Sl, a guardiã oficial da Bacia do Juruá. Eu me sentia muito mais leve com a temporária sensação de dever cumprido. Temporária, na verdade, pois as informações e dados coletados iam merecer ainda meses de trabalho antes de serem apresentados ao Gen Ex Villas Bôas, Cmt CMA, e ao Gen Div Fraxe, Diretor Geral do DNIT.

Desde o início da Expedição General Bellarmino Mendonça, eu tinha assumido o compromisso de concluir, a qualquer preço, minha missão. Nunca em minha vida deixei de levar a bom termo qualquer missão engendrada por meus superiores hierárquicos e não ia ser agora, do alto de meus 62 anos de vida, dos quais mais de quatro décadas, na ativa ou na reserva, dedicadas ao meu exército e à minha Pátria, que eu iria fracassar ou, pior ainda, desistir.

Tínhamos chegado a remar até 13 horas em um único dia, suportado tempestades inclementes, banzeiros impetuosos, Sol causticante, assédio de insetos, dores musculares lancinantes, mas, em compensação fomos sempre recompensados pela hospitalidade ribeirinha, pelo apoio das autoridades e empresários, pela oportunidade de fazer parte de uma pequena equipe de guerreiros formidáveis que encararam cada desafio com um sorriso nos lábios, gratos pelo ensejo de poder testar seus limites e, sobretudo, de chegar a cada meta diária com a agradável sensação de dever cumprido.

26.02.2013 – Partida para Comunidade Iracema

Olha esta água, que é negra como tinta.
Posta nas mãos, é alva que faz gosto;
Dá por visto o nanquim com que se pinta,
Nos olhos, a paisagem de um desgosto.
(Quintino Cunha)

Guiando-nos pelas luzes da Cidade e da Lua, rumamos lentamente, no início, para aquecer os músculos. Despedimo-nos das "*águas negras*" do Lago Tefé e adentramos no leitoso e barrento Solimões.

Uma hora mais tarde, os primeiros raios do dorminhoco Sol estendiam preguiçosamente seus raios matizando com maestria o horizonte à nossa proa. A área já era minha conhecida, apesar das mudanças aqui e ali provocadas pela feroz torrente do tumultuário Rio. Passamos, por volta das 09h30, ao largo de Caiambé onde eu aportara, no dia 03.01.2009, e contatara a senhora Valdécia dos Santos Silva, mais conhecida como Beti, secretária da Escola Estadual Amélia Lima, que nos alojou na sala de aula número 01, e franqueou-nos, na época, o acesso às instalações sanitárias e cozinha da escola.

Mais tarde, por volta das 12h00, acostei em Jutica onde, em 04.01.2009, eu conhecera o escritor e latifundiário, Patrão daquelas terras, Jones Cunha, que havia nos oferecido um café com sucos, tapioca e pupunha, além de me presentear com seu livro "*Jutica, o Brilho da Terra*".

Um morador informou-nos que o Jones estava em Manaus e que tomássemos muito cuidado no percurso até Coari, não especificando a razão de sua recomendação.

Pelas 15h00, passamos pela Comunidade Santa Sofia, onde eu havia parado, em janeiro de 2009, no flutuante do Sr. Plínio, mais conhecido como Bom Fim, um filho de paraibanos que migrou com sua família do Juruá por pressão de seringalistas. Aposentado, com os filhos criados e morando em Manaus, resolveu procurar sossego no pequeno vilarejo às margens do Lago Catuá, junto com sua amável esposa Dona Conceição que era, na época, a Presidente da Comunidade de Santa Sofia. A Sr.ª Rita, irmã da Dona Conceição, informou que ambos estavam em Coari fazendo compras e que só retornariam depois das 17h00.

Aproamos, então, para Iracema e depois de remarmos 107 km, durante onze horas entre paradas e remadas (9,7 km/h), chegamos à Comunidade onde fomos acolhidos gentilmente na residência da Sr.ª Nilzete Ferreira Lopes. Enquanto o Mário montava nosso acantonamento na grande sala da residência, o Marçal preparava a enorme dourada ([136]) comprada pelo Mário. O nosso cozinheiro conseguiu na Comunidade os condimentos necessários e proporcionou um belo jantar que foi compartilhado por nossa anfitriã e seus dois filhos Élson e Bruno. O capricho e a limpeza da residência e do seu entorno são de causar inveja aos mais exigentes. As panelas e demais utensílios de cozinha estavam imaculadamente limpos, a casa pintada, com cores vivas, possuía instalações amplas e extremamente asseadas. Pedi ao Mário que tirasse algumas fotografias da escolinha localizada no alto do barranco e cujo acesso, segundo informações que eu colhera em 2009 e confirmaria agora, se dava por intermédio de 162 degraus de madeira.

---

[136] Dourada: Brachyplathystoma flavicans.

O Mário aproveitou a subida até o topo do morro, de onde fez algumas belas tomadas, e contou 102 degraus. Curiosamente a bela povoação é conhecida como a Comunidade dos 162 degraus.

27.02.2013 – Partida para Coari

Samaumeira
(*Almino Álvares Affonso*)

Samaumeira! Liana e flores, em festa,
Descem da copa imensa que a amplidão fareja...
E o Sol, em sangue e ouro, portentoso beija
A soberana - graça e força - da floresta.

Mas quando, em transe, o vento sopra as tempestades,
E lhe fere, zimbrando, a colossal umbela,
Luta, esbraveja, cai... grandiosamente bela,
Porém jamais se curva como os vis covardes! ...

Partimos, por volta das 05h20, para uma jornada de 122 km, fazendo votos para que o tempo colaborasse pois, do contrário, seria difícil atingir nosso objetivo antes do pôr do Sol. Estava muito escuro e somente depois de mais de 90 min de remo é que começaram a despontar, na nossa proa, os primeiros e dolentes raios solares. O amanhecer era magnífico e as raras e diáfanas nuvens, que adornavam o firmamento, prenunciavam um tórrido dia. Procuramos navegar bem afastados das margens, o Mário deixara o motor de popa de 40 Hp em condições de ser utilizado imediatamente, tendo em vista a notícia de piratas que estariam agindo indiscriminadamente abordando e assaltando navegantes por estas bandas. Só nos faltava mais essa; por ironia do destino, no Baixo Juruá, os ribeirinhos nos tomaram por traficantes ou bandoleiros e agora, no Solimões, nós é que poderíamos ser vítimas deles.

Felizmente nada aconteceu e vencemos os 90 km sem grandes surpresas ou cansaço. Parece, porém, que São Pedro, mais uma vez queria nos colocar em cheque. A 32 km de Coari, um vendaval seguido de chuva torrencial, obrigou-nos a procurar abrigo em uma Ilha a Boreste. Como sempre, depois da ventania que precede as amazônicas tempestades, desta feita com ventos de mais de 50 km/h seguidos de rajadas que beiravam os 70 km/h, e da chuva torrencial, que durou uns vinte minutos, sobrevieram banzeiros com ondas de mais de metro que vinham de todos os quadrantes, chacoalhando as embarcações ao seu bel prazer. Mais uma vez o fleumático "*Cabo Horn*", fabricado pela Opium Fiberglass, de meu caro amigo Fábio Paiva, cortava a água como se estivesse navegando em águas serenas fazendo pouco do tumultuário e nervoso movimento aquático que o cercava e golpeava freneticamente seu casco. Mais uma vez rendo homenagens a esta magnífica embarcação que já enfrentou mais de 9.000 km na Amazônia e que jamais deixou de corresponder às minhas expectativas enfrentando ventos e banzeiros consideráveis com uma estabilidade invejável.

Os recreios (embarcações de passageiros) tinham buscado refúgio em pequenas enseadas nas margens tal a ferocidade da tormenta. Continuamos nossa navegação e, ao contornarmos uma grande "*angustura*" a montante de Coari, avistamos a Cidade a uns vinte quilômetros de distância. O Mário contatou, por telefone, nossa equipe gaúcha para tranquilizá-los e o Major PM Norte que nos garantiria apoio em Coari. Logo que chegamos às escadarias próximas ao Porto naufragado de Coari, que foi ao fundo três meses depois de uma reforma mal feita, avistamos a tropa do Maj PM Norte nos aguardando.

Seguindo orientação dos Policiais Militares, deixamos a nossa lancha aportada junto a um flutuante denominado Mercadinho do Paulão, de propriedade do Sr. Paulo Lopes de Oliveira, e guardamos nossas bagagens e combustível em local seguro no mesmo flutuante. Os caiaques foram acomodados em outra embarcação, também de propriedade do Paulão, chamada Kaillon de Paula. Graças a gestões do Cmt Norte junto à Prefeitura de Coari, ficamos muito bem acomodados no Hotel LH.

A Semente

(Anísio Mello)

De pau e pedra cresce a montanha
Que se espreguiça no âmago telúrico
E forma em monumentos
Os mamilos da terra
De onde jorra o maná por entre as pedras
E o cascalho reluz em micas e cristais.

São brilhantes de garimpo azul
Que se escondem no negro e fundo,
Onde não há luz de todo este princípio,
Onde nasceu o primeiro pensamento e o raciocínio.

De pau e pedra cresce a montanha
Com o resto que sobrou
De gerações soterradas pelo ódio,
Pela guerra, pela morte, enfim.

São restos de galeras e de arcas,
Múmias do acaso incensadas pelo tempo,
Bálsamo da salvação
E de todos os milagres,
Do meu, do teu, do nosso, pois pensamos,
E sabemos que um dia não sabemos
Que montanhas hão de ser, o eu que sou,
E nós, que perdemos na luta inglória
De crer, de construir e de amar.

Cromo
(Maranhão Sobrinho)

Desce a tarde. Faísca o Sol distante,
Tingindo o céu de púrpura sagrada
E, dos montes, dourando, instante a instante,
A sinuosa e oblonga ([137]) cumeada ([138])...

Do Mar a face de ouro e azul plissada ([139])
Faísca opalas vivas, coruscante ([140])
Como um pedaço imenso da alvorada
Entre as glórias e as pompas do levante!

De vez em quando, sobre a face imota ([141])
Do Mar, toda a fulgir de pedraria,
Roça a asa de luz de uma gaivota...

E vão chegando, aos últimos fulgores
Do Sol que vai dourando as penedias,
Longe, os barcos gentis dos pescadores...

---

[137] Oblonga: de forma alongada.
[138] Cumeada: espigão da serra.
[139] Plissada: pregueada.
[140] Coruscante: brilhante, cintilante, reluzente.
[141] Imota: imóvel, parada, queda, quieta.

Coari, AM – Codajás, AM

Solicitamos o apoio de uma viatura da Polícia Militar para nos levar do Hotel LH até o Flutuante Mercadinho Paulão, de propriedade do Sr. Paulo Lopes de Oliveira.

Estávamos desembarcando as tralhas e o Sr. Paulo veio, pessoalmente, abrir o depósito onde deixaramos o motor rabeta e outros materiais.

03.03.2013 – Partida para Codajás

Partimos, eu e o Marçal, às 04h45, deixando o Mário para trás arrumando os badulaques na lancha Mirandinha. Iríamos enfrentar o maior percurso desde a Foz do Breu (141 km) e precisávamos iniciar cedo nosso deslocamento. Remamos lentamente afundando nossos remos nas negras águas do Lago Coari e fomos aos poucos aumentando o ritmo e deixando para trás as luzes da Cidade.

Quando desci o Solimões, de Tabatinga a Manaus, em janeiro de 2009, fui muito bem recebido pelo Major PM Denildo e os Secretários do Prefeito de Coari, recém-eleito. Acompanhado por eles, conheci a Cidade do Gás e informado dos diversos projetos que seriam levados avante pela nova administração. É com tristeza que verifico que muito pouco foi feito, definitivamente a Cidade estava muito menos atraente do que há 4 anos.

O Sol só apareceu quando nos encontrávamos próximos à Boca do Lago Mamiá, as águas rápidas do Solimões facilitavam o deslocamento e estávamos confiantes em atingir Codajás antes das 17h00.

Quando passamos ao largo da Comunidade São Francisco do Camarazinho, fizemos a primeira parada, às 09h00, acostando na Mirandinha, no meio do Rio para abastecer os cantis e comer bananas. Havíamos remado 51 km até então, faltavam só 90. Pedi ao Mário para fotografar a Escolinha onde eu pernoitara, no dia 11.01.2009, a decadente Escolinha de então tinha sido reformada, pintada e ganhara novo telhado.

Depois do breve descanso, continuamos nossa jornada. Até então o dia nublado bloqueara os raios solares propiciando uma manhã bastante agradável. Parecia que São Pedro estava disposto a colaborar com nossa progressão.

Remamos por mais uma hora e começamos a prestar a atenção nas plúmbeas nuvens que se formavam à nossa proa. Exatamente às 11h00, a tempestade chegou, mas como estávamos acompanhando sua evolução, já há algum tempo, estávamos próximos à margem e acostamos em uma pequena baía na margem esquerda, aguardando as rajadas mais fortes passarem. Aguardamos apenas uns 10 minutos antes continuar, os ventos de proa e a chuva eram agora mais fracos e só tínhamos que nos preocupar com os banzeiros. Curiosamente eu enfrentara a pior tempestade de minha descida pelo Solimões, em janeiro de 2009, exatamente nesta mesma região:

> Estávamos a meio caminho quando o tempo fechou, trazendo consigo chuva forte e ondas de 60 cm. Determinei ao Romeu que mantivesse contato visual, não cheguei a colocar a saia, pois conseguia evitar que a água entrasse no caiaque jogando o corpo para trás, evitando que a embarcação afundasse muito a proa.

> As ondas eram bem menores do que aquelas que normalmente enfrentara no Guaíba e Laguna dos Patos. (Hiram Reis e Silva – Descendo o Solimões)

Aqui, também, perdera minha bússola sueca "*Silva*" que me acompanhara desde os tempos de Aspirante há mais de três décadas. Ela mergulhou celeremente nas águas lamacentas do velho Rio e as notas do "*Dies Irae*" soaram nos meus ouvidos numa justa homenagem à velha amiga:

> A velha bússola participara, ombro a ombro, de diversas competições, pistas de orientação, manobras, montagem de exercícios, marchas, uma série infindável de momentos, sempre apontando o rumo correto. As imagens de competições de Pelopes, as montagens de pistas de orientação em que ela era minha parceira inseparável e as pistas que juntos executamos, tudo isso veio, na época, à minha mente junto com o som do Réquiem imaginário.
>
> O "*Réquiem Dies Irae*", de Wolfgang Amadeus Mozart, está envolto por um manto de mistério, romantismo e fantasia. A obra foi encomendada pelo Conde Walsegg-Stuppach, em memória de sua esposa, e Mozart, atarefado e doente, foi compondo o "*Réquiem*" quando podia, dando mais importância a outras obras. A esposa estava preocupada com a mudança no seu comportamento.
>
> Um dia, quando passeava com o marido com intuito de animá-lo, Mozart disse que estava escrevendo o "*Réquiem*" para si próprio afirmando: "*eu não consigo tirar da minha cabeça a imagem desse estranho. Vejo-o constantemente a me perguntar, solicitando-me e implorando-me impacientemente que complete a tarefa, é o meu 'Réquiem', não o posso deixar inacabado*".

> Infelizmente a morte interrompeu o mais belo "*Réquiem*" produzido até hoje pelo maior de todos compositores clássicos. Mozart faleceu no dia 05.12.1791 e, finalmente, o "*Réquiem*" foi concluído pelo seu discípulo Franz Xaver Sussmayr. (Hiram Reis e Silva – Descendo o Solimões)

Enfrentamos banzeiros, com ondas de até um metro, durante boa parte do tempo até nos aproximarmos de Codajás. A vantagem é que o Rio agora bem mais estreito aumentava a velocidade das águas permitindo-nos atingir até 17 km/h.

Aportamos nas proximidades do Porto de Codajás, às 15h05 – 141 km em 10h20. O Cb Mário, que, a meu pedido, chegara meia hora antes, já acordara com o "*Pisca*" um flutuante para guardar as embarcações, o material e contatara nossos caros parceiros da Polícia Militar do Estado do Amazonas.

Hospitalidade da Polícia Militar

Fomos cortesmente recepcionados pelos Cabos PM Francisco Valmir de Souza Pereira e Gilmar Simplício Nazário. Por mais uma destas amazônicas coincidências, tínhamos encontrado o Cb PM Simplício, na nossa descida pelo Solimões na Cidade de São Paulo de Olivença, AM. A dupla nos levou até o hotel onde pernoitaríamos e, logo depois, o Cabo PM Valmir nos obsequiou com um lauto almoço em sua residência.

Os gaúchos se ufanam, e com razão, de serem corteses e hospitaleiros, mas devemos nos lembrar que estas qualidades desconhecem fronteiras. Volta e meia, nas nossas amazônicas andanças, somos brindados com estas tão caras qualidades que não respeitam fronteira, crença ou cor.

Plagiando Caetano Braun, o augusto Poeta do meu abençoado rincão – a hospitalidade é um laço bem grosso e de armada grande que Deus trançou, pra que ande, apresilhado nos tentos do coração das "*criaturas livres e de bons costumes*" de todas as querências!

Hospitalidade
(Jayme Caetano Braun)

No linguajar barbaresco ([142])
E xucro ([143]) da minha gente
Teu sentido é diferente,
Substantivo bendito,
Pois desde o primeiro grito
De "o de casa" dado aqui,
O Rio Grande fez de ti
O mais sacrossanto rito!

Não há rancho miserável
Da nossa terra querida,
Onde não sejas cumprida
No mais campeiro rigor,
Porque Deus Nosso Senhor
Quando te botou carona,
Já te largou redomona ([144])
Sem baldas de crença ou cor! [...]

Tenho pra mim que és crioula ([145])
Do velho pago infinito
Onde até o índio proscrito
Egresso da sociedade
Na xucra fraternidade
Dos deserdados da sorte
Não respeita nem a Morte,
Mas cumpre a Hospitalidade! [...]

---

[142] Barbaresco: linguajar típico.
[143] Xucro: rude, indomado.
[144] Redomona: que ainda está sendo domada.
[145] Crioula: regional.

O Uirapuru

(J. Ferreira Sobrinho)

No Acre. Pleno verão. Deslumbrante arrebol ([146])
Inundava de luz a majestosa mata,
Quando, a viajar, ouvi, do maestro de escol ([147]),
A voz, que nos fascina, entusiasma e arrebata.

No alto de um buriti, bebendo a luz do Sol,
Ele o canto habitual, primoroso, desata...
Rodeiam-no, da selva em multicromo rol,
Boêmios e menestréis, voejando, espata ([148]) a espata.

Em coro... E mais e mais se inflama a rude avena ([149]),
Afeita a preludiar, por invernos e estios...
Tão soberba magia a ave ao concerto empresta,
Que se tem a impressão de que, assim, tão pequena,
Tem, no peito, o rumor de cascatas e Rios
E a harmonia pagã de suntuosa floresta.

---

[146] Arrebol: aurora.
[147] Escol: o que há de melhor, de mais distinto.
[148] Espata: espada curta usada pelos gauleses e germanos.
[149] Avena: antiga flauta pastoril.

Codajás, AM – Anamã, AM

Ao passar pela Boca do Purus, minha memória, madrugando no passado, recolheu, no arquivo ancestral, a imagem de dois ícones de nossa história, em outubro de 1905, navegando no vapor Rio Branco, singrando este mesmo Rio tendo como destino Manaus. José Plácido de Castro Comandante vitorioso do Movimento Revolucionário Acreano que resultou na incorporação das terras "ditas" bolivianas ao Brasil e Euclides da Cunha que chefiara a "Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus", cuja missão era mapear o Rio Purus desde a Foz, no Solimões, até suas cabeceiras, definindo as fronteiras do país com a Bolívia e o Peru. (Hiram Reis – Descendo o Solimões)

Novamente os cordiais Policiais Militares nos apoiaram na hora da partida. Quando chegamos ao flutuante do "*Pisca*", ele já estava a postos para que pudéssemos carregar, na lancha "*Mirandinha*", o material que ficara sob seus cuidados. Eu visitara Codajás, AM, pela primeira vez em 2009 e ao deixá-la para trás constatei consternado o retrocesso de uma Cidade que regrediu consideravelmente em todos os aspectos, apresentando uma triste realidade que parece ser a tônica das cidades do Rio Solimões pelas quais passamos diferentemente do que observamos no Juruá.

05.03.2013 – Partida para Anamã

O Mário ficou arrumando as tralhas na lancha e eu e o Marçal iniciamos nossa jornada. A noite emprestava à paisagem um toque de magia e mistério, eu me orientava pela claridade da Cidade que ainda dormitava preguiçosamente e pelas luzes das embarcações que desciam placidamente o formidável manancial.

Os primeiros raios solares só surgiram no horizonte matizando as diáfanas nuvens depois de termos remado hora e meia. Ao raiar do dia, cruzamos por uma embarcação da Marinha do Brasil, a P20, que realizava manobras na área. O dia transcorreu sem grandes alterações, o calor era insuportável e foi necessário reabastecer nossos cantis por três vezes.

O Lendário Rio Purus

Avistamos a Boca do Purus e, antes de entrarmos em um Furo que conduzia à Cidade de Anamã, solicitei ao Mário que fizesse algumas tomadas da Boca do lendário Rio Purus. Como em 2009, cruzamos, novamente, pelas enormes alfaces d'água (Pistia stratiotes) de mais de 50 cm de diâmetro do Purus.

Pela Foz do Purus haviam passado alguns desbravadores em busca do conhecimento e da fortuna, muitos em busca da simples sobrevivência, idealistas buscando estender nossas fronteiras pela força do direito, e guerreiros tentando fazê-lo pelo direito da força.

O Purus não é apenas um Rio, mas um protagonista que, junto com homens de grande valor, gravou páginas de glória na história da nossa nação.

Homens que enfrentaram o desconhecido, que subjugaram a mata, que a analisaram, estudaram, mas também homens que tiveram suas vidas arrebatadas pela força da natureza e cujos destinos foram manipulados inexoravelmente pelas titânicas energias telúricas. O Purus merece nosso respeito pelo que foi, pelo que é e pelas contraditórias passagens levadas a efeito na sua calha.

Um Rio patriota que guarda nas suas águas as imagens imaculadas de um Plácido de Castro e de um Euclides da Cunha. Um Rio de ambição e sem consciência, que reflete as carrancas dos ambiciosos seringalistas que escravizaram os seringueiros nordestinos e suas famílias. O Purus pré-histórico é tudo isso e muito mais. Nas suas calhas, foram descobertos os restos de gigantescos animais, como o "*Purusaurus brasiliensis*" de 15 a 20 metros de comprimento que dominava as águas do Lago Pebas. O Purusaurus viveu de 5 a 6 milhões de anos atrás e provavelmente foi o maior dos crocodilianos gigantes extintos. Nosso preito de respeito a esta artéria viva da nacionalidade brasileira que reflete, nas suas águas, a pujança de uma raça do porvir, alicerçada no invulgar passado, mas com os corações e mentes voltados para o futuro.

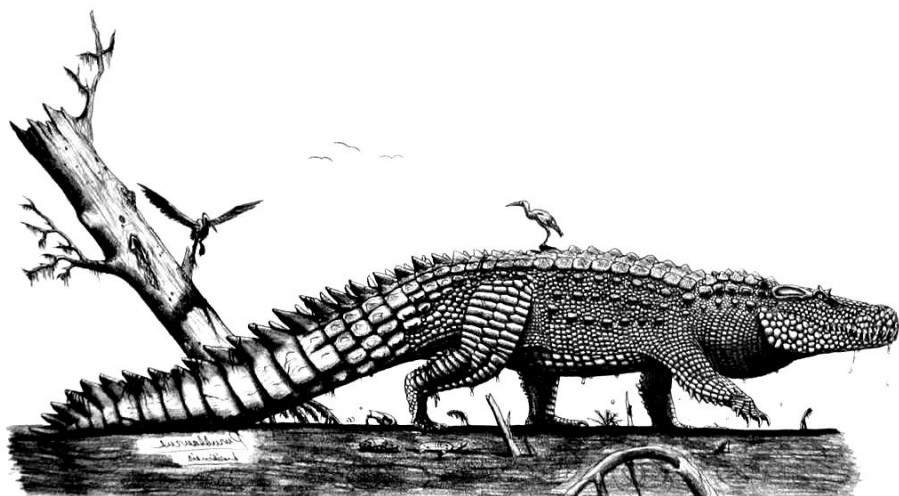
Anamã

O Furo, indicado ao Mário por um ribeirinho, diminuía consideravelmente a distância até Anamã e por ele enveredamos. As águas do Solimões penetravam velozmente pelo Furo e, chegando ao Lago, já tinham empurrado as águas negras mais para o interior, tingindo-o totalmente com suas águas leitosas. Depois de remar uns dez minutos, avistamos a Cidade das originais e multicoloridas casas de madeira, ao fundo, e picamos a voga para atingi-la. Remamos direto para o Porto de Anamã que, por sinal, encontra-se em péssimo estado de conservação.

Guardamos nossos materiais em um flutuante da Prefeitura, sob custódia do "*Vovô*" e contatamos o Cabo PM Evandro Carreira, que nos levou até o Hotel e, às 19h00, até o restaurante do "*Soldado*" que a Prefeitura havia-nos igualmente franqueado.

Anamã e a Enchente de 2012

A maior enchente em mais de cem anos castigou uma das mais belas cidades do Estado do Amazonas. A alagação colocou o Município de Anamã em situação de emergência já que 100 % das ruas da Cidade estavam debaixo d'água e mais de 800 casas tinham sido inundadas, sendo que mais da metade delas precisou utilizar do recurso do assoalho levantado.

A maioria das casas de Anamã é de madeira e sua arquitetura requintada, riqueza de detalhes e pinturas vivas chamam a atenção de quem a visita. Os marceneiros locais são muito hábeis e os acabamentos originais raramente repetidos. As marcas das águas nas paredes das residências não deixam dúvidas do estado de calamidade que assolou a pequena Anamã. Verificamos muitas obras sendo executadas e esperamos que o pico da cheia que se avizinha não venha a causar mais transtorno aos seus moradores.

Anamã, AM – Manacapuru, AM

Em Manacapuru costumam dizer que:
"Quem bebe a água do Meriti nunca mais sai daqui"

07.03.2013 – Partida para Manacapuru

Acordamos mais tarde, às 05h00, o Braço do Lago Anamã que permite acessar o Rio Solimões precisava ser abordado com um mínimo de luz para podermos enxergar as curvas e optar por remar pela parte interna das mesmas evitando a correnteza forte que iríamos encontrar por aproximadamente 4,5 km.

Não solicitamos apoio motorizado da PM tendo em vista que a distância do hotel até nossas embarcações era relativamente curta. Às 05h40min, partimos enfrentando uma considerável correnteza contra, mantendo uma média de apenas 4,0 km/h, levamos quase uma hora para atingir o Solimões.

A chuva intermitente da tarde anterior intensificou-se durante a madrugada e nos acompanhou durante todo o trajeto. Avistamos uma grande Ilha defronte a Manacapuru por volta das 11h00, antigamente conhecida pelo nome de Ilha de Manacapuru, que foi engolida e levada pelas águas na década de 60.

Vinte anos depois, o Rio iniciou sua reconstrução com banco de areia e, mais tarde, com uma grande praia, hoje conhecida pelo nome de Ilha de Santo Antônio.

Eu havia locado a Boca do Lago Miriti no meu GPS mas, acostumado com as ações tumultuárias do Solimões, enviei o Mário à minha frente para confirmar com os moradores a localização exata.

Chegamos juntos à Boca do Miriti confirmando a posição exata obtida no Google Earth. Notamos a pujança do Lago depois de remarmos algumas centenas de metros ao observar que as águas se tornavam cada vez mais negras, mostrando que o belo Lago não havia se deixado contaminar pelas barrentas águas do Solimões. Navegamos lentamente admirando essa pérola de Lago que atrai tantos turistas à região. Nosso destino final era o Complexo Turístico Paraíso D'Ângelo.

Manacapuru

Manacapuru é uma palavra de origem indígena derivada das expressões Manacá e Puru. "*Manacá*" ([150]) é uma planta e, em Tupi, quer dizer – Flor e "*Puru*", da mesma origem significa – enfeitado, matizado, logo, Manacapuru = "*Flor Matizada*".

Paraíso D'Ângelo

Dentre as várias opções de ecoturismo, ou locais agradáveis que existem na nossa imensa Amazônia, um, dentre todos, se destaca que é o "*Complexo Turístico Paraíso D'Ângelo*", às margens do Miriti, com uma infraestrutura que inclui hotel, restaurante, cabanas, toboágua, dentre outras. O ponto alto do Complexo e que mais chama a atenção é a serenidade de cada um de seus integrantes a começar pelo amigo D'Ângelo.

---

[150] Manacá-de-cheiro (Brunfelsia hopeana) – é extremamente perfumado e suas flores mudam de cor. Inicialmente elas são azul-arroxeadas e vão, lentamente, com o tempo, clareando até tornarem-se brancas. Durante a floração, que ocorre na primavera e verão, as flores apresentam um colorido de diversos matizes. É um arbusto que pode atingir três metros de altura.

Conversar com o senhor João Saraiva D’Ângelo, que se caracteriza como um “*italiano-cearense-amazonense*” (Itaceam) é um privilégio. Os entalhes do hotel “*Itaceam*”, o bom gosto da decoração do restaurante são realmente encantadores e em cada um destes lugares a marca D’Ângelo está presente. Quando entrei em contato com o amigo D’Ângelo para dizer da nossa intenção de conseguir que a Prefeitura de Manacapuru patrocinasse nosso pernoite e alimentação nas suas instalações, ele se ofendeu dizendo que eu e minha equipe éramos convidados pessoais dele. À noite, em entrevista à AmazonSat, eles me perguntaram onde a minha Expedição se encontrava e eu respondi – no Paraíso – e não estava faltando com a verdade.

Festival das Cirandas

A Ciranda é uma dança em que os participantes, de mãos dadas, imitam o ondulado suave das ondas do Mar. De origem portuguesa, é dançada em rodas e a música e a letra, originalmente lusitanas, foram totalmente abrasileiradas. A Ciranda chegou ao Brasil-Colônia pelas praias pernambucanas e, no final do século XIX, a Ciranda nordestina foi incorporada às manifestações culturais do Amazonas por Antônio Felício, na Cidade de Tefé. No início da década de 80, o senhor José Silvestre do Nascimento e Souza e a professora Perpétuo Socorro, organizaram a primeira Ciranda no Colégio Nossa Senhora de Nazaré, em Manacapuru. Com o passar dos anos, a pequena manifestação local ganhou notoriedade no cenário folclórico regional e nacional e, em decorrência disso, foi criado, em 1997, o Parque do Ingá, destinado exclusivamente à apresentação das Cirandas.

A criação do anfiteatro, com capacidade para vinte mil pessoas, precipitou a idealização de um festival próprio, dirigido unicamente à apresentação das Cirandas. No mesmo ano da criação do Parque do Ingá, foi realizado o "*I Festival de Cirandas de Manacapuru*", contando com as Cirandas Flor Matizada, Tradicional e Guerreiros Mura, quando então foi estabelecida uma data fixa para a realização do mesmo, o último final de semana do mês de agosto, sendo destinada uma noite para a apresentação de cada Ciranda.

Acácia Amarela
(Luiz Gonzaga)

Ela é tão linda é tão bela
Aquela acácia amarela
Que a minha casa tem.
Aquela casa direita
Que é tão justa e perfeita
Onde eu me sinto tão bem.

Sou um feliz operário
Onde aumento de salário
Não tem luta nem discórdia
Ali o mal é submerso
E o Grande Arquiteto do Universo
É harmonia, é concórdia
É harmonia, é concórdia.

Imagem 41 – Rio Solimões, Coari, AM

Imagem 42 – Lago Miriti, Manacapuru, AM

Imagem 43 – Gen Santos Filho e Cel Tavares, Manaus, AM

Imagem 44 – Chegada dos Expedicionários, Manaus, AM

Manacapuru – Iranduba

Há mais pessoas que desistem do que pessoas que fracassam. (Henry Ford)

Estava fotografando e filmando do alto da escadaria que conduz ao toboágua do Paraíso D'Ângelo quando fui surpreendido com o irritante ruído de um jet-ski que cruzava o Lago velozmente. É impressionante notar a omissão e mesmo a conivência das autoridades ligadas ao meio-ambiente em relação a estes rapinantes motorizados.

09.03.2013 – Partida para Iranduba

Como Iranduba ficava a pouco mais de quatro horas de remo desde o Lago Miriti, resolvemos tomar o café no Paraíso D'Ângelo antes de partir, não havia pressa em deixar as confortáveis instalações do Paraíso D'Ângelo.

Aprontamos as embarcações para partir logo após o café e ficamos aguardando o café que foi servido pontualmente às 07h30.

O amigo D'Ângelo e seu secretário foram gentilmente se despedir dos expedicionários. O Mestre João Saraiva D'Ângelo é um destes homens à frente de seu tempo, capaz de planejar e/ou executar os mais diversos projetos das mais diversas áreas simultaneamente.

Partimos, sem pressa, admirando a beleza natural do Lago Miriti, que infelizmente tem sofrido, ao longo dos anos, com as investidas humanas e descaso das autoridades. Depois de quatro horas de remo, aportamos em Iranduba.

Ao lado do Porto construído pelo DNIT, telefonei para meu amigo e irmão General Fraxe para lhe expressar meu apoio. O General Fraxe, agora Diretor Geral do DNIT, não foi promovido a General de Exército, Disse-lhe, então, que o Exército Brasileiro perdia a oportunidade de ter em seus quadros um Oficial General da mais alta estirpe, mas que, em contrapartida, ganhava o Brasil por poder continuar contando com seus serviços ligados à nossa sofrível infraestrutura de transportes.

A Polícia Militar nos alojou no seu aquartelamento e, depois de instalados, fomos almoçar no restaurante "*O Canoeiro*", escolhido não por seu sugestivo nome, mas pela proximidade física do quartel da PM.

Fizemos contato com o senhor José Raimundo, conhecido como "*J. Raí*", que nos entrevistou na Praça principal da Cidade e, mais tarde, nos acompanhou até a farmácia do Levenílson Mendonça da Silva, o "*Lei*" que, na descida do Solimões, nos acompanhara numa visita ao sítio Hatahara onde estavam realizando escavações arqueológicas.

Aportando em Manaus

Partimos de Iranduba, depois das 06h00, e chegamos ao Furo Paracuúba por volta da 09h00. O Paracuúba ([151]) serve de atalho às pequenas embarcações que descem o Rio Solimões, com destino a Manaus, permitindo adentrar ao Rio Negro.

No Negro, paramos em uma pequena praia para fazer a manutenção das embarcações, preparando-as para o lance final e depois aproamos para um dos lances intermediários da bela ponte do Rio Negro. Como chegamos muito antes da hora prevista, estacionamos embaixo de um dos imensos pilares, aguardando o momento adequando para aproar para o porto do Centro de Embarcações do Comando Militar da Amazônia (CECMA). Como as ondas castigavam as embarcações e empurravam-nas perigosamente de encontro aos enormes tubulões de ferro, decidi deixá-las à deriva e aguardar o comando do Coronel Lister para realizar a aproximação. A correnteza do Negro praticamente não existia e fomos sendo empurrados lentamente pelos ventos Rio acima em direção ao nosso destino.

O Coronel Lister comunicou-se conosco pelo telefone celular e acertamos com ele o momento mais apropriado para a abordagem. Depois de os repórteres embarcarem em uma embarcação do Comando Militar da Amazônia (CMA) e uma escolta fluvial vir ao nosso encontro, fomos autorizados a realizar a aproximação. Remamos vigorosamente, pela última vez nesta missão.

---

[151] Paracuúba (Dimorphandra macrostachya): árvore amazônica de ramos grossos e muitas flores. Também é conhecida pelo nome de ataná.

As ondas vinham pela alheta de bombordo e desorientavam a embarcação do Marçal, que não possui leme, prejudicando sua progressão enquanto o Cabo Horn, da Opium Fiberglass, surfava levemente sem tomar conhecimento do banzeiro.

Os repórteres, depois de nos escoltarem embarcados até aportarmos, nos acompanharam até uma confortável instalação do Centro de Embarcações que o Coronel Barros, E/5 do CMA, preparara para as entrevistas.

Foi com muita satisfação que ali encontrei meus ex-Cadetes, o General Antônio Leite dos Santos Filho, atual Comandante do 2° Grupamento de Engenharia e o Coronel Tavares, que foi Chefe do Estado Maior do 2° Grupamento. Lá estavam, também, o Cmt Túlio da PM, representando seus pares que nos deram apoio fundamental no Estado do Amazonas, o meu caro parceiro do CMPA, Tenente-Coronel Pestana, hoje Subcomandante do CECMA e o Paulino, um velho amigo da FUNAI que tive o privilégio de conhecer quando comandei a 1ª Cia Eng Cnst, do 6° BEC, sediada no Abonari, BR-174. O grande destaque da recepção em Manaus foi proporcionado pelos meus fiéis amigos pessoais e pelos repórteres. Senti muito a ausência do autor intelectual de minha missão, o TCel Pastor que, por problemas de saúde, não pode estar presente.

Como a missão se tratava de um reconhecimento de engenharia, executado por um oficial e duas praças da nobre arma de Cabrita, numa Expedição que levava o nome do Engenheiro Militar General Bellarmino Mendonça, nada mais justo que a maior autoridade presente por ocasião de nossa chegada fosse um digno camarada oriundo da arma do castelo lendário.

Agradeço, sensibilizado, a todos aqueles, militares e repórteres que, abrindo mão de suas merecidas horas de lazer, em um domingo ensolarado às margens do majestoso Rio Negro, participaram de nossa vibração pelo cumprimento de uma missão em que as qualidades que mais cultuamos na vida castrense foram postas à prova e materializadas dia a dia, sobejamente, pelos expedicionários.

Foi uma jornada de 83 dias, sendo 46 destes de árdua navegação pelos Rios Juruá e Solimões, uma média de 86 km/dia, enfrentando nestes 3.950 km, as mais duras provas de resistência, intempéries, desconforto, insalubridade, falta de apoio sem que jamais descurássemos de nosso objetivo. Mantivemos sempre, a todo preço, o "*foco na missão*".

10 a 13.03.2013 – Manaus, AM

Além do apoio prestado, em Manaus, mais uma vez, pelos nossos caros amigos Paulino e Beto Moreno tivemos, desta feita, a oportunidade de conhecer um grande parceiro, até então virtual, chamado Walter Rezende. Um contabilista, advogado, compositor e poeta que foi, em 2012, Vice-Campeão da Terceira edição do Festival Amazonas de Música. Walter Rezende escreveu, em 2010, um livro de poemas chamado "*Poesias Livres, de Versos Brancos e de Pés Quebrados*", que foi adaptado para ser inscrito no Festival sob o título "*Amor e Silêncio*".

Fui convidado pelo General Santos Filho para fazer um breve relato da Expedição pelo Rio Juruá no auditório do 2° Grupamento. Fiquei emocionado com as gentis palavras que proferiu meu ex-Cadete e senti a arritmia tomar conta do coração e as lágrimas teima-

rem em brotar dos olhos deste velho canoeiro ao lembrar de como foram bons aqueles momentos passados na Academia Militar das Agulhas Negras, em que tive a honra e o privilégio ímpar de participar da formação de nossos jovens oficiais de engenharia.

Obrigado, General, é sempre bom ter nosso trabalho reconhecido e saber que as sementes lançadas por aquele instrutor caíram em seara fértil, fecundaram e hoje estendem generosamente seus frutos a este idealista incorrigível que sempre colocou a Pátria e o Exército acima dos interesses pessoais sacrificando com isso, não raras vezes, a saúde e o conforto seu e de seus familiares.

Abracei esta carreira, seguindo os passos de meu Venerável e inesquecível pai, como um verdadeiro sacerdócio e, por isso, posso olhar para trás e sentir orgulho de cada ato, de cada atitude tomada sempre em nome da honra e do dever, procurando cumprir sempre minhas tarefas da melhor e mais digna maneira possível.

Partindo para Santarém

14.03.2013 – Partida para Itacoatiara, AM

Partimos, às 05h40, embarcados na lancha "*Mirandinha*" rumo a Itacoatiara, AM. Logo que entramos no Rio Amazonas, o tempo começou a mudar e enfrentamos chuva, vento e banzeiros a maior parte do tempo.

Chegamos, por volta das 11h00, no Porto do amigo José Holanda e ligamos para o empresário Roni, amigo do irmão Beto Moreno, que nos disponibilizou mais 100 litros de combustível, o suficiente para chegarmos até Santarém, PA.

15.03.2013 – Partida para Santarém, PA

Partimos antes do alvorecer, enfrentando as mesmas condições climáticas adversas do dia anterior. Para neutralizar os efeitos da chuva fria que resfriava nossos corpos, volta e meia eu enchia um balde com água do Rio Amazonas e molhava o corpo para aquecê-lo.

Ao passarmos por Parintins, AM, pelas 11h00, telefonei para o Coronel Sérgio Henrique Codelo, Comandante do 8° BECnst, avisando que decidíramos tocar direto para Santarém sem pernoitar em Parintins. Ao penetrar as águas verdes e cálidas do Tapajós, avistamos ao longe Santarém – a "*Pérola do Tapajós*".

Ao aportarmos em Santarém, novamente, a fidalguia dos meus caros irmãos de armas se fez presente em cada momento de nossa breve passagem pela bela Cidade de Santarém.

Árvore Ferida
(Álvaro Maia)

Ante a constelação do céu florindo em lume ([152])
Temos, ó árvore, o mesmo ideal e a mesma sina...
Sangrou-me o peito inerme ([153]) a sensação divina,
Como a acha ([154]) te sangrou em golpe de negrume.

Dando esmola ao faminto e consolo à ruína
Subimos em bondade, ardemos em perfume...
Bendita a dor criadora, o perfurante gume ([155]),
Que em mim produz o verso e em ti produz resina...

Ninguém virá curar-te! Apenas os ramalhos ([156])
Ensinarão à flor a música dos galhos
E ensinarão ao galho as lutas das raízes.

Ninguém virá curar-me! Os meus versos apenas
Serão o bálsamo esfeito ([157]) em minhas próprias penas,
Sob a ronda de dor dos dramas infelizes.

---

[152] Lume: luz.
[153] Inerme: desarmado; inofensivo.
[154] Acha: machadinha de combate.
[155] Gume: fio de objetos cortante.
[156] Ramalhos: ramos grandes cortados da árvore.
[157] Esfeito: desfeito.

De Volta à Realidade!

O corpo exausto, o pensamento cansado, meu raciocínio pedindo demissão e a insônia me fazendo de vítima mais uma noite. Uma madrugada reticente, agoniada. As horas que passavam, pareciam não passar. [...] Viajei pelo espaço sideral, visitei satélites, fui a lugares onde as palavras não alcançam e até a lugares onde só a imaginação consegue ir. Solta como quem possui asas. Sem termo, sem limite, tudo ao acaso e sem pretensão de volta à realidade. Sonho ou fantasia? Sei eu! Aos poucos, as estrelas foram perdendo o brilho e sumindo do céu uma por uma. A lua deu bom-dia ao Sol enquanto dezenas de passarinhos alvoroçados vieram até minha janela contar-me seus sonhos e avisar que mais um dia raiou. Só então, depois de sonhar acordada, acordei sonhando. (Ismara Alice)

A missão de reconhecimento do Juruá findou, a 17 de fevereiro, mas só agora, me sinto à vontade para arvorar remos. Cheguei à Foz do Juruá 44 dias depois de partir de Cruzeiro do Sul, AC, havíamos remado freneticamente durante 28 dias e desfrutado do conforto das cidades de Ipixuna, Eirunepé, Itamarati, Carauari e Juruá onde, graças às autoridades municipais e à Polícia Militar, pernoitamos em hotéis durante 16 dias recuperando-nos do excessivo desgaste, coletando novas informações e repercutindo-as. Conseguimos manter uma média diária de mais de 74 km, mas, a um alto custo, perdi 15 quilos neste difícil percurso, perdendo mais de 530 gramas por dia de remo em decorrência não só do esforço físico, mas, sobretudo, da alimentação inadequada. As curtas passagens por Manaus, AM, Santarém, PA e Natal, RN, serviram para trazer-me, progressivamente, de volta à realidade. Uma realidade mesclada de alegrias e tristezas, de júbilo por ter conseguido, apesar das dificuldades impostas pela logística, terreno, clima e condições meteo-

rológicas, cumprir todas as metas propostas no mais curto espaço de tempo e amargura de verificar que alguns companheiros colocavam em cheque ou escarneciam do trabalho que havíamos executado. Alegria por ter sido recepcionado em Tefé como um Bandeirante do século XXI, com direito à escolta fluvial, foguetório e banda de música, alegria de encontrar, na figura do Gen Bda Paulo Sérgio, Comandante da 16ª Bda Sl, uma liderança atuante capaz de conduzir seus homens pelo exemplo e pelo dinamismo como nossos grandes chefes militares do longínquo pretérito. Tristeza de verificar que, em Manaus, a quantidade de representantes da mídia era muitíssimo maior do que o número de militares presentes na nossa chegada, considerando que a Expedição era uma missão oficial do Comando Militar da Amazônia. Alegria de ter sido recebido pelo 2° Grupamento de Engenharia, Manaus, AM e pelo 8° BEC, Santarém, PA, com a cordialidade e o carinho tão característicos dos discípulos de Villagran Cabrita. Desencanto quando, de Santarém, ao telefonarmos para o Gen Villas Bôas avaliamos por suas lacônicas e evasivas respostas que seu espírito tinha sido corrompido por um de seus mais caros subalternos. Aprendi, desde cedo, que qualquer decisão por parte de um verdadeiro líder deve ser tomada após uma análise isenta dos fatos e ouvidos todos os atores envolvidos. Que um compromisso assumido deve ser respeitado e não olvidado por quem quer que seja. Alegria por reencontrar, em Porto Alegre, os familiares, amigas e velhos amigos, mas uma profunda tristeza por reencontrar minha esposa encarcerada ao catre e presa a uma carcaça martirizada pela enfermidade. Alegria de ser abraçado carinhosamente por meus ex-alunos e tristeza em verificar que o valor do contracheque continua sendo muito inferior às despesas mensais.

24.03.2013 – Chegada em Porto Alegre, RS

Pousamos no Aeroporto Salgado Filho, pontualmente, às 09h35. Fiquei surpreso ao constatar que apenas a Rosângela e sua mãe, Dona Maria (a Mama de Bagé), e o Coronel Angonese e esposa Srª Eliana lá estavam para me recepcionar, afinal eu estivera ausente por quase 4 meses. O fato de não encontrar nenhum familiar no aeroporto me entristeceu.

O Angonese convidou-nos para almoçar no restaurante Grelhatus, eu não podia declinar do convite do caro parceiro, que nos acompanhara, a remo, no trecho da Foz do Breu até Cruzeiro do Sul.

Fomos até minha casa, tomei um banho para espantar o sono, passara a noite em claro e, pontualmente ao meio-dia, nos dirigimos ao restaurante acompanhados da Vanessa e do João Paulo.

A Rosângela estacionou o carro numa rua lateral onde encontramos o Coronel Regadas, achei estranha a coincidência e só me dei conta de que havia uma "*trama*" em andamento quando topei com o Coronel Araújo na função de Mestre de Cerimônias na porta de entrada do restaurante. Havia duas enormes mesas reservadas aos familiares e amigos mais diletos, a indignação de antes cedeu lugar à emoção que mexeu com o coração e a alma deste velho soldado.

Consegui manter heroicamente o equilíbrio emocional até a chegada do meu caro amigo Pastl, Dona Anaclaci e seus filhos Guilherme e Emanuel que se recuperaram bravamente dos ferimentos causados pelo incêndio da boate Kiss, de Santa Maria, RS. Não consegui conter a emoção e chorei como uma criança.

De cada Cidade do Juruá eu ligara para saber notícias dos meninos e acompanhara a par e passo a evolução de seu estado. Ter, agora, a oportunidade de abraçar meus ex-alunos e seus queridos pais fez com que eu afrouxasse a couraça espartana que tenho carregado desde o AVC de minha esposa. A Rosângela e o Araújo souberam guardar segredo, eu não imaginara, jamais, tamanha surpresa.

Tapajós

Estamos tentando viabilizar, para setembro deste ano, o reconhecimento do Rio Purus e Acre para dar continuidade à história do Acre tão vinculada aos Rios Purus e Juruá. Caso não se concretize esta possibilidade, vamos percorrer o Rio Tapajós, partindo de Santarém, a remo, pela margem esquerda até Itaituba, de voadeira até Jacareacanga e daí descendo pela margem direita, de caiaque, até Santarém.

Livro do Juruá

Dois dias depois da chegada e de tomadas algumas providências administrativas, iniciamos o lançamento dos dados coletados nos mapas que posteriormente entregaremos ao DNIT. O Professor Sérgio Pedrinho Minúscoli entregou-me o livro "*Descendo o Madeira*", totalmente revisado, fazendo-me abandonar os trabalhos do Juruá, temporariamente, para finalizar a 4ª etapa do Projeto Desafiando o Rio-Mar.

O Juruá que eu vi!

Recebo carta amiga contando a morte de Gastão CRULS [...] Imagino a saudade com que todos estão recordando aqueles convites para a Rua Amado Vervo, na pequena casa decorada com lembranças da viagem ao Amazonas, o sorriso enternecido à lembrança de suas brincadeiras, que tinham um perfume de meninice, de primeiro-de-abril antigo – os presentinhos anônimos, os cartões disparatados que deixavam risonhos e intrigados os seus destinatários. (QUEIROZ)

O título acima é uma homenagem, uma humilde paródia à obra do grande escritor Gastão Cruls que resolveu visitar pessoalmente a Amazônia para só então escrever sua segunda obra sobre assuntos atinentes à nossa hileia.

Gastão Luís Cruls

Gastão Cruls, filho do Dr. Luís Cruls, foi médico sanitarista, geógrafo, astrônomo e romancista, nasceu no antigo Observatório Astronômico do Morro do Castelo, na Cidade do Rio de Janeiro, em 04.05.1888, e nela faleceu a 07.06.1959. Iniciou seus estudos no Colégio Rush. Com a transferência da família Cruls para Petrópolis, foi matriculado no Ginásio Fluminense que, ao encerrar suas atividades, obrigou-o a continuar os estudos no Colégio São Vicente de Paula. Retornando ao Rio de Janeiro, conclui o secundário no Colégio Pedro II. Formou-se em Medicina em 1910, especializando-se em Medicina Sanitária. Gastão Cruls estudou Medicina por vontade própria, mas logo depois de formado, teve dificuldade em se adaptar às atividades profissionais e foi se afastando progressivamente de procedimentos que o levassem a manter contato com pacientes.

Sob o pseudônimo de Sérgio Espínola, começou a escrever seus primeiros contos nos idos de 1914, que mais tarde condensou em um único volume, editado em 1920, sob o nome de "*Coivara*". A obra, porém, que lhe deu maior renome foi "*A Amazônia Misteriosa*", em 1925 e, graças ao sucesso obtido, a partir de 1926, dedicou-se exclusivamente à literatura. "*A Amazônia Misteriosa*" foi baseada nas mitológicas Amazonas, e transformado em filme em 2005, com o título de "*Um Lobisomem na Amazônia*". A sua obra tinha como cenário a região Norte do país, ainda desconhecida pessoalmente pelo autor.

Em 1928, Cruls resolveu conhecê-la pessoalmente acompanhando a Expedição do General Rondon, que subiu o Rio Cuminá até os campos do Tumucumaque nos anos de 1928 e 1929.

A viagem iniciou a 13.12.1928 e Cruls retornou após ter chegado aos campos situados ao Sul da Cordilheira do Tumucumaque, seguindo o conselho de Rondon, enquanto esse e sua equipe continuaram até chegar às próprias Cordilheiras.

O livro "*A Amazônia que eu vi*" é fruto dessa jornada que Cruls narra na forma de Diário de Viagem. O relato de Cruls, ao contrário dos demais pesquisadores que o antecederam, não tinha nenhum foco econômico ou científico, já que outros integrantes da equipe se encarregavam desses aspectos; sua função na Expedição era simplesmente de ser o seu "*cronista*". Cruls demonstra, ao contrário dos viajantes europeus e norte-americanos que o antecederam, um profundo respeito pela cultura regional, reportando as informações colhidas junto aos membros mais humildes da Expedição.

O Juruá que eu vi!

Ser bandeirante é deixar atrás a casa e família, o bem-estar e a segurança, para perseguir o sonho e tentar a casa da glória, é viver silencioso e otimista na brenha onde não há rumos, no campo onde não há divisas, estremecer às vezes de febre, mas nunca tremer de medo, é sofrer com alegria o Sol dos chapadões e resistir sem queixa nos aguaceiros de dezembro, é combater no varejo as cachoeiras e investir, de simples facão à cinta, contra a floresta.
(Gofredo T. da Silva Teles)

As tensões e dúvidas da fase de planejamento da Expedição General Bellarmino Mendonça deram lugar, desde a primeira batida do remo nas convulsas águas do Rio Juruá, a um período mesclado de puro encantamento e uma espartana determinação de vencer as barreiras impostas pelo inimigo oculto. Adversário este representado pela natureza por vezes hostil ou pela incompreensão de raros camaradas que não se deram conta da grandeza do trabalho que ali estávamos realizando.

Os Rios precisam e devem ser considerados como organismos vivos. A vida que pulsa nas suas águas e no seu entorno justifica esta afirmativa. Os Rios de planície, como é o caso do nosso Juruá, encontram-se na fase de uma adolescência indômita que está por se descobrir a cada momento e que atinge seus momentos de fúria nas grandes alagações.

O curso se altera a cada inverno mais rigoroso transformando antigos furos em novo leito, desembaraçando-se de longas, demoradas e tortuosas voltas busca novos e mais rápidos rumos. Os sacados abandonados tornam-se piscosos Lagos que, por vezes, simplesmente desaparecem aterrados pelos sedimentos.

A vegetação da várzea que se entrelaça aprisiona entulhos favorecendo este assoreamento. As grandes toras de madeiras, por sua vez, represam detritos de todo tipo formando, depois de algum tempo, bancos de areia capazes de alterar o talvegue do Rio menino. Observando atentamente uma fotografia aérea da Bacia do mais sinuoso dos Rios, podemos visualizar como se processa esta dinâmica hídrica.

Marginam o juvenil Juruá jovens sacados, antigos e assoreados Lagos, imensos igapós e poucos e tortuosos Igarapés indecisos a esmar horizontes e que, volta e meia, toleram que o Juruá lhes furte o próprio leito ao moldar Ilhas como Mararí, Chué ou Antonina.

Percorremos, portanto, um Juruá que ainda busca seu leito definitivo. Um Rio que carrega no seu DNA as tradições do avô Amazonas que corria para o Pacífico nos tempos da Pangeia e do seu pai o Lago Pebas, formado pela deriva continental quando os Andes se ergueram bloqueando a Foz do velho Rio Amazonas.

Cruel Holocausto

Sumaumeira Morta

(Francisco Pereira da Silva)

A sumaumeira morta, que tombou.
Ela era antiga e gloriosa
Como um deus que passou,
Que vai bem longe, um deus heroico, um deus pagão.

Guardaremos para sempre a imagem das belas sapopemas das sumaumeiras que sobranceiras guardam a floresta sob suas imensas e magníficas copas em todo o estado do Acre.

Infelizmente, rapinantes cruéis praticamente as eliminaram da calha do Juruá no Estado do Amazonas e somente voltamos a avistá-las, no Rio Juruá, a jusante da Cidade de Juruá e em todo o Rio Solimões.

O som gutural dos guaribas ([158]) também chamou-nos a atenção, assim como as formidáveis sumaumeiras. Uma bela sinfonia castrada, aniquilada da aurora ou dos dias chuvosos em todo o Estado do Acre e nos Municípios de Guajará e Ipixuna, ao Sul do Estado do Amazonas.

Teríamos uma justificativa técnica para isso ou seria simplesmente extermínio, o holocausto de uma espécie, já que a carne desses primatas é muito apreciada no cardápio ribeirinho?

Juruá Encantado

As araras e botos, em contrapartida, nos deliciaram com suas aparições em toda a calha do Juruá e só começamos a sentir rarear sua presença ao navegarmos pelo Solimões.

O carinho e a atenção dos moradores da maioria das Comunidades ficarão eternamente marcados nos nossos corações e mentes. Em Carauari e Juruá, porém, o que nos marcou foi o terror, sem fundamento, que os mesmos tinham pelos dois inocentes canoístas. Em algumas Comunidades mais alienadas, não nos permitiram que se estabelecesse o contraditório, que nos defendêssemos, não consentiram ao menos que nos apresentássemos e expuséssemos nossas intenções, simplesmente negando-nos a cristã hospitalidade.

[158] Guaribas: Alouatta guariba.

Mergulhando na Magia dos Ermos dos Sem Fim

Realmente, um Rio deserto no Amazonas equivale a um pleonasmo. Mas existem, não há dúvida, Rios de solidão tão impressionante, tão profunda, tão despropositada, que deixam no espírito de quem os percorre a sensação que deve sentir um homem que alcançou o último grau de Latitude do Polo Norte. (PINHEIRO)

Percorrer as curvas infindas do Rio Juruá, o mais sinuoso dos Rios do planeta, navegar horas a fio sem avistar um só ser humano ou vislumbrar um resquício que seja de sua presença, nos dão uma ideia viva de um fim de mundo, de um mundo onde a presença humana ainda não se fez totalmente presente.

Parece que nestes longínquos confins a natureza ainda não se preparou para acolher o Filho do Homem, uma estranha bruma nos envolve, uma névoa que encobre paisagens onde se tem a sensação que o tempo estancou, retrocedeu e, encabulado, permanece encolhido, estático, nestes ermos dos sem fim, arredio às novidades, às mudanças, avesso à modernidade.

Oculto pelas sombras, o passado rompe as barreiras cronológicas e ocupa o lugar do presente envolvendo lentamente o canoeiro no seu mágico manto pretérito. Surgem das várzeas, dos igapós, dos sacados, dos furos, seres mitológicos, a ficção e a realidade fundem-se, mesclam-se. Iaras, curupiras, mapinguaris saúdam o enlevado navegante que mergulha o seu remo nas nuvens diáfanas dessas águas de puro encantamento. De repente, ao avistar algumas rudimentares palhoças, pequenos e primitivos casebres perdidos em um lúgubre recanto, a fantasia se esvai e retorno bruscamente ao mundo real.

Os verdadeiros navegantes certamente entenderão meus devaneios. Ao submergirmos na natureza, nossos sentidos, por vezes anestesiados, são ampliados, fazendo-nos experimentar, ainda que momentaneamente, a sensação de estarmos aportando na Terceira Margem – o Portal da Sabedoria.

Mensagem a Garcia

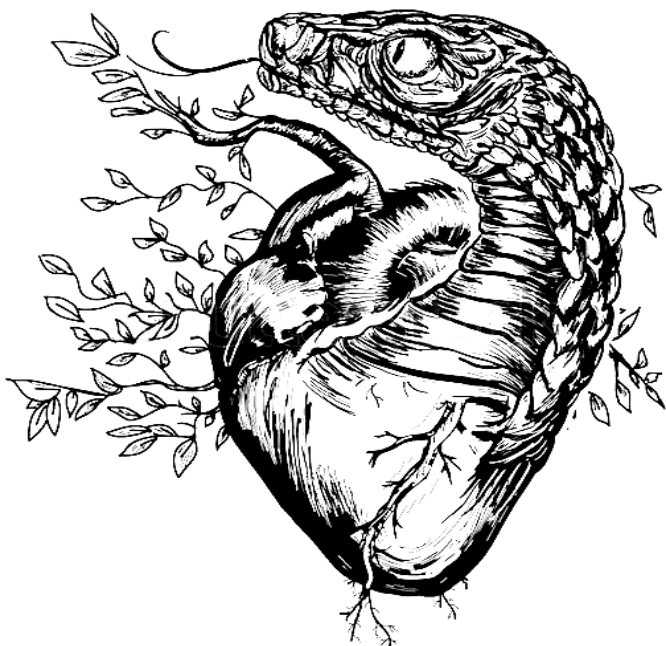
Iniciei minha jornada acompanhado de dois Soldados do Grupo Fluvial do 8° BEC, Santarém, Pará: o Soldado Mário, apoio logístico, e o Sd Marçal, nosso cozinheiro e canoísta. Durante a viagem, no dia 1° de fevereiro, quando partíamos da Morada Nova para a Boca do Preguiça, o Mário foi merecidamente promovido a Cabo.

Meus parceiros nunca reclamaram das dificuldades enfrentadas, eles tinham sido voluntários para a missão e, quando eu lhes apresentava um desafio ainda maior que os já superados, eles simplesmente sorriam e vibravam.

Assim foi quando disse que precisávamos vencer os 235 km entre a Cidade de Juruá e a Comunidade de Tamaniquá, os 229 km entre Tefé e Coari em apenas dois dias ou o de alcançar Codajás em um dia de viagem remando 141 km. Meus parceiros pertencem a um raro, seleto e cada vez mais escasso punhado de homens capazes de entregar uma "*Mensagem a Garcia*".

Um agradecimento muito especial ao Gen Ex Avena, Gen Ex Montezano, Gen Div Mourão, Gen Div Fraxe, Gen Bda Jaborandy, Gen Bda Paulo Sérgio e Ten Cel Pastor.

A Supremacia da Verdade

(Antonio Araújo Dourado)

Pilatos desprezou a verdade e entregou Jesus para ser crucificado. Parecia assim que a calúnia e a intriga venceram a verdade, mas ela ressuscitou ao terceiro dia e à medida que os anos vão passando os homens a reconhecem e sentem com mais clareza.

A venalidade de Pilatos e o fanatismo da multidão não conseguiram sufocar a verdade para sempre.

Muita razão tinha Paulo de escrever aos Coríntios:

> *Pois nada podemos contra a verdade senão pela verdade.*

Esta convicção profunda fez do Apóstolo um dos mais ardorosos batalhadores da verdade e o sustentou nos momentos em que as nuvens da adversidade procuravam obnubilar-lhe o esplendor da verdade.

Reconhecendo a supremacia da verdade. S. Paulo não ignorava o fato que forças maléficas procuravam solapar-lhe os fundamentos. O primeiro inimigo da verdade é a mentira. Não raro, a mentira procura destruir a verdade ou pelo menos obscurecê-la. E quase sempre consegue vantagem inicial sobre a verdade, o que leva alguns ao desânimo.

Há um ditado alemão que nos faz renascer a esperança:

> *A mentira tem pernas curtas.*

Corre celerípide, mas o passo gigantesco da verdade sempre a alcança e desmascara.

Constâncio Vigil escreveu sabiamente:

> *A verdade pode ser doce ou amarga, mas nunca é má. A mentira pode ser doce ou amarga, mas nunca é boa.*

Não há coerência na mentira, porque a realidade do Universo está contra ela. Por isso, o mentiroso mente muitas vezes para encobrir uma mentira e quanto mais mente, mais se revela mentiroso.

Quando perguntaram a Aristóteles o que o homem ganharia mentindo, ele replicou:

> *Não ser acreditado, quando falar a verdade.*

“Afasta de mim o caminho da mentira" é a súplica do salmista. E nos Provérbios, encontramos este pensamento:

> *Suave é ao homem o pão da mentira, mas depois a sua boca se encherá de cascalho. [...]*

Lembro as palavras de James Orr:

> *A verdade é como uma tocha, quanto mais sacudida mais brilha. (O PURITANO, N° 1960)*

Flor de Aguapé
(Walmir Pacheco)

Tapajós dos moleques,
Brincar de pira ([159]) e de mergulhar.
Das lavadeiras negras,
Que se juntavam pra conversar.
Rio das meninas moças
Que catam flores de aguapé
E reclamam do boto porque
Vira rapaz bonito e engana mulher.

Tua lua é mais acesa
E de madrugada se enche de luz,
Temos a mesma sorte.
Nascer no Norte que é o nosso lugar,
Juro que poesia não vai faltar...

Quem sabe até quisesses,
Ao invés do Norte correr pro Sul,
Banhar mulheres loiras,
De pele branca e olhos azuis,
Ficar sem a mãe d'água,
Sem ter a santa a te namorar.

Sem o Izoca ([160]) pra te reger,
Ficar sem a cantiga do uirapuru
Ficar sem teus poetas:
Maria José e Alter do Chão,
Mas longe da pequena
Índia morena da cor do açaí,
Tu ias secar de saudades do povo daqui...

---

[159] Brincar de pira: o mesmo que pique ou pegador.

[160] Izoca: Wilson Fonseca, maestro, compositor e escritor brasileiro reconhecido nacional e internacionalmente.

Conclusão

O Reconhecimento Expedito do Rio Juruá, realizado pela Expedição General Bellarmino Mendonça, no período de 18.12.2012 a 17.02.2013, foi sensivelmente prejudicado pela falta de recursos mas, mesmo assim, conseguimos atualizar e corrigir informações principalmente no que tange à localização de povoados e de acidentes naturais graças ao apoio da 16ª Bda Inf Sl, Prefeitos da Bacia do Juruá, maçonaria, empresários e os valorosos Policias Militares dos Estados do Acre e Amazonas.

Tendo em vista a característica extremamente dinâmica das Comunidades que são transferidas para outros sítios em decorrência da insalubridade ou erosão provocada pela ação das águas, é necessário que este trabalho seja refeito de cinco em cinco anos. As próprias Prefeituras estimulam estas mudanças construindo novas instalações em outros locais sem qualquer ônus para os ribeirinhos.

A época da cheia ou alagação, como chamam os nativos, não é a ideal para se identificar e plotar possíveis empecilhos à navegação como grandes troncos, bancos de areia ou rochas. Esses obstáculos são Perigosos fundamentalmente em meia enchente ou vazante, quando ficam submersos pelas águas, podendo provocar sérios acidentes. A sua perfeita identificação só é possível na vazante quando então se poderia avaliar corretamente a melhor maneira de eliminá-los ou georeferenciá-los. A dinâmica das águas se encarregou, por si só, de suprimir o mais formidável obstáculo do Rio Juruá chamado Urubu-Cachoeira soterrando-o sob toneladas de areia.

Os Portos Hidroviários em construção merecem uma maior fiscalização por parte dos engenheiros responsáveis no que diz respeito, principalmente, à contenção das margens e taludes. Carauari que, até 1958, ficava às margens do Rio Juruá, está hoje internada em um Sacado chamado Lago de Carauari. Na vazante, este Lago não permite acesso às grandes embarcações e, por esta razão, foi construído o Porto do Gavião cujo acesso terrestre, não pavimentado, de aproximadamente 8 km, não apresenta as mínimas condições de trafegabilidade.

Nos anexos que se seguem, estão plotados os principais acidentes naturais e Comunidades desde a Foz do Breu até a Boca do Juruá no Solimões. Ampliamos algumas fotografias aéreas mostrando em detalhes as alterações do curso do Rio que não constam dos Mapas Multimodais.

Anexo 1 – Foz do Breu, AC – M^{al} Thaumaturgo, AC (138,5 km)

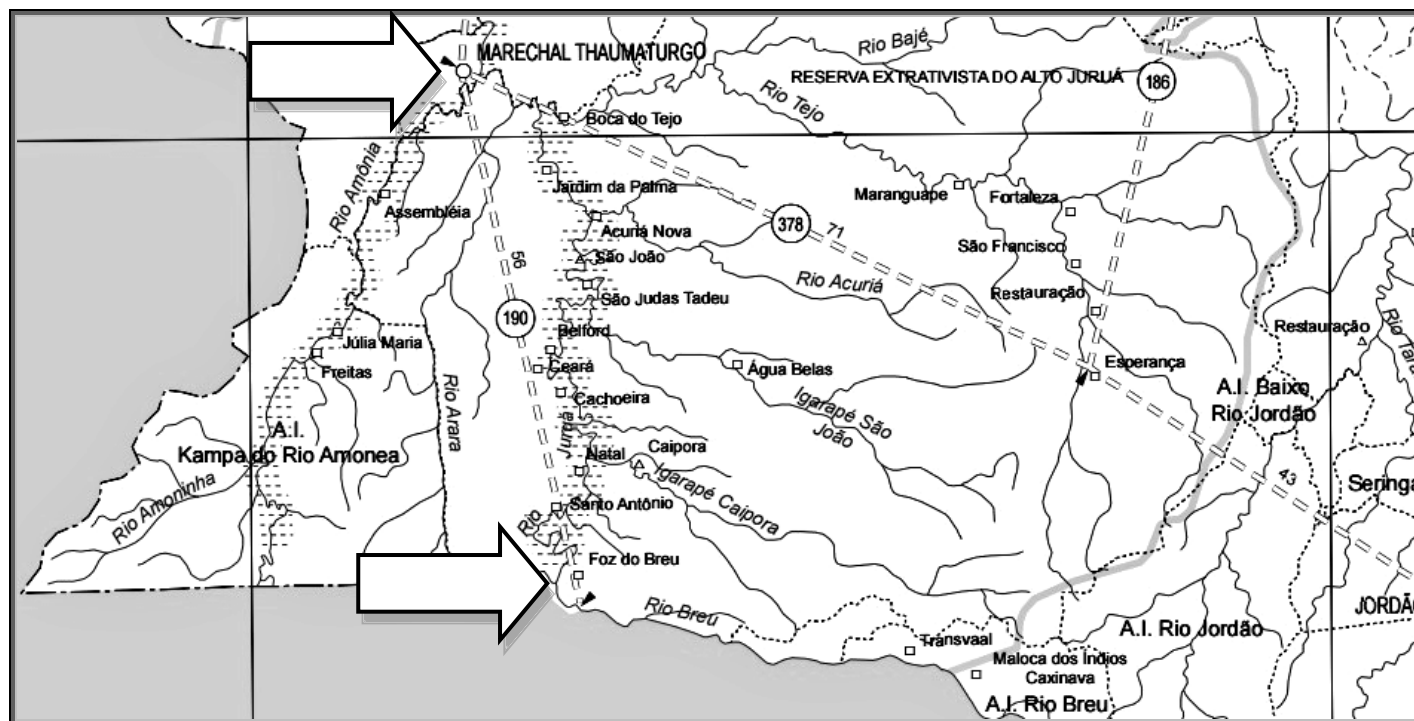



Imagem 45 – Foz do Breu, AC – Mal Thaumaturgo, AC (DNIT)

A	Anexo 1 - Trecho Foz do Breu – Marechal Thaumaturgo (Rios e Igarapés)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
a1	Foz do Rio do Breu	09°24’47,2”S 72°42’59,8”O	Direita	ESU	
a2	Foz do Igarapé Caipora	09°17’35,8”S 72°41’03,8”O	Direita	ESU	
a3	Foz do Igarapé São João	09°09’15,3”S 72°40’42,2”O	Direita	ESU	
a4	Foz do Rio Acuriá	09°04’25,6”S 72°41’05,9”O	Direita	ESU	
a5	Foz do Rio Tejo	08°59’02,2”S 72°42’56,5”O	Direita	Este	

A	Anexo 1 - Trecho Foz do Breu – Marechal Thaumaturgo (Rios e Igarapés)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
a6	Foz do Igarapé Arara	08°57′23,6″S 72°45′38,3″O	Esquerda	SO	
a7	Foz do Igarapé do Crispim	08°57′05,8″S 72°46′58,0″O	Esquerda	SO	
a8	Foz do Rio Amônea	08°57′01,5″S 72°47′05,7″O	Esquerda	SSO	

B	Anexo 1 - Trecho Foz do Breu – Marechal Thaumaturgo (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Pt° Marcado**	**Obs.**
b1	**Com. da Foz do Breu**	09°24’39,4”S 72°42’56,4”O	65 famílias	Mastro da Escola Ernestina Rodrigues Ferreira	Perfeita integração com os vizinhos peruanos. Não é viável, economicamente a construção de um Porto hidroviário. Maior concentração na Margem Direita do Juruá.
b2	Com. Helena	09°22’59,0”S 72°42’30,4”O	06 famílias	Centro da Com.	Margem Esquerda do Juruá.
b3	Com. Pedra Pintada	09°22’35,8”S 72°42’53,9”O	33 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
b4	Com. Fazenda Natal	09°18’42,2”S 72°41’16,9”O	23 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

B	Anexo 1 - Trecho Foz do Breu – Marechal Thaumaturgo (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Pt° Marcado**	**Obs.**
b5	Com. Tartaruga II	09°16’11,0”S 72°42’22,4”O	22 famílias	Centro da Com.	Margem Direita do Juruá.
b6	Com. da Foz do Ceará	09°13’24,4”S 72°43’21,0”O	11 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
b7	Com. Belfort	09°11’25,4”S 72°42’41,5”O	21 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
b8	**Com. São João**	09°09’21,1”S 72°40’38,4”O	09 famílias	Escola Calile de Melo Sarah	Margem Direita do Juruá.
b9	Comunida de Volta Grande	09°06’19,5”S 72°40’34,4”O	07 famílias	Centro da Com.	Margem Esquerda do Juruá.

B	Anexo 1 - Trecho Foz do Breu – Marechal Thaumaturgo (Comunidades, Vilas e Cidades)				
Nº	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Ptº Marcado**	**Obs.**
b10	Com. Jardim das Palmas	09°01’31,9”S 72°43’02,3”O	42 famílias	Centro da Com.	Margem Esquerda do Juruá.
b11	Com. Foz do Tejo	08°58’55,2”S 72°43’01,6”O	14 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
b12	**Mal Thaumaturgo**	08°56’58,05”S 72°47’07,01”O	14.200 habitantes	Praça Odon do Vale	Confluência do Amônea com o Juruá.
Comentários Gerais sobre o trecho: Variações extremas de navegação em decorrência das chuvas. O nível das águas pode sofrer variações de mais de dois metros em 12 horas. A descida de enorme quantidade de troncos e outros entulhos nas enxurradas dificulta consideravelmente a navegação das embarcações.					

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, foi alterada, giramos o Norte para o Este, para colocar a orientação geral do Rio Juruá no sentido horizontal. Observe a indicação do Norte à direita e acima de cada uma delas.

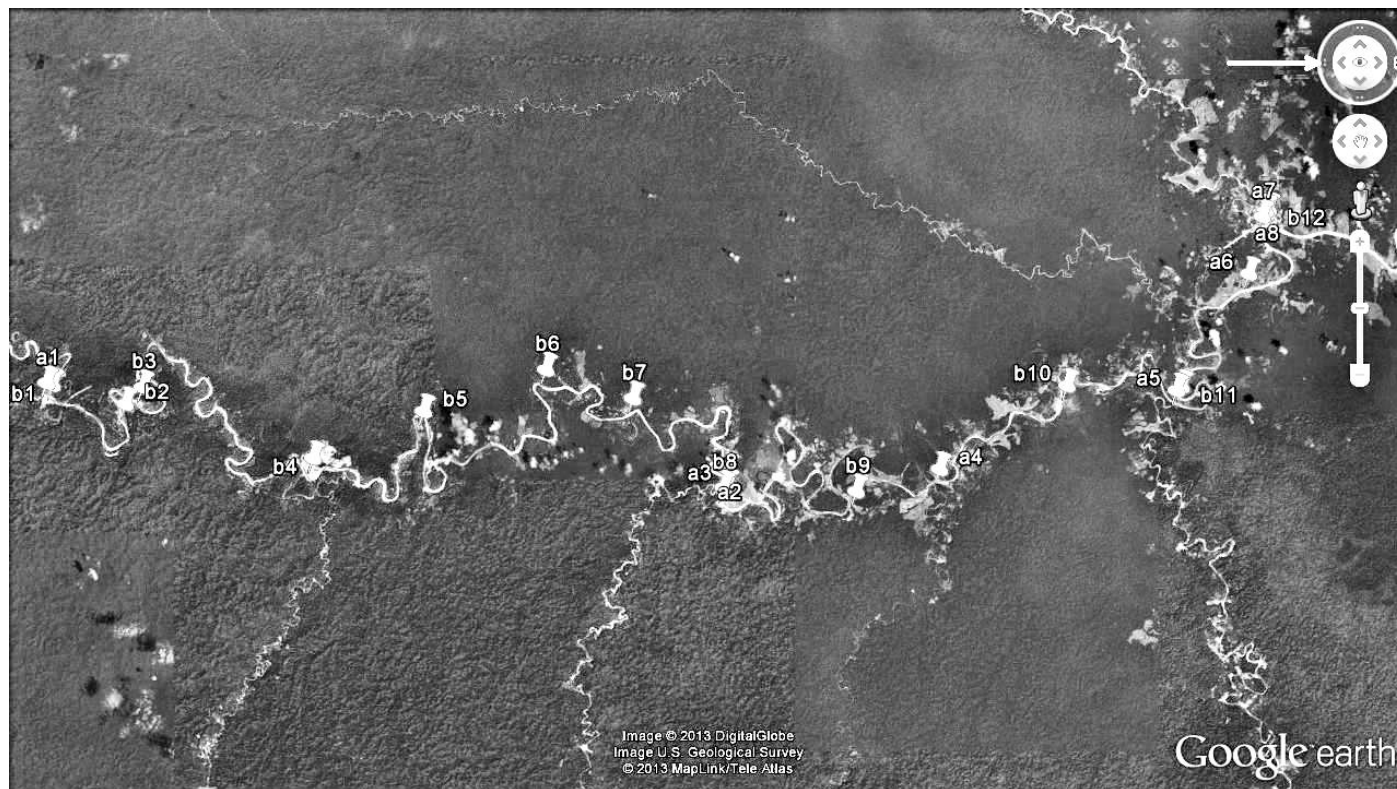



Imagem 46 – Foz do Breu – Marechal Thaumaturgo – Geral

Imagem 47 – Comunidade Foz do Breu – Com. Foz do Ceará

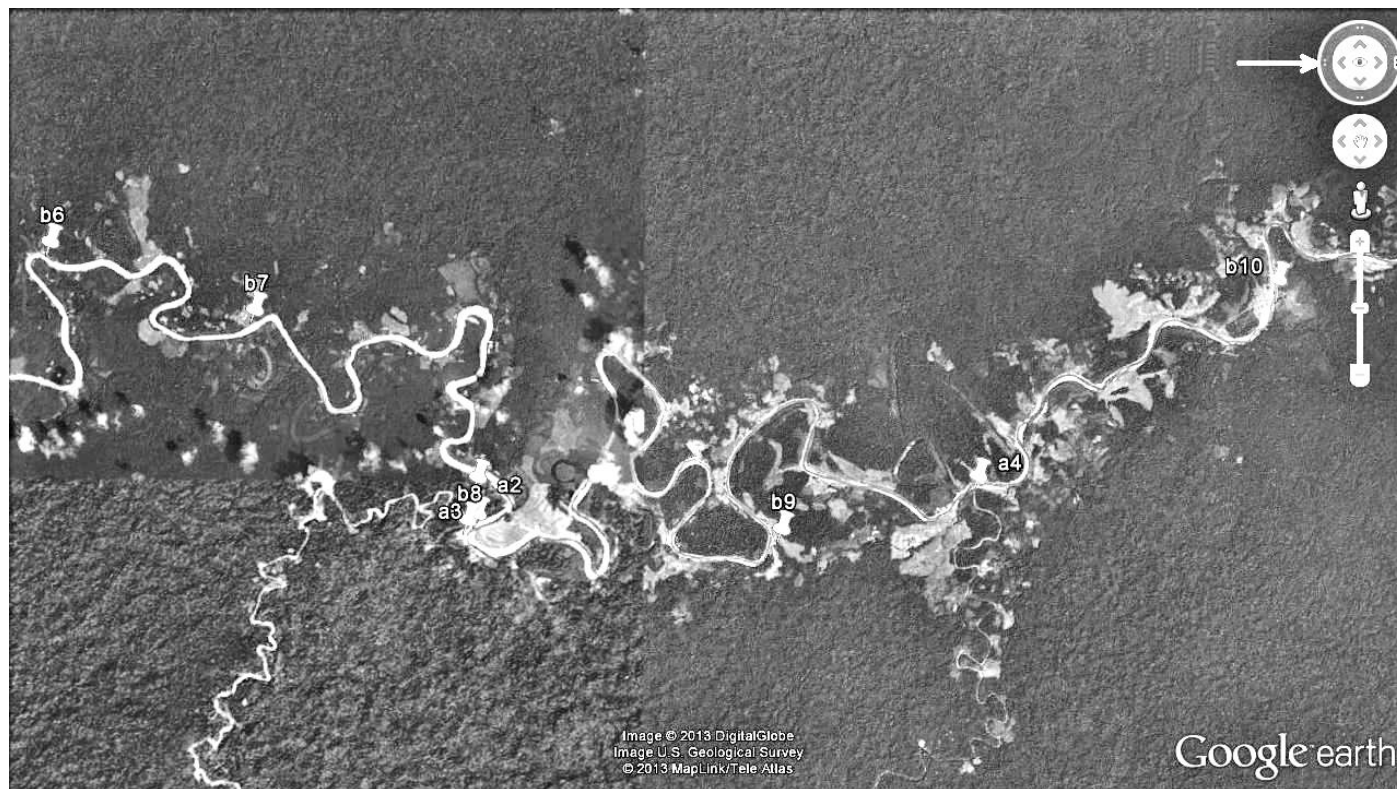



Imagem 48 – Com. Foz do Ceará – Com. Jardim das Palmas

Imagem 49 – Com. Jardim das Palmas – M^{al} Thaumaturgo

Anexo 2 – M^{al} Thaumaturgo, AC – Cruzeiro do Sul, AC (329 km)

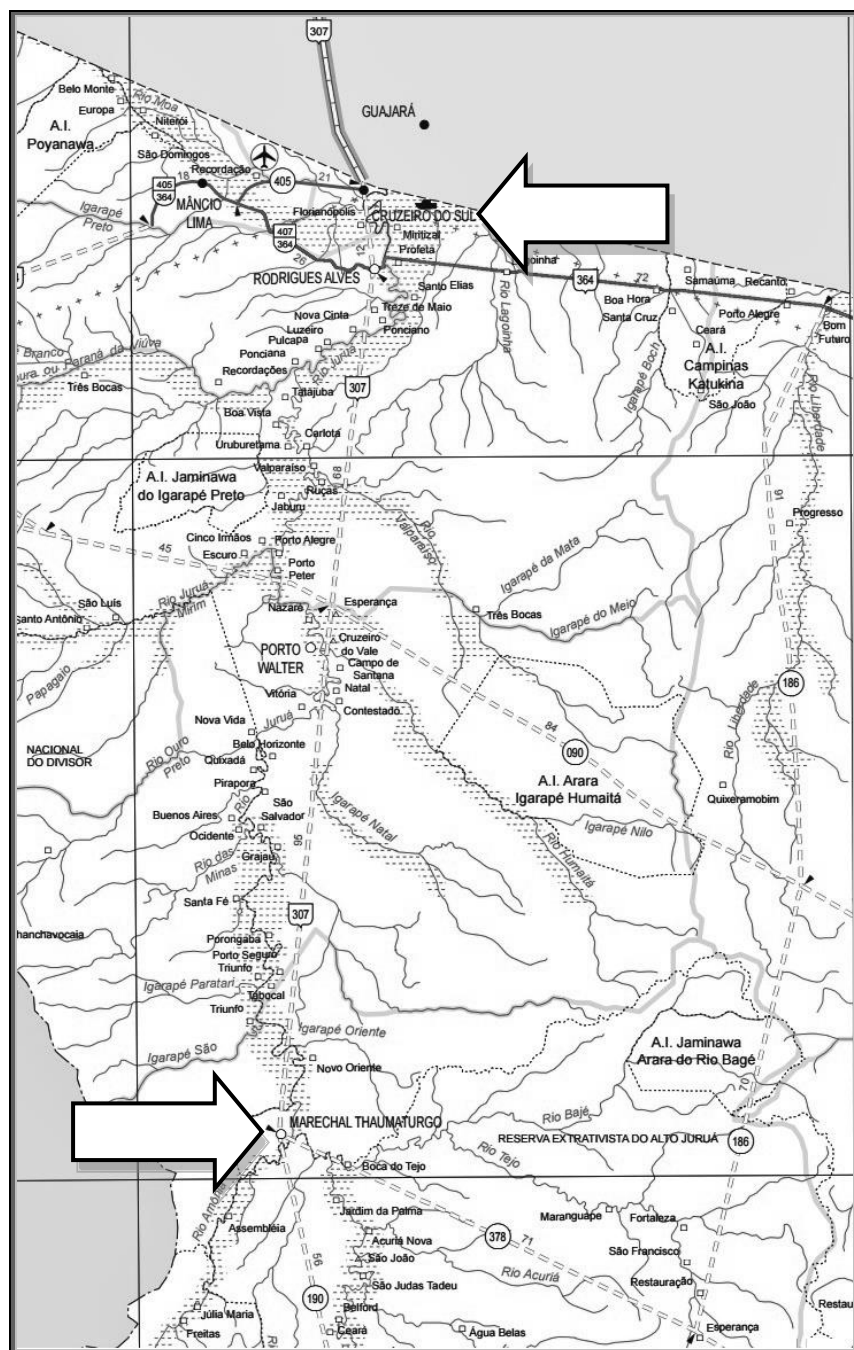



Imagem 50 – Mal Thaumaturgo – Cruzeiro do Sul, AC (DNIT)

C	Anexo 2 - Marechal Thaumaturgo – Cruzeiro do Sul (Rios e Igarapés)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
c1	Foz do Igarapé São Luís	08°47’17,4S 72°49’23,5”O	Esquerda	SO	
c2	Foz do Igarapé Paratari	08°43’27,3”S 72°48’43,5”O	Esquerda	Oeste	
c3	Foz do Igarapé Grajaú	08°34’07,8”S 72°47’57,7”O	Direita	SE	
c4	Foz do Riozinho das Minas	08°30’56,8”S 72°50’31,2”O	Esquerda	SO	
c5	Foz do Igarapé Ouro Preto	08°23’30,8”S 72°49’41,0”O	Esquerda	SO	

C	Anexo 2 - Marechal Thaumaturgo – Cruzeiro do Sul (Rios e Igarapés)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
c6	Foz do Igarapé Riozinho	08°15’54,7”S 72°44’18,6”O	Direita	SE	
c7	Foz do Igarapé Juruá Mirim	08°07’36,5”S 72°48’29,5”O	Esquerda	Este	
c8	**Foz do Igarapé Valparaíso**	08°01’09,5”S 72°44’43,1”O	Direita	SE	
C9	Foz do Paraná do Moura	07°52’45,3”S 72°45’58,6”O	Esquerda	Oeste	
c10	Foz do Rio Moa	07°39’19,5”S 72°40’41,7”O	Esquerda	ONO	

D	Anexo 2 - Trecho Marechal Thaumaturgo – Cruzeiro do Sul (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
d1	Comunidade Triunfo	08°47’15,4”S 72°49’57,7”O	12 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
d2	**Comunidade Porungaba (Lago Tauré)**	08°40’33,7”S 72°49’06,3”O	05 famílias		Margem esquerda do Rio Juruá e não à esquerda como está no mapa.
d3	Comunidade Santa Fé	08°36’39,4”S 72°51’02,6”O	10 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
d4	**Com. Novo Horizonte**	08°26’51,6”S 72°49’11,4”O	07 famílias		Margem Direita do Juruá.

D	Anexo 2 - Trecho Marechal Thaumaturgo – Cruzeiro do Sul (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
d5	Comunidade Vitória	08°21'47,7"S 72°46'11,6"O	42 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita e Esquerda do Juruá.
d6	**Porto Walter**	08°15'51,4"S 72°44'28,7"O	9.200 habitantes	Igreja Matriz	Margem Esquerda do Juruá.
d7	Comunidade Simpatia	08°05'12,7"S 72°46'39"O	36 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Rio Juruá.
d8	**Comunidade Nova Cintra**	07°49'28,1"S 72°39'31,1"O	160 famílias		Margem Esquerda do Rio Juruá.

D	Anexo 2 - Trecho Marechal Thaumaturgo – Cruzeiro do Sul (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
d9	Rodrigues Alves	07°44′01,2″S 72°38′53,0″O	12.500 habitantes	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Rio Juruá.
d10	**Cruzeiro do Sul**	07°38′08,6″S 72°40′04,0″O	80.000 habitantes	Igreja Matriz	Margem Esquerda e Direita do Rio Juruá.

Comentários Gerais sobre o trecho: Variações extremas de navegação em decorrência das chuvas. O nível das águas pode sofrer variações de mais de dois metros em 12 horas. A descida de enorme quantidade de troncos e outros entulhos nas enxurradas dificulta consideravelmente a navegação de grandes embarcações.

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, foi alterada, giramos o Norte para o Este, para colocar a orientação geral do Rio Juruá no sentido horizontal. Observe a indicação do Norte à direita e acima de cada uma delas.

Imagem 51 – Marechal Thaumaturgo – Cruzeiro do Sul – Geral

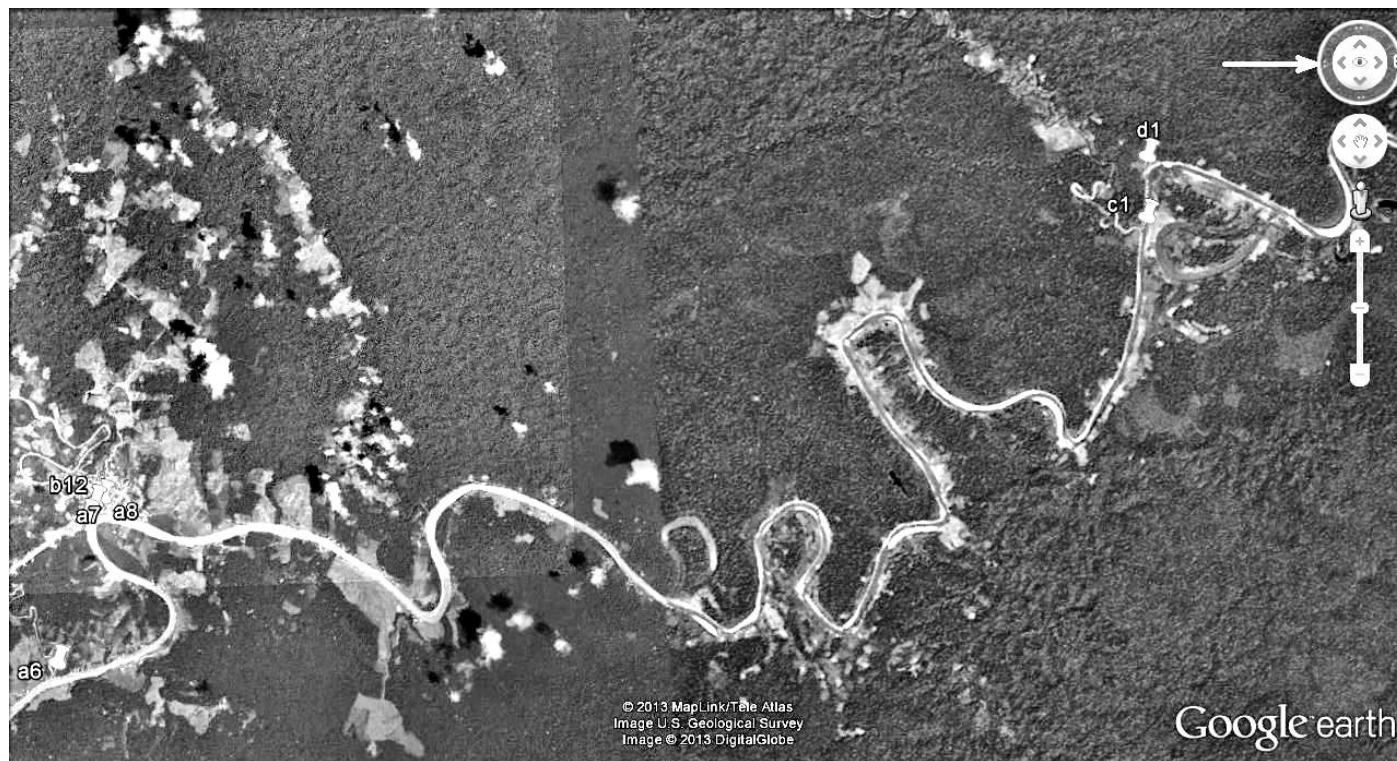



Imagem 52 – Marechal Thaumaturgo – Comunidade Triunfo

Imagem 53 – Comunidade Triunfo – Comunidade Santa Fé

Imagem 54 – Comunidade Santa Fé – Foz Igarapé Ouro Preto

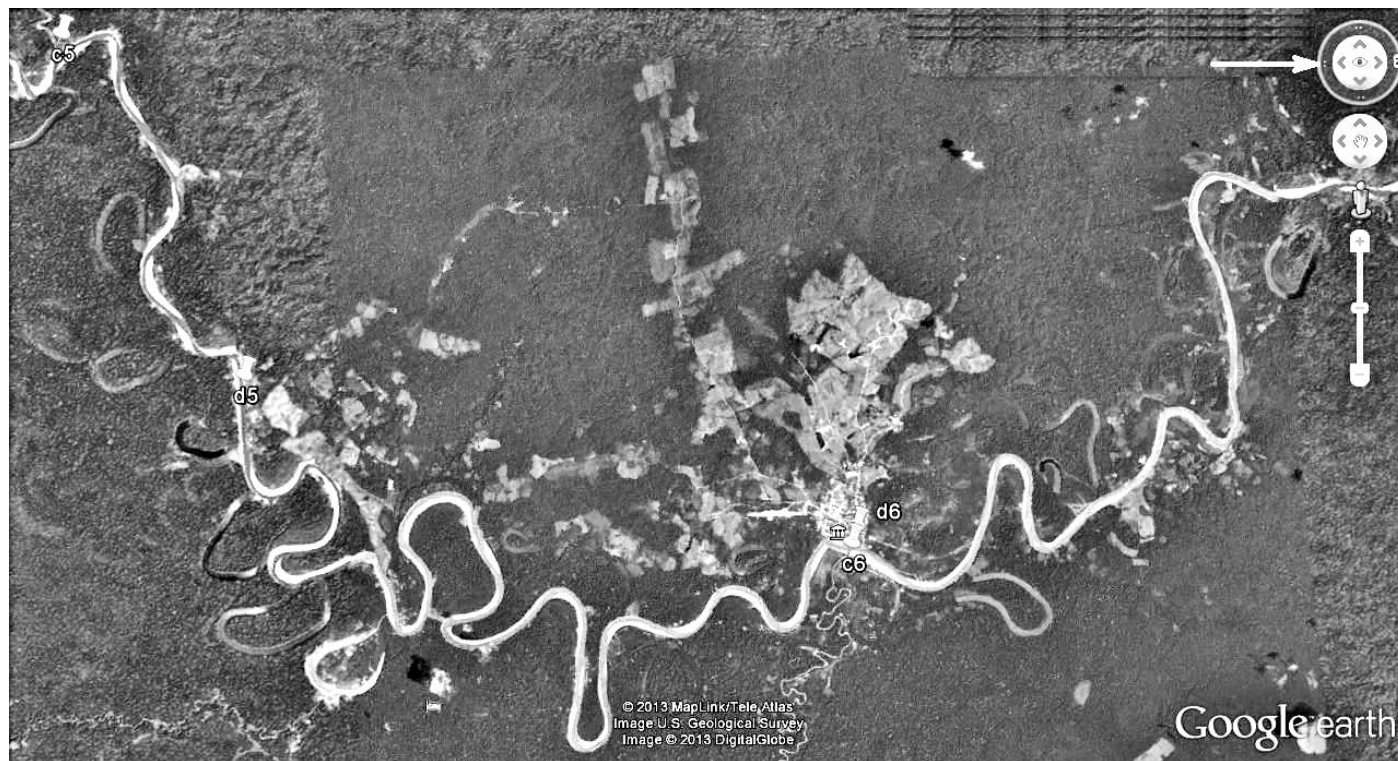



Imagem 55 – Foz Igarapé Ouro Preto – Porto Walter

Imagem 56 – Foz Igarapé Juruá Mirim – Foz Igarapé Valparaíso

Imagem 57 – Foz Igarapé Valparaíso – Foz do Paraná do Moura

Imagem 58 – Comunidade Nova Cintra – Foz do Moa

Imagem 59 – Foz do Moa – Cruzeiro do Sul

Imagem 60 – Cruzeiro do Sul (Igreja Matriz)

Anexo 3 – Cruzeiro do Sul, AC – Ipixuna, AM (262 km)

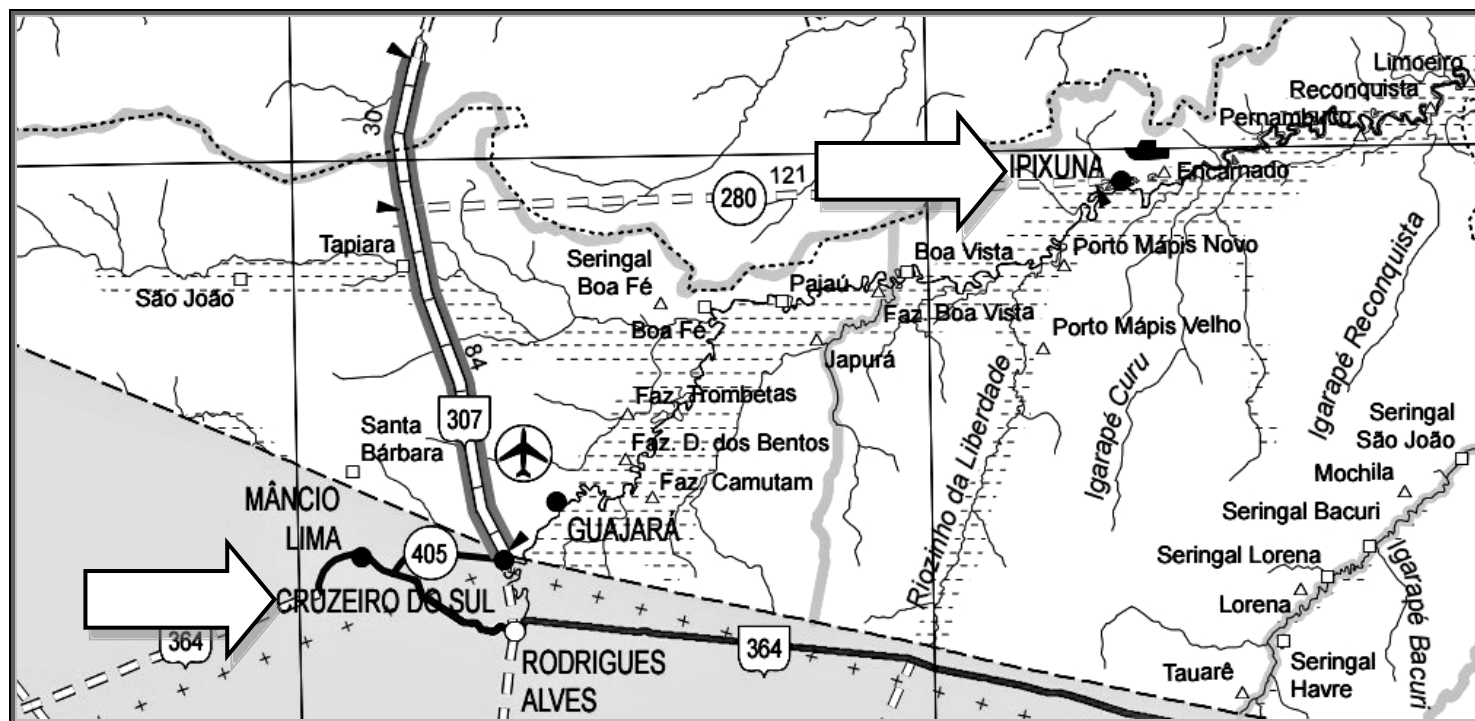



Imagem 61 – Cruzeiro do Sul, AC – Ipixuna, AM (DNIT)

E	Anexo 3 - Trecho – Cruzeiro do Sul – Ipixuna (Rios, Igarapés e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
e1	Foz do Rio Boa Fé	07°14'58,2"S 72°20'03,1"O	Esquerda	Oeste	Alguns ribeirinhos o chamam, erroneamente, de Paraná.
e2	Foz do Igarapé do Estirão do Ipixuna	07°14'03,7"S 72°18'14,3"O	Esquerda	Oeste	
e3	Foz do Igarapé do Campina	07°12'55,8"S 72°03'20,2"O	Direita	SO	
e4	Foz secundária do Riozinho da Liberdade	07°11'19,2"S 71°50'04,2"O	Direita	SO	Na alagação, o Riozinho da Liberdade apresenta esta Foz à montante da principal.

E	Anexo 3 - Trecho – Cruzeiro do Sul – Ipixuna (Rios, Igarapés e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
e5	Foz principal do Riozinho da Liberdade	07°10'47,2"S 71°49'06.5"O	Direita	SO	Foz Principal do Riozinho da Liberdade.
e6	Arrombado Nova Esperança	07°08'39,8"S 71°47'34,6"O			A alagação de 2009 arrombou o Furo N. Esperança transformando-o no novo leito do Juruá. A boca de jusante do "*Sacado*" foi assoreada e a de montante o será futuramente e transformará o "*Sacado*" em Lago.

F	Anexo 3 - Trecho Cruzeiro do Sul – Ipixuna (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
f1	Guajará (AM)	07°32’49.6”S 72°34’44,7”O	14.400 habitantes	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
f2	Comunidade Floresta	07°31’50,1”S 72°33’36,3”O	167 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
f3	Comunidade Novo Horizonte	07°29’23,6”S 72°27’59,6”O	23 famílias		Margens Direita e Esquerda do Juruá.
f4	Comunidade Montreal	07°27’33,8”S 72°26’23,0”O	07 famílias		Margem Direita do Juruá.
f5	Comunidade Luciano	07°25’34,6”S 72°25’50,3”O	23 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

<table>
<tr><th>F</th><th colspan="5">Anexo 3 - Trecho Cruzeiro do Sul – Ipixuna (Comunidades, Vilas e Cidades)</th></tr>
<tr><th>N°</th><th>Nome Povoado</th><th>Latitude
Longitude</th><th>População</th><th>Localização do Pt° Marcado</th><th>Obs.</th></tr>
<tr><td rowspan="2">f6</td><td rowspan="2">Comunidade Extremo da Boa Fé</td><td>07°19’38,4”S</td><td rowspan="2">07 famílias</td><td rowspan="6">Centro da Comunidade</td><td rowspan="2">Margem Direita do Juruá.</td></tr>
<tr><td>72°21’01,0”O</td></tr>
<tr><td rowspan="2">f7</td><td rowspan="2">Comunidade Boa Fé</td><td>07°14’57,0”S</td><td rowspan="2">17 famílias</td><td rowspan="2">Margem Direita do Juruá e Esquerda da Foz do Rio Boa Fé.</td></tr>
<tr><td>72°19’45,1”O</td></tr>
<tr><td rowspan="2">f8</td><td rowspan="2">Comunidade Estirão do Ipixuna</td><td>07°14’19,1”S</td><td rowspan="2">14 famílias</td><td rowspan="2">Distribuídas ao longo do Estirão a maioria, na Margem Direita do Juruá.</td></tr>
<tr><td>72°16’48,2”O</td></tr>
</table>

F	Anexo 3 - Trecho Cruzeiro do Sul – Ipixuna (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
f9	Comunidade Rebojo	07°14’08,1”S 72°13’44,1”O	08 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
f10	Comunidade Testa Branca	07°13’14,0”S 72°10’16,3”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
f11	Comunidade Ouro Preto I	07°13’03,0”S 72°05’39,1”O	01 família		Margem Esquerda do Juruá.
f12	Comunidade Ouro Preto II	07°11’50,6”S 72°04’44,4”O	08 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
f13	**Comunidade Boca do Campina**	07°12’57,0”S 72°03’15,9”O	18 famílias		Margem Direita do Juruá.

F	Anexo 3 - Trecho Cruzeiro do Sul – Ipixuna (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
f14	Comunidade Manduca	07°12’44,1”S 71°56’43,0”O	08 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
f15	Comunidade Açaituba	07°12’39,2”S 71°56’32,7”O	16 famílias		Margem Direita do Juruá.
f16	Comunidade Porto Mapi	07°09’09,0”S 71°47’57,7”O	07 famílias		Margem Direita do Juruá.
f17	Comunidade Nova Esperança	07°08’53,6”S 71°47’31,6”O	18 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
f18	Comunidade Santo Antônio	07°05’24,7”S 71°44’32,6”O	19 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

F	Anexo 3 - Trecho Cruzeiro do Sul – Ipixuna (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
f19	Comunidade Porto Alegre	07°04’07,0”S 71°42’36,4”O	16 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
f20	**Ipixuna**	07°03’15,3”S 71°41’33,1”O	23.500 habitantes		Margem Esquerda do Juruá.

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, foi alterada, giramos o Norte para o Nordeste (exceto na Imagem 68), para colocar a orientação geral do Rio Juruá no sentido horizontal. Observe a indicação do Norte à direita e acima de cada uma delas.

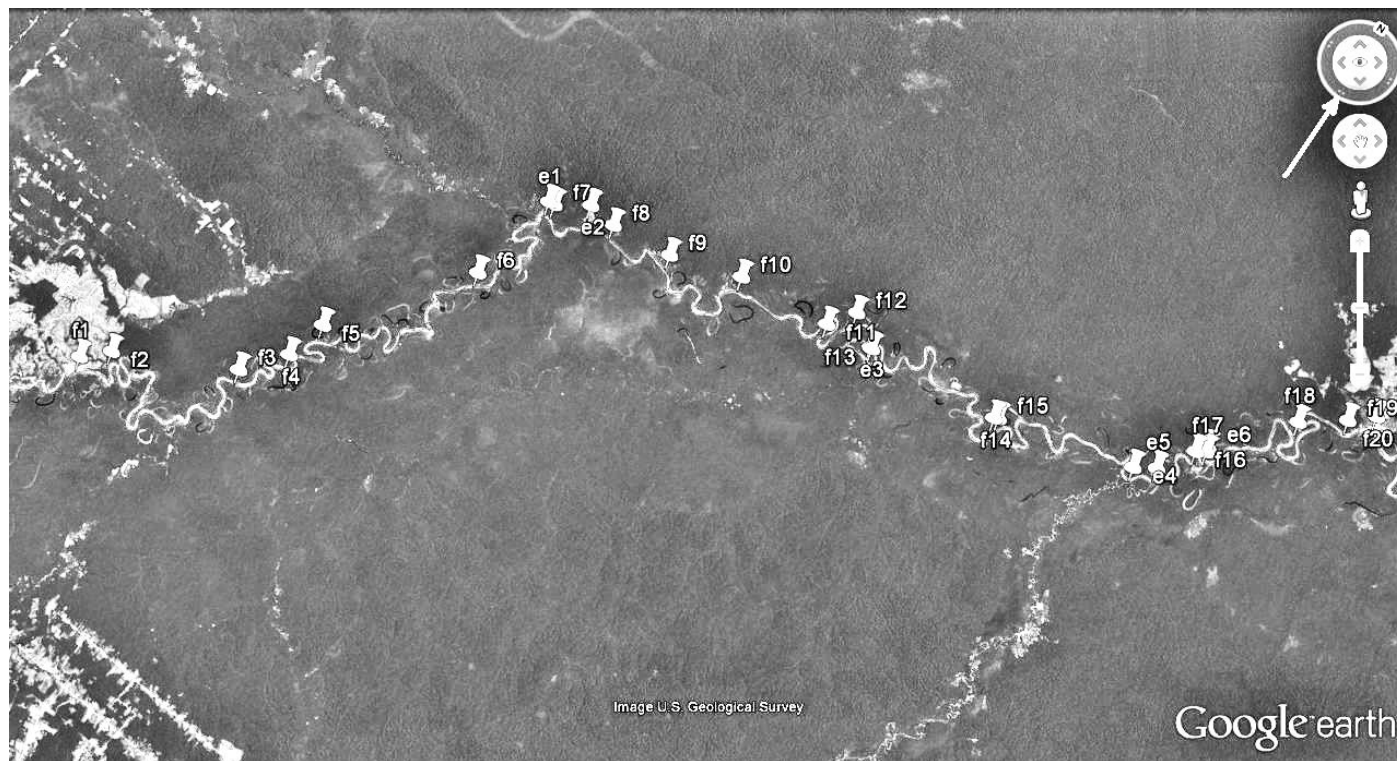



Imagem 62 – Cruzeiro do Sul – Ipixuna – Geral

Imagem 63 – Cruzeiro do Sul – Comunidade Floresta

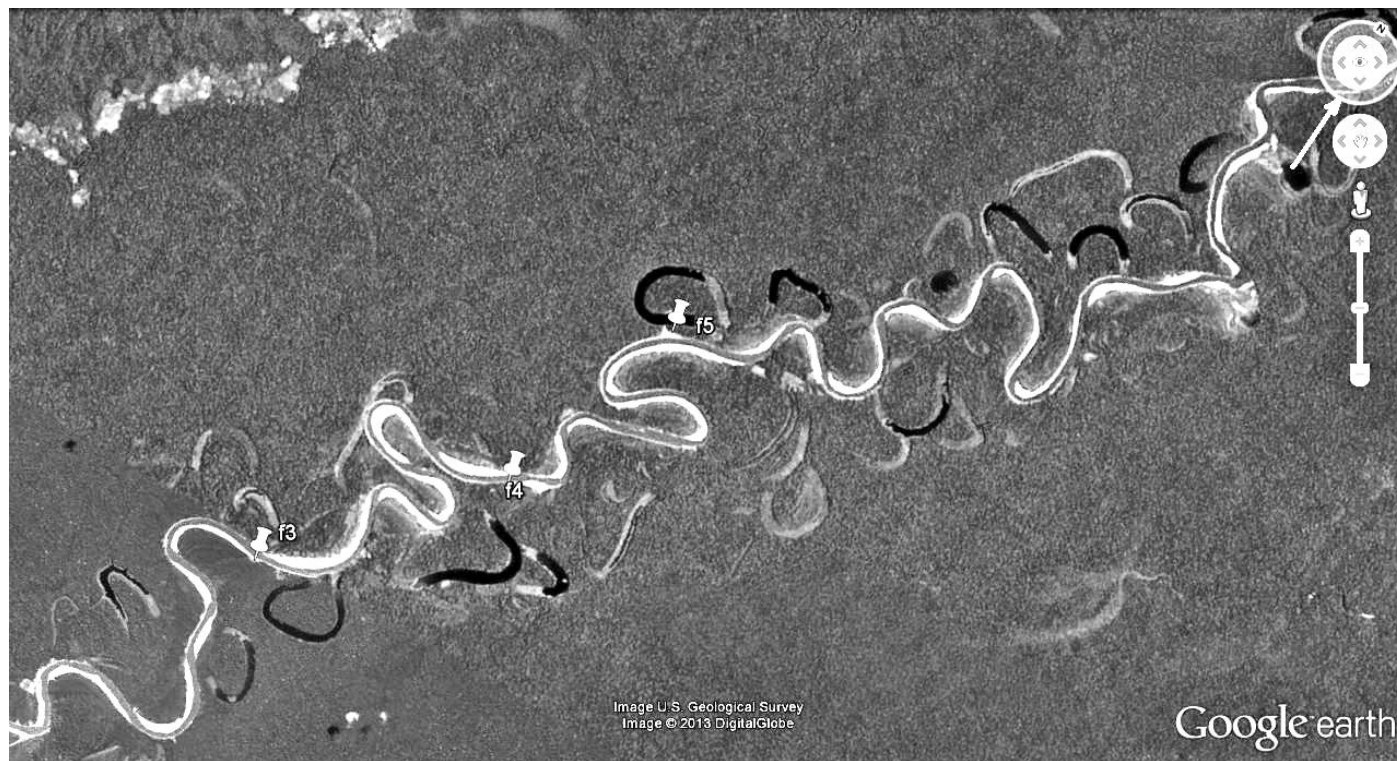



Imagem 64 – Comunidade Floresta – Comunidade Luciano

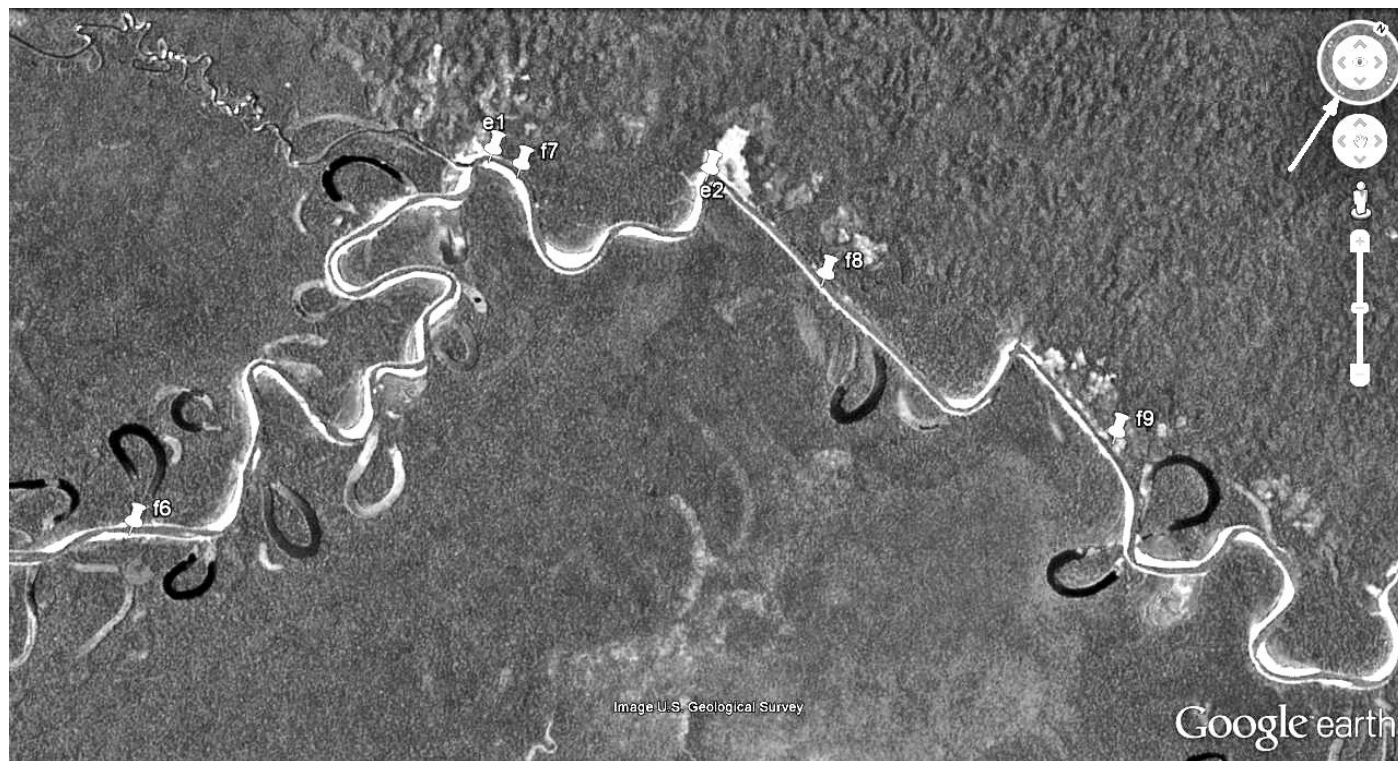



Imagem 65 – Comunidade Luciano – Comunidade Rebojo

Imagem 66 – Com. Rebojo – Comunidade Boca do Campina

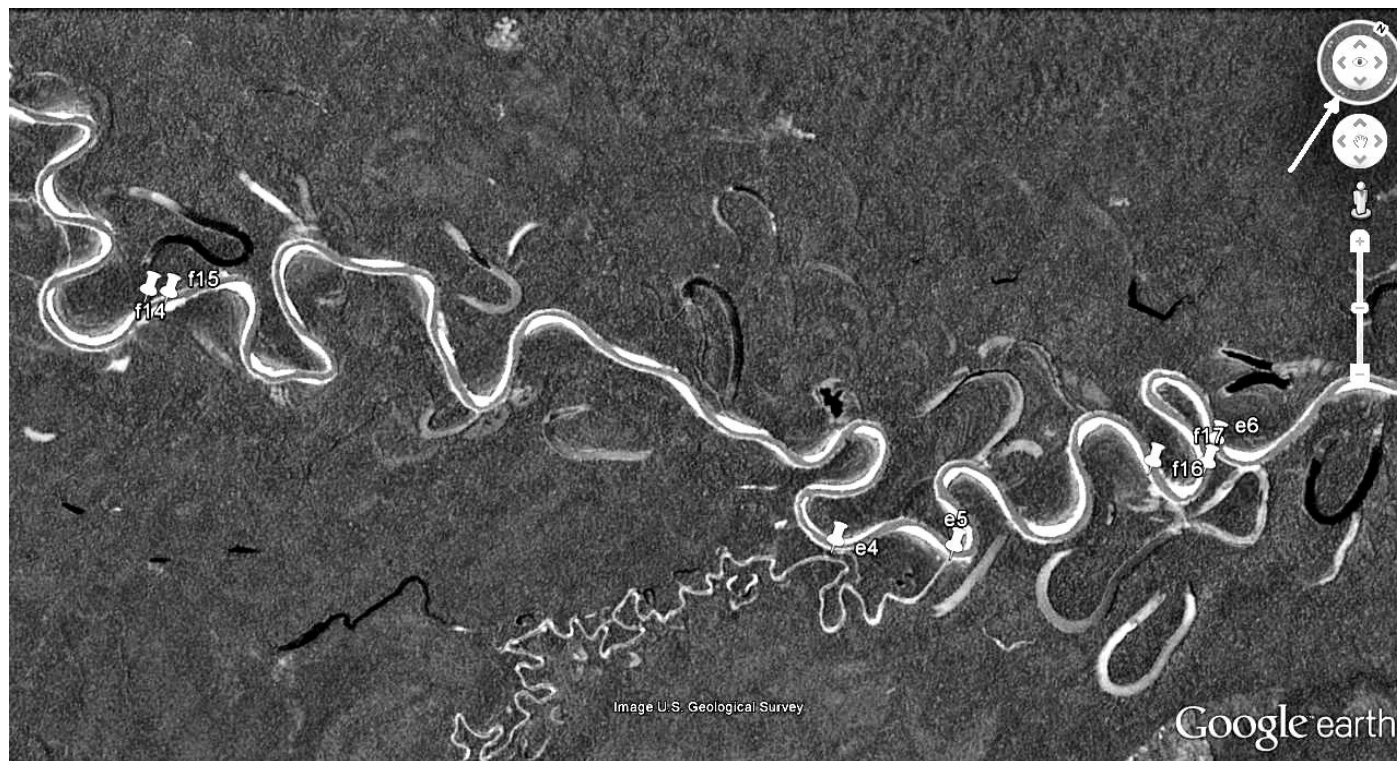



Imagem 67 – Com. Boca do Campina – Arr. Nova Esperança

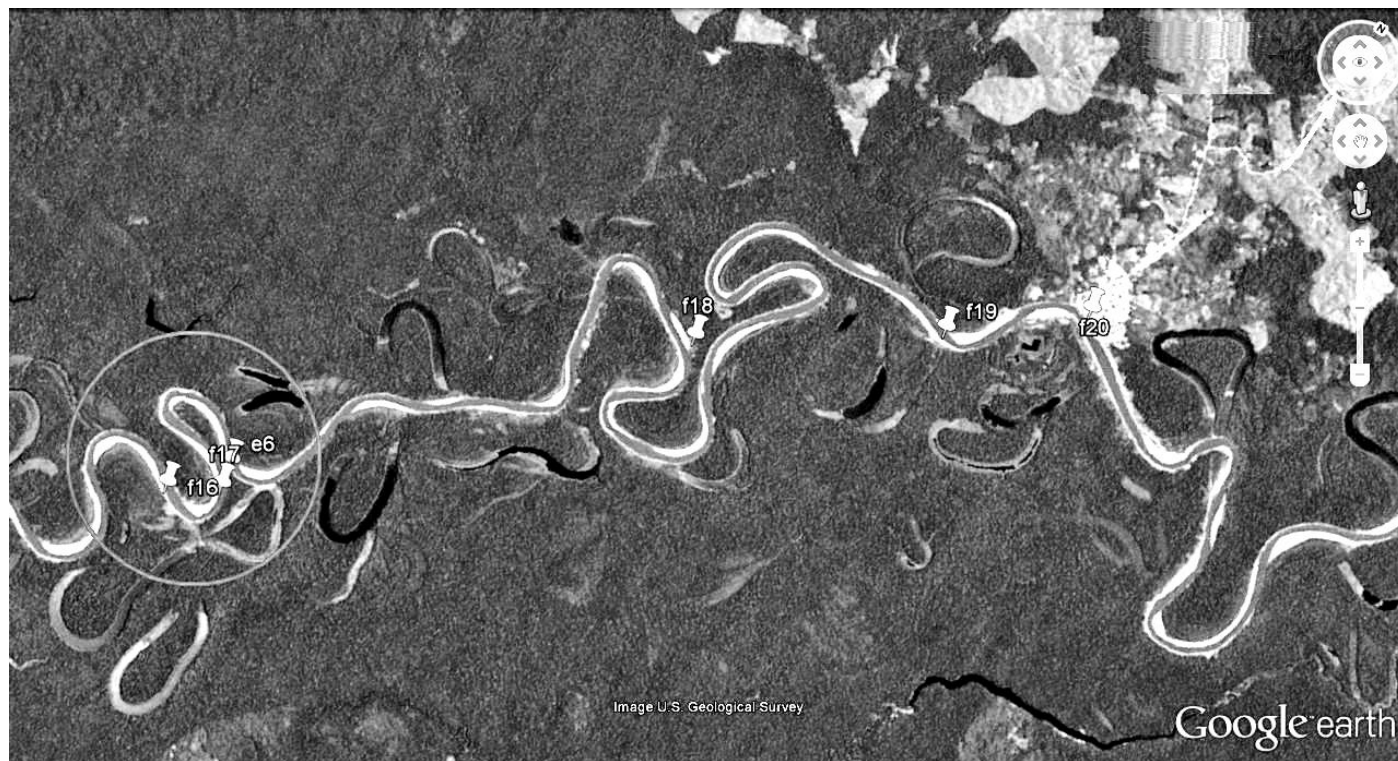



Imagem 68 – Comunidade Porto Mapi – Ipixuna

Imagem 69 – Detalhe Arrombado Nova Esperança

Anexo 4 – Ipixuna, AM – Eirunepé, AM (554 km)

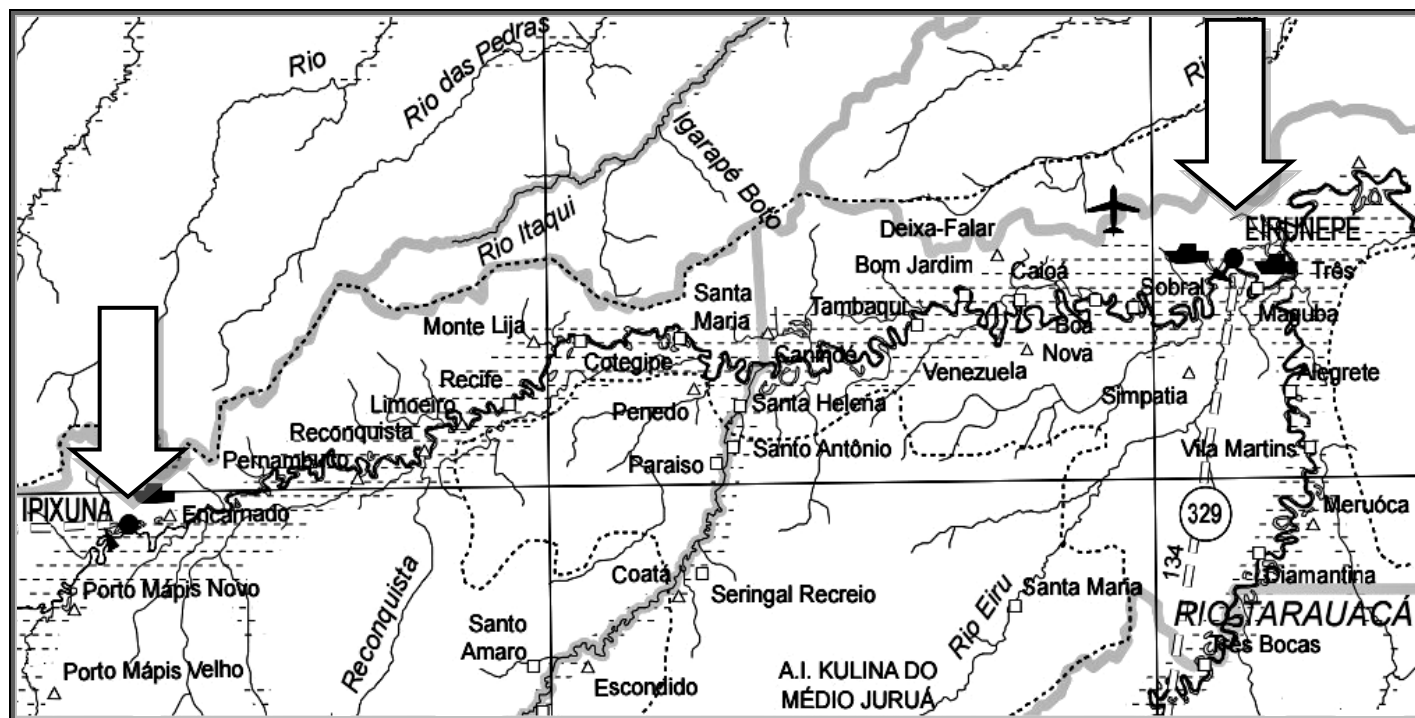



Imagem 70 – Ipixuna, AM – Eirunepé, AM (DNIT)

G	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Igarapés, Furos e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
g1	Foz do Igarapé Turrufão	07°03’10,6”S 71°41’45,9”O	Direita	NNO	
g2	Foz do Igarapé Curu	07°02’06,9”S 71°34’57,3”O	Direita	SSO	
g3	Foz do Igarapé Onça	06°58’10,7”S 71°17’58,3”O	Direita	SO	
g4	Foz do Igarapé Barão	06°57’54,7”S 71°13’39,8”O	Direita	SO	
g5	Foz do Igarapé Reconquista	06°57’00,0”S 71°12’17,5”O	Direita	SSO	

G	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Igarapés, Furos e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
g6	Arrombado São Paulo	06°54’34,6”S 71°08’49,7”O			Rompeu nos idos de 2009.
g7	Igarapé Condor	06°48’12,7”S 70°44’57,8”O	Direita	Oeste	
g8	Igarapé Penedo	06°50’20,0”S 70°43’37,9”O	Direita	SSO	Duzentos metros da sua Foz existe uma Aldeia Kulina com o mesmo nome do Igarapé.
g9	Rio Gregório	06°48’53,4”S 70°38’31,3”O	Direita	SO	

G	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Igarapés, Furos e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
g10	Furo Marçal	06°48’50,2”S 70°37’09.2”O	Esquerda		400 metros a jusante da Comunidade Cordeiro.
g11	Furo do Cavado	06°47’27,5”S 70°32’13,9”O			
g12	Foz do Igarapé Simpatia	06°45’11,6”S 69°55’35,7”O	Direita	SO	

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h1	Comunidade Bonga	07°03’43,3”S 71°38’22,2”O	21 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
h2	Comunidade Poeira	07°03’14,1”S 71°37’37,0”O	32 famílias		Margem Direita do Juruá.
h3	Comunidade Pernambuco	06°58’48,9”S 71°28’25,3”O	281 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h4	Comunidade Monte Sinai	06°58’39,7”S 71°25’03,5”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h5	Comunidade Bahia	06°58’23,0”S 71°25’39,8”O	06 famílias		Margem Direita do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h6	Comunidade Seringal Belém	06°58’54,1”S 71°23’04,6”O	07 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
h7	Comunidade Boa Vista	06°56’39,0”S 71°21’16,7”O	07 famílias		Margem Direita do Juruá.
h8	**Com. Ituxi**	06°57’57,6”S 71°18’09,7”O	11 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h9	Comunidade Academia	06°57’08,1”S 71°15’00,2”O	05 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h10	Comunidade Reconquista	06°56’22,5”S 71°11’32,8”O	06 famílias		Margem Direita do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h11	Comunidade Anori	06°53’51,5”S 71°09’46,6”O	05 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
h12	Comunidade São Paulo	06°54’38,4”S 71°08’58,9”O	05 famílias		Margem Direita do Juruá.
h13	**Com. das Piranhas**	06°50’31,7”S 71°01’21,6”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h14	Comunidade Monte Lígia	06°45’47,9”S 70°57’23,6”O	11 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h15	Comunidade Neon	06°45’54,5”S 71°57’23,6”O	04 famílias		Margem Direita do Juruá, frontal à Monte Lígia.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h16	Comunidade Cotegipe	06°46'10,0"S 70°52'38,0"O	01 família	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá (Terra Firme).
h17	Comunidade São José	06°45'38,7"S 70°49'21,3"O	05 famílias		Margem Direita do Juruá.
h18	**Com. Condor**	06°44'54,5"S 70°47'21,2"O	11 famílias		Margem Esquerda do Juruá (Terra Firme).
h19	Comunidade Santa Maria	06°48'35,4"S 70°41'07,0"O	04 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h20	Comunidade da Boca do Pucá	06°50'35,6"S 71°40'19,5"O	22 famílias		Margem Direita do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h21	Comunidade Evaliza	06°48’45,7”S 70°38’34,6”O	11 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá frontal à Boca do Rio Gregório.
h22	Comunidade Cordeiro	06°48’45,4”S 70°37’23,2”O	08 famílias		Margem Esquerda do Juruá, 400 metros a jusante da Comunidade fica o Furo Marçal.
h23	Comunidade Ceará	06°48’21,3”S 70°37’00,7”O	04 famílias		Margem Direita do Juruá, ainda em construção.
h24	**Com. São José**	06°47’15,0”S 70°31’25,2”O	04 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h25	Comunidade Bóia	06°48’58,5”S 70°28’01,5”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h26	Comunidade da Boca da Cobra	06°47’12,3”S 70°25’05,6”O	10 famílias		Margem Direita do Juruá.
h27	**Com. Praia do Hilário**	06°44’20,4”S 70°23’54,6”O	10 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
h28	Comunidade Nova Esperança	06°44’19.2”S 70°22’35.2”O	09 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h29	Comunidade Matrixam	06°43’34,2”S 70°21’49,2”O	09 famílias		Margem Direita do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h30	Comunidade Malagueta	06°44’04,2”S 70°20’25,9”O	15 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
h31	Comunidade Deixa Falar	06°42’25,2”S 70°19’30,5”O	55 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h32	Comunidade Fogoso	06°44’23,3”S 70°15’35,7”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h33	Comunidade Venezuela	06°47’26,7”S 70°15’13,0”O	24 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h34	Comunidade Caioá	06°44’45,9”S 70°13’48,4”O	08 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h35	Comunidade São Miguel	06°45’48,4”S 70°13’32,5”O	11 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
h36	Comunidade Vila União ou Araçazal	06°45’43,1”S 70°10’57,1”O	40 famílias		Margem Direita do Juruá.
h37	Comunidade Bacurau	06°42’28,9”S 70°09’28,1”O	05 famílias		Margem Direita do Juruá. Rochedos podem causar prejuízos à navegação.
h38	Comunidade Kaxinguba	06°44’46,9”S 70°07’23,2”O	10 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h39	Comunidade Kaxinawa	06°45’47.6”S 70°06’45,2”O	09 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
h40	**Com. Miriti**	06°42’47.7”S 70°05’59,1”O	08 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h41	Comunidade Restauração	06°44’35,4”S 70°03’32”O	05 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h42	Comunidade Sobral	06°44’06,4”S 70°01’24,4”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
h43	Comunidade São João II	06°43’37,2”S 70°00’34,1”O	07 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

H	Trecho Ipixuna – Eirunepé (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
h44	Comunidade São João I	06°45’55,3”S 69°59’54,5”O	05 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
h45	Comunidade Paris	06°40’52,4”S 69°52’36,7”O	10 famílias		Margem Direita do Juruá.
h46	**Eirunepé**	06°40’05,3”S 69°51’58,5”O	31.364 habitantes.	Orla	Margem Esquerda do Juruá. Rochedos podem causar prejuízos à navegação.

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, está devidamente orientada para o Norte.

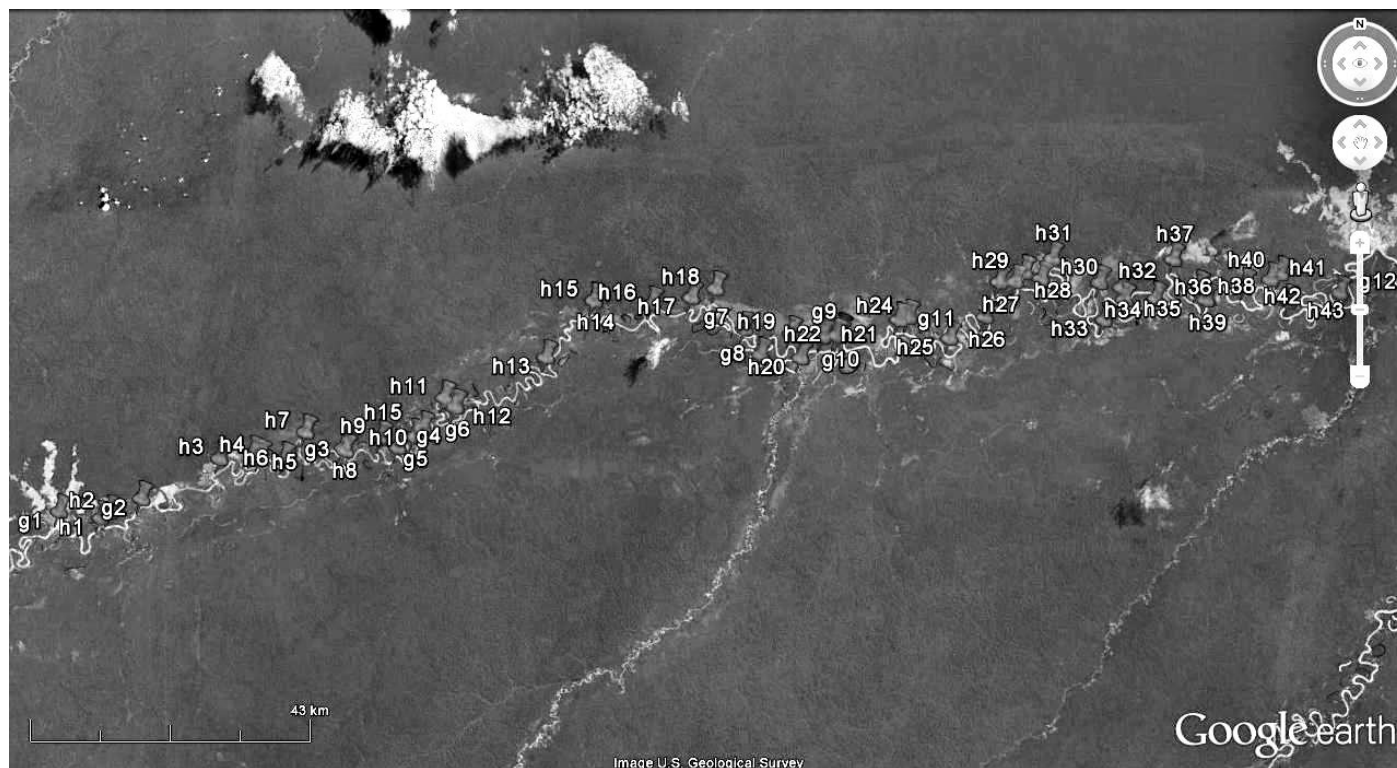



Imagem 71 – Ipixuna – Eirunepé (Geral)

Imagem 72 – Ipixuna – Foz do Igarapé Curu

Imagem 73 – Comunidade Pernambuco – Comunidade Ituxi

Imagem 74 – Comunidade Academia – Arrombado São Paulo

Imagem 75 – Detalhe Arrombado São Paulo

Imagem 76 – Com. das Piranhas – Com. São José

Imagem 77 – Com. São José – Comunidade Ceará

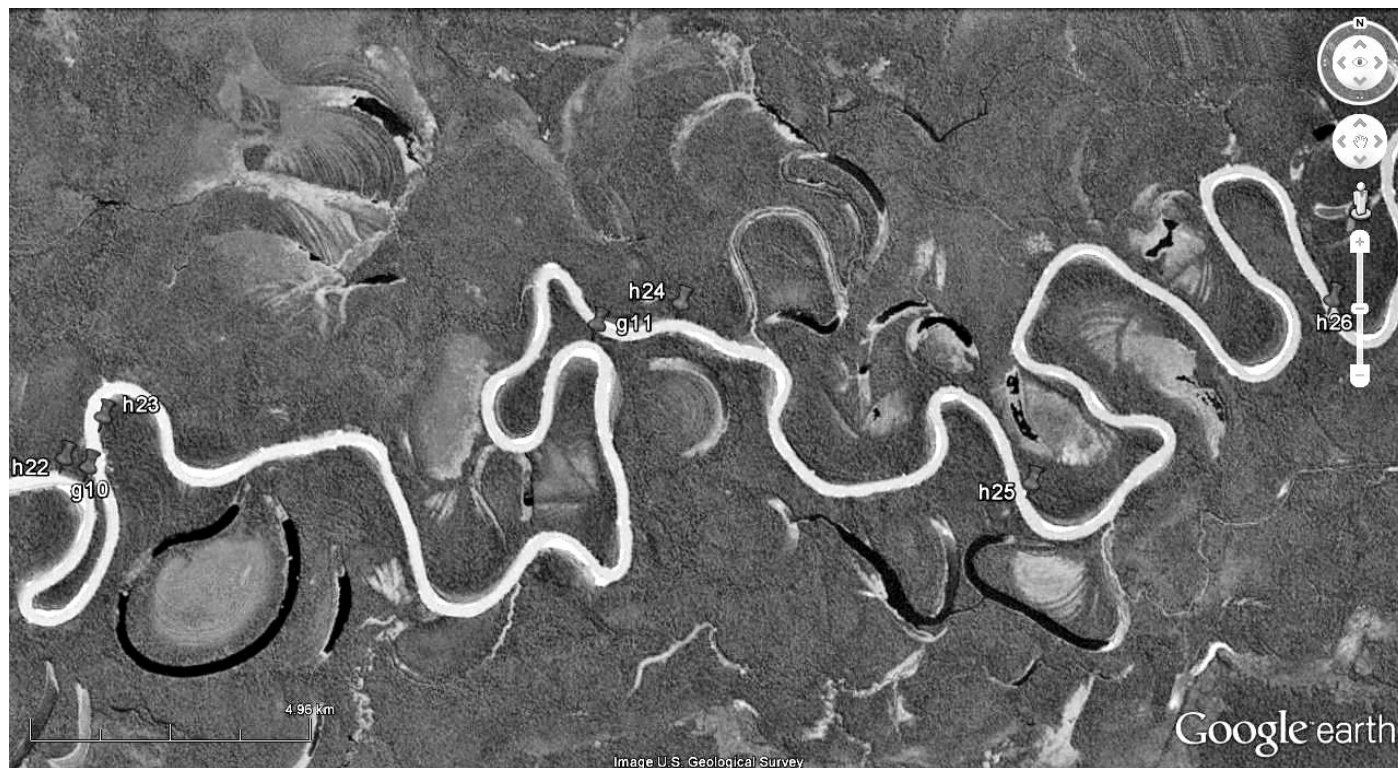



Imagem 78 – Com. Cordeiro – Com. Boca da Cobra

Imagem 79 – Com. Boca da Cobra – Com. São Miguel

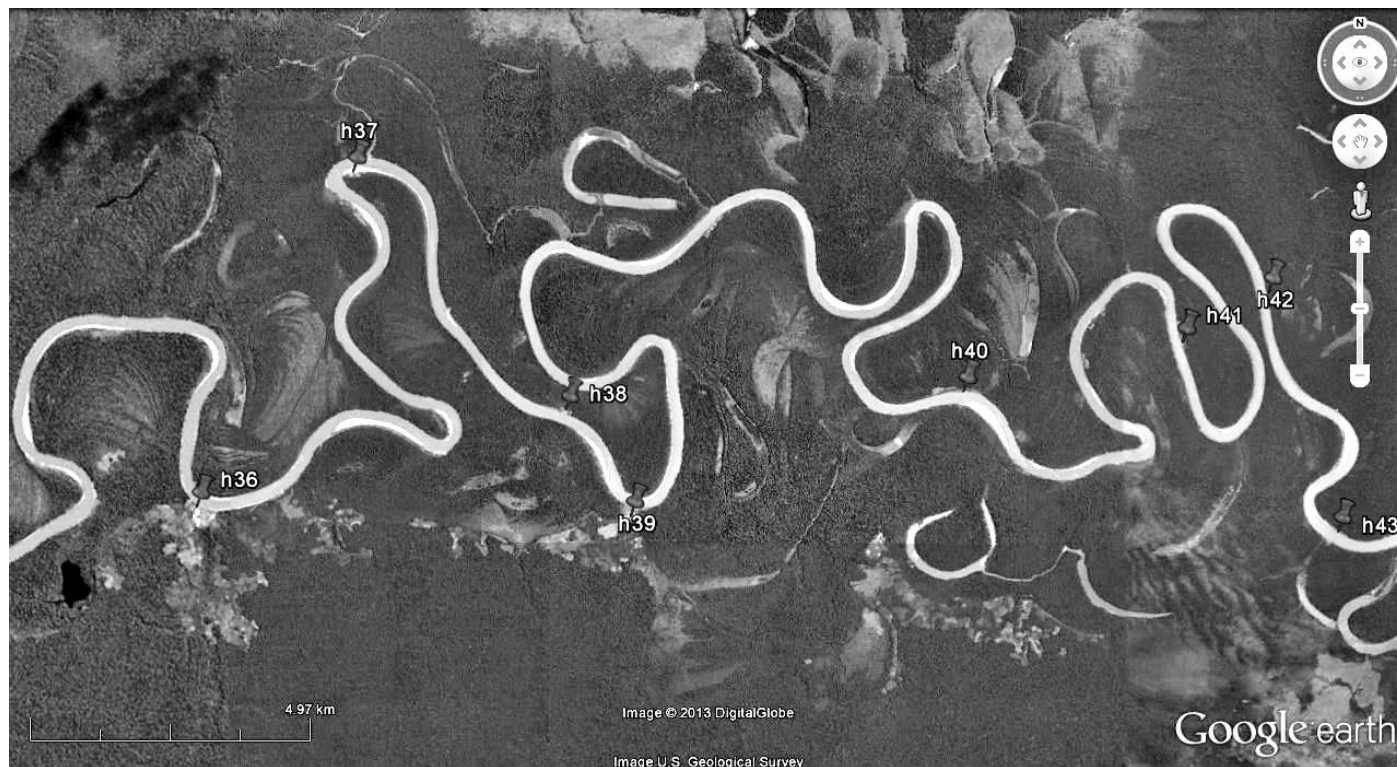



Imagem 80 – Com. Vila União – Com. São João I

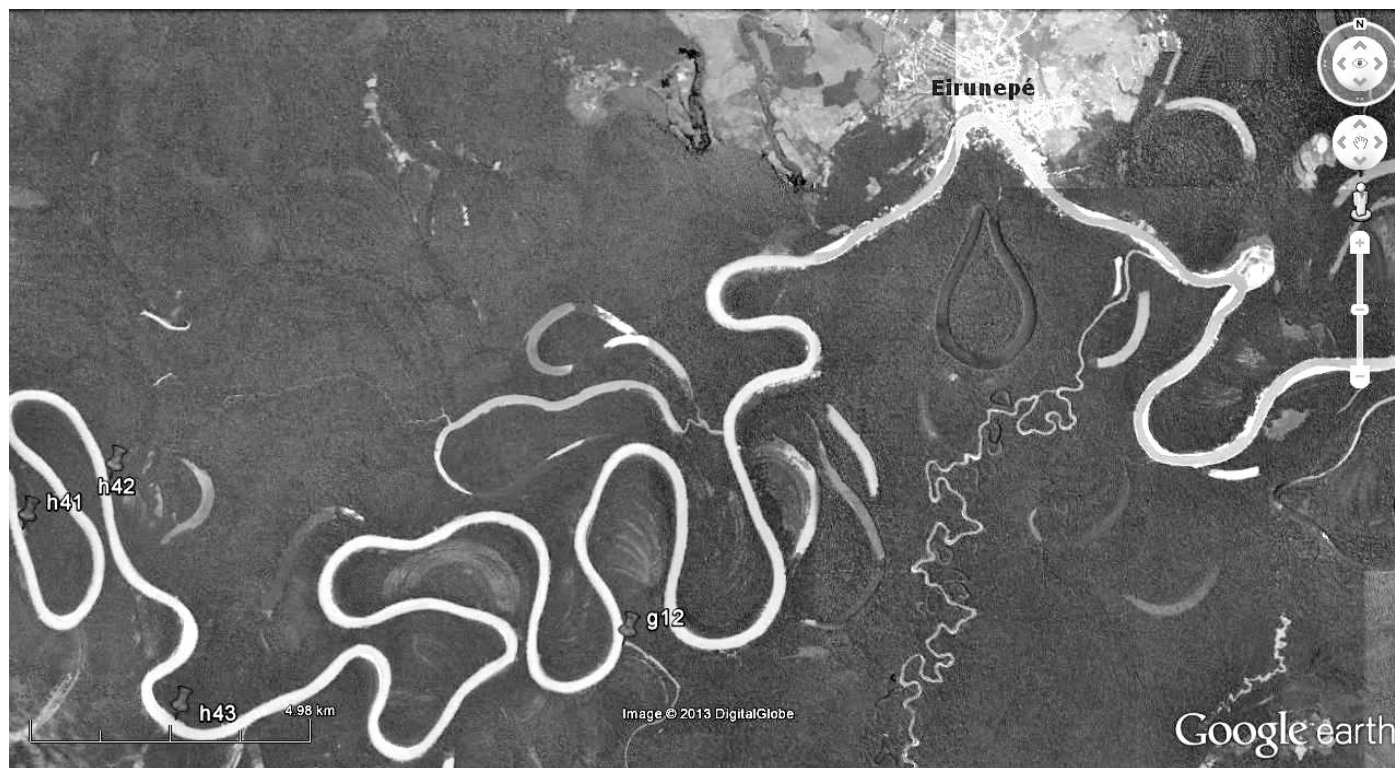



Imagem 81 – Comunidade Sobral – Eirunepé

Anexo 5 – Eirunepé, AM – Itamarati, AM (494 km)

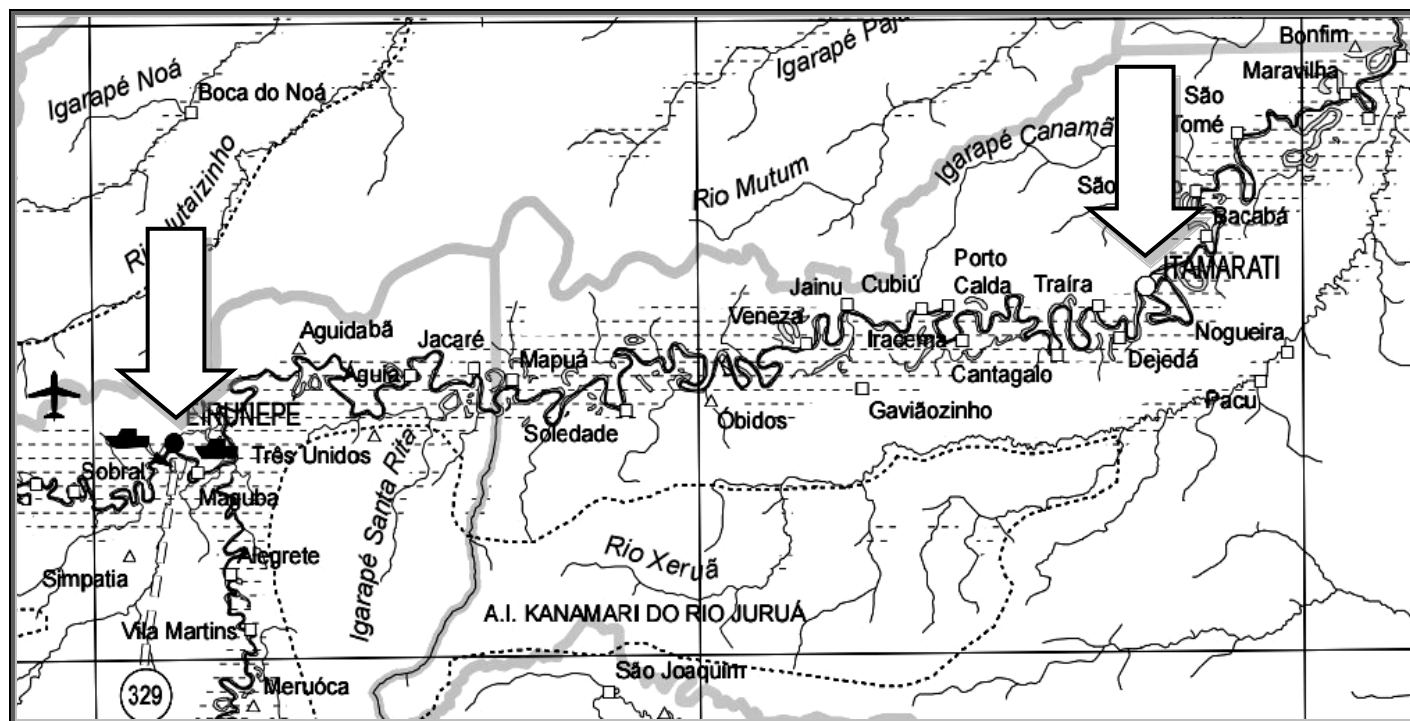



Imagem 82 – Eirunepé, AM – Itamarati, AM (DNIT)

I	Trecho Eirunepé – Itamarati (Rios, Igarapés e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
i1	Foz Rio Tarauacá	06°41’39,3”S 69°45’58,7”O	Direita	SSO	Na margem direita de sua Foz existe uma Comunidade chamada Tarauacá.
i2	Foz Igarapé Sérgio	06°33’59,8”S 69°46’20,5”O	Esquerda	NO	
i3	Foz Igarapé Remanso	06°32’48,8”S 69°43’01,1”O	Esquerda	NO	
i4	Foz do Igarapé Chafaroscado	06°31’31,4”S 69°36’11,8”O	Esquerda	O	
i5	Foz do Igarapé Três Bocas	06°37’09,2”S 69°19’44,1”O	Direita	S	

I	Trecho Eirunepé – Itamarati (Rios, Igarapés e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
i6	Foz do Igarapé Preto	06°36’48,6”S 69°07’35,7”O	Direita	SSO	
i7	Arrombado da Volta do Coringa	06°34’54,7”S 69°00’08,0”O			Rompeu na cheia de 2011.
i8	Foz Igarapé Mapuriné	06°31’51,2”S 68°55’34,5”O	Esquerda	ONO	
i9	Arrombado Altamira	06°33’00,8”S 68°54’01,0”O			Rompeu na cheia de 2011.
i10	Foz do Igarapé Jainu	06°27’53,0”S 68°44’29,8”O	Direita	SO	

I	Trecho Eirunepé – Itamarati (Rios, Igarapés e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
i11	Arrombado Cubiu	06°28’22,9”S 68°36’12,2”O			Rompeu na cheia de 2005.
i12	Arrombado Valter Buri	06°28’06,5”S 68°28’34,3”O			Rompeu na cheia de 2009.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j1	Comunidade Praia do Soldado	06°42’42,5”S 69°49’21,3”O	08 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
j2	Comunidade Foz do Taraucá	06°41’32,5”S 69°45’50,8”O	09 famílias		Margem Direita do Juruá, após confluência do Tarauacá.
j3	Comunidade Pau d’Alho	06°34’13,0”S 69°46’28,6”O	11 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
j4	Comunidade Morada Nova	06°32’47,4”S 69°42’42,9”O	05 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j5	**Comunidade Aquidabã**	06°31’40,7”S 69°40’04,6”O	00 famílias	Casa Abandonada	Margem Esquerda do Juruá, restam apenas 2 casas abandonadas.
j6	Comunidade Prainha	06°31’29,7”S 69°35’51,9”O	10 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
j7	Comunidade Três Unidos	06°35’19,2”S 69°31’38,4”O	11 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
j8	Comunidade Águia	06°33’47,9”S 69°28’28,2”O	07 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j9	Comunidade Águia II	06°31'02,9"S 69°25'49,4"O	08 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
j10	Comunidade Praia da Cacaia	06°34'30,0"S 69°25'11,6"O	15 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
j11	Comunidade Morada Nova	06°34'36,4"S 69°22'16,3"O	07 famílias		Margem Direita do Juruá.
j12	**Comunidade Jacaré**	06°33'17,0"S 69°21'42,6"O	02 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
j13	Comunidade Nova Sorte	06°34'58,6"S 69°21'31,5"O	03 famílias		Margem Direita do Juruá.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j14	Comunidade Aurora	06°34’47,1”S 69°18’09,1”O	07 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
j15	Comunidade Soriano	06°35’45,2”S 69°12’12,1”O	10 famílias		Margem Direita do Juruá. Sete famílias estão em processo de mudança para a Cidade de Eirunepé.
j16	**Comunidade Praia Alta**	06°36’24,7”S 69°08’34,1”O	08 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j17	Comunidade Soledade	06°36’48,6”S 69°07’35,7”O	00 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá, restam apenas taperas abandonadas.
j18	Comunidade Aracu	06°32’25,8”S 69°05’33,0”O	08 famílias		Margem Direita do Juruá.
j19	Comunidade Mamoal	06°30’55,9”S 69°01’28,7”O	09 famílias		Margem Direita do Juruá.
j20	Comunidade Veneza	06°30’55,3”S 68°48’57,5”O	07 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j21	**Comunidade Gaviãozinho**	06°31'22,7"S 68°48'13,3"O	05 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá. Furo do Gaviãozinho 500 m a jusante da Comunidade.
j22	Comunidade Monte Alegre	06°31'00,0"S 68°45'45,4"O	09 famílias		Margem Direita do Juruá.
j23	Comunidade Cubiu	06°27'47,9"S 68°38'44,1"O	11 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
j24	Comunidade Bolívia	06°27'19,5"S 69°35'02,9"O	07 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j25	Comunidade Refúgio	06°29'46,4"S 68°35'49,6"O	04 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
j26	Comunidade Valter Buri	06°28'10,1"S 68°26'27,5"O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
j27	**Comunidade Canta Galo**	06°32'10,4"S 68°24'42,6"O	33 famílias		Margem Direita do Juruá.
j28	Comunidade Morada Nova	06°28'42,6"S 68°23'00,0"O	22 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
j29	Comunidade Extrema	06°31'38,0"S 68°21'40,9"O	05 famílias		Margem Direita do Juruá.

J	Trecho Eirunepé – Itamarati (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
j30	Comunidade Monte Mário	06°27’27,3”S 68°20’52,3”O	08 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
j31	**Itamarati**	06°26’27,5”S 68°14’43,5”O	7.983 habitantes.	Orla	Margem Esquerda do Juruá.

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, está devidamente orientada para o Norte.

Imagem 83 – Eirunepé – Itamarati (Geral)

Imagem 84 – Eirunepé – Comunidade Foz do Taraucá

Imagem 85 – Com. Pau d'Alho – Foz Igarapé Chafaroscado

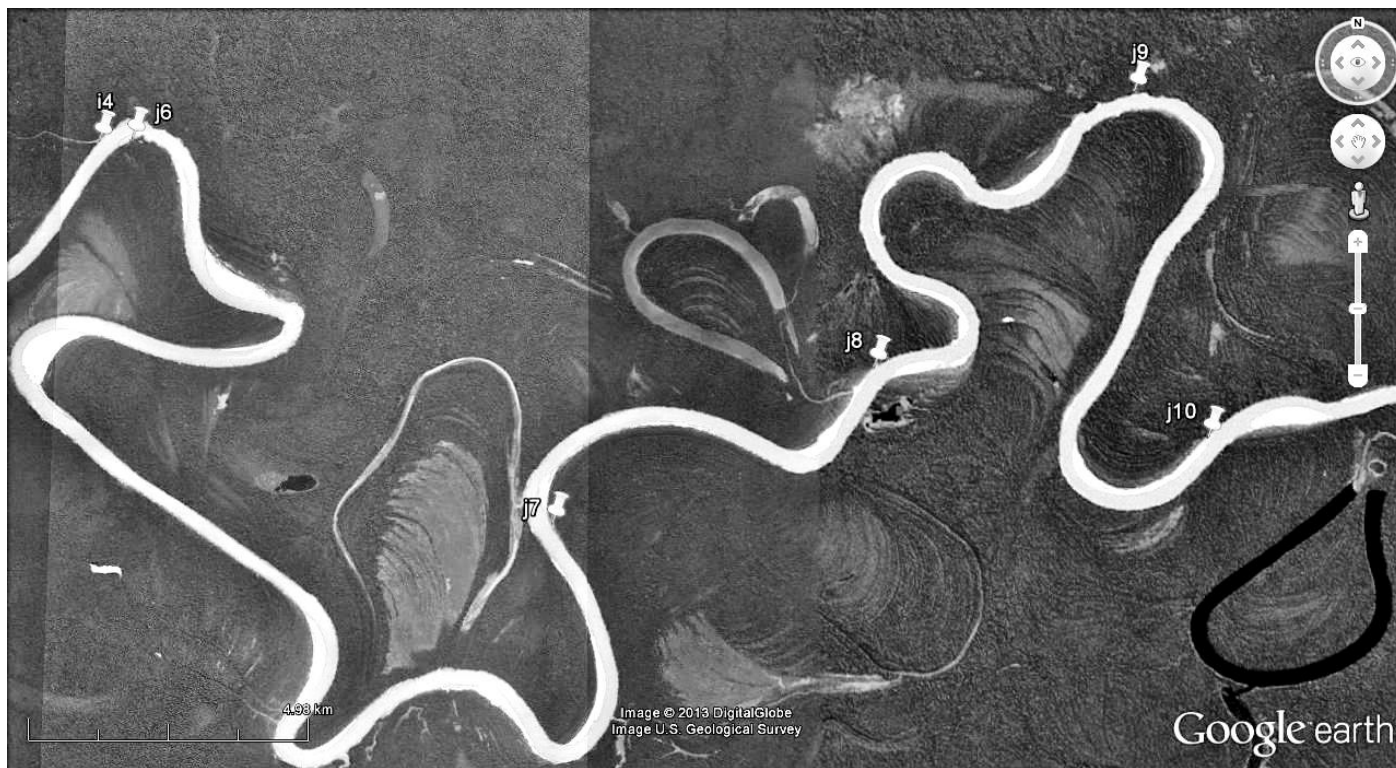



Imagem 86 – Foz Ig. Chafaroscado – Com. Praia da Cacaia

Imagem 87 – Comunidade Águia II – Comunidade Aurora

Imagem 88 – Comunidade Soriano – Comunidade Mamoal

Imagem 89 – Comunidade Mamoal – Comunidade Veneza

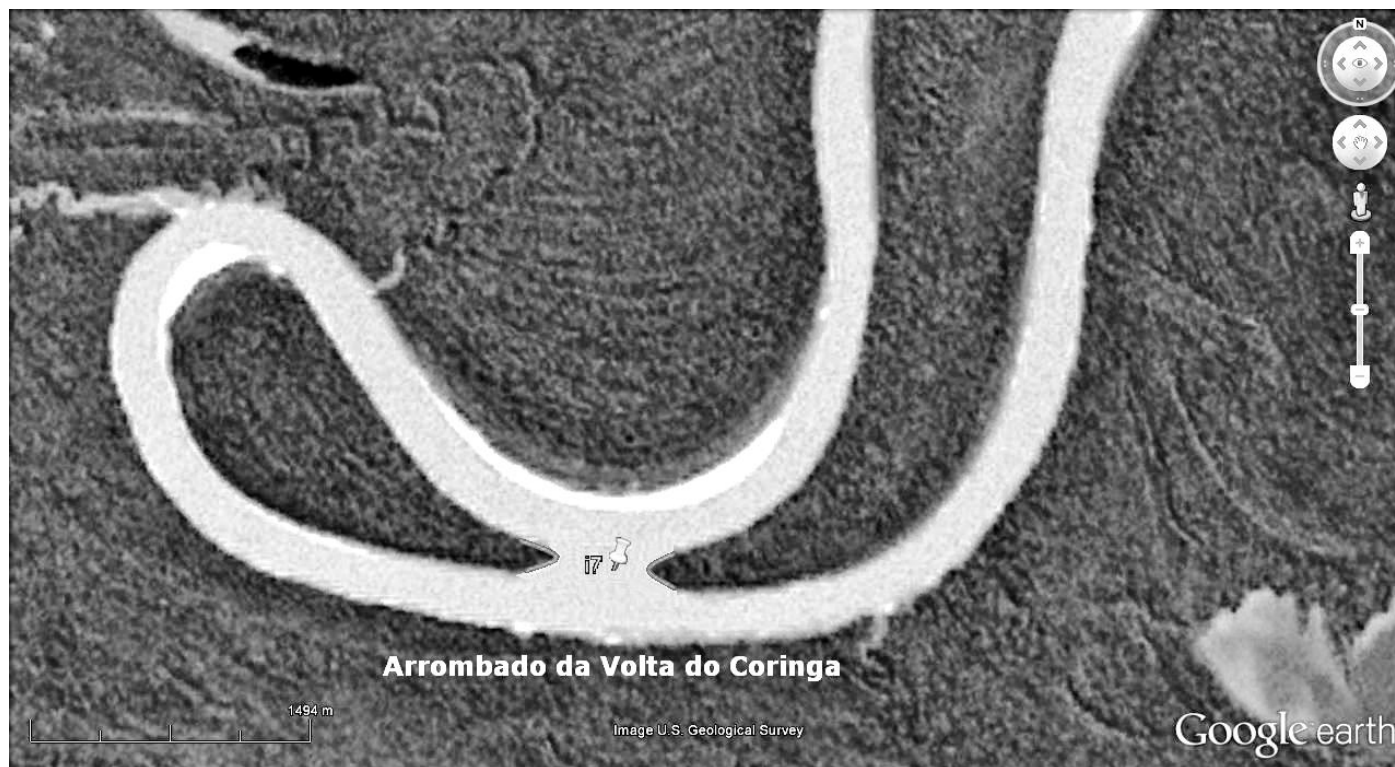



Imagem 90 – Detalhe Arrombado da Volta do Coringa

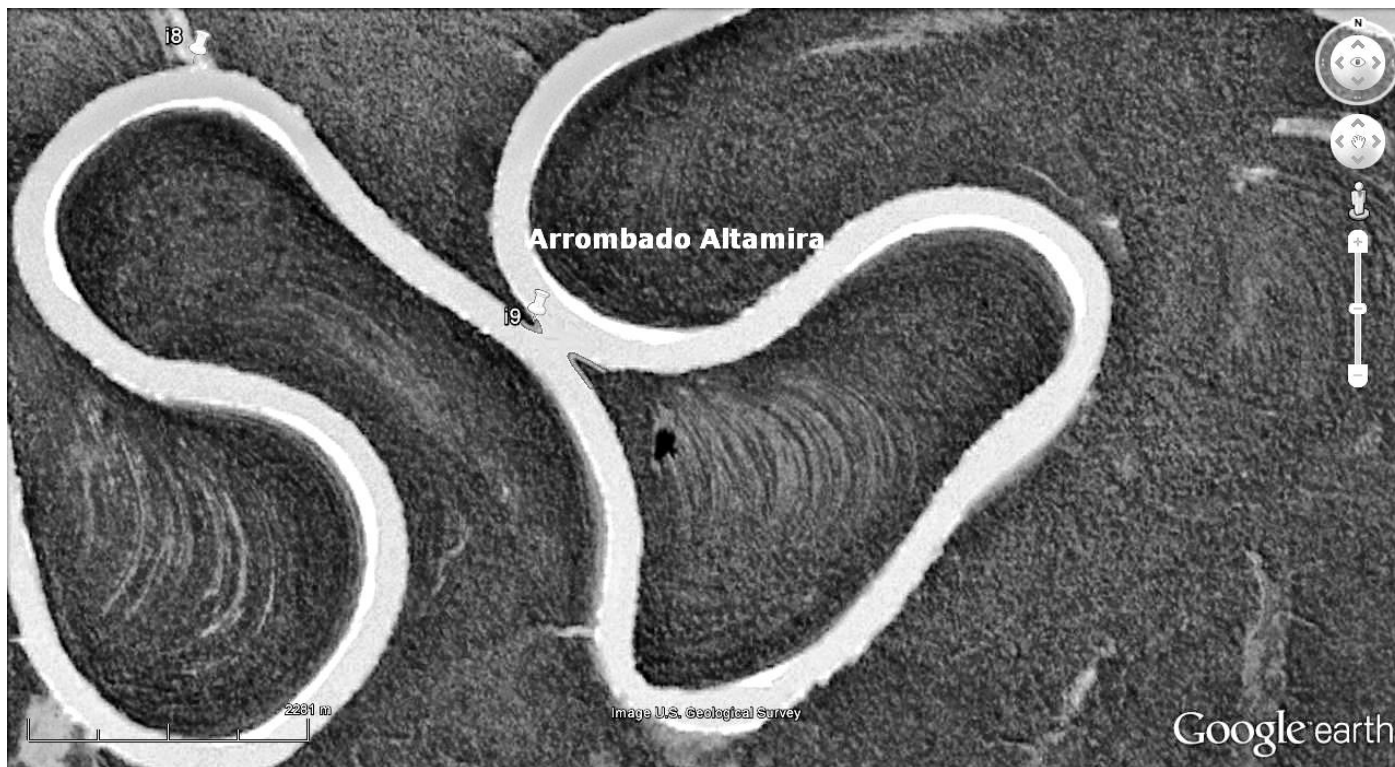



Imagem 91 – Detalhe Arrombado Altamira

Imagem 92 – Comunidade Veneza – Comunidade Refúgio

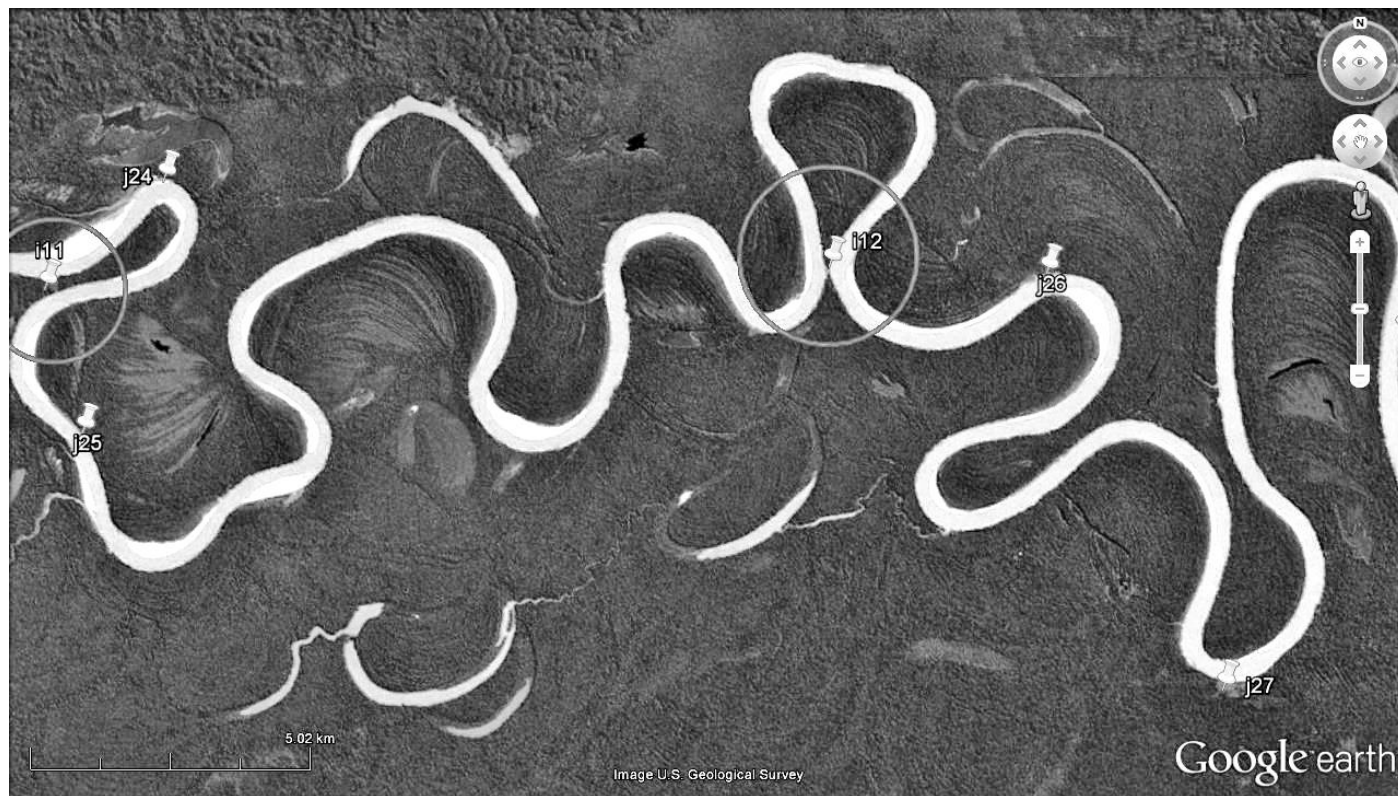



Imagem 93 – Arrombado Cubiu – Comunidade Morada Nova

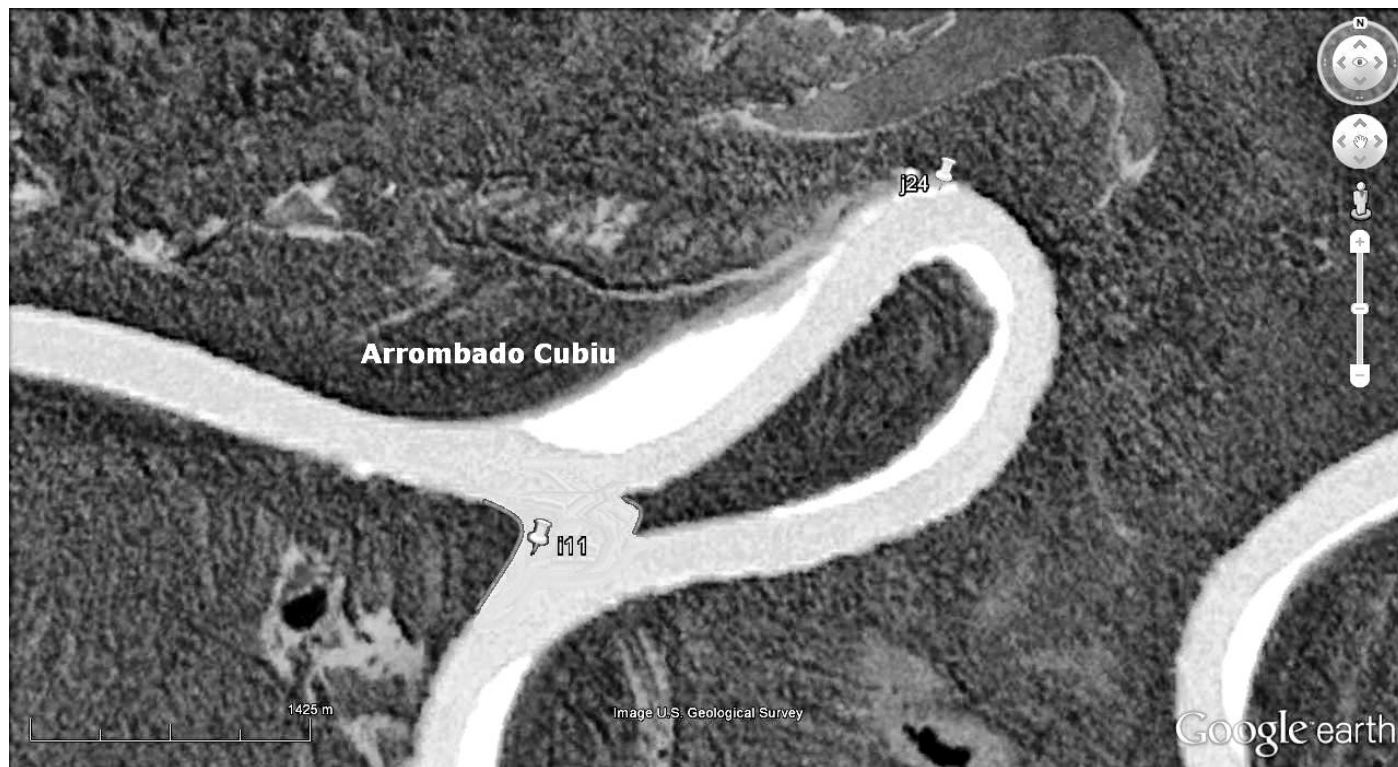



Imagem 94 – Detalhe Arrombado Cubiu

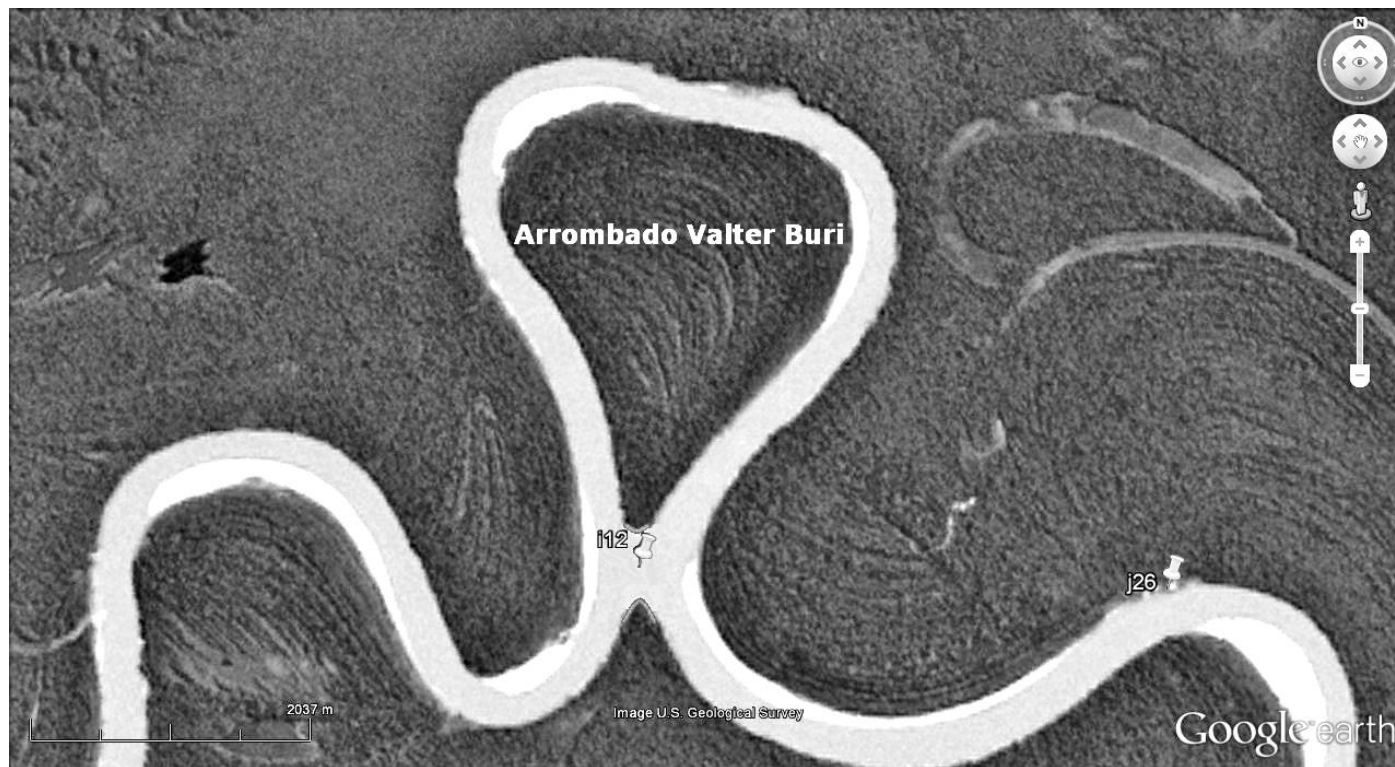



Imagem 95 – Detalhe Arrombado Valter Buri

Imagem 96 – Comunidade Canta Galo – Itamarati

Anexo 6 – Itamarati, AM – Carauari, AM (531 km)

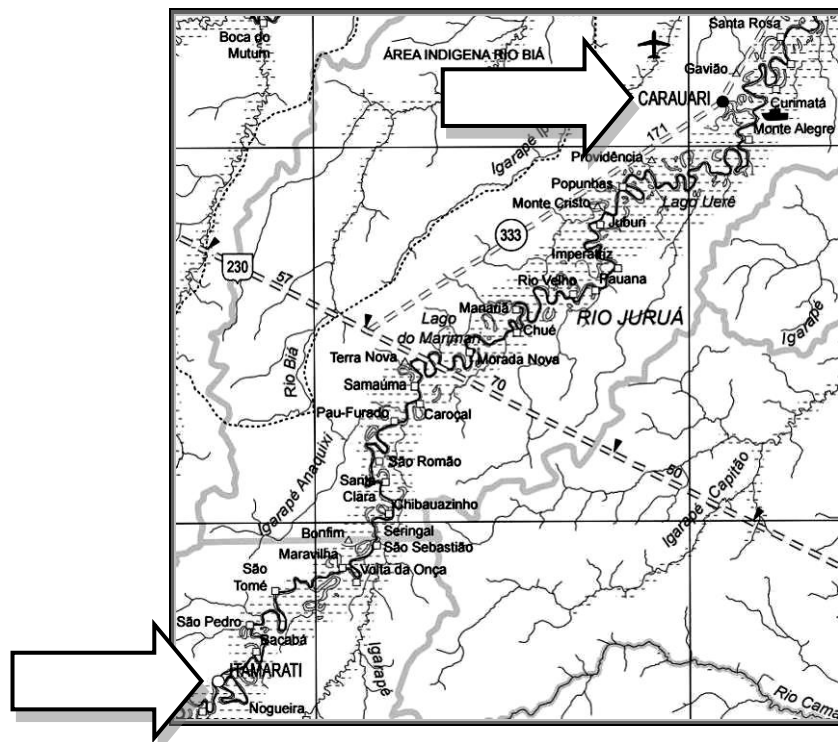



Imagem 97 – Itamarati, AM – Caruari, AM (DNIT)

K	Trecho Itamarati – Carauari (Igarapés, Furos e Ilhas)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem / Localização**	**Orientação Geral**	**Obs.**
k1	Foz Igarapé Canamã	06°15’05,1”S 68°08’26,7”O	Esquerda	Oeste	
k2	Foz do Rio Xeruã	06°02’16,7”S 67°49’42,0”O	Direita	Sul	
k3	Furo Itanga	05°47’31,2”S 67°51’33,3”O	Montante		O Furo parcialmente arrombado conecta-se a um Sacado que permite a navegação de grandes embarcações no seu braço Ocidental e das menores também no Oriental. As balsas que sobem o Juruá fazem uso do braço Ocidental.
k4		05°45’33,7”S 67°49’46,7”O	Jusante		

K	Trecho Itamarati – Carauari (Igarapés, Furos e Ilhas)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem / Localização**	**Orientação Geral**	**Obs.**
k5	Igarapé Mararí	05°44’44,0”S 67°46’57,4”O	Direita	Sul	
k6	Ilha do Mararí	05°44’29,0”S 67°46’20,3”O			Formada depois que o Rio Juruá abriu uma segunda Boca, à montante da primitiva, no Igarapé Mararí no ano de 1978.
k7	Furo Morro Alto	05°37’11,6”S 67°42’22,8”O	Montante		Uma família está morando na Boca de montante do Furo Morro Alto correndo sério risco caso o mesmo venha a ser arrombado. Existem formações rochosas que representam perigo à navegação próximas à Comunidade Morro Alto.
k8		05°37’08,9”S 67°42’06,8”O	Jusante		

<table>
<tr><th>K</th><th colspan="5">Trecho Itamarati – Carauari (Igarapés, Furos e Ilhas)</th></tr>
<tr><th>N°</th><th>Nome do Objeto</th><th>Latitude S.
Longitude O.</th><th>Margem / Localização</th><th>Orientação Geral</th><th>Obs.</th></tr>
<tr><td rowspan="2">k9</td><td rowspan="6">Foz Igarapé Chué</td><td>05°31’25,7”S</td><td rowspan="6">Direita</td><td rowspan="6">SO</td><td rowspan="2">Boca atual de montante.</td></tr>
<tr><td>67°30’06,6”O</td></tr>
<tr><td rowspan="2">k10</td><td>05°31’03,6”S</td><td rowspan="2">Boca atual de jusante.</td></tr>
<tr><td>67°29’16,2”O</td></tr>
<tr><td rowspan="2">k11</td><td>05°29’54,7”S</td><td rowspan="2">Boca Original na década de 1960.</td></tr>
<tr><td>67°28’06,5”O</td></tr>
<tr><td rowspan="2">k12</td><td rowspan="2">Ilha do Chué</td><td>05°30’21,6”S</td><td rowspan="2"></td><td rowspan="2"></td><td rowspan="2">Formada depois que o Rio Juruá abriu uma 2ª Boca (à montante) no Igarapé Chué na década de 1960.</td></tr>
<tr><td>67°28’42,3”O</td></tr>
<tr><td rowspan="2">k13</td><td rowspan="2">Foz do Igarapé do Preguiça</td><td>05°18’33,6”S</td><td rowspan="2">Esquerda</td><td rowspan="2">Oeste</td><td rowspan="2"></td></tr>
<tr><td>67°13’01,2”O</td></tr>
</table>

K	Trecho Itamarati – Carauari (Igarapés, Furos e Ilhas)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude S. Longitude O.**	**Margem / Localização**	**Orientação Geral**	**Obs.**
k14	Furo Jabaí	05°15’22,5”S 67°14’11,6”O	Montante		Correnteza fraca, largura suficiente para voadeiras e pequenas chalanas.
k15		05°15’03,9”S 67°14’13,6”O	Jusante		
k16	Furo Pupunhas	05°06’42,5”S 67°09’59,6”O	Montante		Correnteza fraca, largura suficiente para voadeiras e pequenas chalanas.
k17		05°06’15,1”S 67°09’48,8”O	Jusante		

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I1	Comunidade Boa Esperança	06°22'44,6"S 69°09'02,5"O	06 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
I2	Comunidade Tonantins	06°20'37,0"S 68°08'33,0"O	06 famílias		Margem Direita do Juruá.
I3	Comunidade Santo Antônio	06°14'41,2"S 68°08'30,9"O	03 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I4	Comunidade Vila Martins	06°14'03,3"S 68°07'19,2"O	08 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I5	Comunidade Vista Alegre	06°15'45,7"S 68°05'19,2"O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I6	Comunidade Conceição do Raimundo	06°12'36,5"S 68°05'55,2"O	22 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
I7	Comunidade São Tomé	06°11'17,6"S 68°06'16,9"O	09 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I8	**Comunidade São Braz**	06°11'05,7"S 68°03'27,6"O	14 famílias		Margem Direita do Juruá.
I9	Comunidade Maravilha	06°07'30,0"S 67°55'10,7"O	01 família		Margem Esquerda do Juruá.
I10	Comunidade Praia do Afonso	06°07'34,6"S 67°53'06,3"O	02 famílias		Margem Direita do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I11	Comunidade São Sebastião	06°03’18,9”S 67°50’40,7”O	03 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
I12	Comunidade Xibauazinho	05°57’57,8”S 67°47’19,9”O	11 famílias		Margem Direita do Juruá.
I13	Comunidade Mandioca	05°53’49,4”S 67°49’04,6”O	05 famílias		Margem Direita do Juruá.
I14	**Comunidade Xibauá Grande**	05°53’42,5”S 67°51’33,4”O	07 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I15	Comunidade Cachoeira	05°49’05.5”S 67°48’31,3”O	05 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I16	Comunidade Monte Carmelo	05°44’06,8”S 67°46’28,8”O	11 família	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá (antiga Pau-furado).
I17	Comunidade São Francisco	05°41’54,4”S 67°45’07,9”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I18	Comunidade Boa Vista	05°41’43,7”S 67°44’57,9”O	12 famílias		Margem Direita do Juruá.
I19	Comunidade Caroçal	05°41’13,5”S 67°43’29,7”O	07 famílias		Margem Direita do Juruá.
I20	Comunidade Samaumeira	05°38’48,1”S 67°43’17,6”O	03 famílias		Margem Direita do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I21	Comunidade Morro Alto	05°37’32,8”S 67°42’28,7”O	22 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá. Rochedos perigosos.
L22	Comunidade Monte D’Ouro	05°34’25,9”S 67°43’58,4”O	03 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
I23	Comunidade Maracajá	05°34’27,5”S 67°41’12,5”O	05 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
I24	**Comunidade Morada Nova**	05°32’57,1”S 67°34’58,6”O	12 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
I25	Comunidade Santo Antonio do Brito	05°31’06,5”S 67°35’09,6”O	13 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I26	Comunidade Boa Vista do Ido	05°31'32,4"S 67°30'52,8"O	05 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
I27	Comunidade Canta Galo	05°26'56,0"S 67°26'06,3"O	07 famílias		Margem Direita do Juruá.
I28	Comunidade Barreira do Ido	05°28'26,5"S 67°24'46,0"O	12 famílias		Margem Direita do Juruá.
I29	Comunidade do Pão	05°24'27,1"S 67°22'28,4"O	12 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I30	Comunidade do Ido	05°24'33,5"S 67°19'51,2"O	08 famílias		Margem Direita do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I31	Comunidade Rio Manso	05°25'34,4"S 67°17'40,4"O	15 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
I32	Comunidade São José	05°23'14,5"S 67°16'50,1"O	03 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I33	Comunidade Bom Jesus	05°22'35,6"S 67°12'58,6"O	27 famílias		Margem Direita do Juruá.
I34	Comunidade (**?**) Imperatriz	05°19'50,1"S 67°12'02,8"O	22 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I35	**Comunidade Boca do Preguiça**	05°18'21,0"S 67°13'02,9"O	04 famílias		Margem Direita do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I36	Comunidade Nova Esperança	05°05’28,5”S 67°10’10,0”O	40 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I37	Comunidade Pupuaí	05°05’23,7”S 67°10’06,2”O	10 famílias		Na orla de um Lago à Margem Esquerda do Juruá.
I38	Comunidade Novo Horizonte	05°03’59,6”S 67°08’55,0”O	20 famílias	Centro da Comunidade	Na orla de um Lago à Margem Esquerda do Juruá.
I39	Comunidade Pupuaçu	05°04’04,3”S 67°08’42,0”O	10 famílias		
I40	Comunidade Gomo do Facão	05°03’53,7”S 67°06’37,1”O	12 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I41	Comunidade Providência	05°05’05,7”S 67°05’15,5”O	04 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
I42	**Comunidade Goiabal**	05°04’54,2”S 67°01’45,1”O	08 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I43	Comunidade Estirão do Carampana	05°04’18,5”S 66°55’04,2”O	05 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
I44	Comunidade das Flores	05°01’02,0”S 66°53’43,1”O	08 famílias		Margem Direita do Juruá.
I45	Comunidade Praia Nova	05°00’11,7”S 66°52’11,1”O	07 famílias		Margem Esquerda do Juruá, no Canal do antigo Arrombado do Idílio.

L	Trecho Itamarati – Carauari (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
I46	Comunidade Santa Maria	04°56'18,1"S 66°50'01,5"O	07 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
I47	**Carauari**	04°52'49,0"S 66°53'47,2"O	19.744 (urbana)		Cidade localizada na orla do Lago Carauari, um Sacado à Margem Esquerda do Juruá.

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, foi alterada, giramos o Norte para o Nordeste (exceto nas Imagens 103 e 106), para colocar a orientação geral do Rio Juruá no sentido horizontal. Observe a indicação do Norte à direita e acima de cada uma delas.

Imagem 98 – Itamarati – Carauari (Geral)

Imagem 99 – Eirunepé – Foz Igarapé Canamã

Imagem 100 – Foz Igarapé Canamã – Comunidade São Braz

Imagem 101 – Comunidade Maravilha – Foz do Rio Xeruã

Imagem 102 – Com. Xibauazinho – Com. Chibaua Grande

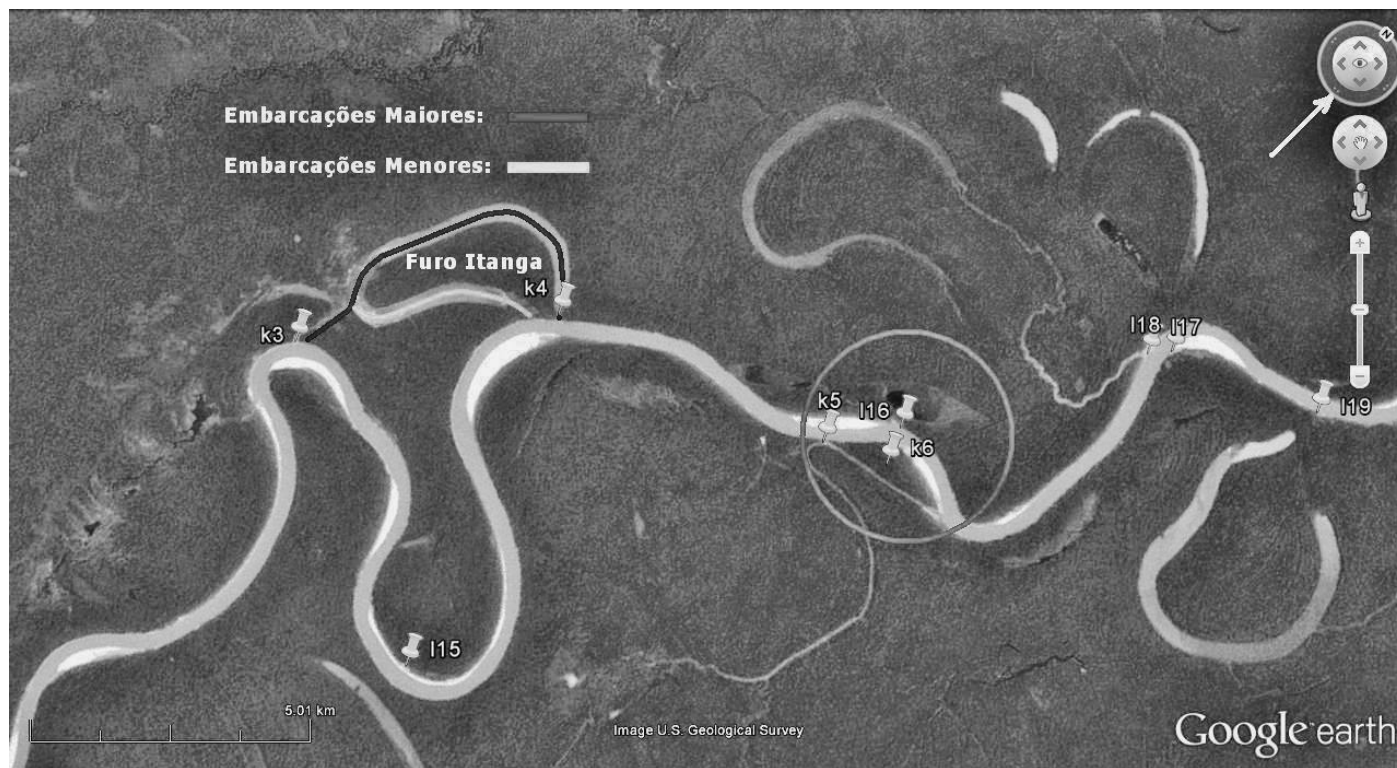



Imagem 103 – Furo do Itanga – Comunidade Caroçal

Imagem 104 – Detalhe da Ilha do Mararí

Imagem 105 – Com. Caroçal – Com. S. Antonio do Brito

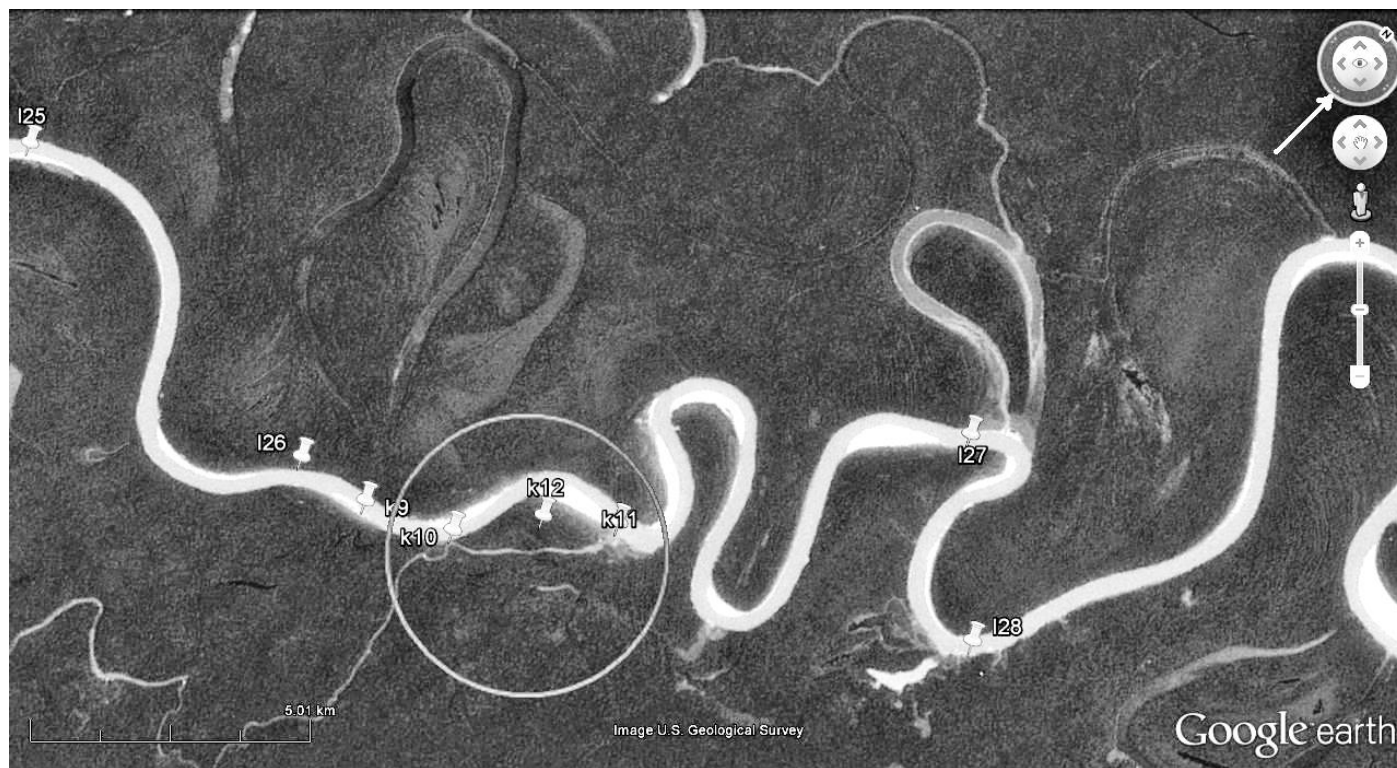



Imagem 106 – Com. S. Antônio – Com. Barreira do Ido.

Imagem 107 – Detalhe da Ilha do Chué

Imagem 108 – Comunidade do Pão – Furo Jabaí

Imagem 109 – Furo Jabaí – Comunidade Providência

Imagem 110 – Com. Gomo do Facão – Com. das Flores

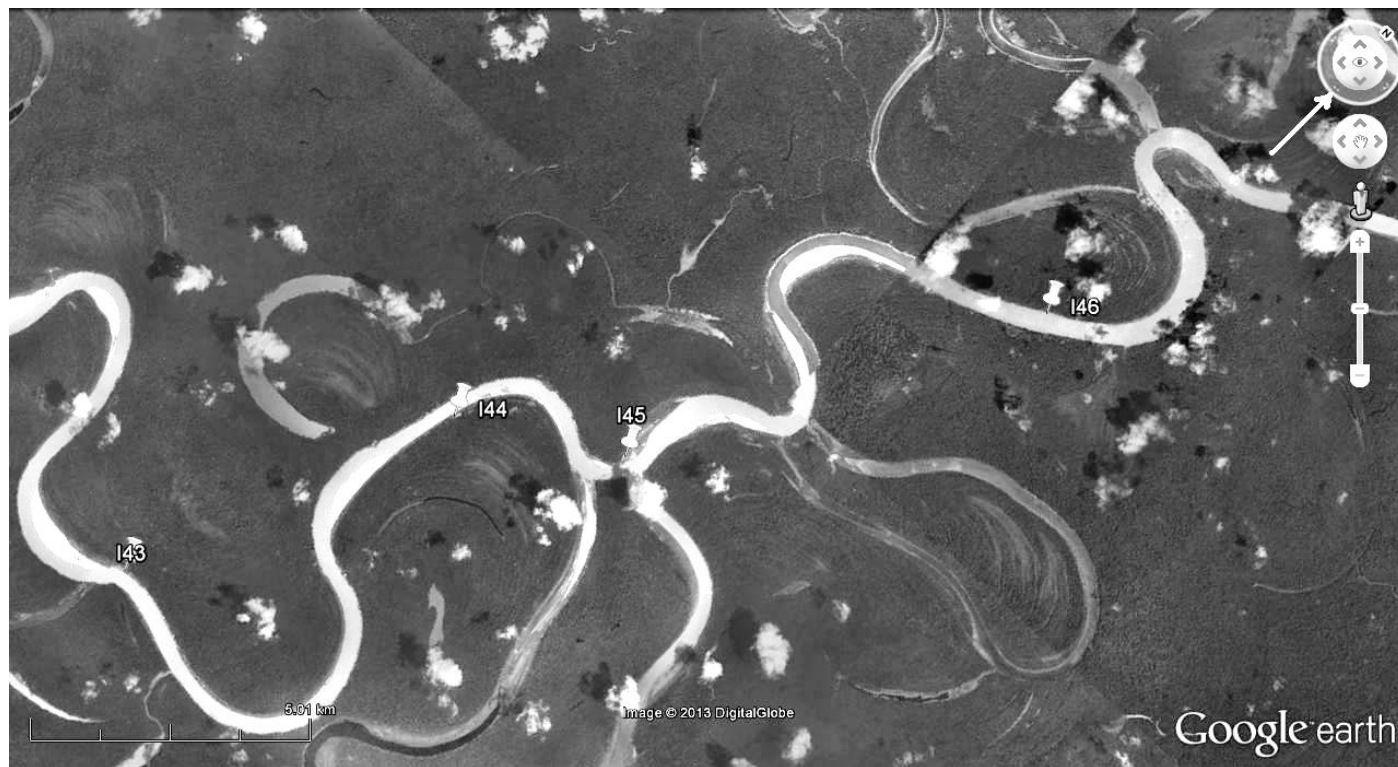



Imagem 111 – Com. Estirão do Carampana – Com. S. Maria

Imagem 112 – Comunidade Santa Maria – Itamarati

Anexo 7 – Carauari, AM – Juruá, AM (430 km)

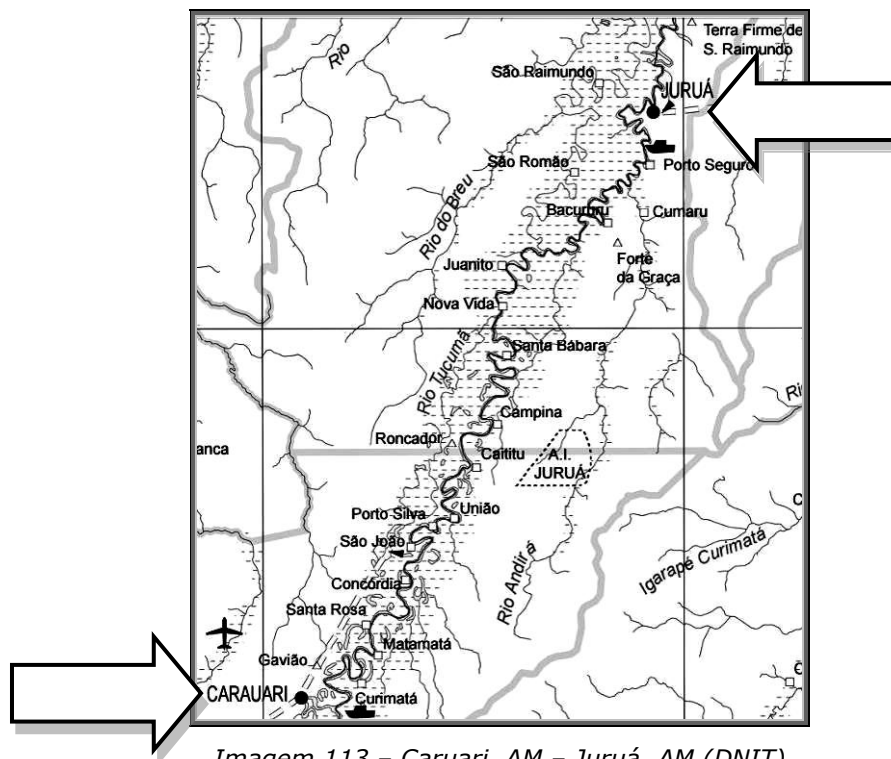



Imagem 113 – Caruari, AM – Juruá, AM (DNIT)

M	Trecho Carauari – Juruá (Igarapés, Furos e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
m1	Foz do Igarapé Jaraqui	04°28’02,4”S 66°32’38,6”O	Direita.	Sul	
m2	Foz do Igarapé Campina	04°25’10,5”S 66°34’21,9”O	Esquerda		Fazem parte da mesma e complexa trama hídrica de Furos, Lagos e Sacados.
m3	Foz do Igarapé Miratini	04°22’58,2”S 68°34’22,3”O	Esquerda		
m4	Foz do Igarapé Jaburu	04°03’43,6”S 66°27’54,9”O	Esquerda		
m5	Foz do Igarapé Tucumã	03°58’34,3”S 66°26’28,5”O	Esquerda		

M	Trecho Carauari – Juruá (Igarapés, Furos e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
m6	Foz do Igarapé Moura	03°48’50,3”S 66°19’38,6”O	Esquerda	Norte	Foz Meridional do Rio do Breu.
m7	Foz do Igarapé Arapari	03°49’25,1”S 66°15’41,0”O	Direita	Sul	
m8	Furo do Judas	03°47’44,9”S 66°15’05,1”O	Montante	NE	Correnteza fraca, largura suficiente apenas para voadeiras.
m9		03°47’41,4”S 66°15’01,3”O	Jusante		
m10	Arrombado Samaúma	03°39’39,0”S 66°09’05,4”O			Rompeu na cheia de 2009.

M	Trecho Carauari – Juruá (Igarapés, Furos e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
m11	Foz do Igarapé Andirá	03°39’47,2”S 66°07’28,9”O	Direita.	Sul	
m12	Furo do Antonio	03°36’51,8”S 66°05’56,2”O	Montante	NE	Correnteza fraca, largura suficiente apenas para voadeiras.
m13		03°36’23,0”S 66°05’30,5”O	Jusante		
m14	Furo Arati	03°33’48,9”S 66°05’17,2”O	Montante	NE	Correnteza fraca, largura suficiente para voadeiras e chalanas.
m15		03°33’19,8”S 66°04’45,4”O	Jusante		

M	Trecho Carauari – Juruá (Igarapés, Furos e Arrombados)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
m16	Furo Taboca	03°31’08,9”S	Montante	Variada	Correnteza fraca, largura suficiente para voadeiras e pequenas lanchas apenas no período da alagação. A dificuldade se resume apenas na localização do Canal após a travessia de um Lago.
		66°05’10,7”O			
m17		03°28’18,3”S	Jusante		
		66°04’16,8”O			

N	Trecho Carauari – Juruá (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
n1	Comunidade Vila Nova	04°54’03,5”S 66°52’35,1”O	25 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
n2	Comunidade Gavião	04°50’13,5”S 66°51’12,9”O	23 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
n3	Comunidade Lago Serrado I	04°44’14,9”S 66°44’14,4”O	10 famílias		Margem Direita do Juruá.
n4	Comunidade Lago Serrado II	04°41’14,6”S 66°41’53,2”O	03 famílias		Margem Direita do Juruá.
n5	Comunidade Ressaca	04°41’02,8”S 66°41’46,7”O	05 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

N	Trecho Carauari – Juruá (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
n6	Comunidade Vista Alegre	04°41’03,3”S 66°38’46,5”O	09 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
n7	**Com. Concórdia**	04°35’27,9”S 66°38’32,9”O	08 famílias	Escola	Margem Direita do Juruá.
n8	Comunidade União	04°26’23,4”S 66°33’01,7”O	03 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
n9	Comunidade Jaburu	04°15’21,3”S 66°28’49,0”O	02 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
n10	Comunidade Santa Bárbara	04°04’20,5”S 66°25’12,3”O	02 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

N	Trecho Carauari – Juruá (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
n11	Comunidade Tucumã	03°58’41,0”S 66°26’24,2”O	10 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
n12	**Com. Juanico**	03°51’36,7”S 66°25’18,5”O	09 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
n13	Comunidade Arapari	03°49’03,4”S 66°15’27,4”O	06 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
n14	Comunidade Limão	03°42’13,7”S 66°11’03,6”O	04 famílias		Margem Direita do Juruá.
n15	Comunidade Samaúma	03°40’03,5”S 66°10’12,0”O	03 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

N	Trecho Carauari – Juruá (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
n16	**Com. Forte das Graças**	03°38’27,6”S 66°06’15,7”O	61 famílias	Centro da Comunidade	Margem Esquerda do Juruá.
n17	Comunidade Arati	03°33’24,3”S 66°04’35,2”O	05 famílias		Margem Direita do Juruá.
n18	Comunidade Portelinha	03°32’36,5”S 66°04’21,4”O	12 famílias		Margem Direita do Juruá.
n19	Comunidade Japó	03°31’20,4”S 66°04’58,4”O	03 famílias		Margem Direita do Juruá.
n20	**Juruá**	03°51’36,9”S 66°25’18,6”O	11.439 habitantes		Margem Direita do Juruá.

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, foi alterada, giramos o Norte para o Este (exceto na Imagem 123), para colocar a orientação geral do Rio Juruá no sentido horizontal. Observe a indicação do Norte à direita e acima de cada uma delas.

Imagem 114 – Caruari – Juruá (Geral)

Imagem 115 – Carauari – Comunidade Gavião

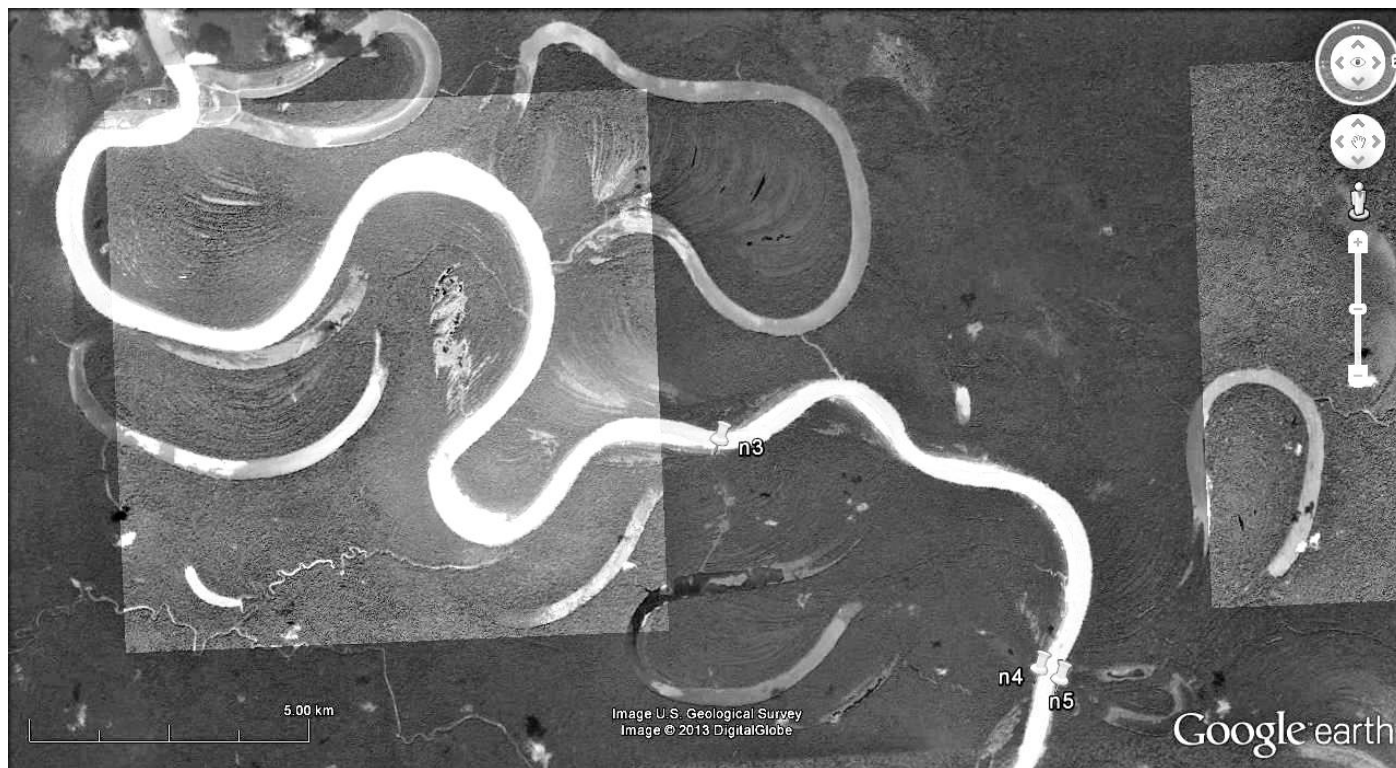



Imagem 116 – Com. Lago Serrado I – Comunidade Ressaca

Imagem 117 – Com. Lago Serrado II – Com. Concórdia

Imagem 118 – Foz do Igarapé Jaraqui – Foz do Ig. Miratini

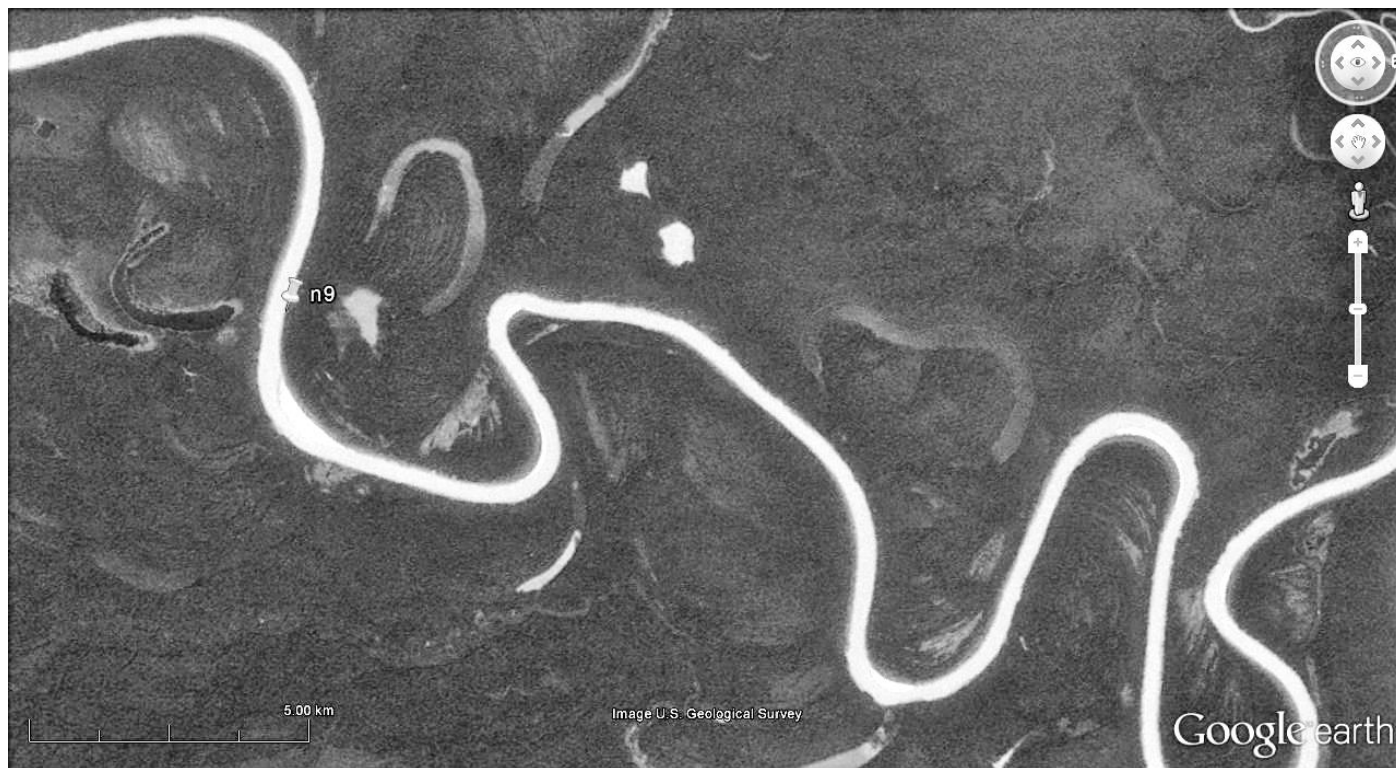



Imagem 119 – Foz do Ig. Miratini – Foz do Igarapé Jaburu

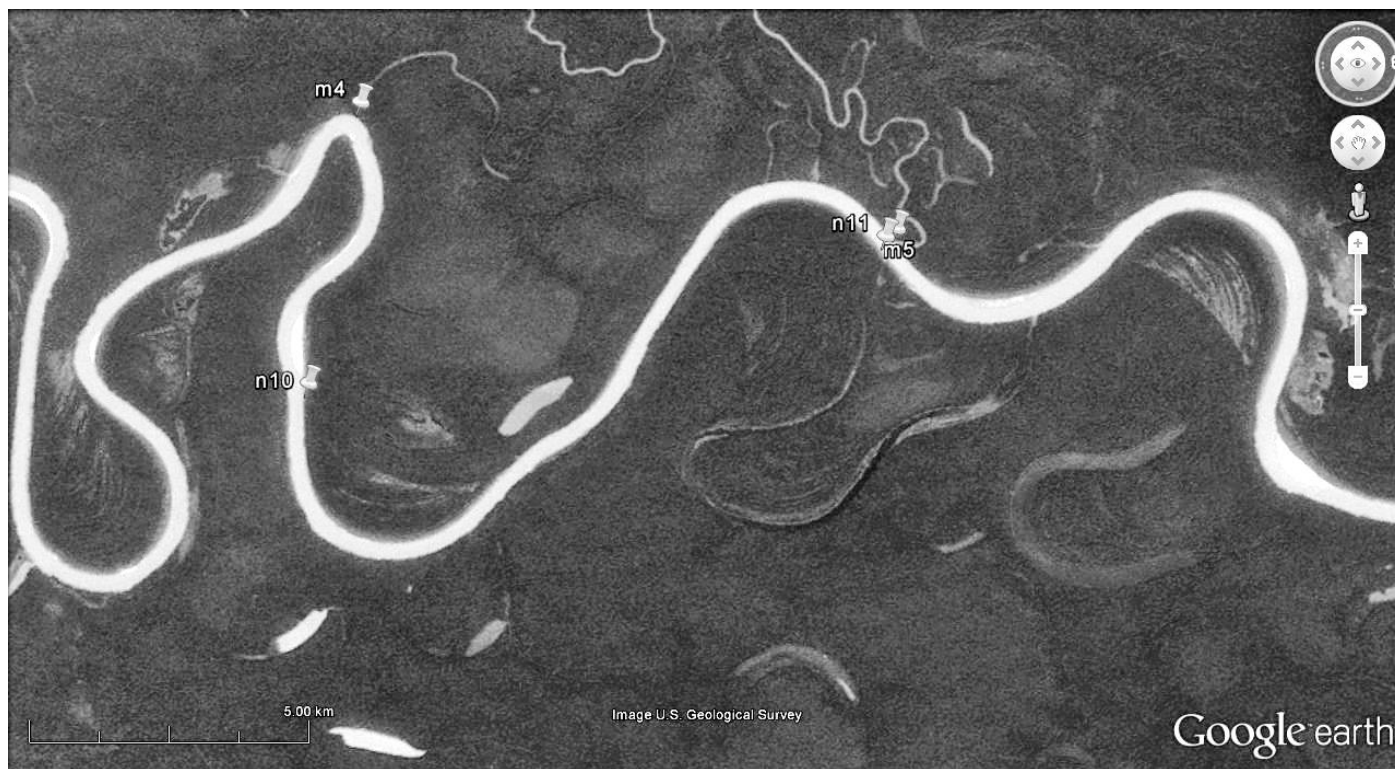



Imagem 120 – Foz do Igarapé Jaburu – Foz do Ig. Tucumã

Imagem 121 – Comunidade Juanico – Foz do Igarapé Moura

Imagem 122 – Foz do Igarapé Moura – Furo do Judas

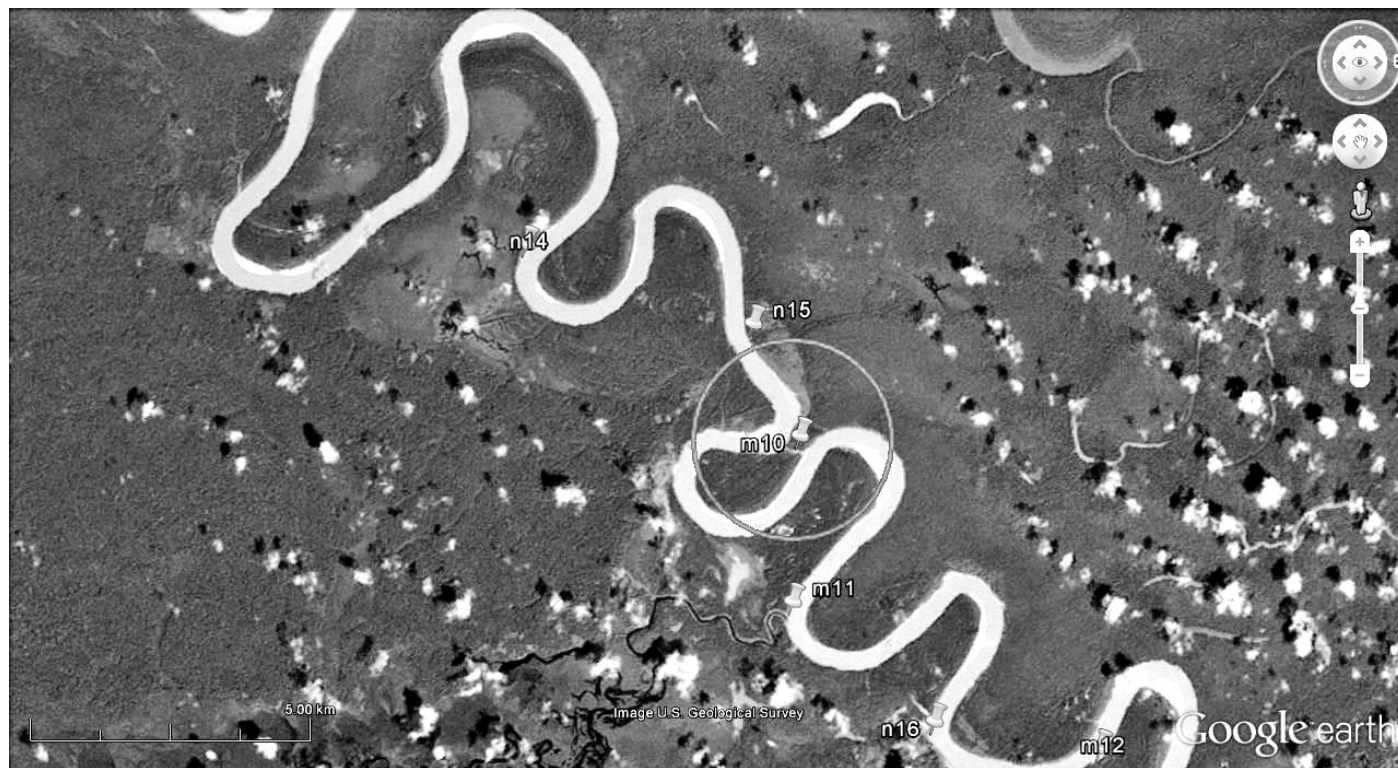



Imagem 123 – Comunidade Limão – Furo do Antonio

Imagem 124 – Detalhe Arrombado Samaúma

Imagem 125 – Comunidade Forte das Graças – Juruá

Anexo 8 – Juruá, AM
– Nova Matusalém, AM (219 km)

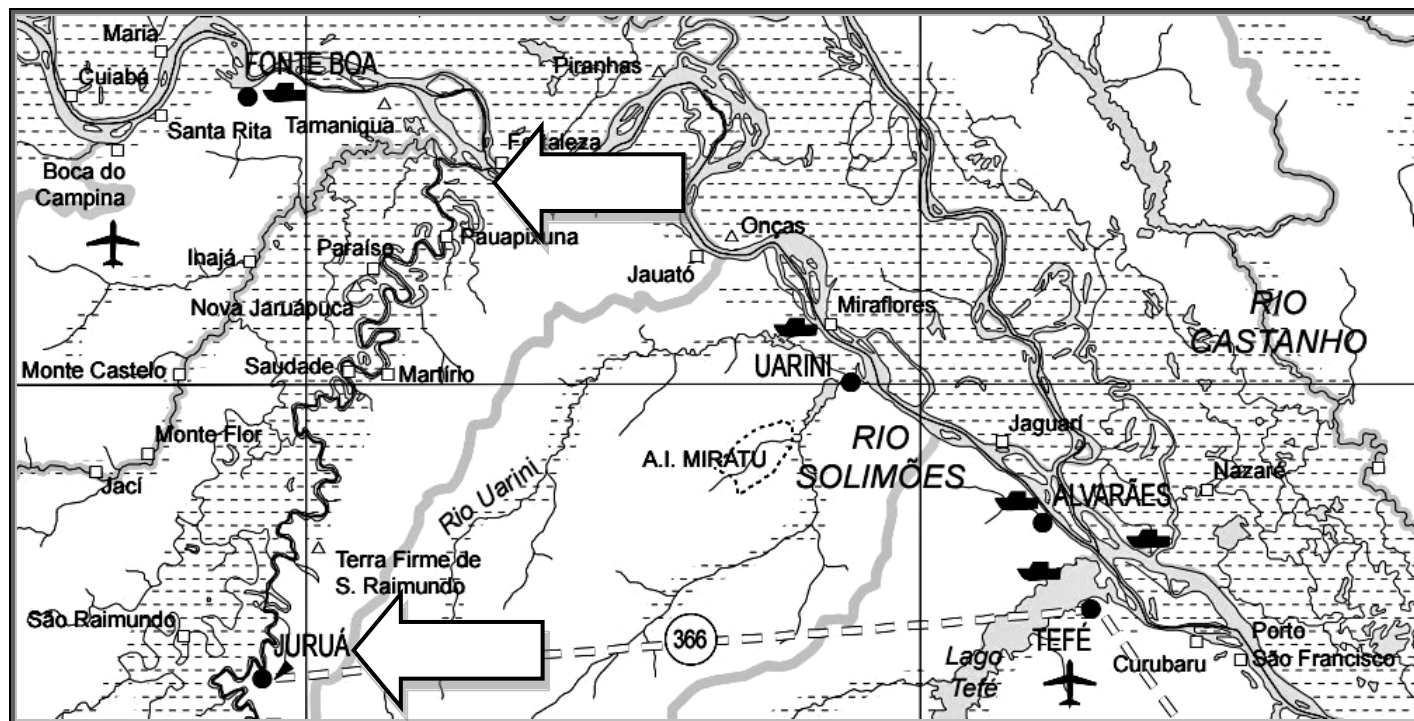



Imagem 126 – Juruá, AM – Nova Matusalém, AM (DNIT)

O	Trecho Juruá – Nova Matusalém (Rios, Igarapés, Lagos, Ilhas, Arrombados e Furos)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
o1	Arrombado do Batalha	03°24’50,0”S 66°03’15,8”O			
o2	Foz do Lago Juruapuca	03°23’13,0”S 66°02’04,9”O	Direita		
o3	Foz do Lago Branco	03°21’59,6”S 66°04’02,3”O	Esquerda		
o4	Foz do Lago da Reserva	03°20’18,6”S 66°03’13,6”O	Direita		

O	Trecho Juruá – Nova Matusalém (Rios, Igarapés, Lagos, Ilhas, Arrombados e Furos)				
N°	**Nome do Objeto**	**Latitude Longitude**	**Margem**	**Orientação Geral**	**Obs.**
o5	Foz Setentrional do Rio do Breu	03°16’58,2”S 66°03’16,3”O	Esquerda		Como já vimos anteriormente sua Foz Meridional é conhecida como Igarapé Moura (03°48’50,3”S / 66°19’38,6”O).
o6	Ilha da Antonina	03°17’12,7”S 66°00’46,4”O	Extremo de Montante		É a maior Ilha do Juruá.
o7		03°12’07.9”S 66°01’35,1”O	Extremo de Jusante		

P	Trecho Juruá – Nova Matusalém (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude Longitude**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
p1	Comunidade Botafogo	03°15’40,0”S 66°02’37,5”O	13 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
p2	Comunidade Ida	03°05’20,5”S 65°58’48,3”O	06 famílias		Margem Direita do Juruá.
p3	Comunidade Caioé	03°03’37,8”S 66°00’11,3”O	04 famílias		Margem Direita do Juruá.
p4	**Com. Estirão das Gaivotas**	02°58’46,7”S 65°56’30,0”O	06 famílias		Margem Direita do Juruá.
p5	Comunidade Marupá	02°58’55,0”S 65°54’05,4”O	06 famílias		Margem Direita do Juruá.

P	Trecho Juruá – Nova Matusalém (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
p6	Comunidade Beiradão	02°51'21,6"S 65°50'53,1"O	10 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Juruá.
p7	Comunidade Boa Sorte	02°45'54,8"S 65°48'29,5"O	05 famílias		Margem Esquerda do Juruá.
p8	Comunidade Boca do Paxiúba	02°44'15,7"S 65°46'21,5"O	08 famílias		Margem Direita do Juruá.
p9	Comunidade Camaleão	02°41'11,0"S 65°48'07,1"O	04 famílias		Margem Direita do Juruá.
p10	Comunidade Leonel	02°39'31,5"S 65°47'54,2"O	17 famílias		Margem Esquerda do Juruá.

P	Trecho Juruá – Nova Matusalém (Comunidades, Vilas e Cidades)				
N°	**Nome Povoado**	**Latitude S. Longitude O.**	**População**	**Localização do Pt° Marcado**	**Obs.**
p11	Comunidade Nova Matusalém	02°38’23,4”S 65°44’32,7”O	13 famílias	Centro da Comunidade	Margem Direita do Solimões (antiga Porto Columbiano que se localizava, há poucos anos, à direita da Boca do Juruá).

A orientação geográfica das Imagens, a seguir, foi alterada, giramos o Norte para o Este, para colocar a orientação geral do Rio Juruá no sentido horizontal. Observe a indicação do Norte à direita e acima de cada uma delas.

Imagem 127 – Juruá – Nova Matusalém (Geral)

Imagem 128 – Juruá – Comunidade Bota-Fogo

Imagem 129 – Foz do Rio do Breu – Comunidade Ida

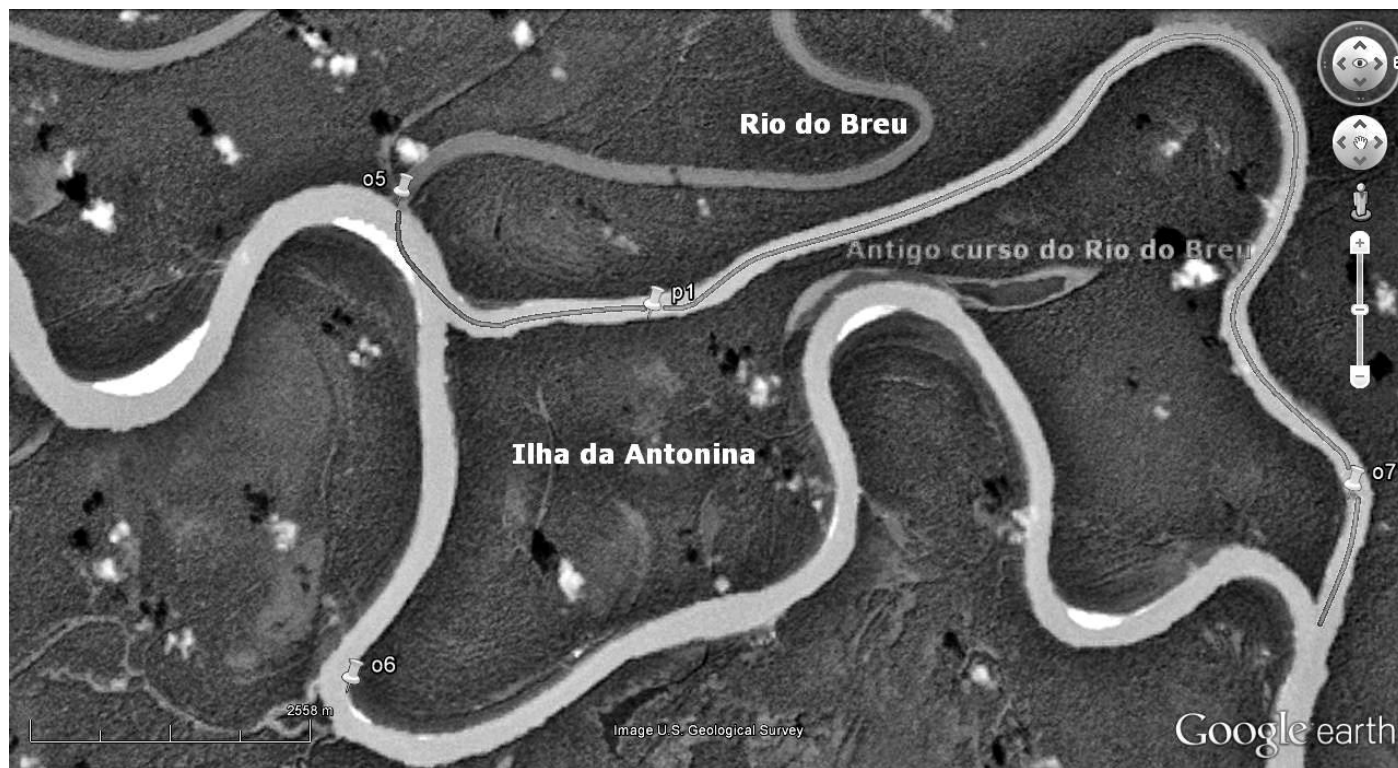



Imagem 130 – Detalhe da Ilha Antonina

Imagem 131 – Comunidade Caioé – Comunidade Marupá

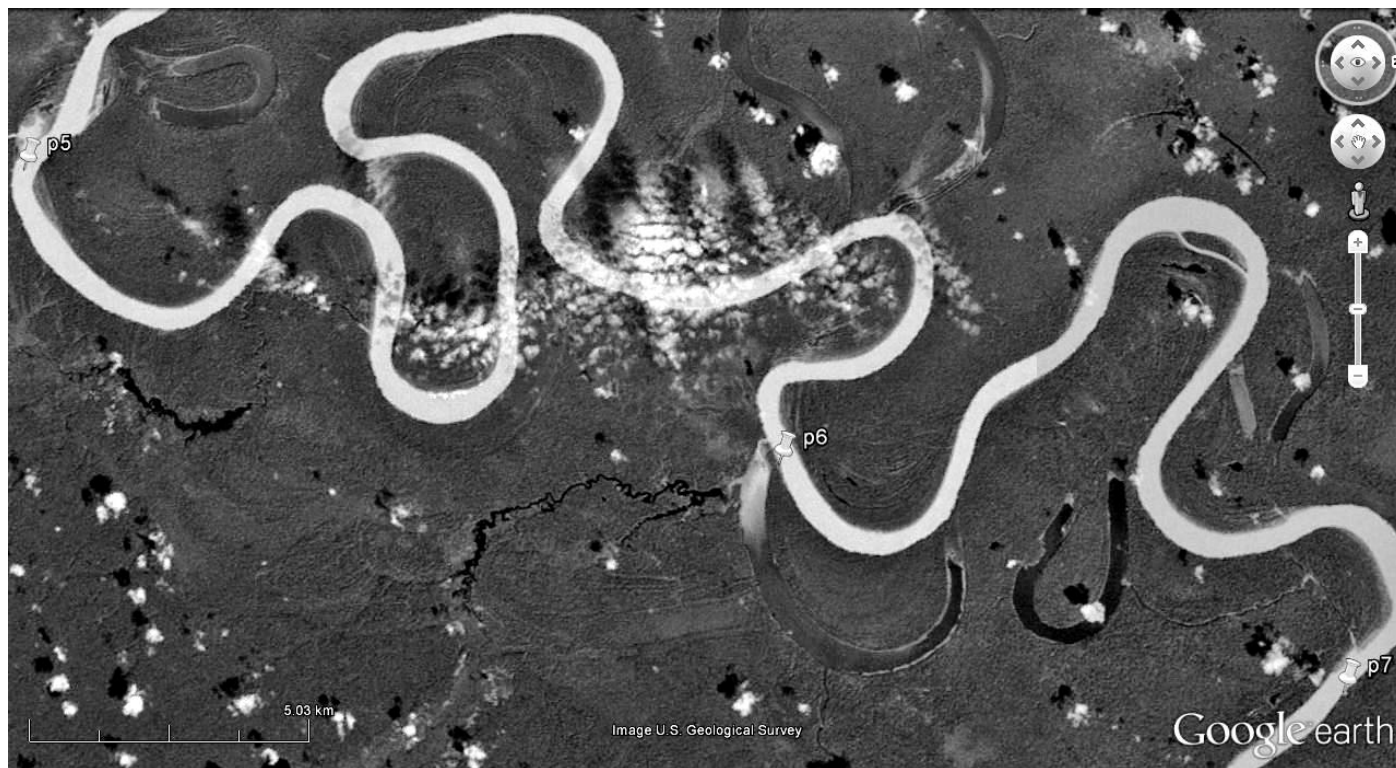



Imagem 132 – Comunidade Marupá – Comunidade Boa Sorte

Imagem 133 – Comunidade Boa Sorte – Nova Matusalém

Imagem 134 – Detalhe da Foz do Juruá

Bibliografia

ANDRADE & GUIMARÃES, Fernando Moretzsohn de Andrade & André Passos Guimarães. ***ACRE*** *– Brasil – São Paulo, SP – Encyclopædia Britannica do Brasil Publicações, 1987.*

BRAUN, Jayme Caetano Braun. ***De Fogão em Fogão*** *– Brasil – Porto Alegre, RS – Artes e Ofícios Editora Ltdª, 2002.*

CASTRO, Plácido de – ***Apontamentos sobre a Revolução Acreana*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora Valer, 2003.*

CHDD, 2005. ***Circulares do Ministério das Relações Exteriores*** *– Brasil – Brasília, DF – Centro de História e Documentação Diplomática, Cadernos da Fundação Alexandre de Gusmão, Ano IV, n° 7, 2005.*

CP, N° 26.814. ***Benção do Pavilhão Nacional que Seguirá na Expedição Roncador-Xingu*** *– Brasil – São Paulo, SP – Correio Paulistano, n° 26.814, 08.08.1943.*

CUNHA, Euclides da. ***Entre os Seringais*** *– Brasil – São Paulo, SP – Revista Kósmos, 03.01.1906.*

CUNHA, Euclides da. ***Peru Versus Bolívia*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria Francisco Alves, 1907.*

CUNHA, Euclides da. ***Contrastes e Confrontos*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Editora Record, 1975.*

CUNHA, Euclides da. ***Um Paraíso Perdido*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal – Conselho Editorial, 2000.*

DE MELO, Isac. ***Francisco Mangabeira: Um Poeta Baiano na Revolução Acreana*** *– Site Alma Acreana, 28.02.2011.*

GARCÉS, Claudia Leonor López. ***Ticunas Brasileros, Colombianos y Peruanos: Etnicidad y Nacionalidad en la Región de fronteras del alto Amazonas/Solimões*** *– Brasil – Brasília, DF – Tese de Doutorado CEPPAC – UNB, 2005.*

GAZETA DE PETRÓPOLIS, N° 140. ***Brasil – Peru*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Gazeta de Petrópolis, n° 140, 07.12.1904*

HÜTTNER, Édson. ***A Igreja Católica e os Povos Indígenas do Brasil: os Ticuna da Amazônia*** *– Brasil, Porto Alegre, RS – EDIPUCRS, 2007.*

KALUME, Jorge. ***Francisco Mangabeira: Médico, Poeta e Herói*** *– Brasil – Brasília, DF – Gráfica do Senado, 1981.*

MANGABEIRA, Francisco. ***Tragédia Épica (Guerra de Canudos)*** *– Brasil – Salvador, BA – Imprensa Moderna de Prudêncio de Carvalho, 1900.*

MEIRA, Sílvio de Bastos. ***A Epopeia do Acre*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Ed. Record, 1961.*

MENDONÇA, Bellarmino. ***Reconhecimento do Rio Juruá (1905)*** *– Brasil – Rio Branco, AC – Fundação Cultural do Estado do Acre, 1989.*

NOGUEIRA, Wilson. ***O Andaluz*** *– Brasil – Manaus, AM – Editora – Valer, 2005.*

O PAIZ, N° 5.647. ***Um Artista*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Paiz, n° 5.647, 24.03.1900.*

*O PURITANO, N° 1960****. A Supremacia da Verdade (Antonio Araújo Dourado)*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – O Puritano, n° 1.960, 25.01.1950*

PINHEIRO, Aurélio. ***À Margem do Amazonas*** *– Brasil – São Paulo, SP – Companhia Editora Nacional, 1937.*

QUEIROZ Rachel de. ***Gastão*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Diários Associados – O Cruzeiro – 29.08.1959.*

REGAN, Jaime. ***Hacia la Tierra sin Mal*** *–* ***La Religión del Pueblo en la Amazonía*** *– Peru – Iquitos – CETA – Centro de Estudios Teológicos de La Amazonía, 1993.*

SCHOMBURGK, Richard Moritz. ***Reisen in Britisch-Guiana in den Jabren 1840-1844*** *– Alemanha – Leipzig – Von J. J. Weber, 1848.*

SOBRINHO, Dr. José Moreira Brandão Castello Branco. ***O Rio Acre*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Volume 225 – Departamento de Imprensa Nacional, 1954.*

SOBRINHO, Dr. José Moreira Brandão Castello Branco. ***O Juruá Federal*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Departamento de Imprensa Nacional, 1930.*

SOBRINHO, Dr. José Moreira Brandão Castello Branco. ***Peruanos na Região Acreana*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – Volume 244 – Departamento de Imprensa Nacional 1959.*

TOCANTINS, Leandro. ***Formação Histórica do Acre, Volume II*** *– Brasil – Brasília, DF – Conselho Federal de Cultura e Governo do Estado do Acre, 1989.*

TOCANTINS, Leandro. ***Formação Histórica do Acre, Volume I*** *– Brasil – Brasília, DF – Senado Federal, Conselho Editorial, 2001.*

VIVEIROS, Esther de. ***Rondon Conta Sua vida*** *– Brasil – Rio de Janeiro, RJ – Livraria São José, 1958.*

WALLACE, Alfred Russel. ***Viagens Pelo Amazonas e Rio Negro*** *– Brasil – São Paulo, SP – Editora Companhia Editora Nacional, 1939.*

Eu observava encantado, nas margens externas das curvas, os enormes paredões sendo moldados continuamente pela força das águas. Volta e meia grandes blocos arenosos despencavam ruidosamente, por vezes blocos maiores carregavam consigo a vegetação marginal, abatendo cruelmente, em poucos segundos, árvores centenárias. O Rio Juruá traz no seu DNA a inconstância tumultuária do Amazonas.

O Rio-Mar teve um avô formidável que corria para Noroeste e desaguava no Pacífico nas priscas eras da "Pangea"; teve como pai o "Lago Pebas", quando os continentes se separaram e suas águas foram barradas pela Cordilheira dos Andes que se formou.

(Coronel de Engenharia Hiram Reis e Silva)